

Colecção

FÁTIMA ITINERÁRIOS

Há um ano, a 28 de Novembro de 2010, primeiro Domingo do Advento, o Santuário de Fátima iniciou uma nova etapa, que tem como meta o ano de 2017: um ciclo temático para preparar e acompanhar a celebração do Centenário das Aparições de Fátima. Este ciclo de sete anos não pretende ser apenas evocação do passado, mas sobretudo oportunidade para divulgar e reavivar a consciência da riqueza e actualidade da Mensagem de Fátima e para aprofundar os seus conteúdos.

A 27 de Novembro de 2011, início de um novo ano pastoral e litúrgico, o Santuário abre o segundo ano do septenário. Assim, como o ano de 2010-2011 partiu das aparições do Anjo, em 1916, este novo ano pastoral centrar-se-á na primeira aparição de Nossa Senhora, em Maio de 1917. A pergunta de Nossa Senhora aos três videntes: “Quereis oferecer-vos a Deus?” é a frase inspiradora e, ao mesmo tempo, o tema do ano. A atitude que se pretende evidenciar é a entrega de si.

ITINERÁRIO TEMÁTICO DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

2.º CICLO

2

Quereis oferecer-vos a Deus?

ITINERÁRIO TEMÁTICO
DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA
ANO PASTORAL 2011-2012



TEMÁTICA E CALENDÁRIO DE ACTIVIDADES
DO ANO PASTORAL DE 2011-2012

QUEREIS OFERECER-VOS A DEUS?

ITINERÁRIO TEMÁTICO DO
CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA
2.º CICLO

Colecção
FÁTIMA ITINERÁRIOS

ÍNDICE

Nota prévia	9
Itinerário temático para o Centenário das Aparições de Fátima.....	11
2.º Ciclo: 2011-2012	
I. PERSPECTIVAS DO 2.º CICLO	
“Quereis oferecer-vos a Deus?”	17
<i>Isabel Varanda</i>	
A primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de Maio de 1917.....	33
<i>Luciano Cristino</i>	
Entrega de si a Deus - Viver em oferecimento pela salvação do mundo	45
<i>Manuel Morujão</i>	
II. NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 2.º CICLO	
Eis a Serva do Senhor	65
<i>Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho</i>	
“Que devo fazer para ter a vida eterna?” Buscas e respostas	73
<i>Domingos Terra</i>	
«Eu sou o caminho». Seguir Cristo na viagem da vida.....	89
<i>José Manuel Cordeiro</i>	
Feliz o homem que teme ao Senhor.....	101
<i>Emanuel Matos Silva</i>	
Construção de uma sociedade solidária.....	113
<i>José Dias da Silva</i>	
«Recebestes de graça, dai de graça»	143
<i>Nuno Amador</i>	

FICHA TÉCNICA

Coordenação: P. Bernardino Costa, OSB.

Composição: Rui Mendes

Capa: Joana Quental

2000 exemplares

ISBN: 978-972-8213-80-0

Edição: Santuário de Fátima, Novembro de 2011.

III. PROPOSTAS PARA VIVÊNCIA DO TEMA

Queremos oferecer-nos a Deus - Catequese para crianças 155
Maria Luísa Boléo

“Quereis oferecer-vos a Deus?” Despertar da Fé com os Pastorinhos... 165
Maria José Bruno

A minha vida Senhor é dom do teu amor 171
Paulo Campino

Mistérios do Rosário..... 181
Manuel Santos José

Adoração Eucarística – Modelo A..... 195
Pedro Santos

Adoração Eucarística – Modelo B..... 203
Helena Oliveira

Via-Sacra dos peregrinos – O caminho da vida como dom 209
Jorge Guarda

IV. MISSAS DAS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS

Maio 223

Junho 223

Julho 224

Agosto..... 225

Setembro 226

Outubro 227

V. PROPOSTAS PARA VIVÊNCIA DO TEMA - TEXTOS DE APOIO AOS TEMAS MENSIAIS

Maio «Eis a serva do Senhor» 231

Junho «Que devo fazer para ter a vida eterna?» 239

Julho «Eu sou o caminho» 254

Agosto «Feliz o homem que teme o Senhor» 263

Setembro «Construtores de uma sociedade solidária» 272

Outubro «Recebestes de graça dai de graça» 282

VI. PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

Da Páscoa a Outubro 297

11 a 13 de Maio a Outubro – Peregrinação Aniversária 298

De Novembro à Páscoa 300

12 e 13 de Novembro a Abril – Peregrinação Mensal 301

Primeiros Sábados 302

Um dia com as crianças 302

Peregrinação de idosos 303

Adoração Eucarística 303

Sacramento da Reconciliação 304

Baptismos 304

Bênção de veículos 304

Casamentos 304

Bodas matrimoniais 304

Peregrinos de línguas estrangeiras 305

Filmes 306

Visitas guiadas 307

Lugares a visitar 307

VII. CALENDÁRIO DE ACTIVIDADES

Novembro	311
Dezembro	314
Janeiro	317
Fevereiro	321
Março	325
Abril	329
Maió	333
Junho	336
Julho	339
Agosto	342
Setembro	346
Outubro	348
Novembro	351
Dezembro	354
Memória Descritiva do Cartaz do Ano	355

NOTA PRÉVIA

O itinerário temático que se segue não pretende ser um texto normativo, mas sim um *método dialogal* com a proposta de temas que provoquem reflexão, debate e revisão crítica, ajudem no trabalho de discernimento pessoal e eclesial e disponham à celebração.

A qualidade de instrumento de reflexão e de diálogo não lhe retira o carácter de livro de cabeceira, para folhear antes de adormecer, ou de livro de bolso para ler e reflectir individualmente ou em grupo, em qualquer ocasião.

Pode ser lido página a página, ou aberto ao acaso, mais à frente, mais atrás, retendo uma palavra, uma ideia que atraia, que provoque ou mesmo que choque. Volte-se a ela, trave-se com ela “o bom combate”, disseque-se, procurem-se ressonâncias – as consonantes e as dissonantes – nos cantos menos habitados de nós mesmos.

ITINERÁRIO TEMÁTICO PARA O CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

2.º CICLO: 2011-2012

Há um ano, a 28 de Novembro de 2010, primeiro Domingo do Advento, o Santuário de Fátima iniciou uma nova etapa, que tem como meta o ano de 2017: um ciclo temático para preparar e acompanhar a celebração do Centenário das Aparições de Fátima. Este ciclo de sete anos não pretende ser apenas evocação do passado, mas sobretudo oportunidade para divulgar e reavivar a consciência da riqueza e actualidade da Mensagem de Fátima e para aprofundar os seus conteúdos.

A 27 de Novembro de 2011, início de um novo ano pastoral e litúrgico, o Santuário abre o segundo ano do septenário. Assim, como o ano de 2010-2011 partiu das aparições do Anjo, em 1916, este novo ano pastoral centrar-se-á na primeira aparição de Nossa Senhora, em Maio de 1917. A pergunta de Nossa Senhora aos três videntes: “Quereis oferecer-vos a Deus?” é a frase inspiradora e, ao mesmo tempo, o tema do ano. A atitude que se pretende evidenciar é a entrega de si.

Quer o tema quer a atitude crente recordam a exortação de S. Paulo: “exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que vos ofereçais a vós próprios como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual” (Rom 12, 1). O novo culto, espiritual, consiste na oferta da própria vida a Deus, como Jesus Cristo. De facto, o verdadeiro sacrifício foi o de Cristo, que com a sua obediência à vontade do Pai, entregou a sua vida por amor e realizou o fim de todo o verdadeiro culto: aproximar os homens de Deus. A existência cristã vivida como dádiva, sobretudo na prática da caridade, torna-se um “culto espiritual” e “sacrifício agradável a Deus”. É a esta atitude que Nossa Senhora convida os Pastorinhos de Fátima, na primeira aparição.

Tal como no primeiro ano, disponibilizam-se neste volume textos de reflexão teológica, subsídios catequéticos, esquemas de oração e para celebrações comunitárias, que desejamos sejam um válido contributo para a vivência do tema deste segundo ano da celebração do Centenário das Aparições.

2.º Ciclo: 2011-2012

Acontecimento de referência de Fátima: **Aparição de Maio de 1917.**

Frase inspiradora: **“Quereis oferecer-vos a Deus?”**¹

Núcleo teológico: **Deus Salvador.**

Elemento catequético: **Colaboradores na Redenção.**

Atitude crente: **Entrega de si.**

Tema do Ano: **Quereis oferecer-vos a Deus?**

Unidades temáticas

1. Eis a serva do Senhor².

Maria, mulher da entrega.

Maria: uma vida na entrega.

2. Que devo fazer para ter a vida eterna?³

O drama da condição humana.

O desejo humano de salvação.

A abertura humana a Deus.

A busca e os caminhos.

A ambiguidade dos caminhos.

¹ *Memórias da Irmã Lúcia*, 4ª Memória, Fátima 2007, 173.

² Lc 1, 38.

³ Mc 10, 17.

3. Eu sou o caminho⁴.

A fé como sentido / Viver no horizonte da fé.

A salvação como pessoa que se dá.

A salvação como dádiva e não como conquista ou produção.

4. Feliz o homem que teme o Senhor.⁵

Salvos para a felicidade.

Perspectivas de felicidade.

A ambiguidade da felicidade.

A felicidade como dádiva de Deus.

Relação entre felicidade e responsabilidade pelo outro.

5. Construtores de uma sociedade solidária.

A transformação da sociedade como manifestação da verdadeira salvação.

O testemunho social cristão.

Fátima, “escola de caridade e de serviço aos irmãos”⁶.

Os Pastorinhos como modelo de “partilha com os outros por amor de Deus”⁷.

Contributo da Igreja para uma sociedade solidária.

6. Recebestes de graça, dai de graça⁸.

A vida como dom.

A vida como entrega de si.

Receber a vida é dar a vida.

A dádiva da vida (morte) é fonte de vida (ressurreição).

⁴ Jo 14, 6.

⁵ Sl 112 (111), 1.

⁶ Bento XVI.

⁷ Bento XVI.

⁸ Mt 10, 8.

I

PERSPECTIVAS DO 2.º CICLO

“QUEREIS OFERECER-VOS A DEUS?”

Isabel Varanda

A pergunta que do Céu chega ao pastorinho Francisco e às pastorinhas Jacinta e Lúcia naquele dia 13 de Maio de 1917 teve uma resposta imediata, sem hesitações, sem reservas, sem condições, sem pedidos de esclarecimento ou de suplementos de informação: “Sim, queremos”. Esta pergunta e esta resposta exprimem, por excelência, o acontecimento da fé religiosa. Elas representam, concretamente, o coração da fé cristã.

Dou por mim a formular a pergunta e a repetir a resposta vezes seguidas: – *Quereis oferecer-vos a Deus? – Sim, queremos. Quereis oferecer-vos a Deus? – Sim, queremos...*

Assim bate o coração da história de Fátima. Não é preciso treinar muito a escuta para ouvir e sentir este coração palpitando, como o coração de carne, num diálogo vital a dois batimentos, o sistólico: – “Quereis oferecer-vos a Deus?” e o diastólico: “Sim, queremos”. Esta é a essência da fé cristã. Este é o lugar crucial da fé, altar santo de um *comércio admirável* entre Deus e aquele que n’Ele crê e ícone por excelência da vocação transcendental do ser humano.

Tal coração da fé, tal coração de Fátima, porque Fátima é acontecimento de fé. Deveríamos descalçar-nos e cair por terra, de joelhos, com humildade e gratidão, porque o terreno em que entramos é verdadeiramente humano e verdadeiramente divino. Há pouco lugar para palavras. Apetece escrever um silêncio de muitas páginas para ser lido devagarinho, linha a linha, palavra a palavra. Não haverá coração de gente que não dispare se sentir e ouvir o coração da fé.

É este coração de fé, palpitante em Fátima, que os pastorinhos nos ofereceram e que ao longo já de quase 100 anos bate ao ritmo das alegrias e das tristezas, das esperanças e das angústias, da fé e da descrença do mundo.

Esperamos que as reflexões a várias vozes que se propõe neste *vade-mecum* de Fátima para o ano de 2012 possam descortinar, aprofundar e trazer à luz alguns dos grandes significados teológicos e antropológicos da pergunta eterna que Deus dirige ao ser humano, em todos os tempos e latitudes, e da resposta que o nosso tempo, os nossos contemporâneos e cada um de nós são capazes de dar, hoje.

FÁTIMA – NARRATIVA DA TERRA A CÉU ABERTO

Fátima desafia todos os crentes e os teólogos, em particular, a procurarem o coração da teologia, esse lugar confessante – creio no que digo – a partir do qual se busca, com as razões da fé e com as razões da razão, uma coerência antropológica para o transcendente.

Uma teologia sem coração está morta. S. Paulo o disse com todas as letras ao eleger o amor como ingrediente intrínseco e identitário da fé. A teologia é confessante ou não é. Mas uma “teologia de joelhos” não dispensa o esforço árduo da inteligência racional; exige, ao contrário, assumir como missão pessoal, eclesial e académica, o desafio de unificar a vida de fé com as exigências intelectuais e científicas. Ela diz a fé da Igreja, mas, ao mesmo tempo, “graças à sua dimensão crítica, interroga a fé da Igreja sobre a sua fidelidade à tradição e a sua presença na cultura” (Yves L’Abbé). Ela exige, assim, uma metodologia capaz de a levar a dar razões de si mesma e de continuar a justificar ao mundo por que razão é que é razoável e profundamente humano acreditar em Deus e acreditar na sua presença na história humana e na intriga escatológica do cosmos.

De joelhos, sim, mas sem por isso perder altura crítica. De joelhos, não com humilhação, mas com elevada consideração dos seres e das coisas, arrancando aqueles e estas ao reducionismo voraz do materialismo biológico, que o grande movimento dos “adadores de moléculas” (Boris Cyrulnik) do século XXI pretendem definir como única e última verdade.

Fátima constitui um imenso, delicado e amoroso desafio à teologia, lembrando-lhe o quanto ela tem a ganhar na assunção plena da sua dupla pertença institucional: a Igreja e a Universidade. Lembrando, no mesmo movimento, que nos oceanos da humanidade de hoje a transcendência está na maré baixa e que talvez o mundo, que busca desesperadamente uma coerência antropológica, possa ganhar com uma teologia consistente, audível, compreensível e sustentável.

Ao longo dos milénios, as tradições religiosas sustentaram com consistência um sentido transcendente do cosmos e da vida. Hoje, os povos de todas as religiões precisam de se confrontar criticamente com a fé que honestamente professam e confessam; precisam de procurar, com todos os recursos que estão ao seu alcance, perceber se esta fé pode sobreviver às novas narrativas antropológicas e éticas e a um possível sentido da história humana realizado nos estritos limites da imanência. Prova de sobrevivência, por um lado e prova de pertinência, por outro. Esta avalia-se pela sua capacidade de incarnação nas culturas humanas e pela capacidade de trazer uma nova apologética – inteligente, bem formada e sustentada – para o diálogo com o mundo intelectual contemporâneo.

Os cristãos não podem ignorar a imensa responsabilidade que têm na descridibilização do Evangelho de Jesus Cristo no mundo actual, que vive uma dramática “crise da cultura e da identidade” (Bento XVI). O ateísmo, o agnosticismo, o laicismo e a indiferença religiosa não têm raiz somente na justa liberdade humana ou nas ideologias materialistas e nos humanismos laicos. O cristianismo não parece estar à altura dos desafios do mundo actual. Se mais não fosse, bastaria olhar para o imparável êxodo das novas gerações da esfera religiosa, visitada pontualmente, certo, mas não mais integrada no processo de construção das identidades pessoais.

O que vimos e ouvimos, o que as nossas mãos tocaram, o que as nossas bocas proclamam e o que os nossos rituais formalizam é

muitas vezes um testemunho doutrinado mas não convertido, catequizado mas não evangelizado, transmitido mas não comunicado, propício à caricatura e ao descrédito. “Deus!?! Não tens mais nada em que pensar?”; “estás a falar de quê?”; “A minha vidinha chega-me muito bem”; “Não sei onde foste desencantar essas ideias”; “isso já era...”. Tantas expressões que todos nós já ouvimos ou mesmo pronunciámos. Elas revelam a indiferença, o desprezo e a irrelevância das “coisas de Deus”, hoje. Seria precipitado deduzir daqui que a religião e a fé estejam em vias de extinção. Não faltam estudos sociológicos que provam precisamente o contrário. O que é preocupante é que “o factor religioso já não se inscreva numa coerência antropológica”, que fique à margem da “razão pública”, que se desenvolva “na base do arbitrário individual” e no espaço do privado e da “subjectividade singular” de cada pessoa.

Temos esvaziado o céu a bom ritmo de todos os seres que nele deixámos viver durante milénios: os divinos e os humanos. O facto é que, “escorraçado” Deus do céu, também o ser humano se “escorraça” e se nega a si mesmo o céu, enterrando no pó da terra a sua vocação transcendente e a perspectiva escatológica da história. Sem sopro divino, olhe para onde olhar, o risco é grande de só se ver a si e a um outro parecido, mas diferente de si. Encontre quem encontrar, não há narrativa de si na qual esse outro se torne coerente: ele é um concorrente. Não é um igual, é um rival.

O século XXI já presente o luto antropológico de uma terra sem céu e de um mundo solitário, em “risco de soltar as raízes cristãs da nossa civilização” (Bento XIV). Culpamos a maré laicista que, como um tsunami, se abate sobre numerosas sociedades, particularmente as sociedades ocidentais, levando à sua frente todo e qualquer vestígio ou indício de transcendência, afogando o próprio Deus, sem dó nem piedade, e com ele a sua imagem e semelhança. Que o laicismo secularista pretende impor uma “burka” sobre a face religiosa do mundo, não há qualquer dúvida. Que o laicismo é

uma revolta virulenta e violenta contra o céu, uma batalha para esvaziar o céu de Deus e do próprio ser humano, não há dúvida. Que o laicismo pretende muralhar a vida no mundo com uma crosta antropológica impermeável, a isto parece resumir-se o seu programa. Que muitos daqueles que se dizem laicos, “sem religião”, obcecados com a ideologia nem se dão conta de como estão atolados num “amontoado mágico-religioso” de religião, teologia e mitos, embora praticamente irreconhecíveis porque “degradados até à caricatura”, assim o constatava Mircea Eliade, já nos princípios do século XX. Que o laicismo não está à altura da inteligência humana que foi dando provas, ao longo dos milénios, da capacidade incessante de abrir, com consistência e coerência, “novos mundos ao mundo”, não é difícil o consenso. Que o cristianismo tem tido uma crescente dificuldade em partilhar a sua essência com o mundo e corre o sério risco de ver os seus *lugares*, principalmente no mundo ocidental, progressivamente reduzidos às quatro paredes de templos vazios, não faltam indícios.

À luz destas leituras, tudo leva a crer que o mundo actual, nas suas convulsões e agonias, é uma dolorosa mas promissora oportunidade para a Igreja de Jesus Cristo. Oportunidade que, como alerta João Paulo II, não significa oportunismo ingénuo na ilusão de que “a fé, diante de uma razão fraca possa ter um poder superior”. É oportunidade na medida em que desafia à definição, à determinação e à assunção de responsabilidades por parte dos crentes. Não para que estes repousem a consciência num *mea culpa* escudado, tantas vezes, no argumento da fragilidade humana. É oportunidade para entrar, com nova motivação e novo ímpeto, na aventura de *tornar-se cristão e sendo cristão* anunciar no mundo um modo de ser humano capaz de despertar novas aspirações, novos valores, novos horizontes no coração da “razão pública”. Para tal, o cristianismo precisa de se reinventar em termos de estratégias de comunicação e de evangelização; precisa de assumir com humildade a exigência

de uma “pré-evangelização dos pós-modernos” e, como preliminar epistemológico, procurar inscrever a proposta religiosa numa coerência antropológica.

Os tópicos que se seguem tentam trazer para a reflexão alguns elementos que possam, eventualmente, ajudar a investigar as condições e as possibilidades de o mundo de hoje escutar e acolher a pergunta que ressoa desde a eternidade: “quereis oferecer-Vos a Deus?”. Três crianças em Fátima disseram: – “Sim, queremos”. Esta resposta lembra a toda a Igreja de Jesus Cristo, de modo particular ao seu magistério e às faculdades de teologia, que não se pode fazer teologia *etsi homo non daretur*, como se o ser humano concreto, num tempo e num espaço concretos, não existisse ou como se não contasse.

A pergunta que os pastorinhos escutaram vinda do céu é a mesma que ressoa no tempo presente e interroga os nossos contemporâneos. A pergunta é a mesma, mas a resposta talvez não.

DE ONDE MANA A PERGUNTA E ATÉ ONDE NOS LEVA?

“De onde mana a pergunta?”, interrogam-se os mais precavidos. E a questão faz sentido num tempo em que se baralham inúmeras “ofertas” vindas de todas as direcções. Todos os dias recebemos mensagens a anunciar a feliz notícia de que fomos escolhidos e iremos receber um presente. Tudo parece transformar-se em oportunidade para, de repente, e sem qualquer esforço, ser o feliz contemplado; a oferta está ao alcance de um clique ou de um mero sim.

No mínimo é de ficar perplexo diante de uma pergunta que não encontra lugar fácil nas lógicas do marketing contemporâneo. E a pergunta torna-se tanto mais chocante, quanto ela visa algo muito diferente do dom de coisas. “Quereis oferecer-vos?”. Claramente, não se trata de dar o que se tem, mas de dar o que se é.

Que sentido pode ter tal interpelação numa época em que as novas gerações têm crescido e recebido uma educação centrada no

receber? Os afectos são concretizados em objectos: “Se não me dás isto, é porque não gostas de mim...”; “Se não me dás... não gosto mais de ti”. “Eu quero...; nos meus anos, quero que me dê...; já fiz a minha lista de pedidos para o natal”.

Gerações empanturradas de coisas, estimuladas a possuir coisas, a consumir-se com o consumo de coisas. Gerações egoístas e egocêntricas, para quem nem sequer a retribuição ou reciprocidade faz sentido, quanto mais o sacrifício e a privação de tantos pais para que supostamente “nada falte aos filhos”. Depressa os “príncipezinhos” e as “princesinhas” se transformam em pequenos tiranos. Há sempre um lucro, um proveito, um benefício em cada esquina do dia para o *homo possidens*, que não vai mais longe do que a experiência infantil em que espera que tudo lhe seja dado. Receber, ter, possuir tornaram-se as palavras passe para a realização pessoal e o motivo para levantar da cama e começar um novo dia.

Também ao nível da relação interpessoal esta lógica materialista vai deixando as suas marcas. Quando a relação é determinada pelo *receber* e pelo *ter* facilmente resvala para a redução do outro a objecto. *Alguém* torna-se um *algo* que posso possuir, alertou Martin Buber no livro intitulado, precisamente, *Eu-Tu*, publicado em 1923. Na prática, esta assimetria de relação traduz-se em posse e dominação de onde derivam as mais cruéis formas de violência de um ser humano sobre outro ser humano.

É certamente um enorme vazio da subjectividade, uma imensa pobreza interior, que faz com que nos tornemos escravos do ter e nos levem a empenhar a liberdade no que possuímos e no que cobizamos. “Mais cedo ou mais tarde, o ter, o prazer e o poder manifestam-se incapazes de realizar as aspirações mais profundas do coração do homem” (*Verbum Domini* 10). Seremos nós, então, capazes de ir “ao encontro da humanidade sem sermos instrumentalizados pelos nossos bens?”. Como dar lugar à ideia de que “há bens muito mais importantes do que os bens de consumo”?

O DOM É O SEGREDO DA VIDA CONFIADO AO SER HUMANO

A palavra dom e o conceito de gratuito foram banidos da esfera pública e da educação nas suas múltiplas instâncias formais e informais. Pouco a pouco vai-se esbatendo a memória de que o sentido da vida humana não se esgota no que é produzido, categorizável e negociável. Perde-se a memória de que também há realidades gratuitas e não manipuláveis. Não é certamente uma postura inédita na condição humana. Parece, bem ao contrário, uma tentação constante dos humanos de todos os tempos. Não nos fala a Sagrada Escritura, desde as primeiras páginas, das dramáticas roturas da harmonia no mundo quando o ser humano se assume como senhor e proprietário dos bens que o rodeiam, esquecendo que não lhe pertencem, que são puro dom – como a sua própria vida também o é – e que o que é dado não é para possuir, é para acolher?

No jardim do Éden, Adão e Eva não conseguem perceber que a atitude diante do dom – “Dou-vos todas as ervas que dão semente... e todas as árvores que dão fruto ...” (Gn 1,29) – não é a posse, mas sim o acolhimento. Por isso, pegam no que não lhes é dado.

Noutro cenário encontramos Sarai e Abrão. Interessa-nos, concretamente, a provação que afecta a relação entre o pai e o filho Isaac (Gn 22). Não se passe, todavia, sob silêncio um detalhe curioso da relação do casal (Gn 17). Na língua hebraica, Sarai significa “**minha** princesa”. O acento é aqui posto no pronome possessivo **minha**; Sarai é propriedade de Abrão (este receberá o nome novo da aliança de Deus com Abrão e toda a sua descendência: Abraão). Nas intrigas e peripécias do casal, evidencia-se Sarai a sacrificar a sua identidade em favor do marido. Felizmente, o Senhor Yhaveh vai intervir. No culminar da história do casal, um filho lhes é dado e, curioso e pouco notado, o Senhor Yhaveh dá novo nome a Sarai, oferecendo ao casal a possibilidade de se abrirem à verdadeira relação, àquela que se funda não no ter e possuir, mas no ser outro com o outro, no respeito das inegociáveis

identidades. Doravante, não se chamará mais Sarai, *minha princesa*, mas simplesmente, Sara, *princesa*.

Sara concebe um filho na sua velhice. De que modo Abraão acolhe o dom que o Senhor lhes faz? Como um bem que é doravante sua propriedade, não vendo nele o “filho da promessa”, mas somente o “filho do seu desejo”? A provação a que Deus submete Abraão vai obrigá-lo a decidir. E Abraão decide, dispondo-se a devolver o dom que lhe havia sido dado. Dispõe-se, assim, a oferecer a Deus o sacrifício do filho desejado; oferecer a Deus o seu bem mais precioso, pois não o havia recebido como propriedade. A disposição de Abraão agrada ao Senhor. Então, uma segunda vez, Abraão vai acolher o filho Isaac das mãos do Senhor, agora como provado *filho da promessa* e não como *filho do seu desejo* de descendência.

Um outro quadro bíblico apresenta dois irmãos, Caim e Abel, no episódio das oferendas que fazem ao Senhor Yhaveh (Gn 4,1-5). Este episódio diz que o que caracteriza o dom não é o ter, é o ser; diz que o dom é a essência e a fonte da vida e diz como este entendimento é decisivo na construção da identidade de cada ser humano. Mais uma vez, a intriga vai desenvolver-se à volta dos pronomes possessivos. A leitura feita pela psicanalista francesa Marie Balmary, a partir do texto escrito em hebraico, faz emergir os possessivos como determinantes na interpretação deste episódio.

Caim ofereceu produtos **da** terra; Abel ofereceu as primícias do **seu** rebanho.

Abel deu as primícias do **seu** rebanho e a sua oferta foi agradável ao Senhor. Caim deu os frutos **da** terra e Deus não aceitou a sua oferta, porque Caim deu o que não era seu. Ele não estava presente na sua oferta: **não se deu** com aquilo que deu. Se Deus recebesse os frutos **da** terra isso significaria que Caim não contava para Deus; equivaleria a aceitar a não existência de Caim, visto ele não estar no dom, não estar presente no presente. Por isso, Deus recusa a oferta que ele faz. Não é dom seu; é da terra. O seu dom é um “dom vazio”.

Esta passagem tem, muitas vezes, provocado mal-estar por parecer revelar um Deus caprichoso, que discrimina e ofende Caim. Passa-se precisamente o contrário. Deus respeita Caim e preocupa-se com ele. É por essa razão que recusa a oferta, ou seja, recusa a *inexistência* de Caim, o presente sem presença, o dom sem relação, o ritual sem vida, o objecto sem sujeito, a “coisa” sem “Eu”. O Senhor quer que Caim exista, se descubra a si mesmo; tome consciência da sua existência e da sua identidade, para si e para a relação com o próprio Deus.

Estes quadros bíblicos fazem sair o ser humano, com pedagógica sabedoria, da esfera das coisas e dos objectos. Deles brota uma lógica que o conduz para lá do mero horizonte da posse e aponta para uma dimensão oblativa da vida. Dimensão oblativa que entra na própria definição da vida: a vida é puro dom. Não será este o seu segredo? Na raiz da vida está o dom, o gratuito, como constitutivo do ser. Isto leva a que se possa afirmar o dom como um transcendental, porque ele é a essência das coisas e dos seres.

Por onde anda o dom? O que tem feito o ser humano e o que fazemos nós, hoje, desta possibilidade maravilhosa de outro modo de ser do que ter? Que abismos temos de enfrentar, que provações precisamos de atravessar, que despojamentos serão necessários para se poder ir mais além do que o que se tem?

Um segredo esconde-se no cosmos e em cada ser que o povoa. Um segredo de gratuidade que nos confia o dom como a chave da vida e ajuda a aceder a um sentido da vida em que esta se compreende como puro dom. Esta é uma bela e boa notícia de alcance universal. Para a acolher e entender não é necessário um elevado quociente intelectual, ou uma específica formação científica e técnica. Não se trata de uma notícia para um grupo de privilegiados ou iluminados. Dirige-se a todos os seres humanos e todos a podem compreender porque todo o ser humano “está feito para o dom, e é no dom que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência” (*Caritas in Veritate* 34).

Então, por que é que temos tanta dificuldade em compreender e em viver a vida como dom? A elaboração de uma proposta coerente e pertinente de antropologia cristã para o mundo de hoje exige que, como preliminar metodológico, se procurem respostas para estas questões.

Talvez a vida dos três pastorinhos de Aljustrel e os acontecimentos singulares que a marcaram possam fornecer ao mundo de hoje pistas para esta concepção mais essencial da vida, em que viver implica oferecer a vida e, maravilha das maravilhas, oferecer a vida não significa perder a vida ou morrer. Significa, ao contrário, viver a vida autêntica, a “vida boa”, aquela vida que não depende das cotações do mercado, das ameaças de cortes no *rating*, do temor das falências e das bancarrotas. A “vida boa” não se vende e não se compra; ela escapa radicalmente à lógica financeira e económica, porque o que a define não é o ter mas o ser, não é o possuir, mas o acolher e o dar gratuitamente “lugar espaçoso e feliz” ao essencial.

A vida dos pastorinhos não foi uma “boa vida”, mas foi, sem sombra de dúvida, uma “vida boa”. Tão boa que eles a assumiram como uma doação permanente. Jogaram o grande jogo da vida: dar-se, dar tudo o que se é, sem nunca perder. Eis o grande segredo de Fátima que os pastorinhos aprenderam com Maria, a Mãe de Jesus, que, por seu lado, havia aprendido com o seu querido Filho: entregar-se não é uma perda de si; é um encontrar-se com o outro por causa de um amor mais forte e mais precioso do que a própria vida. Maria disse sim a Deus. Os pastorinhos juntam-se a Maria e com ela dizem: sim, Senhor, nós também queremos oferecer-te a nossa vida.

DEUS “É AMIGO DA LIBERDADE HUMANA”

No coração crente dos pastorinhos a fé não é transcendência, é experiência do transcendente; experiência concreta de uma “realidade que supera o visível e o contingente”. Experiência de um Deus amigo da liberdade humana.

As palavras que vêm do Alto dirigem-se a liberdades pessoais. “Quereis...?”. “Sim, queremos oferecer-nos a Deus”; por outras palavras: sim, queremos ser santos. Seremos tentados a dizer, e justamente, que, a partir da nossa própria experiência e à luz dos conhecimentos da psicologia sobre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento da personalidade das crianças com idades entre 7 e 10 anos (como é o caso dos pastorinhos), eles não poderiam entender o alcance da pergunta nem o concreto significado do oferecimento de si.

O facto é que Deus julgou-os capazes e eles responderam com capacidade. Temos a atestá-lo a forma como, desde então, viveram cada momento das suas vidas: oferecendo-as a Deus a todo o momento, como nos reporta Lúcia nas suas *Memórias*. Não se tratava de um jogo inconsequente. Eles transformaram as suas vidas em metáforas vivas do dom. É este o critério de verificação da singular maturidade e da especial iluminação que eles revelam. Singular é também a capacidade que eles manifestam para expandirem o dom de si para além da morte: Francisco quer, quando morrer, dedicar-se a consolar Jesus no céu, e Jacinta promete continuar a rezar pelos pecadores, para que estes se convertam e o coração de Jesus não sofra mais.

Os pastorinhos entram no mistério de um Deus que os ama a tal ponto que eles lhe podem oferecer algo que Lhe agrade em reparação das ofensas. Por Cristo, com Cristo, em Cristo, com Maria, podem oferecer-Lhe, no meio dos espinhos da sua vida, as rosas dos seus actos de amor. E Deus, que passaria bem sem isso, quis que eles colaborassem de forma bem real na salvação do mundo. *Eis o mistério da fé*.

Os pastorinhos de Fátima ensinam-nos que o sacrifício é inútil quando não é oferecido; não passa de uma “experiência mortificadora que não chegou à experiência da redenção”. Mostram-nos que a mortificação sem redenção roça o escândalo, e não agrada

a Deus, porque Ele ama as suas criaturas e amar também é não querer que o outro sofra sem sentido. Mas os pastorinhos deram sentido aos seus padecimentos. Ao oferecerem-se por amor, dão-se até doer, a tal ponto que a dor deixa de ser dor para ser só amor. “É imenso o amor que entra pelos caminhos da dor”, diz alguém. A fé cristã tem este mérito, como lembra Bento XVI, de suscitar a capacidade de o ser humano dar ao sofrimento um sentido novo e mais profundo. E assim, o sofrimento torna-se, por excelência, lugar de aprendizagem do dom de si.

O DOM DE SI: LUGAR DE APRENDIZAGEM DE HUMANIDADE

A forma de pensar dos pastorinhos não é egocêntrica nem individualista. É espantosa a consciência social que desenvolvem, concretizada numa profunda solidariedade com *os que não crêem, não adoram, não esperam e não amam*. A intimidade com Maria e com o seu Filho – “Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro em mim. Compreendo o que me diz e não O vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!” – expande-se numa solicitude radicalmente concentrada na salvação dos pecadores, para que todos se salvem, possam ir para o Céu e Deus não seja mais ofendido nem o seu coração entristecido pelos pecados do mundo: “Passar sede, recusar a água. Por quê? – ‘Quero sofrer pela conversão dos pecadores’, respondem Francisco e Jacinta”. Francisco, Jacinta e Lúcia estão decididos e profundamente convencidos de “poderem inserir no grande com-padecer de Cristo as suas pequenas canseiras, que entravam assim, de algum modo, a fazer parte do tesouro da compaixão de que o género humano necessita. Deste modo, também as mesmas moléstias do dia-a-dia poderiam adquirir um sentido e contribuir para a economia do bem, do amor entre os seres humanos” (*Spe Salvi*, 40).

A vida dos pastorinhos, realmente oferecida a Deus, ao mesmo tempo oferece ao mundo um lugar simbólico da oblação a

Deus – “tomai e recebei as horas do meu dia, alegrias e dores, penas e trabalhos” –; lugar simbólico de experiência de confiança, de promessa e de esperança para o mundo: verdadeira escola de aprendizagem de humanidade. Desse lugar, a perspectiva é outra: nova e luminosa. Há luz para além da dor. Luz gemente porque luz de gente, que ajuda a compreender melhor a agonia do Homem Justo, no Jardim das Oliveiras. Dor de amor gemente. Excesso de dor já não suportável para um humano entregue a si mesmo.

CONFIANÇA NA PROMESSA DE QUE NENHUM CRUCIFICADO FICA PREGADO NA CRUZ

Valerá a pena e será ainda possível colocar junto de Deus todos os ais de silêncio e dor que se elevam da terra? Os caminhos de peregrinação até aos lugares santos de Fátima testemunham que sim. O cansaço, o calor, a sede, as flictenas, a dor física e afectiva, situações tantas vezes julgadas a partir de fora como excessivas, desumanas e irracionais, assentam no dom sem medida, não do que se tem, pois muitas vezes nada se tem, mas do que se é; e é-se muitas vezes uma só ferida em carne viva.

No excesso da dor e do dom entregam-se a Deus as dores que um ser humano não pode suportar sozinho, e que o outro mais próximo também já não consegue acolher. Oferecem-se as dores próprias e as do mundo. Não haverá aqui algo de sublimemente humano neste oferecimento de si com intenção de compensar, ao mesmo tempo, o não oferecimento dos soberbos, dos individualistas, dos egocêntricos, dos descrentes, dos que não se oferecem? Ofereço-me a mim no excesso de dor, incarnando o défice de oferecimento dos que não conhecem o dom de si. Ofereço eu por eles para assim colaborar na salvação do mundo.

Os pastorinhos fizeram de Fátima a *casa do povo* onde cada um e cada uma sabem que podem entrar livremente e estar como em sua casa. Aí, mesmo quando nada se tem e a vida parece dizer

que já nada se é, o povo descobre as últimas forças para ainda oferecer o seu nada. Na passadeira do despojamento, de joelhos, com uma dignidade perturbadora, indiferentes aos olhares dos que olham e julgam, jovens e velhos, ricos e pobres, arrastam-se pela longa, plana e pálida passadeira da dor total. Resistência ao nada, esperança contra toda a esperança, consciência flagrante de que despojada de tudo, despojado de tudo, ainda sou, ou melhor, eu sou este, esta – desvelar de uma identidade nua, porque desprovida de ornamentos sociais –, de joelhos em terra, mas avançando e olhando em frente para um futuro possível em que poderá sempre ser dita ainda uma última palavra.

Nos lenços brancos, nas lágrimas, nos olhares fixos na imagem da Virgem Mãe vai a súplica da compaixão e vem a promessa de que nenhum corpo fica pregado na cruz. Como aos pés da cruz do Filho, Maria está aos pés das cruces do mundo, para acolher no seu regaço e tomar os crucificados nos seus braços.

A PRIMEIRA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA, A 13 DE MAIO DE 1917

Luciano Cristino

Depois de terem ocorrido as visões indefinidas de um anjo a Lúcia e companheiros (1915) e as aparições do anjo da paz, de Portugal e da Eucaristia à mesma Lúcia, de nove anos, e a seus primos, Francisco, de oito anos, e Jacinta, de seis, do lugar de Aljustrel, paróquia de Fátima, do concelho de Ourém e, ao tempo, diocese de Lisboa (1916), aproximava-se o novo ciclo de aparições, agora de Nossa Senhora, aos mesmos três pastorinhos.

1. ANTES DA APARIÇÃO

Num sábado, dia 5 de Maio de 1917, em momento de extrema gravidade da primeira guerra mundial, o Papa Bento XV pedia preces à Virgem Santíssima, principalmente às crianças, pela paz, e fixava, para o primeiro dia de Junho seguinte, a introdução da invocação “Rainha da Paz, rogai por nós”, na ladainha lauretana. Oito dias depois, domingo, dia 13, o Papa Bento XV, na Capela Sistina, junto à basílica de São Pedro, em Roma, às 8 horas da manhã, ordenava arcebispo titular de Sardi, Monsenhor Eugénio Pacelli (futuro Papa Pio XII). Pouco tempo depois, celebrava-se a chamada “missa das almas”, na igreja paroquial de Fátima. Os três pastorinhos estavam presentes: Lúcia, agora de 10 anos, e seus primos, de quase nove, e de sete anos, respectivamente. O pároco, Pe. Manuel Marques Ferreira, tinha pedido, na igreja, “para rezarem o terço pelos soldados”, um dos quais, Manuel, meio-irmão do Francisco e da Jacinta, tinha partido para Cabo Verde, no ano anterior, e, nos princípios de Maio de 1917, muitos outros para os campos

de batalha, na França. Depois da missa, os pastorinhos foram para suas casas. Manuel Pedro Marto e sua esposa, Olímpia de Jesus, pais do Francisco e da Jacinta, já tinham saído, muito cedo, para o mercado da Batalha; António dos Santos e Maria Rosa, pais da Lúcia, terão ficado em casa, como era habitual, no resto da manhã e toda a tarde. Lúcia e seus companheiros foram pastorear os seus rebanhos. Seguiram pelo caminho da Charneca e chegaram ao sítio da Cova da Iria, onde havia uma pequena propriedade pertencente ao pai da Lúcia, “a dois quilómetros a noroeste da igreja paroquial de Fátima, junto à estrada que segue para a Batalha” (Pároco, 6.01.1918). Em diversas ocasiões, a Lúcia deu informações sobre aqueles momentos: “Depois de rezarmos o terço, como de costume, começámos a brincar, fazendo um muro à volta duma moita”; “como de costume, depois do meio-dia, as três crianças comeram as sua merendas e rezaram. Em seguida, começaram, por entretenimento, a fazer um pequeno muro de pedras soltas, à volta de um arbusto chamado ‘moita’, que a gente costumava utilizar para fazer vassouras, e, por isso, queriam resguardá-lo para que os animais não o roessem”. Na expressão popular de José Alves, do lugar da Moita Redonda, o Francisco “andava a fazer um cerradinho, e a Lúcia e a Jacinta chegavam-lhe a pedra” (28.09.1923). Continua Lúcia: “Isto porque, quando encontravam tais arbustos em boas condições, gostavam de os deixar crescer para deles fazerem depois vassouras, que entregavam à mãe, quando, à noite, regressavam aos seus lares. Então, para as crianças, era uma festa ver os pais contentes com os seus presentes e as suas carícias, pelo que cada uma primava em buscar tudo aquilo com que, mais e melhor, lhes podia dar gosto e alegria” (Lúcia, 8.07.1924, *Memórias*, IV, II, 1941, e *Apelos*, 1997).

No fim da sua vida (2005), a Irmã Lúcia fez ainda algumas considerações espirituais, publicadas postumamente: “Entretêm-se, brincando, querendo construir um pequeno muro à volta de uma moita, querendo resguardá-la, não fossem os animais roer-lhe

as pontas, que se elevavam viçosas para o alto, como se fosse apontando-nos o Céu, onde Deus se encontrava e a Mãe do Céu que velava por nós. [...]. Recordo o muro que andávamos a construir, como se fora o símbolo da Basílica, que se viria a construir nesse mesmo lugar, para glória de Deus, de Nossa Senhora, e lugar de repouso, para os restos mortais dos pobres pastorinhos. Como Deus é grande, que, do nada, faz tudo!” (*Como vejo a mensagem*, 2006).

2. A APARIÇÃO

Aproximava-se a hora do grande acontecimento: “do meio-dia para a uma hora” (Joaquim Tavares, 21.10.1917), “cerca de uma hora da tarde, hora solar” (Pároco, 6.01.1918), “meio-dia astronómico” (Formigão, 10.06.1921). Conta Lúcia: “Vimos um relâmpago para o lado do nascente, e, receando que viesse trovoadas, embora estivesse bom tempo, eu disse ao Francisco que era melhor irmos para casa, recolher o gado” (Lúcia, 8.07.1924; cf. c. 27.05.1917; 19.10.1917; 1.08.1918; *Memórias*, IV, II, Nov.-Dez. 1941).

“Começámos a descer a encosta, tocando as ovelhas, em direcção à estrada [...]. Quando chegámos ao meio da fazenda, deu outro relâmpago, e, dois passos adiante, vimos em cima duma carrasqueira, que teria um metro de altura, aproximadamente, uma Senhora” (Lúcia, 8.07.1924).

As primeiras declarações da Lúcia, recolhidas pelo pároco, cerca de 15 dias depois de 13 de Maio, foram estas: “Viram uma mulher, em cima duma carrasqueira, vestida de branco, nos pés meias brancas, saia branca dourada, casaco branco, manto branco, que trazia pela cabeça; o manto não era dourado e a saia era toda dourada, a atravessar; trazia um cordão de ouro e umas arrecadas muito pequeninas; tinha as mãos erguidas e, quando falava, alargava os braços e mãos abertas. Essa mulher disse que não tivessem medo, que não lhes fazia mal.

Perguntou a Lúcia:

- Que lugar é o de Vossemecê?

Ela disse:

- *O meu lugar é o céu.*

- Para que é que Vossemecê cá vem ao mundo?

- *Venho cá para te dizer que venhas cá, todos os meses, até fazer seis meses, e, no fim de seis meses, te direi o que quero.*

- Vossemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?

- *Não te posso dizer ainda, enquanto te não disser também o que quero.*

Perguntei-lhe se ia para o Céu, e ela disse-me:

- *Tu vais.*

- E minha prima?

- *Também vai.*

- E meu primo?

- *Esse ainda há-de rezar as continhas dele*” (c. 27.05.1917).

A reconstituição de todo o diálogo foi-se fazendo, ao longo do tempo. No seu primeiro escrito autógrafa, em Janeiro de 1922, Lúcia acrescentou: “Perguntei-lhe pela Maria, do José das Neves, e ela me disse: *está no céu*. Perguntei-lhe pela Amélia, e disse-me que *estava no purgatório*. Se me disse mais alguma coisa, neste mês, não me lembro. E, nisto, desapareceu, subindo tão alto que chegou a ponto de não a vermos mais” (Lúcia, 5.01.1922; cf. 8.07.1924).

Na segunda *Memória* (1937), juntou: “As palavras que a Santíssima Virgem nos disse, em este dia, e que combinámos nunca revelar, foram: Depois de nos haver dito que íamos para o Céu, perguntou:

– *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?*

– Sim, queremos – foi a nossa resposta.

– *Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto* (*Memórias*, II, II).

Na quarta *Memória* (1941), em nova descrição da primeira aparição, acrescentou mais um pormenor: “Depois, *voltarei ainda aqui uma sétima vez*”. E introduziu, pela primeira vez, mais um desenvolvimento, no episódio das duas jovens:

“Lembrei-me então de perguntar por duas raparigas que tinham morrido, há pouco. Eram minhas amigas e estavam em minha casa, a aprender a tecedeiras, com minha irmã mais velha [Maria dos Anjos]:

– A Maria das Neves já está no Céu?

– *Sim, está.*

Parece-me que devia ter uns 16 anos.

– E a Amélia?

– *Estará no purgatório até ao fim do mundo*”.

“Foi ao pronunciar as últimas palavras (*a graça de Deus*, etc.) que abriu, pela primeira vez, as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que, penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo, também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: ‘Ó Santíssima Trindade, eu vos adoro; meu Deus, meu Deus, eu vos amo, no Santíssimo Sacramento’. Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou: *‘Rezem o terço, todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra’*. Em seguida, começou-se a elevar serenamente, subindo em direcção ao nascente, até desaparecer na imensidade da distância. A luz que a circundava ia como que abrindo um caminho, no cerrado dos astros, motivo por que, alguma vez, dissemos que vimos abrir-se o Céu [...]. O medo que sentimos não foi propriamente de Nossa Senhora, mas sim da

trovoada que supúnhamos lá vir; e dela, da trovoada, é que queríamos fugir. As aparições de Nossa Senhora não infundem medo ou temor, mas sim surpresa. Quando me perguntavam se tinha sentido medo e dizia que sim, referia-me ao medo que tinha tido dos relâmpagos e da trovoada que supunha vir próxima; e disto foi do que quisemos fugir, pois estávamos habituados a ver relâmpagos, só quando trovejava. Os relâmpagos também não eram propriamente relâmpagos, mas sim o reflexo duma luz que se aproximava. Por vermos esta luz, é que dizíamos, às vezes, que víamos vir Nossa Senhora; mas, propriamente, Nossa Senhora, só a distinguíamos, nessa luz, quando já estava sobre a azinheira. O não sabermos explicar e querer evitar perguntas foi que deu lugar a que, umas vezes, disséssemos que a víamos vir, outras, que não. Quando dizíamos que sim, que a víamos vir, referíamos-nos a que víamos aproximar essa luz que, afinal, era ela. E quando dizíamos que a não víamos vir, referíamos a que, propriamente, Nossa Senhora, só a víamos, quando já estava sobre a azinheira” (*Memórias*, IV, II).

A partir dos primeiros documentos e das *Memórias*, que alguns autores puderam consultar, foram surgindo mais alguns pormenores sobre a primeira aparição. A Irmã Lúcia confirmou ao padre holandês Hubert Jongen (1946) que, já desde a primeira aparição, sabia que era Nossa Senhora, “embora só na última Aparição, [ela] tenha afirmado isso expressamente”; que “a alma dessa rapariga [Amélia] ficaria no Purgatório até ao fim do mundo”; e que o facto de muitos autores omitirem esse pormenor foi devido a terem-lhe feito notar que “era penoso para a família da rapariga” (1970).

Cinquenta anos, mais tarde (1997), a Irmã Lúcia faz ainda uma reflexão espiritual: “A resposta dada por Nossa Senhora certifica-nos da verdade da existência do Purgatório e é, ao mesmo tempo, mais uma prova da necessidade que temos de orar [...]. Talvez nos pareça muito, mas a misericórdia de Deus é sempre grande.

Pelos nossos pecados, quanto o temos ofendido gravemente e, com isso, merecido o Inferno! Apesar disso, Ele perdoa-nos e concede tempo para pagarmos por eles e, mediante uma reparação e purificação, sermos salvos. Mais ainda: aceita as orações e sacrifícios que outros lhe ofereçam, por aqueles que se encontrem nesse lugar de expiação” (*Apelos*, 2000).

Ao Pe. José Pedro da Silva (1947) explicou que “ouvia falar [Nossa Senhora], ainda que uma luz interior [lhe] fazia compreender o sentido das suas palavras”; que não era verdade que, na primeira aparição, “o Francisco só viu Nossa Senhora, depois de rezar algumas Ave-Marias”, porque, durante a aparição, “não rezaram Ave-Marias”, e que também não era verdade que o Francisco, antes de ver Nossa Senhora, lhe dissera “que atirasse uma pedra” (1.08.1947).

A um dado momento, ocorreu um episódio curioso que ficou na memória popular: as ovelhas no campo dos chicharos. Tanto a Jacinta e o Francisco, logo em 1917, referiram o facto. A Jacinta, em Outubro, disse: “o rebanho foi para os chicharos e a dona deles [Maria de Jesus] gritava de longe: ‘Volta-me essas ovelhas!’. Mas a Senhora disse (a pequena tentou tornar a voz mais doce): ‘*Não voltem as ovelhas que elas não comem nada*’ [...]. Depois, apareceu o dono dos chicharos [José Matias], que a mulher foi chamar; vinha ralhar, porque é muito mau, mas não ralhou nada, porque viu que os chicharos não estavam comidos” (18.10.1917).

Também o Francisco: “As ovelhas fugiam para os chicharos e milho, mas a Senhora disse que não se importassem, que as ovelhas não tombavam nem comiam; depois da aparição, comiam. A Lúcia diz que a Senhora não disse nada; só se foi à Jacinta, porque ela lhe tinha já aparecido” (19.10.1917). “Quando a Senhora falava, as ovelhas, embora andassem dentro do milho e chicharos, não causavam prejuízo, não o tombavam, nem o comiam” (Padre Lacerda, 29.11.1917).

Lúcia no interrogatório oficial, perante a comissão canónica diocesana, afirmou: “Também me lembro que, depois de desaparecer a Senhora, veio um homem [Jacinta diz: uma mulher] dizer que as ovelhas tinham ido para os chicharos, e que já lhes tinha atirado com pedras, e que os chicharos estavam comidos; foi por lá ver, para avisar o dono, e, depois, disse ao dono, José Matias, que as ovelhas tinham ido para os chicharos, mas que eles não estavam comidos” (Lúcia, 8.07.1924).

Também Olímpia de Jesus, mãe dos mais pequenos, perante a mesma comissão, dissera, cerca de um ano antes: “Na ocasião em que [o Francisco] já a via, notou que as ovelhas começaram a ir para um trigal que havia na parte mais baixa da Cova da Iria, e disse que as ia voltar. Estava para se pôr a caminho, quando a Lúcia lhe disse: ‘Ó Francisco, não vás, que Nossa Senhora diz que o gado não come o trigo’. ‘Então, as ovelhas já vão pelo trigo dentro e não o comem?!’ E voltou para trás. A mãe perguntou-lhe: ‘Depois de Nossa Senhora sair, as ovelhas comiam o trigo?’ Respondeu ele: ‘Ah, se as deixassem, comiam-no todo’ ” (28.09.1923).

3. DEPOIS DA APARIÇÃO, NA CASA DA FAMÍLIA MARTO

Depois da maravilhosa aparição, as crianças reuniram os seus rebanhos e regressaram a casa. Diz Lúcia: “combinei com os meus primos não dizer nada a ninguém” (Lúcia, 8.07.1924).

Seis anos depois das aparições, Olímpia de Jesus ainda se recordava bem da euforia com que a sua filha mais nova a recebeu, à porta da sua casa: “A Jacinta, muito alegremente, abraçou-se a ela, o que não costumava fazer, e disse: ‘Ó minha mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria’. A Mãe retorquiu: ‘Não acredito! És uma boa santa para veres Nossa Senhora!’. A pequena mostrou-se um pouco triste e insistiu: ‘Acredite, minha mãe’. Tinha então sete anos. Isto passou-se ainda na rua, à porta de casa. Entraram, e logo ela disse: ‘Minha mãe, vou rezar o terço com o Francisco, que foi

o que Nossa Senhora mandou que nós fizéssemos’. A mãe deixou-os ir rezar. Depois de terem rezado, a criança, voltando-se para a mãe, disse: ‘Minha mãe, tem que rezar o terço, todos os dias!’. ‘Não é esse o costume’, observou a mãe. ‘Então, vou agora rezar o terço?!’. ‘Reze, minha mãe, reze!’, tornou a filha com intimativa [...]. O Francisco disse que via a Senhora a mexer os beijos, abrir as mãos e fechá-las, mas não ouvia as suas palavras. Disse a Jacinta que a Senhora só falava com a Lúcia. A Lúcia disse que via uma mulher muito bonita, com um resplendor ao cabo da cabeça, que cegava. No princípio da aparição, quando a Lúcia dizia que via Nossa Senhora, o Francisco, não vendo nada, aconselhou a prima a atirar-lhe com uma pedra, e a Lúcia disse à Senhora: ‘Então vossemecê é Nossa Senhora do Céu, e o Francisco não a vê?’. Já a Senhora lhe tinha dito que era do Céu. Nossa Senhora disse à Lúcia: ‘Diz-lhe que reze o terço e já me verá’. O pequeno contou que, então, meteu a mão no bolso do colete, onde tinha as contas da missa, e começou a rezar e, quando tinha seis ou sete Ave-Marias rezadas, já via a Senhora e não pôde rezar mais” (Olímpia de Jesus, 28.09.1923).

No mesmo dia, o marido, Manuel Pedro Marto respondeu: “Encontravam-se um cunhado [António da Silva] e um sobrinho [António da Silva] e todos ou quase todos os filhos, incluindo o Francisco e a Jacinta, que já tinham contado à mãe o que se havia passado. Estavam a cear, quando a mãe perguntou novamente à Jacinta o que tinha presenciado [...]. O Francisco, interrogado, igualmente, mais uma vez, pela mãe, disse que também tinha visto a Senhora, que, a princípio, a não vira e que a Senhora tinha dito que havia de aparecer, seis meses a seguir” (Manuel Marto, 28.09.1923).

Maria Rosa, mãe da Lúcia, declarou: “Em 1917, no dia 13 de Maio, a Lúcia não disse nada em casa do que se tinha passado na Cova da Iria. No dia seguinte, a mãe ouviu dizer a umas vizinhas que tinham perguntado à filha o que é que ela tinha visto. Julgou

que se referiam ao ano anterior e ficou admirada de falarem em coisas tão antigas. Elas disseram que tinha sido na véspera, e que o Francisco e a Jacinta tinham dito tudo, em casa [...]. Continuou a não ligar importância ao que se contava. As duas filhas, Maria dos Anjos e Carolina, interrogaram a Lúcia sobre os acontecimentos da véspera e foram para casa e disseram que realmente a irmã tinha visto alguma coisa. Por fim, a mãe perguntou-lhe também o que vira. Ela disse que via uma mulherzinha muito bonita, que o vestido que trazia era todo branco; que à pergunta – donde era – apontara para o Céu, dizendo que era de lá, e que tendo-lhe perguntado se não iam para o Céu o Francisco e a Jacinta e ela Lúcia, a aparição respondeu que sim. A mãe, ao ouvir estas palavras, exclamou: ‘Que felizes que vocês são!’ Disse a Senhora que queria que fossem lá, seis meses a fio, e que, por fim, diria o que queria” (Maria Rosa, 28.09.1917).

Manuel António de Paula, de Boleiros referiu que no dia 13 de Setembro de 1917, tinha ido a casa da Lúcia e tinha perguntado a Maria Rosa, que respondeu que a filha, depois da primeira aparição, foi para casa à noite e que lhe disse ter visto Nossa Senhora na Cova da Iria. Não quis acreditar, porque a filha não era o que ela desejava que fosse, com méritos para ver Nossa Senhora. Quis bater-lhe. A Lúcia com medo dela, começou a dizer, por fora, o que se passava e não queria contar à mãe mais nada. Como a mãe soubesse, disse-lhe: ‘Então tu andas a dizer por fora, que Nossa Senhora te aparece e a mim não me dizes nada?’. A pequena respondeu: ‘Então, a minha mãe queria-me bater!’” (Manuel Paula, 28.09.1923).

Nos *Apelos da Mensagem de Fátima* (1997), a Irmã Lúcia faz um comentário longo sobre o pedido da oração diária do terço, feito por Nossa Senhora, no dia 13 de Maio de 1917, e aproveita para fazer uma descrição completa da primeira aparição. “Nossa Senhora termina a sua Mensagem, desse dia 13 de Maio de 1917,

dizendo: ‘*Rezem o terço, todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra*’” (Irmã Lúcia, *Apelos*, 1997).

No último escrito, *Como vejo a Mensagem*, já referido, a Irmã Lúcia faz ainda mais uma consideração sobre o significado da escolha do dia 13: “Por que terá Deus escolhido o dia 13? Não sei, mas, pela vida além, nas minhas meditações, tenho pensado muito neste pormenor e perguntado a [mim] mesma: que significado poderá ter a escolha do dia 13? Sem saber como responder-me, um dia pensei: Não será que significa o mistério da Santíssima Trindade – ‘Um só Deus, em três Pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo’? E fiquei meditando nesta ideia [...]: Será este o sentido que Deus lhe quis dar? Não sei, mas para mim, foi como que o reflexo de uma nova luz”. (Lúcia, *Como vejo a Mensagem*, 2006).

ENTREGA DE SI A DEUS

VIVER EM OFERECIMENTO PELA SALVAÇÃO DO MUNDO

Manuel Morujão

A primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos de Fátima pode resumir-se no desafio que lhes fez a *Senhora mais brilhante que o sol*: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» (*Memórias da Irmã Lúcia – 4.ª Memória*, II, 3).

O deslumbramento de uma aparição sobrenatural era clarificado com uma proposta apostólica: aderir ao projecto de Deus, transmitido pela Mãe do céu, colaborando assim na construção de um mundo melhor, pela reparação dos pecados cometidos e de intercessão pela conversão dos pecadores.

A extraordinária manifestação sobrenatural da aparição de Nossa Senhora não centrou os pastorinhos sobre Ela mesma, sobre os seus privilégios de Mãe de Deus, sobre as suas virtudes e perfeições. Também não foi ocasião de os pastorinhos ficarem centrados na sua experiência *mística*, vangloriando-se da sua visão excepcionalmente privilegiada. Maria, missionária de Deus, propõe uma missão a Lúcia, Francisco e Jacinta: – *Quereis oferecer-vos como missionários do Altíssimo para melhorar o mundo? Quereis não já viver para vós próprios* (cf. *Rm 14, 7-8*), *mas oferecer-vos a Cristo, como Ele se ofereceu ao Pai e continua a oferecer por nós, cooperando com a salvação da humanidade?*

Neste contexto, desenvolverei algumas ideias na linha da espiritualidade do oferecimento ou entrega de nós próprios a Deus, o que inclui naturalmente a oferta àqueles que na nossa vida são autênticas presenças de Nosso Senhor.

1. NA CIVILIZAÇÃO DOS PRESENTES TORNARMO-NOS OFERTA A DEUS

Dar e receber presentes é, hoje em dia, uma forte instituição social. Nunca se deram e receberam tantos presentes. O mundo comercial aproveita toda a espécie de ocasiões para que os presentes se multipliquem: Natal e Páscoa; festas de anos e de outros aniversários; «dias» com uma vertente comercial fortíssima: dia do pai e da mãe, da mulher e da criança, dos namorados e dos músicos...

Vivemos na *civilização dos presentes*. Com o que tem de positivo: atenção aos outros, partilha de bens, celebração da fraternidade. «Há mais alegria em dar que em receber» (*Act 20, 35*) afirma S. Paulo, citando Jesus. Somos mais nós mesmos quando nos damos. Por outro lado, há elementos ambíguos e desfocados: em vez de ofertas cordiais e gratuitas, pode cair-se num jogo de conveniências, numa mera praxe social. Em vez de nos darmos a nós mesmos, com efectiva afectividade, podemos substituir-nos pelas coisas que damos. O dar alguma coisa tem que significar o compromisso em nos darmos a nós mesmos.

Neste contexto actual, em que dar presentes é uma frequente prática comum, importa aceitarmos o desafio de nos darmos a nós mesmos a Deus e, por Ele, aos que o Senhor coloca na nossa vida. Importa responder a esta exortação de Paulo a nos fazermos presente para Deus: «Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos com a renovação da nossa mente, para que reconheçais qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito» (*Rm 12, 1-2*).

2. ADORAMOS E SEGUIMOS A SANTÍSSIMA TRINDADE, DEUS QUE VIVE EM OFERTÓRIO DE AMOR

A espiritualidade da entrega ou oferecimento das nossas vidas não foi inventada por doutos teólogos, por santos ou sábios. A sua

autoria vem do próprio Deus. Desde toda a eternidade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem numa doação mútua constante, amorosamente infinita. Cada Pessoa divina é o que é pela sua entrega às outras Pessoas.

A Santíssima Trindade é uma real história de doações recíprocas. Na Comunidade Trinitária, cada Pessoa define-se como um presente para as outras: «Cada uma das Pessoas divinas não existe para si mesma senão sendo para as outras duas: o Pai não existe como Pai distinto do Filho senão pela doação total de si ao Filho; o Filho não existe como Filho distinto do Pai senão sendo impulso de amor para o Pai» (François Varillon).

Quem é Deus? Deus é um presente de amor feito Pessoas: «Deus é um processo de generosidade ou geração que brota do Pai; Deus é acolhimento ou filiação, que descobrimos no Filho; finalmente, Deus é unidade e comunhão no Espírito Santo. Os membros da família de Deus são pessoas no mais profundo sentido do termo: são donas da sua própria realidade ou da sua essência que oferecem, acolhem e partilham de um modo inteiramente livre e transparente» (Xabier Pikaza).

O *ser para os outros* faz parte da identidade estrutural de Deus. «O amor não permitiu a Deus ficar só», recorda S. Tomás de Aquino. Na Trindade divina, a Pessoa que une o Pai ao Filho e o Filho ao Pai é o Espírito Santo. Ele é «o Senhor que dá a vida», como rezamos no Credo. Ele é «a Pessoa dom», como o definiu o Papa João Paulo II.

Somos criados à imagem de um Deus que é infinitamente presente, doação, entrega de Si mesmo... O egoísmo avarento, o viver entrincheirado em si próprio é uma heresia anti-trinitária... Toda a centração egocêntrica em nós mesmos é uma experiência de descrença no verdadeiro Deus, de ateísmo prático. É remar contra a corrente de doação de Deus.

A história de Deus é uma história de doação de si mesmo, não só dentro da Trindade, como também para fora, fazendo-nos entrar na sua vida: criação, encarnação, redenção, vinda do Espírito Santo, experiência da graça hoje em dia, especialmente pela vida de oração e de sacramentos. «Da sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça» (Jo 1, 16). O nosso Deus é um sumo especialista em presentes, um infinito benfeitor da humanidade, de todos e cada um de nós.

3. A VIDA DE CRISTO É UMA VIDA ENTREGUE A DEUS E OFERECIDA A NÓS

Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote que se ofereceu a Si mesmo a Deus pela nossa salvação (Heb 7, 28; 9, 14; 9, 25; 9, 26; 9, 28), dado que os sacrifícios e holocaustos da antiga lei eram ineficazes: «Por isso, Jesus Cristo, entrando no mundo, diz: «Não quiseste sacrifício nem oblação, mas formaste-me um corpo; os holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradaram. Então, Eu disse: Eis-me que venho, segundo o que está escrito de mim no rolo do livro, para fazer, ó Deus, a tua vontade»» (Heb 10, 5-7).

Cristo, fazendo o oferecimento de Si mesmo, salva-nos: «Por esta vontade somos santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (Heb 10, 10).

Ser cristão é imitar o oferecimento que Jesus fez e continua a fazer de Si próprio, ao Pai, para a salvação da humanidade: «Andai no amor, a exemplo de Cristo, que nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós a Deus, como oferenda e sacrifício de suave odor» (Ef 5, 2).

Cristo compara-se ao bom pastor que ama mais as ovelhas que a sua própria vida: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas... Eu dou a vida pelas minhas ovelhas» (Jo 10, 11.15).

Jesus viveu a sua vida em ofertório livre, consciente, voluntário, cumprindo assim a vontade expressa do Pai: «Se o Pai me ama

é porque dou a minha vida para outra vez a assumir. Ninguém ma tira, mas Eu a dou por mim mesmo e tenho poder de a dar e de a tomar. Este é o mandamento que recebi de meu Pai» (Jo 10, 17-18).

Só se possui verdadeiramente e só lucra de facto quem se oferece e entrega, como Jesus fez: «Em verdade, em verdade vos digo, se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á e quem aborrece a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna» (Jo 12, 24-25). Recordo-me de ter lido esta frase de sabedoria evangélica: «Nós perdemos tudo o que não damos».

Toda a vida de Cristo pode ser lida como uma entrega de Si mesmo a Deus Pai pela salvação da humanidade. Entrega também àqueles que fizeram parte da sua vida na terra. Neste ofertório, encontramos alguns presentes particulares, entre os quais destaco:

– a dádiva da nossa filiação divina, pois no Filho de Deus, que se fez nosso irmão, nos tornámos filhos de Deus: «Vós, porém, orai assim: Pai nosso...» (Mt 6, 9); «Subo para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus» (Jo 20, 17);

– o presente do acolhimento incondicional e da aceitação plena, mesmo dos pecadores públicos e dos socialmente marginalizados (leprosos e possessos, pecadores e publicanos, prostitutas e adúlteras...): «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9, 12-13);

– a oferta do perdão misericordioso dos pecados do mundo, dos nossos pecados: os milagres físicos eram sinal dos milagres espirituais, realizados num clima de fé: «Para que saibais que o Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados, Eu te ordeno – disse ele ao paralisado – levanta-te, toma o teu leito e vai para a tua casa» (Lc 5, 24);

– o presente de uma vida centrada na vontade e na missão do Pai: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4, 34); «por mim nada faço, mas conforme o Pai me ensinou é que falo. Aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque Eu sempre faço o que é do seu agrado» (Jo 8, 28-29);

– a dádiva de uma herança feita de paz: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe o vosso coração nem se assuste» (Jo 14, 27);

– mesmo em dolorosíssima agonia, Cristo oferece presentes: oferece-nos sua Mãe, na pessoa do discípulo João – «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27); oferece a um ladrão arrependido o céu – «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23, 43);

– o divino presente da Eucaristia, provando que «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13); «Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo» (Jo 13, 1);

– o maior oferecimento que houve sobre a face da terra: Deus, por nosso amor, entrega a sua vida numa cruz; o último gesto de Cristo, resumo da sua vida, foi um acto de oferecimento: «Jesus, exclamando em voz alta, disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Dizendo isto, expirou» (Lc 23, 46);

– o presente do Espírito Santo: «Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco, o Espírito da verdade» (Jo 14, 16-17); «o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos disse» (Jo 14, 26); «digo-vos a verdade: a vós convém que Eu vá, porque, se não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se for, Eu vo-lo enviarei» (Jo 16, 7)...

Cristo é o divino mestre da arte do oferecimento. Toda a sua vida foi uma entrega de si ao Pai pela nossa salvação. Jesus viveu a dar a sua vida: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10).

4. A EUCARISTIA: SACRAMENTO DO OFERECIMENTO DE CRISTO

Não nos deveríamos sentir em desvantagem perante os contemporâneos de Jesus, que conheceram e encontraram o Jesus da encarnação. É que a Eucaristia não é menos Jesus que o de há dois mil anos, vivendo fisicamente connosco. A Eucaristia não é uma saudosa recordação, uma preciosa relíquia ou uma fiel imitação de Cristo. A Eucaristia é Cristo. A Eucaristia não apenas «tem» a presença real de Cristo. A Eucaristia «é» o próprio Cristo, sob as espécies do pão e do vinho. Como afirmava o documento preparatório do Congresso Eucarístico Internacional de Sevilha, «A Eucaristia não é alguma coisa, é Alguém; não é só o efeito ou a obra salvadora de Cristo, é o próprio Cristo salvador que salva, a partir da integridade do seu mistério, da sua vida e da sua missão» (*Christus lumen gentium*).

Como nos recorda o Catecismo da Igreja Católica (n. 1407), «a Eucaristia é o coração e o ponto mais alto da vida da Igreja, porque nela Cristo associa a mesma Igreja, com todos os seus membros, ao seu sacrifício de louvor e acção de graças, oferecido ao Pai uma vez por todas na Cruz; por este sacrifício, Ele derrama as graças de salvação sobre o seu Corpo, que é a Igreja».

Cada Eucaristia renova a oferta da vida de Jesus pela salvação do mundo. «*Santo Sacrifício*, porque actualiza o único sacrifício de Cristo Salvador» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1330). A Eucaristia é o sacramento do oferecimento de Jesus Cristo, «por nós homens e para nossa salvação», segundo proclamamos no Credo. Como recorda o autor da Carta aos Hebreus, a salvação vem-nos por um acto de entrega, de oferecimento: «Somos santificados mediante a oblação do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb 10, 10*).

A Eucaristia é o sacramento do oferecimento salvador de Cristo: «Na hora em Ele se entregava para voluntariamente sofrer a morte...» (*Oração eucarística II*). Cristo na Eucaristia actualiza

a oferta do bom pastor pelas suas ovelhas: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo 10, 11), por todos nós. É uma entrega voluntariamente querida e com dedicatória pessoal: «Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me a mim»... «Dou a minha vida para outra vez a assumir. Ninguém ma tira, mas eu a dou por mim mesmo e tenho poder de a dar e de a retomar» (Jo 10, 14. 17-18).

Participar numa Eucaristia, comungar a Cristo deve levar-nos a assumir e praticar o estilo eucarístico de Jesus. Como diz a própria fórmula da consagração: «Tomai todos e comei. Isto é o meu corpo que será entregue por vós... Tomai todos e bebei. Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados» (*Missal Romano*). Viver em oferecimento, na entrega de nós próprios a Deus e no serviço do próximo, é praticar a Eucaristia celebrada e comungada.

5. MARIA, UMA VIDA FEITA OFERTA

Toda a vida de Maria foi de entrega a Deus e aos seus projectos de salvação. No encontro fundamental da anunciação, quando recebe uma proposta inimaginável de ser Mãe de Deus, Maria declara que toda ela se faz um presente, em disponibilidade sem condições: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra» (Lc 1, 38).

A grandeza de Nossa Senhora não está em si mesma, mas na sua abertura para acolher a grandeza de Deus. Como afirma Bento XVI, «Maria é grande, precisamente porque não quer fazer-se grande a Si mesma, mas engrandecer a Deus. Ela é humilde: não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor (cf. Lc 1, 38.48). Sabe que contribui para a salvação do mundo, não realizando uma sua obra, mas apenas colocando-se totalmente à disposição das iniciativas de Deus» (*Deus caritas est*, 41).

Maria é o modelo perfeito da entrega de si mesma a Deus, para cumprir os seus planos de salvação: «A única atitude diante de Deus é a de dizer-lhe: *Eis-me aqui!* Um acto de disponibilidade, de humildade, de pobreza, de consentimento» (Jean Lafrance). O P. José Craveiro dá esta definição de consagrado, que de uma maneira especial se aplica a Nossa Senhora: «O consagrado é um expropriado para utilidade pública». Viver libertos de nós, da sede insaciável de posse e de poder, fazendo-nos dom gratuito para *utilidade pública*, para colaborar com os planos de salvação de Deus.

Nossa Senhora viveu despossuída de si própria, da sua grandeza, privilégios e planos pessoais, totalmente feita uma oferta para Jesus e para a sua missão salvadora, assumindo todos os riscos e dificuldades: dar à luz Jesus fora da sua terra e sem casa, em Belém; fuga para o Egipto, para livrar da morte o seu filho; apresentação no templo, oferecendo o seu filho primogénito para o serviço do Senhor; vida de trabalho intenso e duro em Nazaré; perda de Jesus no templo em Jerusalém; saída de Jesus de Nazaré para a missão apostólica, com seus êxitos e incompreensões; paixão e morte de Jesus; ressurreição e Pentecostes: «Todos perseveravam unanimemente em oração com Maria, Mãe de Jesus» (*Act 1, 14*)... Atitude que devemos actualizar hoje, como bons filhos que aceitam o presente magnífico de Jesus Cristo, que nos ofereceu a sua própria Mãe: «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27).

Maria, hoje, junto de Deus na glória, faz-se presente pela intercessão maternal. Como recorda o Concílio Vaticano II (*Lumen gentium*, 62), Maria «cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira». Nossa Senhora, no Céu, vive em perpétuo mistério e ministério da visitação... Nós somos as novas *Isabéis*, a quem cabe o esforço de nos deixarmos visitar por Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Paulo VI ao promulgar a Constituição dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II (1964.11.21), declarou solenemente Maria «Mãe da Igreja, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam Mãe amorosíssima». E o Concílio assim apresenta a missão de Maria: «A função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia... De modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece»... Maria «cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É, por esta razão, nossa mãe na ordem da graça»... «Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos» (*Lumen gentium*, 60-62).

Bento XVI resume assim a vida e missão de Nossa Senhora, com a eloquência da simplicidade: «Maria é uma mulher que ama» (*Deus caritas est*, 41). Ou seja, Maria é a transparência humanamente feminina de Deus Amor. Cabe-nos abrir as nossas vidas a este amor imenso da própria Mãe de Deus, que é nossa Mãe também.

«Amor com amor se paga», recorda a sabedoria do nosso povo. Assim, à doação maternal de Maria deve corresponder a nossa entrega, de devoção e amor filial, a Nossa Senhora. Admiramos todos certamente a entrega que João Paulo II, recentemente beatificado, fez da sua vida a Deus por meio de Maria e que consignou na sua divisa episcopal: «*Totus tuus*. Todo teu. Tudo o que tenho vos pertence. Sois todo o meu bem. Dai-me o vosso coração».

A história das aparições de Nossa Senhora (Guadalupe, Lourdes...), particularmente em Fátima, revela uma manifestação especial de Deus que vive plenamente entregue a todos nós. São uma prova do amor maternal de Nossa Senhora que sempre nos visita e se oferece como amparo e refúgio de suas filhas e filhos muito amados.

6. CULTIVAR A ESPIRITUALIDADE DA OFERTA DE NÓS PRÓPRIOS

Depois de vermos como Deus vive a entregar-se a nós, actualizando continuamente a história da nossa salvação; tendo reflectido sobre a vida de Jesus Cristo como uma entrega incondicional à vontade do Pai na doação total de si próprio a todas as pessoas; depois de considerar a vida e a missão de Maria como fiel serva do Senhor e mãe solícita entregue ao bem de todos nós seus filhos; não podemos deixar de olhar para nós próprios, a fim de verificarmos como imitamos Deus e a sua fiel serva Maria na entrega de nós mesmos.

A generosidade que nos é pedida, à imagem e semelhança de Deus, não está propriamente em oferecer coisas, mas sim em nos oferecermos a nós próprios. Por vezes, parece que os nossos presentes e ofertas pretendem ser um substituto de nós mesmos, da entrega do nosso coração.

Nas relações humanas, as coisas que damos valem na medida em que significam a dádiva pessoal de nós próprios. Isso exige sacrifício, mas dá beleza e alegria às nossas vidas. Assim se expressa um monge cartuxo francês do século XX, Dom Augustin Guillemand: «Dar-se é esquecer-se de si próprio... O dom de si é fonte e condição de vida, portanto de realização e de alegria. Continuemos a encontrar a nossa alegria no belo sofrimento do dom de nós mesmos». Todo o dom é o seu doador. Um quadro ou uma escultura são o pintor ou o escultor que se me comunicam. Todos os dons de Deus, são Deus a fazer-se dom. Uma graça não é somente uma graça, mas é *Deus gracioso* que me visita, Deus que se oferece em presente na graça presenteada.

A nossa relação com Deus e com os outros deve crescer sempre mais numa linha de oferecimento pessoal. O mandamento do amor que resume toda a doutrina de Jesus é um preceito para viver a oferecer a vida: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (*Jo* 15, 12-13).

É natural sentirmos a tentação de nos fecharmos em nós próprios, porque a nossa doação pessoal pode parecer uma perda do que somos, sabemos e valemos. Mas todos felizmente temos a experiência que só ganha quem se oferece, que no dar é que está o ganho. Quem mais se possui e é mais rico é quem mais se dá. Assim nos exorta Cristo: «Dai e ser-vos-á dado» (Lc 6, 38). E São Francisco de Assis faz este eco ao que disse Jesus: «É dando que se recebe». Na mesma linha nos desafia Santo Agostinho: «Terás tu medo de te perder, ao dar-te? Pelo contrário, tu perdes-te se te recusas a dar-te».

S. Inácio de Loiola conclui o itinerário dos *Exercícios Espirituais*, na *contemplação para alcançar amor*, propondo ao exercitante que faça um acto de oferecimento, como resumo de tudo e propósito que perdura: «Tomai, Senhor, e recebi toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade. Tudo o que tenho e tudo o que possuo. Vós mo destes, a vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, dispõe de tudo segundo a vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça, que isso me basta».

Tudo o que não damos, acabamos por perdê-lo... A pessoa mais rica é a mais generosa.

O notável escritor indiano Rabindranah Tagore conta a história de um rei que, numa visita ao interior do seu território, encontrou um pobre que, cheio de alegria, lhe estendeu a mão, na certeza que iria receber uma esmola como nunca tinha alcançado. Eis senão quando o rei estendeu a mão ao pobre, invertendo os papéis... Cheio de espanto, o pobre sem saber o que fazer, envergonhado, tirou um grão de arroz do seu saco e ofereceu-o ao rei. À noite, quando pôs sobre a mesa as esmolas recebidas, notou que no meio de muitos grãos de arroz, brilhava um grão de ouro puro. E caiu na conta que era o grão de arroz que oferecera ao rei, que se tinha transformado em ouro. Tirando a lição, concluiu: *Que*

pena não ter sido mais generoso com sua majestade! Agora estaria rico, sem nunca mais precisar de mendigar!

Somos os primeiros beneficiados da nossa generosidade em oferecer a Deus e aos nossos irmãos e irmãs que são suas vivas imagens, o nosso amor, por orações, sacrifícios e obras de caridade. Os dons de Deus entram na nossa vida pela porta da nossa generosidade. Dar afecto, tempo, ajudas de todo o género não é uma perda, mas sim um excelente investimento. Como recorda Jesus Cristo, um simples copo de água, oferecido por amor, não deixará de ter a sua recompensa (cf. Mt 10, 42).

7. PRÁTICA DA ENTREGA A DEUS PELOS PASTORINHOS

Nossa Senhora, logo na 1.^a aparição, a 13 de Maio de 1917, desafia os três Pastorinhos a entregarem-se a Deus, assumindo a dureza do sofrimento por que tiverem que passar, em espírito de reparação, favorecendo a conversão dos pecadores e o advento de um mundo melhor: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» E a resposta dos Pastorinhos não tardou, clara e firme: «Sim, queremos». Oferecimento exigente mas compensador que Nossa Senhora transmite com realismo e esperança: «Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto» (*Memórias da Irmã Lúcia – 4.^a Memória*, II, 3). E assim aconteceu.

Esta disponibilidade para aceitar os sofrimentos, dando-lhes um sentido redentor, não pode ser confundida com práticas doloristas, de mortificação autodestrutiva. Na verdade, são gestos de realismo e generosidade. Bem sabemos que a vida é como uma roseira com espinhos. Quem não sabe aceitar os espinhos perde as rosas. Jesus Cristo propõe aos que o seguem o realismo da cruz de cada dia: «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á;

mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la» (Mt 16, 24-25).

Os sacrifícios que Jesus Cristo deseja são os que são permeados de misericórdia, de amor; aos olhos de Deus, o que dá valor a uma penitência é o amor que se põe nela. «Quero misericórdia e não sacrifício» (Mt 9, 13).

A consciência da solidariedade dos três pastorinhos na salvação dos pecadores é deveras impressionante. Toda a sua vida fica dinamizada por esta meta, tomando verdadeira consciência do seu papel em construir um mundo melhor. Sem terem conhecimentos teológicos sobre a doutrina de S. Paulo acerca do corpo místico de Cristo, têm a sua profunda intuição espiritual. Assim, o P. António Maria Martins identifica o núcleo central da mensagem de Fátima como sendo o mistério do corpo místico. Todos temos que ser solidários do bem do corpo a que pertencemos. Melhorando um membro, todo o corpo recebe o benefício da sua saúde. Como afirma Élizabéth Leseur, «Toda a alma que se eleva, eleva o mundo». E os pastorinhos não se pouparam a penitências e sacrifícios para, cumprindo as exortações de Nossa Senhora, elevarem a qualidade de vida do mundo, pela conversão dos pecadores.

Consultando as *Memórias da Irmã Lúcia*, particularmente quando se refere aos seus primos Jacinta e Francisco, encontramos numerosas indicações das penitências e sacrifícios que os pastorinhos faziam, dando cumprimento aos pedidos de Nossa Senhora. Cito apenas algumas, começando por afirmações de Jacinta:

- «Quero sofrer pela conversão dos pecadores».
- «Também quero oferecer o sacrifício pela conversão dos pecadores».
- Jacinta «punha as mãozinhas, levantava os olhos ao Céu e dizia: – Ó Jesus, é por vosso amor e pela conversão dos pecadores».
- «Então não brinquemos mais. Fazemos este sacrifício pela conversão dos pecadores».

– «Tenho tantas dores no peito! Mas não digo nada; sofro pela conversão dos pecadores».

– «Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores».

Indico também a este propósito algumas afirmações de Francisco, que Lúcia relata na sua *Quarta Memória*:

– Estando presos em Ourém, dizia Francisco a sua irmã Jacinta: «A Mãe, se não a tornamos a ver, paciência! Oferecemos pela conversão dos pecadores. O pior é se Nossa Senhora não volta mais! Isso é que mais me custa! Mas também o ofereço pelos pecadores».

– «Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste, quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores».

É significativo o número de vezes que, nas *Memórias da Irmã Lúcia*, aparecem as palavras oferecer e oferecimento (cerca de 40), entrega ou entregar (aproximadamente 20) e consagrar ou consagração (cerca de 20). Só se possui quem se sabe dar. Quem mais se entrega é quem mais recebe. Deus está nas nossas vidas, como Ele é: força de doação em amor.

As aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos revolucionaram a vida destas três crianças Lúcia, Francisco e Jacinta. Foi uma autêntica conversão dos próprios interesses, porventura justos e rectos, à vontade salvífica de Deus. O grande salto de qualidade de vida pode resumir-se nesta expressão de S. Inácio de Loiola no livro dos Exercícios Espirituais: «sair de seu próprio amor, querer e interesse». É um êxodo fundamental para a terra prometida da liberdade no amor, típico de quem arrisca viver a entregar-se a Deus e ao próximo. Os Pastorinhos foram convertidos a renunciar a viver para si próprios a fim de se entregarem aos planos de Deus, que «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao

conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 3). Os Pastorzinhos passaram a praticar uma espiritualidade de quem já não vive para si mesmo (cf. 2 Cor 5, 15) mas todo se entrega a Deus, em reparação do mal feito e pela construção de um mundo melhor, pela conversão dos pecadores.

8. ENTREGA DE NÓS MESMOS A DEUS, PROGRAMA DE VIDA

Toda a espiritualidade e vida para serem verdadeiramente cristãs têm que ser norteadas pela entrega de si mesmo. Quem se fecha em si próprio não espelha a eterna doação da Santíssima Trindade, não segue a Jesus Cristo que sempre se dedicou a fazer a vontade do Pai para a salvação da humanidade, nem imita Maria que se despojou de si mesma para se oferecer a Cristo, salvador do mundo.

Progredir na vida cristã, ir mais adiante nos caminhos da santidade significa libertar-se do *campo de concentração* do egoísmo, em favor da oferta de si mesmo aos planos de Deus, que vive totalmente entregue ao nosso serviço. Só progride quem imita Jesus Cristo que se «esvaziou a si mesmo, tomando a condição de servo..., rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2, 7-8).

Desde o Baptismo que somos de Cristo, enxertados no seu tronco. Mas toda a vida deve ser um progressivo crescer na identificação com Ele, que é nosso *caminho, verdade e vida*. Por isso nos recorda S. Paulo: «Do mesmo modo que recebestes Cristo Jesus, o Senhor, continuei a caminhar nele: enraizados e edificados nele, firmes na fé, tal como fostes instruídos, transbordando em acção de graças» (Cl 2, 6-7).

A prática da oração, o cultivo da presença de Deus, o exercício da vida sacramental, especialmente a participação na Eucaristia, são meios particularmente recomendáveis para exercitar a entrega de nós mesmos a Deus, identificando-nos com o estilo de vida de Cristo. Mas importa notar que tudo na vida de um cristão tem valor, quando oferecido a Deus. Assim exorta o Concílio Vaticano II:

«Todas as suas actividades, orações, iniciativas apostólicas, a sua vida conjugal e familiar, o seu trabalho de cada dia, os seus lazeres do espírito e do corpo, se forem vividos no espírito de Deus, e até as privações da vida se pacientemente suportadas, tudo se transforma em “sacrifício espiritual, agradável a Deus por Jesus Cristo” (1 Pd 2, 5). Na celebração eucarística, todas estas oblações se unem à do Corpo do Senhor para serem piedosamente oferecidas ao Pai. É assim que os leigos consagram a Deus o próprio mundo, prestando-Lhe por toda a parte, na santidade da sua vida, um culto de adoração» (*Lumen gentium*, 34; *Catecismo da Igreja Católica*, 901).

O *oferecimento das obras do dia*, prática fundamental do movimento eclesial do Apostolado da Oração, não é nenhum acrescento a uma lista de devoções. É muito simplesmente oferecer a Deus, por meio e ao jeito do Coração de Jesus Cristo, a nossa vida quotidiana, actualizando assim o mistério da salvação de Jesus em Nazaré. É um exercício de *dar o seu a seu dono*. Nós e toda a criação somos de Deus. Pelo oferecimento quotidiano, reconhecemos que Deus é *Nosso Senhor*, e a Ele nos entregamos, sabendo que *servir a Deus é reinar*.

O nosso actual Papa Bento XVI explicitamente recomenda esta simples prática de identificação com Cristo, através do oferecimento da simplicidade da nossa vida quotidiana: «Eu vos convido a renovar (...) a devoção ao Coração de Cristo, valorizando também a tradicional oração de oferecimento do dia e tendo presentes as intenções que proponho a toda a Igreja» (2008.06.01). Trata-se de uma pedagogia para vivermos o oferecimento salvador de Cristo, como sublinha o P. Peter-Hans Kolvenbach, anterior Superior Geral dos Jesuítas: «O oferecimento diário, essa forma simples e ao mesmo tempo profunda, expressa o propósito de viver unido a Cristo na sua entrega redentora e de prolongar a Eucaristia ao longo de todo o dia, num desejo de morrer com Cristo para que os irmãos tenham vida; a exemplo do Senhor, é um sair de si próprio e uma entrega aos outros».

Nada na nossa vida pode ser considerado desprezível, algo que não interessa a Deus, por não parecer suficientemente importante, nem ter um perfil sagrado. O que torna grande qualquer coisa não é a sua fachada de relevo social, mas o amor que pomos nela. Perante Deus, o amor da dedicatória vale imensamente mais que a riqueza do presente. Por isso, S. Paulo assim nos exorta: «Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (1 Cor 10, 31). A vida de Cristo em Nazaré também foi vivida no oferecimento das coisas simples do quotidiano, sem pregações nem milagres. Tudo foi salvador na vida de Jesus, sem intervalos, férias, greves ou tempos mortos: alegrias e sofrimentos, trabalhos e descansos, orações e convívios... Importa cultivar a virtude do realismo. É a partir do oferecimento das coisas simples da vida quotidiana, que estaremos preparados para algum oferecimento heróico em circunstâncias excepcionais. Como recorda S. Francisco Xavier: «Que ninguém alimente a ilusão de pensar distinguir-se nas coisas grandes, se de antemão não se distinguir nas coisas simples».

Como aos Pastorinhos de Fátima, Nossa Senhora evangelicamente hoje nos desafia: *Quereis oferecer-vos a Deus pela salvação do mundo, para que a Igreja seja mais santa, para que os pecadores se convertam e assim haja mais concórdia e paz no mundo? Estais dispostos a completar o que falta ao oferecimento de Cristo pela salvação da humanidade?* (cf. Cl 1, 24). A nossa resposta positiva, como a de Lúcia, Francisco e Jacinta, «sim, queremos», a todos trará benefícios, dando glória a Deus e tornando o mundo melhor.

Viver em oferecimento a Deus pela salvação da humanidade é o programa de vida de todo o cristão. O desafio que Nossa Senhora nos deixou em Fátima é um seu apelo maternal para praticarmos a entrega da nossa vida, como sempre fez Jesus Cristo, salvador do mundo.

II

NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 2.º CICLO

EIS A SERVA DO SENHOR

Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho

Servir é dom, em resposta a um convite recebido; e quanto mais gratificante é o convite, tanto mais alegre e pronta é a resposta do convidado.

Maria é a convidada de Deus à mais profunda alegria: receber de Deus o dom da salvação para toda a humanidade, ao acolher no seu seio o Filho do eterno Pai e participar, antecipadamente, da graça redentora.

Não podemos, assim, contemplar e agradecer o serviço, que é a vida de Maria, sem recordar o convite que recebe do Altíssimo. É S. Lucas que melhor o descreve. Escutemo-lo.

1. O DOM DO CONVITE DIVINO

Convite único na história, que Deus faz a um ser humano, é dom eterno anunciado na idade ainda juvenil de Maria, a noiva de José, o carpinteiro; convite inesperado e surpreendente, que ultrapassa a sua compreensão.

O texto de S. Lucas, com uma riqueza linguística que é bom e necessário apreciar, descreve o anúncio do enviado de Deus, ao qual Maria responde: “Eis a serva do Senhor”.

O Anjo saúda a Virgem de Nazaré: “Alegra-te, cheia de graça”.

O enviado de Deus, que a saúda, convidando-a à alegria, não a trata por Maria, mas pelo nome de ser escolhida para a missão: “cheia de Graça”.

“Alegra-te (*chaire*)” é mais do que uma saudação cortês – é um anúncio salvífico – é a palavra usada pelos profetas para convidar a Sião escatológica a alegrar-se com a salvação concedida por

Deus¹. Os oráculos da Filha de Sião ligam-se à restauração de Jerusalém. Também no texto lucano, a Virgem de Nazaré é, em nome de Israel, convidada à alegria, porque o Verbo de Deus, ao encarnar no seu ventre, vem, na filha de Sião, pôr morada no meio dela, Ele o Rei da nova Jerusalém².

O anúncio a Maria é um apelo e uma mensagem de alegria que vai ressoar em todo o Evangelho da Infância de Jesus: João Baptista salta de alegria no ventre materno, ao receber a visita da Mãe de Deus, e Maria responde à saudação de Isabel com o canto do Magnificat – “A minha alma exulta no Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador” (Lc 1, 46); também os pastores recebem o anúncio do nascimento de Jesus com as palavras do arauto angélico: “Eis que vos anuncio uma grande alegria” (Lc 2, 10ss).

É pois evidente que nas primeiras palavras do Anjo soa o tema da Filha de Sião concentrado agora numa mulher – Maria – que reúne na sua pessoa os desejos e esperanças de todo o povo.

“Cheia de Graça (*kécharitômen*)”

O termo grego *kécharitômen* (favorecida por Deus, cheia da Graça divina) é o participio passivo perfeito do verbo *charitô*³, verbo

¹ Assim se lê em Sofonias: “Dá gritos de alegria, filha de Sião! Um clamor de alegria, Israel! Alegra-te, triunfa de todo o coração, filha de Jerusalém! Jávé levantou a sentença que pesava sobre ti, afastou o teu inimigo. Jávé é rei de Israel no meio de ti: não tens infelicidade a temer” (Sf 3, 14-15).

² De facto, na tradição cristã, a Mãe de Jesus era a encarnação ideal da Filha de Sião, e nela maturava exemplarmente a vocação de Sião – Jerusalém e de todo o povo da Aliança. Cf. A. SERRA, *E c'era la Madre di Gesù...*, in: *Saggi di esegesi bíblico-mariana*, Roma 1989, 6ss.

³ Os verbos terminados em *ô* são causativos, isto é, indicam uma acção que efectua alguma coisa no sujeito. O participio passivo perfeito indica que, em Maria, Deus operou uma mudança: Maria foi transformada pela graça de Deus desde sempre, porque eternamente escolhida para Mãe do Redentor. Daí, Imaculada Conceição: se a graça tira todo o pecado, desde sempre Maria foi preservada do pecado.

extremamente raro em grego, e só usado por Lucas para Maria.⁴ Ela é santificada pela Graça que é o seu Filho Jesus Cristo: “Ninguém como tu foi plenamente santificado [...]; ninguém como tu foi purificado antecipadamente”, escreve Sofrónio⁵.

Maria é transformada em vista da missão que lhe é pedida: a de se tornar Mãe do Filho de Deus, permanecendo virgem, porque porá no mundo o Filho do Altíssimo (v. 33) pelo poder de Deus (v. 35), quer dizer, virginalmente. Por isso o Anjo acrescenta: “O Senhor está contigo”, como anúncio de uma ajuda e assistência perante um mandato difícil de cumprir e que ultrapassa as forças humanas⁶ - “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um Filho [...] e vai chamar-se Filho do Altíssimo”. Para Maria não era difícil ser Mãe, mas era-o sem intervenção masculina (v. 34), isto é, virginalmente. Daí a sua pergunta: “Como será isso, se eu não conheço homem?”

A linda resposta do Anjo: “O Espírito Santo virá sobre ti. E o poder do Altíssimo te tomará sob a sua sombra. Eis porque o que nascer santamente será chamado Filho de Deus” recorda a nuvem (símbolo da presença divina) que cobria a tenda da Aliança (Ex 40,35), sendo a Arca o lugar da presença de Deus. Maria será, então, a “Nova Arca”; Ela concebe virginalmente o Filho de Deus, e dá-o virginalmente à luz. Ela é Virgem, porque, tal como a Arca na Tenda da Aliança, é lugar da presença de Deus. No seu seio vai desenvolver-se Aquele que nascerá santamente, virginalmente⁷.

⁴ S. Paulo, em Ef 1, 6, aplica a forma verbal (*écharitôsen*) para todos os crentes, não para referir como o faz S. Lucas para Maria “a Graça maravilhosa que Deus nos deu”, mas “Deus transforma-nos por essa Graça maravilhosa” que a Maria foi dada eternamente.

⁵ *Or II, in Annunt, 25 = PG 87, 3, 3248.*

⁶ Este anúncio aparece já frequentemente no AT: Ex 3, 12; Js 1, 9; Jz 6, 12

⁷ Na obra: *Die Tochter Zion [A Filha de Sião]*, o Cardeal Joseph RATZINGER, (actual santo Padre Bento XVI) escreve que “um nascimento sem intervenção de um pai terrestre é a origem intrinsecamente necessária daquele que podia dizer

2. A FECUNDA RESPOSTA VIRGINAL: “FAÇA-SE”

Maria consente confiadamente: “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

“Faça-se (*genoito*)” é um optativo a exprimir um alegre desejo de colaborar no que Deus deseja para ela. É a alegria do abandono, a resposta final ao convite que o Anjo lhe faz. É a vivência da missão de acolher a eternidade no tempo, e de abrir este para a eternidade, para a plenitude, para a glória. “Faça-se” é ser espaço de abertura, espaço aberto nela por Deus, mas espaço de resposta temporal num tempo humano totalmente livre.

Um tempo livre é um tempo que continuamente acolhe a salvação. Esse é o tempo do silêncio orante, da missão como resposta virginal.

Maria não é um ser passivo, “sugado” pela acção divina: é um ser livre que consente em aceitar uma missão que ultrapassa o que humanamente pode compreender, num diálogo com Deus onde escuta mais do que fala. É mulher de fé, abandonada silenciosamente a Deus e à universalidade do seu amor.

O Evangelho registou quatro palavras silenciosas de Maria, e elas são suficientes para registar a sua resposta de entrega ao plano de Deus.

“Faça-se” é a primeira, e ela nasce do acolhimento da mensagem como resultado de uma escuta silenciosa, que não pretende saber mais do que o querer de Deus, e ser apenas espaço aberto à realização do seu desígnio salvífico.

a Deus “Meu Pai”, daquele que, mesmo sendo homem, era fundamentalmente filho, o Filho desse Pai”, Einsiedeln 1972², 49ss; e Hans Urs von BALTHASAR, na obra: *Maria Kirche im Ursprung [Maria, primeira Igreja]*, escreve: “O nascimento virginal é, bem entendido, antes de mais, uma afirmação cristológica: Jesus é Filho do Pai eterno de uma maneira tão única que não podia ter também um Pai terrestre”, Freiburg im Brisgau 1980.

A segunda palavra que a Escritura regista é o diálogo com sua prima Isabel (Lc 1, 40). Ao levar em si o Filho de Deus, Ele leva-a a saudar a sua parente, comunicando-lhe uma presença do Altíssimo que faz saltar de alegria, no seio desta, o nascituro João (Lc 1, 41). E a reacção de Isabel é bem o espelhar da acção divina nela: “Bendita és tu entre as mulheres!” (Lc 1, 42ss). Em resposta, Maria exalta as maravilhas de Deus que nela realiza a sua obra, nela que O acolhe sem qualquer reserva (Lc 1, 46-56).

A terceira palavra que escutamos a Maria é pronunciada ao encontrar Jesus no templo entre os doutores: “Filho, porque fizeste isso connosco?” (Lc 2, 48). Perante a resposta do Filho (Lc 2, 49), Maria não entende, mas guarda essas palavras no seu coração (Lc 2, 51), no silêncio mais profundo do seu ser, que é o silêncio orante.

A quarta palavra, ouvimo-la em Caná: “Não têm vinho” (Jo 2, 3) – palavra simples que acolhe a verdade do plano divino: “Ainda não chegou a minha hora” (Jo 2, 4). Não chegou, mas a sua confiança antecipa o sinal da revelação do Filho de Deus: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2, 5). É o faça-se da Anunciação dirigido agora à comunidade.

Eis as quatro palavras de Maria que o Evangelho registou como suficientes para nos deixar conhecer Aquela cuja missão e serviço foi escutar Deus e o seu plano, o seu Filho que mais pertencia ao Pai, e que Ela ao Pai entregava.

O silêncio de Maria é expressão da sua liberdade virginal, da sua comunhão com Deus, Palavra eterna que se serve, ao escutá-la obediencialmente.

3. A VIDA ENTREGUE: “[...] FILHO, EIS A TUA MÃE”

Junto à cruz, Maria estava lá. É o seu supremo “faça-se” unido ao do Filho, entregue à vontade do Pai. Maria estava lá tão intimamente unida ao “sim” do Filho à vontade do Pai que, se quiséssemos estabelecer uma prioridade entre o “faça-se” de Maria na

Anunciação e o “faça-se” de Jesus na cruz, encontraríamos a impossibilidade de separar o que está definitivamente envolvido no mesmo acto silencioso de acolhimento do querer do Pai e da unção do Espírito Santo, acto da mais profunda fecundidade virginal.

Lugar de silêncio, de total despojamento de si, de obediência sem qualquer reserva ao querer divino de salvar a humanidade, lugar da entrega absoluta: “Tudo está consumado” (Jo 19, 30), a cruz é o lugar do virginal silêncio gerador de vida, é o lugar da Igreja. Ao entregar Maria ao discípulo amado (Jo 19, 26), Jesus entrega-a à Igreja, que dele nasce no sangue e água que escorre do seu lado aberto pela lança.

O Filho de Deus entrega sua Mãe à Igreja nascente na pessoa do discípulo que a leva para sua casa, casa onde estarão reunidos os que acolhem a vinda do Espírito de Deus. Maria estava lá. O “sim” de Maria, que é também o da cruz, orienta agora a liberdade dos crentes a envolver a Igreja na santidade Mariana subjectiva e na Petrina objectiva. No cenáculo, a presença de Maria como que introduz na Igreja Petrina a santidade imaculada e a invocação do Espírito de Deus para todos.

Maria que, em primeiro lugar, viveu a comunhão absoluta com Deus, ao acolher em si o fruto dessa comunhão – Jesus Cristo – é a primeira célula da comunhão que Deus quer viver com toda a humanidade, é a primeira Igreja, a Igreja imaculada e a génese de toda a organização eclesial. O próprio Pedro, designado pelo Mestre rocha eclesial, mas fraco na sua fé ao ponto de O negar três vezes, encontra, na santidade imaculada da Igreja Mariana, a força de responder à pergunta do Senhor: “Pedro, amas-me mais do que estes?”. No meio do colégio Apostólico, onde se não ouve a voz de Maria, sabe-se que há a sua presença e o seu silêncio orante a traçar a união entre a Igreja santa e a estrutura hierárquica.

Mãe da vida divina, Ela é célula primeira e pura da assembleia crente e “figura” da sua realização plena na Parusia. Ela é, na terra,

a geradora do céu, porque é sempre a comunhão Trinitária a sua dádiva aos filhos peregrinos, até ao fim dos tempos. É a comunhão que Maria acolheu e gerou no seu seio – o Filho Encarnado – que continua a oferecer à humanidade. É no seu espaço maternal que o tempo pode escutar o silêncio que acolhe Deus e a acção do Espírito Santo. Esse espaço é como patena e cálice de bênção, onde o Corpo e o Sangue do Ressuscitado se oferece em comunhão de amor.

Maria, a serva do Senhor, exerce a sua missão eclesial no peregrino acolhimento do mistério Trinitário, no silêncio de adoração, que é a mais fecunda fonte de vida e ser eclesial.

“QUE DEVO FAZER PARA TER A VIDA ETERNA?”

BUSCAS E RESPOSTAS

Domingos Terra

“Que devo fazer para ter a vida eterna?” é uma questão que se levanta, em princípio, no íntimo dos crentes. Aponta para a procura dum bem que aparece designado com vocabulário próprio de quem abraça a fé cristã: “vida eterna”. Mas talvez não seja descabido pensar que a referida questão encontra paralelo na consciência dos que não são crentes. Não admira que estes também tragam perguntas no seu íntimo. É próprio do ser humano buscar aquilo que lhe parece valioso para a sua realização, para o preenchimento do seu coração. Pode-se dizer, então, que todos, crentes ou não crentes, buscam a realidade que para eles vale como ‘vida eterna’. Não repugna aplicar esta expressão, ampliando o seu significado, a tudo aquilo em que o ser humano acha que está a felicidade. Parece legítimo considerar tal expressão como símbolo de tudo a que ele, independentemente das suas ideias, por natureza anseia.

Na reflexão, que vamos efectuar, começamos por visitar a passagem bíblica onde aparece a questão acima enunciada. A seguir, consideramos a busca interrogante como característica fundamental do ser humano. Depois, apresentamos modos de lidar com o questionamento a respeito da existência que se notam nas nossas sociedades contemporâneas. Num passo posterior, explicamos que a resposta inteiramente capaz de aquietar este último não é conquistada do ser humano, mas lhe chega a partir de fora. Finalmente, alertamos os próprios crentes para a maneira como concebem Deus, ao reconhecerem-no como o sentido da existência humana.

A PERGUNTA DO HOMEM RICO

Em *Mc* 10, 17-22, encontramos uma pessoa que se apresenta a Jesus perguntando-lhe: «que devo fazer para ter a vida eterna?» A passagem bíblica não fornece pormenores sobre as motivações que a levam a este comportamento. Em todo o caso, percebe-se que existe dentro de si uma inquietação. Essa pessoa vive a tensão salutar entre aquilo que já é e o que acha que deveria ser. Sente que pode conseguir de Jesus uma resposta que acrescenta algo àquilo de que já dispõe. Manifesta, pois, uma insatisfação interior. A passagem de Marcos não dá informação sobre a idade que ela tem. O mesmo acontece com a que lhe é paralela em Lucas (18, 18-23). Mas na que lhe é também paralela em Mateus (19, 16-22), diz-se que se trata dum jovem rico. A ser assim, está-se na idade propícia a alimentar os grandes ideais.

Na pergunta feita a Jesus, declara-se que se quer conseguir a 'vida eterna'. Esta expressão é sinónima de 'Reino de Deus'¹. Designa a experiência da entrada neste último. Coloca diante de nós aquilo que é precisamente o tema central da missão de Jesus Cristo. De facto, o Reino de Deus consiste na união pessoal com este e na conseqüente participação na comunidade dos discípulos. É um mistério que Jesus revela àqueles que a integram; o mundo, por si mesmo, não o compreende. Ele requer a livre submissão à soberania de Deus e dá a experimentar, no Espírito Santo, a justiça, a paz e a alegria. O Reino de Deus não é só para vir no futuro; é para viver já no presente. Não se trata dum reino como os deste mundo. Não surge por conquista imperial, mas como desafio a cada pessoa. Destaca-se dos valores meramente humanos e está em completa oposição aos desejos pecaminosos. Implica, pois,

¹ Daniel J. HARRINGTON, «The gospel according to Mark», in Raymond BROWN, Joseph FITZMYER, Roland MURPHY (ed.), *The New Jerome Biblical Commentary*, Englewood Cliffs (NJ), Prentice Hall, 1990, p. 618 (§ 64).

uma revolução moral naqueles que a ele aderem. Exige aquilo a que se chama conversão².

A cena apresentada nestas passagens bíblicas coloca diante de nós três níveis de procura do preenchimento do coração humano. O primeiro é apropriar-se de riqueza material. Vê-se claramente que esta não basta. Por alguma razão, o homem rico sente necessidade de que a sua vida compreenda algo mais do que os bens que já possui. Ele sai do universo da sua abundância material e vai ao encontro de alguém que admira enquanto pregador duma mensagem. Dá a impressão que esta tem no seu coração um eco que a riqueza de que dispõe não consegue calar. O segundo nível consiste em cumprir uma série de leis cuja autoria se atribui ao próprio Deus. Percebe-se, pelo que se lê nas referidas passagens, que o respeito estrito dessas leis também não é suficiente para aceder à verdadeira felicidade. O homem rico era exemplar neste aspecto. Sentia-se, porventura, orgulhoso disso. Mas, ainda assim, respondeu a um ímpeto interior que não lhe permitiu ficar em casa e o levou à presença de Jesus. Este acabou, efectivamente, por lhe pedir mais. O terceiro nível de procura da felicidade, apresentado nas três passagens bíblicas que se situam em paralelo, consiste no acolhimento permanente das indicações que Jesus Cristo dá para a condução da própria vida. Trata-se de seguir os seus passos, tomando-o como mestre.

Jesus pediu ao homem rico que abandonasse tudo o que tinha andado a construir por sua exclusiva iniciativa. Convidou-o a deixar certamente a sua estabilidade material. Mas pediu-lhe que abdicasse também de qualquer plano arquitectado apenas por si. Procurou fazer-lhe ver que este, mesmo que generoso, contribui para um 'eu' satisfeito consigo próprio. Quis mostrar-lhe que ele

² John L. MCKENZIE, «Kingdom of God», in *Dictionary of the Bible*, New York, Macmillan Publishing Co. / London, Collier Macmillan, Publishers, 1965, pp. 479-482.

acaba por se revelar como uma busca de si mesmo. O homem rico foi, pois, desafiado a pôr toda a sua segurança em Jesus Cristo. Por aqui se vê que o salto do segundo para o terceiro nível de busca do preenchimento do coração é qualitativamente diferente daquele que se dá do primeiro para o segundo. Neste último, o 'eu' não pára de controlar o andamento da vida pessoal. Continua a apostar-se exclusivamente na própria capacidade de realização e conquista. No outro salto, o 'eu' sai da sua actividade programadora. Entrega-se a Jesus Cristo e passa a viver em função dele. Não admira que o homem rico, orgulhoso de ter dado o salto do primeiro para o segundo nível, não tenha sido capaz de dar aquele que o obrigava a passar do segundo para o terceiro. Conforme dizem as passagens bíblicas que vimos referindo, ficou pesaroso com o convite de Jesus e retirou-se. Já não ouviu a garantia que este último deu, logo a seguir, aos discípulos. Foi-lhes assegurado, de facto, que quem deixa tudo por Jesus Cristo é salvo, experimenta a alegria e a felicidade plenas, fica com o coração cheio.

O SER HUMANO: ALGUÉM QUE BUSCA

É difícil acreditar que possa haver alguém que não se veja confrontado, pelo menos em certos momentos, com a questão do sentido da própria vida. Custa a crer que uma pessoa viva sem aspirar a nada. Imagina-se que ela tenha algum ideal e adote certos valores que lhe permitam orientar-se na existência. É natural que esteja habitada não só pelo desejo, mas também pela dúvida. Compreende-se, de facto, que o ser humano traga interrogações no seu íntimo. Mesmo que ande adormecido em relação a elas, surgem ocasiões em que dificilmente as pode ignorar. Aparecem experiências fortes, muitas vezes portadoras de sofrimento, que o obrigam a confrontar-se com elas. É possível viver como se não se tivesse perguntas, enquanto tudo corre de feição. Mas não se está livre de algo imprevisto ou não desejado que as faça saltar no espírito.

A experiência da vida mostra que não é preciso ser cristão para ter questões que ocupem o coração, o inquietem, lhe exijam tempo de atenção e energias, o impelem a andar para a frente ou deixem perturbado. Basta ouvir o seguinte testemunho duma pessoa que declara não ter fé: «Estamos todos embarcados numa estranha aventura. Nascidos sem o ter pedido, vivendo sem saber porquê, morrendo sem receber uma desculpa, nós devemos todos suportar o mesmo percurso sem ter direito à menor explicação. Muitos não se põem a questão. São provavelmente os mais felizes. Outros têm respostas totalmente feitas, clarinhas, indiscutíveis, que eles receberam ou então elaboraram; eles acreditam nelas e têm toda a razão de se agarrar a isso. Enfim, há aqueles que não percebem nada, os inquietos, os angustiados, aqueles que desde o começo se perguntam: porquê?, considerando este mundo grotesco e grandioso, e não se satisfazem com nenhuma resposta. (...) Pertencendo a este terceiro grupo, tenho inveja daqueles que não têm questões e daqueles que não têm senão respostas, eu que tenho apenas questões sem respostas»³.

Após despertar para as interrogações que se possam trazer no próprio íntimo, é preciso saber o que fazer com elas. Já dissemos que muitos vivem sem perceber que as têm ou evitam confrontar-se com elas, até que um dia se vejam obrigados a isso. Mas acontece também que muitos dos que despertam para as próprias interrogações não sabem como lidar depois com elas. São capazes de as ver como um perigo, ao intuírem que podem pôr em causa a forma como têm equacionado a existência⁴. Sentem que elas obrigam a repensar o modo como esta vem sendo perspectivada e conduzida.

³ Georges MINOIS, *Histoire de l'athéisme. Les incroyants dans le monde occidental des origines à nos jours*, Paris, Fayard, 1998, p. 16.

⁴ Luc PAREYDT, «Le temps de croire», in AA.VV., *Croire aujourd'hui. Risque et plaisir*, col. Cahiers pour croire aujourd'hui – Supplément, n° 12, Paris, Assas Éditions, 1994, p. 14.

Percebem que colocam a vida numa encruzilhada, não permitindo que ela avance em linha recta, de forma automática, com base no que já se aprendeu antes. Trata-se de interrogações que obrigam a adquirir uma nova compreensão da existência e a aceitar que não há saber a respeito desta que esteja adquirido numa vez por todas. Desmontam ideias feitas, mais ou menos cristalizadas no espírito humano. Despertam para a necessidade de viver em atitude de permanente aprendizagem.

REACÇÕES CONTEMPORÂNEAS ÀS QUESTÕES DA VIDA

Parecem destacar-se no ser humano actual dois modos de reagir ao confronto com as grandes questões da vida. Um consiste em limitar conscientemente os objectivos desta última. Baixa-se o nível das expectativas que se alimentam. Não diminui necessariamente a vontade de adquirir bens materiais e fruir prazeres, mas adopta-se uma visão da existência mais restrita. Estreita-se o horizonte em função do qual esta última é compreendida. Consegue-se, assim, um novo equilíbrio entre necessidades e satisfação. É um cálculo em que se reduzem as primeiras para que haja maior garantia de alcançar a segunda. Quanto menores forem essas necessidades, maior é a possibilidade de as satisfazer. O ser humano instala-se, pois, numa segurança que não exige preocupações de grande amplitude. Procura livrar-se do trabalho de discutir as questões candentes da existência e de discernir continuamente o rumo que deve dar a esta. Torna-se, porventura, insensível às dimensões da profundidade, da ultimidade, do sentido e da totalidade da vida. É capaz de cair no desinteresse por qualquer tipo de significação desta última⁵.

Outro modo de reagir às grandes questões da vida consiste na adesão a novos fenómenos de aparência religiosa que se oferecem actualmente como propostas de felicidade. Um é a *New Age*;

⁵ Juan MARTÍN VELASCO, *Increencia y evangelización. Del diálogo al testimonio*, col. Presencia teológica, 2.ª ed, Santander, Sal Terrae, 1988, p. 45.

outro são as seitas. O primeiro apresenta-se como uma realidade multifacetada, abarcando as chamadas paraciências: por exemplo, a astrologia, que procura prever o que vai acontecer lendo a conjugação dos astros; a parapsicologia, que estuda fenómenos psíquicos de aparência sobrenatural como é o caso da telepatia ou da precognição; a radiestesia, que procura detectar uma espécie de radiações cuja energia se deseja aproveitar e à qual se quer ajustar o andamento da própria existência. As paraciências pretendem entrar no terreno onde as ciências não chegam. Procuram penetrar naquilo que estas deixam como desconhecido, com o objectivo de o controlar. No que diz respeito às seitas, deve notar-se que funcionam como uma espécie de asilos afectivos dirigidos por gurus. Dão uma sensação de segurança àqueles que a elas aderem, ao proporem-se como solução fácil para as inquietações do coração humano⁶.

Estes novos fenómenos de aparência religiosa – *New Age* e seitas – florescem numa sociedade em que o indivíduo se sente demasiado entregue a si mesmo. Vê-se desprovido dos apoios tradicionais que lhe davam um sentido de pertença, enquadramento para a sua identidade e amparo social. É claro que o ser humano de outrora também trazia consigo grandes questões. Mas a responsabilidade de lhes dar resposta era distribuída entre ele próprio e a sociedade circundante. Ele tinha que fazer a sua busca. Mas a sociedade mostrava-lhe como é que certos aspectos da vida deviam ser encarados. Com o enfraquecimento das grandes tradições que se afirmavam no conjunto social, o indivíduo ficou demasiado remetido para si mesmo⁷. Quis a liberdade sem limites e agora paga o preço da falta de ajudas externas para a construção da própria identidade. É ele que tem de procurar o que importa para a sua existência. Tornou-se senhor de si e, como tal, um centro de decisão. Dar

⁶ Paul VALADIER, *La Iglesia en proceso. Catolicismo y sociedad moderna*, trad. Dioriki, col. Presencia teológica, Santander, Sal Terrae, 1990, pp. 80-82.

⁷ *Ibidem*, p. 82.

unidade à própria existência passou a ser tarefa inteiramente sua. No entanto, ele experimenta dificuldades para a conseguir. Sente-se, muitas vezes, fragmentado. É uma situação que talvez se aguentasse durante algum tempo, aceitando as circunstâncias da vida. Mas não se suporta num período demasiado longo e, muito menos, durante a vida inteira. Anseiam-se respostas para as grandes questões da existência, porque é com elas que se consegue um sentido de unidade para esta última.

Na adesão à *New Age* ou às seitas, dá a impressão que se procura ordenar a própria vida segundo uma referência que lhe dê sentido e, desse modo, a liberte do acaso insuportável e duma solidão ridícula. O indivíduo deseja conseguir a unidade da sua vida, inscrevendo-a em séries causais que lhe dêem não só enquadramento mas também explicação. Daí que possa simpatizar, por exemplo, com a ideia da reencarnação, defendida na *New Age*. Fica a saber donde vem e para onde vai. Acaba por descobrir quem é e o que se espera dele. Não admira que tal indivíduo se possa confiar também ao guru duma seita, vendo-o como verdadeiro editor de sentido por causa das directivas claras que fornece. Ele sente que lhe é dito o que precisa de saber para a compreensão e condução da própria existência⁸.

A adesão à *New Age* ou às seitas parece resultar do desejo de resgatar a existência da banalidade e da nudez que dão a impressão de a atrofiar. No recurso às paraciências, próprio da *New Age*, é evidente que se quer introduzir a existência numa ordem de coisas em que ela sente que ganha uma profundidade e uma riqueza que não conhecia antes. Procura-se fazer entrar o profano num universo sacralizado. Deseja-se designadamente pôr a vida sob a dependência ou a protecção duma entidade que se considera como sagrada. Esta é percebida como um conjunto de forças difíceis de identificar

⁸ *Ibidem*, p. 83.

e designar, mas dotadas duma intencionalidade que interessa decifrar. Deseja-se abordar esta última com o intuito de tornar a sua força secreta dócil ao que se procura. Não admira que o apoio encontrado nesse tal sagrado dê a sensação de que a vida consegue o calor que tanto procurava. Não espanta também que o indivíduo, a partir daí, sinta que já sabe a que se agarrar, independentemente de ser para bem ou para mal⁹.

Pode-se perguntar se a redução voluntária dos objectivos da vida, acima referida, ou a adesão aos novos fenómenos de aparência religiosa (*New Age* e seitas) são vias verdadeiramente capazes de responder ao questionamento humano. É sabido que muita gente que as escolhe acredita ter encontrado o que procurava. Não hesita em manifestar a sua satisfação. Mas, ainda assim, convém averiguar se esses caminhos se revelam suficientemente robustos para se manterem como resposta, quando a vida apresenta obstáculo, sofrimento, contradição ou obscuridade. Não se deve confundir a excitação do momento, em que se decide enveredar por determinado caminho, com a permanência confiante e paciente no percurso que se lhe segue. A primeira não garante, só por si, a segunda. Nesta é que está a prova real do acerto da escolha de vida que foi feita. Convém dizer, a este propósito, que o ser humano se engana hoje, muitas vezes, na linguagem com que equaciona a existência. Perante os problemas que esta coloca, quer encontrar soluções imediatas. Mas a palavra ‘solução’ pode mostrar-se traiçoeira ao ser usada neste âmbito. A existência humana não funciona como a física ou a química. O que ela nos apresenta como interrogação pode necessitar doutro tipo de abordagem. Não se compadece com o espírito conquistador que se habituou a resolver tudo por meio de fórmulas.

⁹ *Ibidem*, pp. 83-84.

A RESPOSTA: NÃO CONQUISTA, MAS DOM

Convém que o ser humano lide de forma honesta com as grandes questões que lhe saltam no espírito sobre a própria existência. É normal que desencadeiem uma procura de resposta. Mas interessa saber se esta consegue aquietá-las. O ser humano vê-se, muitas vezes, como lugar de questionamento imparável. Uma procura de resposta acaba por conduzir ao levantamento de nova pergunta. Às tantas, pode-se querer saber para onde conduz este processo em cadeia. A honestidade intelectual obriga a perguntar onde é que ele termina. Trata-se de descobrir o que é que oferece satisfação plena ao tal questionamento que tem dificuldade em parar. Pode-se eventualmente duvidar que o ser humano consiga oferecer a si próprio a resposta cabal às grandes questões que o habitam. É legítimo perguntar se esta não terá que lhe chegar de fora. Ao ir verificando que não há resposta produzida por via humana que acabe de vez com o questionamento da existência, importa saber se existe efectivamente alguma que consiga isso. Interessa averiguar se se está disponível para a procurar num terreno que se situe para além daquilo que as próprias forças atingem.

É perante esta incapacidade de o ser humano construir por si mesmo a resposta cabal para o seu questionamento que a fé cristã tem uma palavra a dizer. Não precisa de falar com arrogância nem presunção. Espera-se apenas que partilhe aquilo que sabe por experiência. Nada deve impor. Pede-se-lhe simplesmente que dê a conhecer o modo como ela mesma encontra a resposta capaz para o dito questionamento. A fé cristã defende que o ser humano não deve cansar-se de formular a questão de fundo a respeito da própria existência. É natural que essa questão seja levantada de modo diferenciado. Não admira que se esboce de acordo com as circunstâncias que se vivem. Ela vai saltando no espírito sempre de forma situada. A fé cristã sugere que a persistência da questão a respeito do ser humano pode atingir um ponto que se mostre propício ao

aparecimento da questão de Deus. Está convencida de que esta é de tal ordem que se torna mais do que uma simples questão. Acredita que ela, pela sua própria natureza, constitui a verdadeira resposta ao imparável questionamento humano¹⁰.

Não é difícil prever que este modo radical de questionar a respeito da existência humana comece, a certo ponto, a produzir silêncios. Falta a capacidade para compreender o que se tem à frente. Também não se dispõe de vocabulário para exprimir o que se quer. Percebe-se que se entra num terreno de mistério. Descobre-se que a existência humana escapa a uma compreensão feita de conceitos e até de imagens. Vê-se que não se deixa abarcar totalmente por esta. Intui-se que, afinal, a própria existência é mistério. Muitas experiências atravessam-nos sem as pedirmos ou por elas lutarmos. Umam comportam sofrimento, outras são de tonalidade agradável. Ora, é preciso saber o que fazer com as afirmações trabalhosas, as frases inacabadas, as hesitações de verbalização e até os silêncios, que podem surgir no esforço de compreensão da própria existência. A fé cristã entende que se deve lançar tudo isto no mistério incompreensível de Deus. Está convencida de que o confronto com a condição misteriosa da existência humana acaba por ser uma forma de iniciação ao mistério do próprio Deus. Acredita que naquele se faz já a experiência deste último¹¹.

Pode haver aqui, no entanto, um engano na percepção da realidade de Deus. Diz-se, muitas vezes, que Deus começa onde as forças humanas acabam. Inclui-se nestas obviamente a capacidade de compreensão e de expressão daquilo que se vive. Estamos habituados a lutar com o nosso espírito conquistador. Só quando não podemos mais, é que introduzimos Deus no quadro da nossa existência. Ora, a fé cristã proclama que Deus não começa apenas

¹⁰ Karl RAHNER, «The theological dimension of the question about man», in *Theological Investigations*, t. 17, New York, Crossroad, 1981, p. 60.

¹¹ *Ibidem*, pp. 60-61.

onde o ser humano acaba. Reconhece que ele impregna a nossa existência desde o primeiro momento. O mistério da incompreensibilidade de Deus constitui a atmosfera dentro da qual se desenvolve essa existência. Não admira, pois, que ela seja também, em grande parte, incompreensível. Isto leva a pensar que o ser humano só se encontrará verdadeiramente a si mesmo se estiver disposto a perder-se na absoluta incompreensibilidade de Deus¹².

Fica, assim, estabelecida uma ponte entre a questão do ser humano e a questão de Deus. A primeira abre-se à segunda, ao mesmo tempo que esta tem aquela em consideração. Convém estar atento à experiência que se pode fazer eventualmente da relação entre ambas. O modo como a fé cristã dialoga com a existência, vista no plano terreno, tem a ver com isso. De facto, é importante que a proclamação cristã se mostre pertinente à pessoa que anda preocupada com a compreensão da própria existência. Convém que ela saiba falar a quem se debate com as grandes questões a respeito desta última. É uma exigência que merece especial cuidado nos dias de hoje. Estamos num tempo em que a fé cristã enfrenta o problema da própria credibilidade. A proclamação cristã deve apresentar-se de modo a não parecer estranha à existência humana. Precisa de mostrar que vem a propósito desta última. Por outro lado, o questionamento a respeito da existência, de que aqui se fala, não tem que ser considerado como uma atitude exterior ao cristianismo enquanto tal. Deve dizer-se que o confronto honesto com as grandes questões da vida corresponde já a uma exigência deste último. Significa que se lida com a vida de acordo com a estrutura que ela efectivamente tem. A fé cristã apela a este acto de honestidade intelectual no que se refere à existência humana¹³.

¹² *Ibidem*, p. 63.

¹³ *Ibidem*, p. 55.

QUE DEUS É VERDADEIRAMENTE A RESPOSTA?

Do ponto de vista crente, o questionamento a respeito da existência não pode alhear-se da ideia de que esta é impregnada pelo mistério incompreensível de Deus. Mas muitos dos que professam a fé neste último correm o risco de esquecer essa incompreensibilidade. De facto, parece ter-se esquecido bastante que Deus, dotado da condição aqui apresentada, é precisamente a resposta última à questão radical do sentido da existência. Requer-se, assim, uma conversão. Em vez de fazer de Deus uma peça do puzzle segundo o qual julgamos que a nossa vida funciona, tem que se estabelecer com ele uma relação em que se está consciente do seu carácter radicalmente incompreensível. Com efeito, quem não conhece verdadeiramente Deus, tende a trazê-lo para dentro da sua actividade calculadora. Facilmente o considera como aquele elemento que ilumina tudo o que é a sua própria ‘contabilidade’: ideias, desejos, planos e esforços. Enaltece-se Deus como a entidade que dá significado ao conjunto da nossa existência. Mas esquece-se que ele está a ser concebido à nossa medida. Encara-se Deus como alguém que, em última análise, resolve todos os nossos dilemas. Acha-se que é nele integrável tudo o que são os nossos sucessos, prazeres ou construções mentais. Entende-se que ele faz com que tudo encaixe no puzzle da nossa vida: fornece luz, faz ligações, oferece ordem, resolve desacordos. Deus aparece, para quem não o conhece verdadeiramente, como a fortaleza que abarca tudo numa abençoada e pura unidade. Resguarda-nos de tudo o que se mostra difícil de conciliar na nossa vida. Funciona como aquele ponto que permite combinar todas as dissonâncias terríveis do mundo e da história numa harmonia pura e cheia de sentido. Acaba por ser aquilo que está à nossa disposição, pondo fim à nossa dor do vazio de sentido, à nossa dor da questão que não encontra resposta¹⁴.

¹⁴ Karl RAHNER, «The human question of meaning in face of the absolute mystery of God», in *Theological Investigations*, t. 18, New York, Crossroad, 1983, p. 93.

Ora, não se deve rejeitar liminarmente este modo de conceber Deus. Pode-se entendê-lo como a resposta cabal à questão infundável que o ser humano carrega consigo. Digamos que, neste caso, o questionamento humano a respeito do sentido da vida consegue chegar a um ponto culminante que satisfaz. Mas convém não esquecer que este último nunca pode ser tomado como um dado adquirido. Pode não ser possível alcançá-lo. Deus é que o garante, ao fazer-nos a dádiva de si mesmo. Só esta responde radicalmente à questão do sentido da existência humana. Tem é que se recordar, aqui, que o Deus que se comunica dessa forma gratuita é aquele que permanece mistério incompreensível. O Deus da realização plena do sentido deve ser proclamado como aquele que não pode ser encaixado nos nossos cálculos. Nada impede que ele se recuse a ser usado como o elemento final da contabilidade que, tantas vezes, tendemos a fazer na nossa vida¹⁵.

Com efeito, a proclamação cristã deve sublinhar que a questão última do sentido só é colocada correctamente quando não se alheia da lógica do amor. Só este é capaz de permitir o distanciamento de si próprio. Só ele abre, então, a possibilidade de vir a aceitar a experiência de Deus enquanto incompreensível. Daí que a questão do sentido deva ser submetida a uma clarificação contínua. Tem de ser amadurecida ao longo da vida, através do confronto com a incompreensibilidade de Deus que frequentemente se nos impõe. Ao depararmo-nos com esta, temos duas possibilidades. Ou a entendemos como a fonte donde nos vem, afinal, a felicidade, ou a encaramos como prova do absurdo da nossa existência. No primeiro caso, abrimo-nos ao sentido que vem de Deus incompreensível. No segundo, insistimos em construí-lo à nossa medida. De facto, reagir à condição misteriosa da nossa existência implica um acto de liberdade. Não se podem separar, aqui, compreensão e decisão. É normal que nos esforcemos por encontrar resposta

¹⁵ *Ibidem*, pp. 93-94, 102.

para as grandes questões da existência. Mas nunca conseguiremos compreendê-la totalmente. A sua dimensão misteriosa permanece. Chega-se, então, a um ponto em que é preciso decidir, mesmo que não se compreenda tudo. Assume-se que a nossa existência, mesmo com as suas contradições e obscuridades, tem um sentido final. É uma opção que, tomada nestas condições, tem que arrancar da nossa própria liberdade. Constitui uma verdadeira aposta¹⁶.

Mas este ‘sim’ à pergunta do sentido não costuma ter lugar, de forma completamente lúcida, num momento isolado da nossa vida. Vamo-lo pronunciando ao longo desta, fazendo a experiência de tudo o que nos aparece à frente. A opção do ‘sim’ não se reduz à sua dimensão racional. Envolve a existência inteira até ao momento da morte. À medida que esta vai avançando, vemos que contém sinais tanto de sentido como de não-sentido. Mas vamos percebendo que os primeiros são mais fortes do que os segundos. É *a posteriori* que se faz a prova do sentido da vida. Vai-se vendo a fecundidade dos fundamentos em que este assenta. Vai-se confirmando que, apesar das experiências dolorosas, a aposta no ‘sim’ à pergunta do sentido produz frutos que valem a pena¹⁷. É claro que essas experiências não desaparecem. Mas são postas num novo enquadramento que permite alterar a forma de as olhar. Espera-se que, pouco a pouco, se vá aceitando a presença dum Deus que, impregnando a existência humana, lhe confere a condição de mistério. Trata-se dum Deus que, precisamente por ser incompreensível naquilo que o torna maior do que nós, deve ser tido como a nossa verdadeira bem-aventurança final¹⁸.

¹⁶ *Ibidem*, p. 103.

¹⁷ Bernard SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, trad. Manuel Luís de Sousa Pinheiro, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2001, pp. 37-38.

¹⁸ RAHNER, «The human question of meaning», p. 103.

«EU SOU O CAMINHO».
SEGUIR CRISTO NA VIAGEM DA VIDA

José Manuel Cordeiro

INTRODUÇÃO

Jesus é o caminho que conduz a Deus Pai. Com efeito, no IV Evangelho Ele mesmo se identifica com o caminho: «*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim. Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo*»¹. Por isso, Jesus, o Filho, é o caminho para o Pai, na medida em que Ele mesmo é a verdade e a vida. Com Ele, nós somos então filhos no Filho. Na realidade, só quem reconhece o Pai é que se considera filho.

Mas, neste discurso de adeus aos seus discípulos começa por lhes pedir a fé: «*não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus; crede também em mim*»². Acreditar é, portanto, seguir o caminho de Jesus e sobretudo seguir Jesus, o caminho. Ele próprio inaugurou um modo novo de caminhar para o encontro com Deus. Tal novidade levou os primeiros cristãos a autodefinirem-se *peças do caminho*. Esta é, portanto, a condição de toda a Igreja, povo em caminho para o reino da verdade, da justiça, da paz e do amor.

Na grande peregrinação da vida, Maria é um caminho seguro e fiel no seguimento de Cristo, como recordou o Papa Bento XVI: «*neste ideal cenáculo de fé que é Fátima, a Virgem Mãe indica-nos o caminho para a nossa oblação pura e santa nas mãos do Pai. Permitted abrir-vos o coração para vos dizer que a principal preocupação de todo o cristão, nomeadamente da pessoa consagrada e do ministro do Altar,*

¹ Jo 14, 6-7.

² Jo 14, 1.

*há-de ser a fidelidade, a lealdade à própria vocação, como discípulo que quer seguir o Senhor*³. O oferecimento da vida⁴ identifica-se com o Amor, porque só o Amor converte e muda o olhar do nosso coração. Toda a espiritualidade do oferecimento, à qual foram também convidados os pastorinhos de Fátima, pode resumir-se nas palavras de Paulo, um homem que fez de Cristo o primado da sua vida peregrina ao serviço do mistério da fé: «*exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o nosso culto espiritual*»⁵. Em Cristo e no seu Espírito, toda a existência cristã se torna um sacrifício vivo e agradável a Deus, isto é, um autêntico culto espiritual, ou seja, a liturgia da vida vivida como “caminho” no quotidiano, como exorta Paulo «se vivemos no Espírito, sigamos também o Espírito»⁶.

1. A FÉ COMO SENTIDO

A fé é a atitude fundamental da pessoa diante de Deus, ou melhor ainda «a fé é a mais alta paixão do homem»⁷. Pela fé entramos na intimidade com a Trindade. Em Fátima, do ciclo angélico, conhecemos duas orações dirigidas à Trindade: uma breve «*Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam*»⁸; outra mais longa «*Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, (adoro-Vos profundamente e) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra,*

³ BENTO XVI, *Discurso aos Sacerdotes, Seminaristas e Diáconos*, Fátima, 12.05.2010.

⁴ Cf. L. KONDOR-J.M. ALONSO (edd.), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima ¹⁴2010.

⁵ Rom 8,4; Cf. Gal 5,16.25.

⁶ Gl 5,25.

⁷ S. KIERKEGAARD, *Timore e tremore*, Mondadori, Milano 2010, 108.

⁸ L. KONDOR-J.M. ALONSO (edd.), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima ¹⁴2010, 77.

em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores»⁹. Estas orações eram simbolicamente repetidas três vezes pelos três pastorinhos.

Apesar de serem consideradas fórmulas de oração influenciadas por outras orações populares, é importante considerar a relação das crianças com o mistério central da fé cristã. A primeira oração concentra-se no âmbito das virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, numa atitude de profunda adoração do mistério trinitário.

A nota trinitária da mensagem de Fátima insere-se na essência do culto cristão, que «é por sua natureza, culto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ou melhor – como se exprime a Liturgia – ao Pai por Cristo no Espírito»¹⁰. Este é o sentido específico e próprio da espiritualidade cristã, que é a Liturgia, qual oração de Cristo e da Igreja.

Efectivamente, a íntima relação que existe entre a fé, a Liturgia e os sacramentos foi bem salientada pelo Vaticano II: «*os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé. Conferem a graça, a cuja frutuosa recepção a celebração dos mesmos optimamente dispõe os fiéis, bem como a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade*»¹¹.

Os sacramentos têm a função de santificar, de edificar a Igreja e têm um alcance litúrgico, como actos de culto. Como sinais têm a função de instruir no mistério da fé. A liturgia é, portanto, o lugar dos sacramentos e a sua celebração funciona como pedagogia

⁹ L. KONDOR-J.M. ALONSO (edd.), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima ¹⁴2010, 79.

¹⁰ PAULO VI, *Marialis Cultus* 25.

¹¹ *Sacrosanctum Concilium* 59.

da fé e da experiência cristã. Ainda, se assegura que são sacramentos da fé, por um tríplice nível:

- A) a fé é anterior (*supõem*);
- B) a fé está neles (*alimentam*);
- C) a fé é posterior (*fortificam*).

A vida cristã não pode existir sem eles, porque «o sacramento não é mero apêndice de um processo de fé e de graça, mas é um dos seus elementos constitutivos»¹².

2. VIVER NO HORIZONTE DA FÉ

A referência da vida é sempre Jesus Cristo – caminho, verdade e vida. Na Liturgia da festa de Nossa Senhora de Fátima pedimos a Deus «orientai os nossos corações no caminho da santidade e da paz»¹³, ou seja, suplicamos para viver no horizonte da fé.

Ter fé não significa estar isentos de dúvidas, nem sequer caminhar à luz da visão, nem viver sem dificuldades e provas. Não tenhamos medo das crises de fé e de esperança, porque «a fé é esperança»¹⁴. A Igreja nasceu de uma crise de esperança¹⁵. Todavia, todas as vezes que celebramos a Eucaristia, fazemos memória daquele momento em que Jesus enfrentou a morte e o abandono. Os discípulos ficaram sem palavras. E depois, esperavam a glória em nome de Jesus e não apareceu. Mas é, precisamente, esta memória que faz da Igreja um povo da esperança.

A última ceia representa um desencontro de poder entre a força bruta e o poder do sinal. A ceia de Jesus convida-nos à liberdade e a dar a própria vida, como rezamos na Oração Eucarística:

¹² L. MALDONADO, *Sacramentalidad evangélica. Signos de la presencia para el camino* (Presencia teológica 41), Sal Terrae, Santander 1987, 27.

¹³ Oração sobre as oblatas, 13 de Maio.

¹⁴ BENTO XVI, Spe Salvi 2.

¹⁵ Cf. T. RADCLIFE, *Ir à Igreja porquê. O drama da Eucaristia*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2010.

«Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós. Tomai, todos, e bebei: este é o meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será entregue por vós e por todos, para remissão dos pecados – Fazei isto em memória de Mim». Esta ceia é o ponto de reviravolta da história, quando Jesus volta para o Pai. Um outro documento dos primeiros tempos refere a necessidade da Eucaristia: «*sine dominico non possumus*» – «sem a Eucaristia dominical não podemos viver»¹⁶. Sem Igreja não há vida cristã!

A ironia é que, com a última ceia, Jesus inaugurou uma liberdade ainda maior e mais radical do que Judas pudesse sonhar. Todavia, o nosso sacramento da Esperança é celebrado num tempo em que parece não haver lugar para a esperança. Como transmitir esta fé - esperança?

Às vezes nós fomos e ainda somos muito rigoristas e pessimistas, mas Deus quer que sejamos livres e ensinemos os outros a serem livres em Cristo. A Igreja coloca-se numa atitude serviço, por isso, o actual Papa escreveu: «não venho impor a fé, mas solicitar a coragem pela verdade»¹⁷. Aprendamos a ser optimistas.

Uma expressão natural da fome de religião é andar em peregrinação. Por ano, milhões de pessoas vão a Roma, a Santiago de Compostela, à Terra Santa, a Lourdes, a Fátima. A Taizé, quantos milhares de jovens peregrinam?

O cristianismo é a boa notícia que Deus nos criou para a felicidade, a felicidade que Deus é Deus. «Só no entusiasmo o ser humano vê exactamente o mundo. Deus criou o mundo com entusiasmo». A amêndoa escondida no cérebro transpirava gotas de felicidade»¹⁸.

¹⁶ Acta dos mártires da Abitínia.

¹⁷ Bento XVI, 17.01.2008, discurso previsto para a Universidade Sapienza, Roma.

¹⁸ E. DE LUCA, *E disse*, Feltrinelli, Milano 2011, 38.

Podemos dizer que «o cristianismo não era apenas uma «boa nova», ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem actual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só «informativa», mas «performativa». Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova»¹⁹.

Ser cristão, faz a diferença? O cristão deve ser uma testemunha, não de qualquer publicidade religiosa, mas do mistério vivo; deve ser um sinal de esperança e de coragem. A coragem é uma qualidade do coração. A coragem afasta do isolamento e faz de nós pessoas humildes, isto é, como diz Sta. Teresa de Ávila, faz de nós buscadores da verdade. A humildade é andar na verdade. Podemos até dizer que a humildade é o nome cristão da auto-estima.

Ser cristão significa receber a boa notícia que nos foi transmitida por aqueles que viveram antes de nós. Para um cristão a Tradição é uma fonte contínua de novidade e de vitalidade. O cristianismo não é propriamente uma religião, apesar de se incarnar e assumir formas religiosas. A fé não é para produzir um “retorno do sagrado”, mas para transformar o mundo com Cristo. Acreditar não significa só saber e proclamar que Deus existe: significa aceitar ser postos em questão por tal verdade, antes de mais pela escuta da Palavra, de um Deus que fala. É o encontro com Cristo que faz o cristão. S. Pedro diz que o cristão é «aquele que ama o Senhor Jesus sem o ter visto e sem o ver acredita nele»²⁰. «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente»²¹.

¹⁹ BENTO XVI, *Spe Salvi* 2.

²⁰ 1Pd 1, 8.

²¹ *Gaudium et Spes* 22.

3. A SALVAÇÃO COMO PESSOA QUE SE DÁ

«É nossa salvação glorificar-Vos, porque sois o único Deus vivo e verdadeiro». Assim rezamos na Oração Eucarística IV da Liturgia Romana. Como povo escolhido por Deus Pai e corpo do Cristo glorioso, sabemos que estamos implicados em parte no misterioso projecto da salvação. E, porque ninguém nasce cristão mas, torna-se cristão, é mediante a Iniciação Cristã, isto é, com os sacramentos do Baptismo, do Crisma e da Eucaristia que somos iniciados e introduzidos na vida e na missão da Igreja.

O Senhor revelou a todos os povos a sua salvação. O próprio Jesus disse: «vim [...] para salvar o mundo»²². O mundo na sua totalidade. Deus Pai, quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Jesus rezou ao Pai, para que Ele consagrasse na verdade, aqueles que são enviados a ser proclamadores da Palavra, que é verdade e salvação.

Por vezes, nós sublinhamos apenas um aspecto da salvação; isto é, a “salvação eterna”, a recuperação final de cada homem na grande família do Paraíso. Sem dúvida que Jesus tinha incluído também a salvação final. De facto, Ele disse: «o reino de Deus já está no meio de vós»²³.

“Salvação= *salus*” é uma palavra latina que significa “saúde”. Jesus veio para trazer “saúde” ao mundo...enfermo. Hoje, o mundo continua a estar doente nas suas relações mais profundas. Está ferido, porque se feriu a si próprio... exactamente quando se afirmou e continua a afirmar-se auto-suficiente. O homem está ferido de auto-suficiência em relação ao meio ambiente em que vive, pretendendo explorá-lo sem regras; em relação aos outros seres com os quais vive, pretendendo dominá-los e instrumentalizá-los fora das leis do Senhor; e em relação a Deus, de quem depende em tudo e para quem deveria viver.

²² Jo 12,47.

²³ Lc 10, 9.

A salvação de que fala Jesus significa, em primeiro lugar, constituir família com e na Trindade, a partir de agora, aqui na terra... para que depois se faça em plenitude no Paraíso. É Deus que quer salvar todos os homens, para que cheguem ao conhecimento da verdade e a verdade revelada é o Amor, que se realiza na Beleza da Páscoa. Deste mesmo e único mistério, nós somos convidados a ser testemunhas e missionários para narrarmos a Beleza invisível no quotidiano da história.

4. A SALVAÇÃO COMO DOM

Acreditar em Jesus implica, da parte do discípulo, a imitação do Mestre. Esta condição é essencial para conhecer o Pai e acolher o caminho, que tem em si mesmo a verdade e que conduz à vida.

No coração da nossa fé está a cruz. Os cristãos tiveram muita dificuldade em representar a cruz nos primeiros séculos. A primeira representação que se conhece remonta ao século IV, na porta da Basílica de Santa Sabina, no monte Aventino em Roma. Mas a Liturgia ensina-nos que «*Ele [Cristo] se oferece continuamente por nós e nos defende com a sua intercessão. Foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre*»²⁴. Não temos simplesmente um corpo, mas somos ontologicamente corpóreos, isto é, somos um corpo. Jesus dá o seu corpo.

A morte de Jesus é um facto nu e cru. Cada narração dos evangelhos é uma certa interpretação do facto horrível da sua morte. Ao mesmo tempo, é a grande novidade de quem nos pediu de amar os outros até ao dom da vida.

Na Liturgia das Horas do Tempo da Quaresma encontramos um paradoxo em duas antífonas de Vésperas de Segunda-feira da II semana do saltério, referentes ao Salmo 44, que nos introduzem bem neste mistério de beleza e de sofrimento: «*sois o mais belo dos filhos dos homens: a graça se derrama em vossos lábios*» e «*vimo-lo desfigurado,*

²⁴ Prefácio Pascal III.

sem beleza nem aspecto humano». E, «se o Mistério de Deus se soletra pela tríade Verdade, Bem e Beleza, que dizer que esta última integra o património íntimo que dá substância à própria Fé»²⁵.

Na oração, o crente exprime-se com o coração, tratando a Deus por “Tu” num diálogo de amor. Para quem não aconteceu ainda este encontro, pode apenas dizer: «*falo de Deus na terceira pessoa, leio sobre ele, ouço falar dele e sinto outros viverem dele (peço que me deixem usar a letra minúscula de “ele”. Quem não acredita não tem direito a usar maiúscula)*»²⁶.

Jesus não veio inaugurar nenhum sistema novo de doutrina. Ele mesmo é o novo sistema de doutrina. Na verdade, «no centro da religião não está aquilo que eu faço, mas aquilo que Deus faz»²⁷. Por isso, a salvação não se conquista, produz ou até se merece, mas acolhe-se como dom inestimável.

A oração colecta do dia 13 de Maio reflecte bem a gratuidade da salvação e a colaboração humana: «*Deus de infinita bondade, que nos destes a Mãe do vosso Filho como nossa Mãe, concedei-nos que, seguindo os seus ensinamentos e com espírito de verdadeira penitência e oração, trabalhemos generosamente pela salvação do mundo e pela dilatação do reino de Cristo*».

A fé da Igreja olha para Maria, qual mulher fiel e admirável, portadora do dom da salvação na pessoa de Cristo que se dá e se recebe: «*recebendo o vosso Verbo em seu Coração Imaculado, ela mereceu concebê-lo em seu seio virginal e, dando à luz o Criador do universo, preparou o nascimento da Igreja*»²⁸.

²⁵ J. TOLENTINO, «A peregrinação para o Santuário, âmbito de cultura», in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI (ed.) *Pellegrini al Santuario*, Libreria Editrice Vaticana 2011, 217.

²⁶ E. DE LUCA, *Caroço de azeitona*, Assírio & Alvim, Lisboa 2009, 8.

²⁷ E. RONCHI, *Dieci cammelli inginocchiati. Variazioni sulla preghiera*, Paoline, Milano 2004, 100.

²⁸ MISSAL ROMANO, Prefácio de Nossa Senhora III, Maria, imagem e mãe da Igreja.

CONCLUSÃO

Para uma viagem da vida com Cristo, o Beato J. Paulo II deixou-nos ainda o grande desafio: «*O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social – no âmbito da própria família, no âmbito de sociedades e de contextos bem diversos, no âmbito da própria nação, ou povo (e, talvez, ainda somente do clã ou da tribo), enfim no âmbito de toda a humanidade – este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é a primeira e fundamental via da Igreja, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção*»²⁹. No pensar e agir da Igreja, o homem é o caminho da própria Igreja e Cristo é o caminho do homem.

A dinâmica do caminho ou da peregrinação é a metáfora da nossa vida, ainda que digamos como um poeta medieval: «eu vou, não sei para onde, eu venho, não sei de onde, eu sou, não sei de quê, admira-me que mesmo assim eu ainda seja alegre»³⁰.

Nicolau Cabasilas, um leigo do séc. XIV, descreve assim a íntima relação entre Cristo-caminho e cada um de nós: «*Cristo dá ao homem vida e crescimento, alimento, luz e respiro. Abre os seus olhos e dá a luz e o poder de ver. Dá aos homens o pão da vida, e este pão não é outra coisa que Ele mesmo. Ele é vida para aqueles que vivem e um doce perfume para aqueles que respiram. Ele reveste aqueles que querem ser revestidos. Ele reforça os viajantes e é o caminho. Ele é tanto o refúgio ao longo da estrada, como a meta da viagem. Quando combatemos, ele combate connosco. Quando discutimos, ele é o moderador. E quando vencemos, ele é o prémio*»³¹.

²⁹ J. PAULO II, *Redemptor Hominis*

³⁰ Poema citado por L. MARTI, *Como um místico amarra os seus sapatos. O segredo das coisas simples*, Vozes, Petrópolis 2008, 14.

³¹ N. CABASILAS, *La vita in Cristo (Fonti medievali per il terzo millennio, 11)*, Città Nuova, Roma 2000, 67-68.

A vida do cristão é um caminho para a luz plena de Deus por Jesus Cristo, como agradecemos na Liturgia: «*Pelo Vosso Verbo criastes o mundo e tudo governais com justiça. Feito homem, Vos no-lo destes como mediador, para nos anunciar as vossas palavras e chamar-nos a seguir os seus passos. Ele é o caminho que nos conduz até Vós, e a verdade que nos liberta, e a vida que nos enche de alegria*»³². Nesta viagem da vida, Maria aparece como a estrela da nossa esperança! Com Ela, a Senhora de Fátima, anunciadora de caminhos de paz e de conversão, disponhamo-nos a percorrer os caminhos da fé, para que neles nos reencontremos com Cristo-caminho.

Peregrinar a um santuário como o de Fátima é percorrer um caminho com Maria na escuta da Palavra, na celebração dos sacramentos (Eucaristia e Reconciliação), na oração pessoal e comunitária para uma vida bela e alegre em Cristo-caminho para Deus-Pai. Jesus Cristo, o caminho e o peregrino das nossas estradas do coração e da vida, continua a convidar com o mesmo imperativo de sempre: «Segue-me»³³.

³² Prefácio da Oração Eucarística V/C.

³³ Jo 21,19.

FELIZ O HOMEM QUE TEME AO SENHOR

Emanuel Matos Silva

Existem pessoas profundamente felizes e existem pessoas infelizes. A constatação parece simples de fazer. Como simples de fazer parece ser a constatação de que todas as pessoas gostariam de ser felizes. Parece uma evidência.

No entanto, quando aprofundamos um pouco mais a observação das vidas e das pessoas, damos conta de que existe muita gente que, aparentemente, parece triste e se confessa feliz e existe muita gente que parece ter tudo para ser feliz e permanentemente se define como infeliz. Há homens e mulheres que nos parecem privados das mais elementares condições e possibilidades de vida e, no entanto, se definem como felizes e testemunham felicidade.

A felicidade parece-nos, então, e de facto, algo de estranho. Mas todos queremos ser felizes. Será possível medir a felicidade? Poderíamos, como interrogava Simone Beauvoir, *comparar o peso de uma lágrima ao peso de uma gota de sangue?*

Como poderemos, então, compreender a felicidade? E onde a podemos encontrar? Na posse, no domínio, no poder, na criação e/ou criatividade, na liberdade, nas ideias, na vida sem contrariedades e contradições, sem contrapontos e dissonâncias, sem preocupações e inquietações? Onde podemos encontrar a felicidade?! Sem tensões e tensão, sem inquietações e inquietação, sem caminho e sem possibilidades, não se tornaria a existência uma espécie de “crime perfeito” onde nada mais haveria a esperar e nada mais se poderia fazer?!

Para ser feliz é necessário ser corajoso. A Sagrada Escritura e a vida de todos os dias sinalizam, de facto, que para se ser feliz é necessário “oferecer-se” na procura da felicidade evangelizando os

próprios desejos. A felicidade alcança-se quando alguém que procura acaba por se sentir encontrado e, nesse horizonte de esperança e de coragem, faz a experiência da gratuidade. Por isso, quando a Escritura exalta o homem que teme o Senhor e diz que aí reside a sua felicidade, a Escritura distingue temor de terror e separa o temor e o medo.

Quem teme, no dizer da experiência da História da Salvação, não é quem tem medo. Quem teme aprende a confiar enquanto quem tem medo acaba por munir-se de resistências, fugas e projecções. O temor abre enquanto o terror fecha.

1. SALVOS PARA A FELICIDADE - FELICIDADE É BEM-AVENTURANÇA

Dizer “felizes” será o mesmo que dizer “bem-aventurados”, o mesmo que dizer alegres. E isso recorda-nos, imediatamente, as “Bem-aventuranças” de Jesus: Diz o Evangelho de Mateus (5, 1-20) que, *vendo a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se d’Ele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céus. Felizes os que choram, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os construtores da paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céus. Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o gênero de calúnias contra vós, por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa no Céus; pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam».*

Felizes são, portanto, os “bem-aventurados”. Mas, precisamente por isso, surge-nos imediatamente um imenso conjunto de interrogações. Jesus afirma que são felizes os pobres, os que choram, os mansos e humildes, os que têm fome e sede de justiça, os

misericordiosos, os puros de coração, os construtores da paz, os que sofrem perseguição por amor da justiça.

Que sejam felizes os construtores da paz, os misericordiosos ou os puros de coração não nos causa, possivelmente, grande interrogação e até se compreenderá com relativa facilidade: ser obreiro da paz produz alegria, usar de misericórdia aproxima as pessoas e, por isso, constrói felicidade, não ter maldade no coração torna a vida mais leve e saborosa e logo, de igual forma, produz alegria.

Mas dizer que são felizes os pobres, os que choram, os que são carenciados de tantas e tantas coisas, parece não fazer sentido. Além disso quase parece, a certa altura, que são felizes precisamente por chorarem, por terem fome, por serem indigentes. Parece que aquilo que é bom e que Deus quer para nós é, no entanto e sempre, alcançado com necessário sofrimento e, dessa forma, como uma espécie de prémio por méritos provados. E, na verdade, uma felicidade assim deixar-nos-ia perplexos.

Mas é precisamente aqui, no meio de todas as interrogações e da perplexidade, que se revela a maravilha e a novidade da Boa-Nova de Jesus Cristo. É que a contradição é só aparente.

E isso coloca-nos a pensar: O que é a felicidade? O que é a alegria? O que será a “Bem-aventurança”?

O homem, por natureza, procura a felicidade, luta por ela. A experiência de cada dia mostra-nos os homens a caminho e a tentarem realizar a sua felicidade.

Nesse sentido, entre as exigências básicas da pessoa humana para fazer uma experiência feliz de vida encontram-se: a exigência **de sentido** (conhecer o “para quê” da vida); a exigência **de segurança** (saber, tanto quanto possível, o “porquê” da vida); a exigência **do amor** (amar e sentir-se amado).

São três exigências básicas, poderíamos dizer, não só legítimas como próprias e incontornáveis para qualquer pessoa. Toda a pessoa, homem ou mulher, necessita saber para onde vai, porque

é que vai e, durante a caminhada, toda a pessoa precisa de experimentar o dinamismo do amor.

Mas, precisamente por isso, como dizer-se feliz quem experimenta a “carência”, o sofrimento, a falta de algo. Como dizer “feliz” aquele que é injustiçado, que é maltratado e gozado? Será que, para entrar no Céu, a tristeza é uma exigência? Será que Cristo nos quer pesados e entristecidos?

As mentalidades judaica e bíblica em geral falam da felicidade como uma experiência de abundância, de riqueza, de justiça, de verdade, de plenitude. Como podem ser felizes aqueles a quem falta tudo isso?

2. JESUS EM CLARA CONTRADIÇÃO COM A MENSAGEM PAGÃ

Existem diversas perspectivas de felicidade. Poder-se-iam essas perspectivas dividir em dois grandes paradigmas partindo da distinção entre a construção das duas cidades: amor de si até ao desprezo dos outros constrói a cidade dos homens, enquanto o amor a Deus até esquecimento de si constrói a cidade de Deus.

Dentro da mesma lógica da primeira cidade (amor de si até ao desprezo dos outros) parece ser feliz quem tem poder, exerce domínio ou tem bens de que usufruir sem receio.

A grande limitação revela-se, no entanto, no resultado da construção: uns constroem em comunhão com Deus e outros contra Ele. Significa que uns encontram em Deus o Absoluto das suas vidas e, por isso, encontram caminho a fazer e objectivos para onde crescer enquanto outros se auto-afirmam como absolutos de si mesmos e, nesse sentido, fabricam se permitem a si mesmos a amargura da solidão que se experimenta como ficar só, sem Deus e sem experiência de fraternidade. Depreende-se, então, que a verdadeira liberdade não é dispor dos outros a seu belo prazer e para o que se quer, mas é sim dispor de si mesmo para crescer e comprometer a vida num projecto de sentido.

Jesus em clara oposição com os pagãos, e mesmo com alguns sectores do judaísmo, proclama felizes precisamente os pobres, os mansos, os aflitos, os famintos de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos, os perseguidos por amor (Mt 5, 3-12).

Jesus proclama felizes aqueles a quem parece faltar algo ou faltar tudo. Parece contraditório à primeira vista, mas se conjugarmos todas as bem-aventuranças a as sintetizarmos numa só chegaremos à afirmação de que “é feliz quem é autêntico”, é “bem-aventurado quam é autêntico e genuíno”.

Ser feliz não é algo estático. Ser feliz é o contrário de estar paralisado no tempo ou no espaço, nas imagens de si mesmo ou na consciência das capacidades. Ser feliz é precisamente a experiência de ter valores para onde crescer, de ter para onde ir, de fazer a experiência dos valores que preenchem e da harmonia que dá consistência.

Às vezes, nos caminhos e caminhadas da vida, os valores e as metas (os objectivos) são importantes não tanto por si mesmos, mas sim por aquilo que nos fazem caminhar para os alcançar. E é no caminho, e a caminhar, que se aprende a viver. É que não somos apenas nós que fazemos o caminho, mas é o caminho que também nos faz a nós.

Neste sentido e neste horizonte, se existem coisas que são próprias do homem são precisamente o ser pobre, o chorar, o ter fome e sede, o estar em permanente construção. São a expressão da sua condição. E nada que iluda o homem da sua condição própria pode tornar o homem mais feliz. O homem é mortal não apenas porque morre mas porque é essa sua condição. Nasce frágil, faz permanentemente a experiência da fragilidade, sabe que um dia morrerá. E, no entanto, o grande desafio da sua vida é dar sentido a esta provisoriedade, dar sentido à sua condição. Daí que o alicerce de todas as suas tentativas e empreendimentos tenha de ser a autenticidade e a verdade. Separar os desejos da realidade só o levaria a criar ilusões.

Como diz S. Leão Magno num dos seus sermões de Natal, *é próprio de homem ter fome, ter sede, ter sono; é próprio de homem ter medo, choro tristeza; é, finalmente, próprio de homem ser crucificado, morto e sepultado; mas é próprio de Deus andar sobre o mar, mudar água em vinho, ressuscitar os mortos, estremecer o mundo com a própria morte, e, com a carne rediviva, elevar-se acima de todos os céus.*

Chorar, ter fome ... são precisamente as expressões mais próprias da condição humana. Chorar, ter fome ... e todas as que essa expressão simbólica representa em termos de condição e contingência.

3. FELICIDADE E ALEGRIA

O Mistério de Cristo revela à humanidade não só a sua situação actual (o seu estado presente), mas também o seu ideal, o lugar onde o próprio Deus a espera (eu ideal).

Então a felicidade e a alegria cristã são tanto mais intensas quanto mais fiel é a vivência da dimensão de filhos de Deus: o chamamento que Deus nos faz em Cristo forma-nos, transforma-nos, dá-nos personalidade. Esse amor recíproco, assim concebido, é energia centrífuga que suscita a mais pura liberdade e fomenta no mais alto grau a alteridade. [...] Ora o amor assenta numa verdade que não é evidente: quando digo “amo-te”, esqueço-me de mim para viver em ti, deixo-me a mim para “ser tu”, na grandeza de um movimento centrífugo e sem retorno, de parte a parte. Numa reciprocidade assim, podemos dizer que existe em verdade comunhão de pessoas. Será possível captar a índole desta comunhão pela argúcia metafísica; mas apreendemo-la-emos, certamente mais depressa, na contemplação da pessoa de Jesus Cristo, o mistério da sua vida.

Na Carta aos Gálatas (5, 22), S. Paulo fala-nos da alegria como um fruto do Espírito (juntamente com o amor, a paz, a paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio). Fundamentalmente a alegria apresenta-se aí como uma

experiência de fé e de amor; uma experiência que molda a inteligência e transforma a pura racionalidade em inteligência de coração para entender o âmago do mistério cristão e o projecto de felicidade que quer construir.

Nesta inteligência do coração amadurecida no âmago do Mistério de Cristo, o homem descentra-se de si próprio e centra-se no outro que lhe acontece como excesso de si que o convoca. Deixa de ser em si mesmo o seu próprio centro para se centrar irresistivelmente nesse “tu”. É este “tu” que o seu “eu” ama e amará. Por sua vez o “tu” é igualmente um “tu” descentrado de si mesmo e centrado no “eu” da pessoa humana, numa reciprocidade não simétrica mas que diz alteridade e amor, os dois vivendo um para o outro. Na realidade, amar é viver para o outro (dom) e é viver do outro e pelo outro (acolhimento). Por isso o amor supõe a alteridade e não apaga as diferenças.

Na analogia desta experiência humana podemos experimentar o Amor de Deus e as suas consequências em Jesus Cristo: Deus “descentra-Se” de si no encontro e relação com o Filho e, pelo Filho, com o homem. A Redenção, acontecimento englobante que temos de entender desde a Encarnação até à Ressurreição e Parusia, é, fundamentalmente, o Amor de Deus que se dá ao homem em Cristo. *O Filho não é uma parte de Deus que morre, mas sim um Amor que se afirma como permanência de Vida e de acesso à felicidade.*

É uma história na qual, por convivência, Deus sabe o que é ser-se homem e o homem sabe como é Deus [...] Só quando Deus é ouvido, obedecido e amado por Si mesmo, pela sua própria Graça e pela sua Glória, é descoberto como Deus. Primeiro é o Reino de Deus, a salvação do homem vem depois¹.

De facto, o encontro entre Deus e o homem em Jesus Cristo pressupõe a abertura, a interpelação, o chamamento para a aceitação, e implica uma comunicação que faz o homem participante

¹ Olegário CARDEDAL, *Jesus de Nazaret* (Madrid: BAC, 1993) 296.

das possibilidades pessoais de Deus que Se lhe revela ao mesmo tempo que o abre a uma transformação existencial constituída pelo viver pessoal na vida de Deus. **Só quando Deus e o homem são sujeitos reais de liberdade e autonomia podem encetar uma história de amor em aliança.**

Neste sentido, o encontro de Deus com o homem e do homem com Deus em Jesus Cristo diz revelação, encarnação, libertação, salvação, e, nelas, produz alegria e a verdadeira felicidade.

Ao perceber que, na Encarnação, Deus Se faz próximo na nudez do seu rosto em Jesus Cristo, **a existência cristã processa-se sobre uma alegria fundamental e numa tensão para a felicidade. Não na medida, evidentemente, em que seja um êxtase permanente, mas precisamente no sentido em que é tensão amorosa e alegre para Aquele que vem ao encontro da humanidade. A felicidade é essa tensão, esse movimento de descoberta e aceitação que se produz e aceita na experiência de amar e ser amado.**

Se olharmos para a história da salvação vemos que, precisamente, a felicidade coincide com a esperança. A recordação das acções e Deus em favor do Povo de Israel fazem-no ter em Deus uma esperança activa que se manifesta em fidelidade e em recolha dos frutos da Aliança.

Em Jesus está presente o Reino de Deus e n'Ele se manifesta a alegria da vida nova e a Promessa da felicidade. Deus irrompeu de forma definitiva no tempo da humanidade. É um tempo novo, interior, cuja novidade consiste em romper as cadeias que escravizam o homem. Não se trata, portanto, de um entusiasmo passageiro. É a alegria dos redimidos que se dirigem para lá da provisoriedade desta vida: saber-se libertado por Cristo é fonte de alegria.

O sentido da alegria cristã, contudo, não apaga o tempo, numa espécie de êxtase amoroso, mas assume o próprio tempo no desejo amoroso que acumula todos os instantes do tempo e que inventa a esperança. Esta tensão “desejante” que constitui a alegria

é exigência de uma “desposseção” contínua para um Dom total. O homem aprende assim a dar-se todo e a dar até o que não tem. E, ao dar-se, ao confiar-se, vai-se recebendo a si próprio no que é e faz. Por tudo isto a alegria é *esta vigília sobre o eterno, este enraizamento da certeza no meio das incertezas ... uma ressurreição que age no coração de cada existência humana*². O cristão vai de morte em morte, guiado por Cristo, de transfiguração em transfiguração, de esperança em esperança.

A alegria é, enfim, a transfiguração da existência através do processo pascal de Cristo em nós, contínua passagem pela morte de um *eu* conformado ao critérios do mundo, desafio constante a ultrapassar a consolação fácil e superficial para conhecer outra muito maior e muito mais profunda. Não há comparação possível entre a alegria de amar (e no amor se transfigurar) e a alegria da acumulação dos pequenos e fáceis prazeres. Quem não entende isso não pode participar da alegria cristã. Jesus Cristo é o fundamento da alegria, a alegria de Deus conosco³. É como afirmava Sto. Ambrósio de Milão (séc. IV): *Se ardes de febre, Deus é Fonte que refresca; Se estás oprimido pelas tuas faltas, Ele é a Libertação; Se tens necessidade de ajuda, Ele é a Força; Se tens medo da morte, Ele é a Vida; Se foges das trevas, Ele é a Luz; Se tens fome, Ele é o Alimento.*

4. QUEM SÃO ENTÃO OS BEM-AVENTURADOS?

Percorramos a Escritura, como acabámos de fazer, particularmente o Evangelho, e vejamos como fala Jesus da felicidade e quem são aqueles a quem Jesus declara “felizes”: *Feliz aquela que acreditou em tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor* (Lc 1, 45); *Feliz de ti Simão Pedro...* (Mt 16, 17); *Felizes os que escutam a Palavra de Deus*

² Yves CATTIN, *Court traité de l'existence chrétienne* (Paris: Cerf, 1992) 255.

³ Cf. Didier DECOIN, *Jésus le Dieu qui riait* (Paris: Ed Stock/Librairie Arthème Fayard, 1999)249 s.

e a pões em prática (Lc 11, 28); Serás feliz porque não têm com que te retribuir (Lc 14, 14); Felizes os servos que o Senhor, ao regressar, encontrar vigilantes (Lc 12, 27).

Quem são então os felizes? Os textos que acabámos de ler mostram-nos que são felizes os que têm (encontram) para onde crescer; são felizes os que acreditam (têm fé); são felizes os que são capazes de confiar; são felizes os que põem mãos à obra na consequência coerente do sentido da sua vida; são felizes os que estão em permanente discernimento e, por isso, capacitados para escolhas de acordo com a Verdade de Deus.

De facto são felizes os que são capazes de Confiança (Fé), os que se dispõem ao Compromisso (Esperança) e os que se comprometem no Amor (Doação - Caridade).

Podemos então constatar que os “felizes” são os “autênticos”. Bem-aventurados os autênticos, felizes os verdadeiros, bem-aventurados os transparentes, os que abrem o coração à luz de Deus com a qual tudo se vê.

Ser pobre, chorar, ser humilde, ser misericordioso, ser puro de coração, promover a paz ser perseguido por ser justo não se resumem apenas a umas quantas situações. São valores e, por isso, são e produzem atitudes de vida. São desafios da construção permanente da pessoa e não apenas “saber o que fazer” perante uma situação pontual.

Então, felizes e bem-aventurados são os que não se abstraem (em fugas mascaradas de virtude) da sua condição própria de homens e mulheres. São os que, assumindo precisamente a sua condição, lhe estabelecem um horizonte de crescimento e de realização, lhe dão um sentido, a libertam.

E Jesus ensina e testemunha para onde é o sentido. Jesus não diz apenas que sabe o caminho, diz claramente que Ele é o Caminho. As bem-aventuranças são um claro convite e chamamento à superação de si mesmo, à denúncia (em si mesmo e nos outros) da

mesquinhez e da infidelidade. Ser feliz é ser justo, ou seja, ter uma vida ajustada à vontade de Deus.

É à luz da Paixão de Jesus que as Bem-aventuranças ganham todo o seu sentido. É aí, na sua Paixão por amor, que Jesus nos revela em que consiste e o que entende por verdadeira pobreza, por doçura ou mansidão, justiça, pureza de coração, paciência. À luz da Paixão, as Bem-aventuranças, longe de serem um elogio da passividade, são antes um desafio ao compromisso radical, concreto e exigente. Seremos felizes se adoptarmos o “estilo” de Jesus.

CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA

José Dias da Silva

1. A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE COMO MANIFESTAÇÃO DA VERDADEIRA SALVAÇÃO

1.1. Inimigos da alma

Durante muitos séculos, os cristãos foram formados para “salvar a sua alma”. O mundo era apresentado como um dos três inimigos da “alma”. A lógica impunha que se “fugisse” do mundo. Refugiados na “sacristia”, indo à missa, repetindo novenas e tantas outras devoções, assim procuravam salvar-se deste “vale de lágrimas” para o qual tinham sido “degradados”.

O mundo era, portanto, um local de pecado, o lugar por excelência das tentações, sempre a evitar pois “a carne é fraca”. Assim se foi construindo uma dicotomia entre um espaço sagrado, o da salvação, e outro profano e pecador, o da perdição.

Este maniqueísmo estendia-se à própria pessoa, dividida em corpo, sede das paixões indomáveis, e a alma, morada das virtudes. O corpo era o local dos prazeres imorais; a alma, o dos prazeres celestiais. Nesta luta desigual, a alma saía quase sempre a perder. Os atractivos materiais eram mais sedutores: assim também o corpo era outro inimigo da alma.

1.2. Bondade original do mundo

A leitura das primeiras páginas da Bíblia mostra-nos que as coisas não são bem assim: o mundo foi criado por Deus, que é bondade e amor. Quando chegou ao “sexto dia”, antes de “repousar do trabalho realizado”, “Deus vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa” (Gn 1,31).

Mas não são apenas boas. Têm também um valor próprio e intrínseco: “Todas as realidades que constituem a ordem temporal não só são meios para o fim último do homem, mas possuem valor próprio, que lhes vem de Deus ... Esta bondade natural das coisas adquire uma dignidade especial pela sua relação com a pessoa humana, para cujo serviço foram criadas. Finalmente, aprouve a Deus reunir todas as coisas em Cristo, quer as naturais quer as sobrenaturais, de modo que em todas Ele tenha o primado. Mas este destino, não só não priva a ordem temporal da sua autonomia, dos seus fins próprios, das suas leis, dos seus recursos, do seu valor para bem dos homens, mas antes a aperfeiçoa na sua consistência e dignidade próprias, ao mesmo tempo que a ajusta à vocação integral do homem na terra” (Vaticano II, *Apostolicam actuositatem* 7).

1.3. Dignidade do corpo

Ao criar o ser humano, Deus é muito metódico. Toma uma decisão: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança”. Por três vezes aparece a palavra “criar”: “Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27).

Então, Deus criou o ser humano como homem e mulher. Portanto criou também o corpo, pois a alma não tem sexo. Portanto, o corpo tem a mesma dignidade que a alma, pois ambos foram criados à imagem de Deus. Aliás, não poderia ser de outro modo. Pois comunicamos com o corpo: não falo apenas com a língua, mas também com os olhos e pelas posturas corporais, tantas delas inconscientes. Sem corpo, não poderíamos dizer o que nos vai na alma. O corpo é muito mais limitado que a alma, mas é exclusivamente pelo corpo, que a alma comunica.

O relato da criação mostra-nos ainda que o ser humano é um só, como recorda o Concílio: “O homem, uno de corpo e alma, é, pela sua própria condição corporal, um resumo do universo

material, que nele alcança o seu cume e louva livremente o Criador” (Vaticano II, *Gaudium et spes* 14).

Deus ao incarnar, ao “tornar-se carne”, manifesta a sua grande consideração pela dimensão, corporal do ser humano: portanto, o corpo é o lugar em que Deus quis manifestar-se e a modalidade sob a qual quis “ser Deus” na própria vida dos homens.

1.4. Ambivalência do mundo e do corpo

A este projecto originário, de bondade e amor, com que Deus quis criar o ser humano, veio acrescentar-se a “marca do pecado”. Vivemos numa tensão permanente que S. Paulo descreve de um modo lapidar: “Não faço o bem que quero e faço o mal que não quero” (Rom 7,19). Esta “lei que tenho em mim” não pode ser ignorada, mas deve ser combatida, porque faz parte do mistério do ser humano: “No coração do mundo permanece o mistério do próprio homem, o qual se descobre filho de Deus, no decurso de um processo histórico e psicológico em que lutam e se alternam violências e liberdade, peso do pecado e sopro do Espírito” (Paulo VI, *Octagesima adveniens* 37). Efectivamente, “a vida humana é uma mistura do bem e do mal, de sofrimento imerecido e de alegria e beleza, que, espontânea e irresistivelmente, nos conduz a pedir a Deus a luz e a força interior que nos socorra na terra e se abra a uma esperança que vai além dos confins da morte.” (Bento XVI, *Audiência geral de 4.Maio.2011*)

O mundo em que vivemos é, pois, um mundo dinâmico, continuamente marcado por mudanças e em tensão permanente entre as violências e a liberdade. Vivemos num diálogo dialéctico entre a vontade de Deus que nos convida a uma ordem nova – os “novos céus e nova terra” – e a vontade do ser humano que, fazendo uso da liberdade com que Deus o quis criar, se organiza segundo interesses imediatos e muitas vezes egoístas.

Na Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, João Paulo II analisa esta situação em termos de “mecanismos perversos” (nº 16) e de “estruturas de pecado... que se reforçam, se expandem e se tornam fontes de outros pecados, condicionando a conduta dos homens” (nº 36). Portanto são sempre as pessoas que estão na origem dessas estruturas, mas depois perdem o controlo sobre elas e tornam-se suas escravas. De qualquer modo, elas podem ser vencidas se atacarmos as suas causas: “A avidez do lucro e a sede de poder e as estruturas de pecado só poderão ser vencidas – pressupondo o auxílio da graça divina – com uma atitude diametralmente oposta: a dedicação ao bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, de “perder-se” em benefício do próximo em vez de o explorar, e de “servi-lo” em vez de o oprimir em proveito próprio” (nº 38).

1.5. Luta pela justiça dimensão constitutiva da evangelização

É neste mundo ambivalente que nos é dado viver, como aliás viveram todas as gerações passadas e viverão as futuras. Nem vale a pena sonhar como (ou se) seria mais fácil viver num outro mundo, porque é neste que somos chamados a testemunhar a salvação de Jesus Cristo.

No Sínodo de 1971, os Bispos afirmaram solenemente que “a acção pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja, em prol da redenção e da libertação do género humano de todas as situações opressoras” (Sínodo dos Bispos, *A justiça no mundo* 6). Isto significa que não há verdadeira evangelização sem uma acção empenhada na luta pela justiça e na transformação do mundo. Evangelizar implica a construção de um mundo novo. O mesmo documento define a justiça como “o reconhecimento da dignidade e dos direitos do próximo” (nº 35). E para nós, próximo é todo o outro, o nosso irmão próximo ou distante.

Na Mensagem do Sínodo de 1986 insistia-se na mesma ideia: “O Espírito faz-nos descobrir, cada vez com mais clareza que a santidade hoje não é possível sem o compromisso com a justiça e sem solidariedade para com os pobres e oprimidos. O modelo de santidade dos fiéis leigos deve integrar a dimensão social da transformação do mundo segundo o plano de Deus”.

Esta é, pois, uma tarefa irrenunciável da Igreja, das suas comunidades e de todos os católicos: “*Descobrir e ajudar a descobrir a dignidade inviolável de cada pessoa humana* constitui uma tarefa essencial, diria mesmo em certo sentido, a tarefa central e unificadora do serviço que a Igreja, e nela os fiéis leigos, são chamados a prestar à família dos homens” (João Paulo II, *Christifideles laici* 37).

Esta descoberta, esta “tarefa essencial, central e unificadora” realiza-se através do “reconhecimento efectivo da dignidade pessoal de cada ser humano (que) exige o *respeito, a defesa e a promoção dos direitos da pessoa humana*. Trata-se de direitos naturais, universais e invioláveis: ninguém, nem o indivíduo, nem o grupo, nem a autoridade, nem o Estado, pode modificar e muito menos eliminar esses direitos que emanam do próprio Deus” (nº 38).

2. O TESTEMUNHO SOCIAL DO CRISTÃO

2.1. O amor ao outro como motor da História

Como vimos no primeira secção deste capítulo, os cristãos foram, demasiadas vezes, formados no medo do mundo, e por isso a fugir dele e a considerá-lo inimigo.

Deus não pensa assim. Deus ama o mundo e ama-o tanto que mandou o seu Filho Unigénito ao mundo, à nossa História, para nos oferecer a salvação. E foi mais longe: não veio “na sua glória”, mas de modo despercebido, quase me apetecia dizer, “disfarçado de homem”. Ele que é de condição divina, “esvaziou-se” a si mesmo tornando-se uma pessoa como nós (Fil 2,7). Por isso,

nem os da sua terra o reconheceram: “Não é ele o filho de José?” (Lc 4,22). Assim ao humanizar-se, ao tornar-se homem, quis divinizar o ser humano, isto é, mostrar o seu valor incalculável: homem ou mulher, rico ou pobre, são ou doente, branco ou preto.

A primeira “definição” de Deus, que aparece no Antigo Testamento, é a de um Deus libertador, um Deus que ama os que sofrem e os quer libertar da sua situação. É significativo o conjunto de verbos utilizados: “vi a opressão do meu povo, ouvi o seu clamor, conheço os seus sofrimentos, vi a tirania, desci para os libertar” (Ex 3). Esta é a prioridade do nosso Deus: cuidar dos oprimidos e dos excluídos, isto é, das vítimas da História, e lutar contra as injustiças.

E, logo de seguida, diz a Moisés: “E agora vai. Eu te envio ao faraó e faz sair do Egípto o meu povo” (Ex 3,10). Deus é o Grande Libertador, mas quer sê-lo por meio de nós, que, assim, somos chamados a realizar, sempre em seu nome, as libertações de que formos capazes.

Deus quer precisar de nós. Quer as nossas mãos, a nossa inteligência, a nossa boca para tornar visível e eficaz o seu amor libertador. Por isso, se “queixa” dos que estão preocupados apenas em cumprir os rituais, esquecendo-se dos que sofrem. Condena os rituais sagrados se não são acompanhados pela prática do amor e da justiça: “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Já estou farto ... Não me ofereçais mais dons inúteis ... Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Cessai de fazer mal, aprendei a fazer bem; procurai o que é justo; socorrei os oprimidos; fazei justiça aos órfãos; defendei as viúvas” (Is 1,11-18).

Jesus alarga este “espaço” do amor a todos e não apenas aos pobres: “Se fores apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele” (Mt 5, 23-24).

Torna-se claro que a resposta ao amor gratuito de Deus para com cada um de nós nos carrega com uma responsabilidade única:

também eu, cada “eu”, deve amar os outros sem excepção. E amar os outros é amá-los no seu contexto e na sua história pessoal e comunitária: “O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e do seu ser comunitário e social ... este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é o primeiro e fundamental caminho da Igreja, caminho traçado pelo próprio Cristo e que imutavelmente o conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção” (João Paulo II, *Redemptor hominis* 17).

2.2. Mentirosos e Cegos

Este amor, que Deus nos oferece gratuitamente, exige de cada um uma resposta de amor. Somos chamados a amar a Deus porque ele nos amou primeiro e nos ama gratuitamente. Mas este amor “vertical” precisa de um suporte “horizontal”: eu só posso amar a Deus se amar os outros, porque Deus também os ama como me ama a mim.

É por isso que o amor a Deus e o amor ao próximo, os dois únicos mandamentos, se tornam num só: “Se alguém disser ‘Eu amo a Deus’ mas odiar o irmão é mentiroso, pois quem não ama o seu irmão ao qual vê, como pode amar Deus que não vê?” (1Jo 4,20). Bento XVI comenta esta passagem: “Nela se destaca o nexos indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O citado versículo joanino deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus e que o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus” (*Deus caritas est* 16). Portanto, o Papa vai mais longe que S. João: quando não amamos o próximo e dizemos que amamos a Deus, não só somos mentirosos, como somos também cegos.

2.3. Prioridade aos mais débeis

Deus ama-nos a todos, sem excepção, com amor de Pai criador. Por isso, porque o seu amor é gratuito, também nós devemos amar gratuitamente todos, mesmo os nossos inimigos.

Contudo, os pobres são prioritários. Jesus passou a sua vida a dar força, esperança, apoio aos que mais sofriam física ou socialmente. Para Jesus a prioridade é a pessoa: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27). Mas tinha uma predilecção especial pelas que mais débeis. Esta é uma opção estruturante do nosso Deus, como vimos, com os hebreus no Egipito, com o órfão, a viúva e o estrangeiro, os protótipos dos pobres.

Se esta é a opção do nosso Deus, tem que ser a nossa também. Até porque há aqui um argumento incontornável: o pobre é o próprio Jesus Cristo. O pobre é um dos “lugares” em que Deus está realmente presente. Alguns teólogos falam, por isso, da “sacramentalidade do pobre”, o pobre como sacramento de Deus. Jesus proclamou-o duas vezes (Mt 25,40.45), na “grande parábola do Juízo final, onde o amor se torna o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana. Jesus identifica-Se com os necessitados: famintos, sedentos, forasteiros, nus, enfermos, encarcerados. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes». Este nexos indivisível é tão forte que funde os dois amores num só. “Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus” (Bento XVI, *Deus caritas est* 15).

Esta mesma parábola ensina-nos uma verdade cujo incumprimento traz consequências terríveis: os pobres são os “porteiros” do céu. São eles que nos abrem a porta do Reino de Deus. No Último Julgamento vamos ser julgados “apenas” por um único critério: como tratámos dos outros, especialmente dos mais carenciados.

2.4. Compromisso social

Se este é o critério de salvação, torna-se evidente que a fé, a esperança e a caridade têm uma dimensão social. E a caridade só tem sentido se se tornar visível no seu cuidado com o outro.

Há duas formas principais de exercer este cuidado, ou se preferirmos, esta compaixão (o nosso é um Deus que se “comove” e se compadece com o sofrimento):

- uma, dirigida directamente à pessoa, tem sido praticada desde o princípio pelos cristãos e as suas comunidades e é o que hoje chamamos a *acção sócio-caritativa*: procuramos estar com as pessoas, perceber as suas reais necessidades, acompanhá-las na sua luta pela superação das suas limitações e pela sua autonomia que as liberte da dependência dos outros;

- a outra é dirigida directamente a uma melhor organização social, de modo a criar condições para que haja cada vez menos pessoas a precisarem de ajuda, para que haja igualdade de oportunidades, para que todos tenham o mínimo para viverem com dignidade: é o que hoje podemos chamar o *compromisso sócio-político*; nesta intervenção é toda a sociedade que está em causa e que necessita de ser profundamente transformada.

Enquanto na primeira modalidade pouco mais conseguimos do que pôr remendos no tecido social; na segunda pretende-se construir uma túnica nova, sem rasgões, inconsútil. No primeiro caso, acompanhamos a pessoa e este trabalho deve ser organizado pelas próprias comunidades. O segundo implica o compromisso individual de cada cristão nos vários âmbitos da sociedade: “Para animar cristãmente a ordem temporal, no sentido que se disse de servir a pessoa e a sociedade, os fiéis leigos *não podem absolutamente abdicar da participação na «política»*, ou seja, da múltipla e variada acção económica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente *o bem comum*. Todos e cada um têm o direito e o dever de participar na política, embora

em diversidade e complementaridade de formas, níveis, funções e responsabilidades. As acusações de arrivismo, idolatria de poder, egoísmo e corrupção que muitas vezes são dirigidas aos homens do governo, do parlamento, da classe dominante ou partido político, bem como a opinião muito difundida de que a política é um lugar de necessário perigo moral, não justificam minimamente nem o ceticismo nem o absentismo dos cristãos pela coisa pública” (João Paulo II, *Christifideles laici* 42).

De acordo com estas palavras, é evidente que os cristãos, cada um conforme as suas apetências, carismas e talentos, têm a obrigação de se comprometer na sua esfera de influência e no seu espaço de poder não só para ajudar os mais carenciados mas sobretudo para contribuir para superar as situações injustas que atravessam a nossa sociedade.

2.5. Fora do mundo não há salvação

Isto não é um comentário avulso. É uma responsabilidade muito séria, como se percebe desta outra afirmação do Concílio Vaticano II: “O cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em perigo a sua salvação eterna. A exemplo de Cristo que exerceu um mister de operário, alegrem-se antes os cristãos por poderem exercer todas as actividades terrenas, unindo numa síntese vital todos os seus esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos com os valores religiosos, sob cuja elevada ordenação, tudo se coordena para glória de Deus” (*Gaudium et spes* 43). Repare-se naquele “põe em perigo a sua salvação eterna”.

E o próprio Concílio aponta-nos quatro propostas para esta tarefa: “Os leigos realizam esta missão da Igreja no mundo, antes de tudo, por aquela coerência da vida com a fé, pela qual se tornam luz do mundo; pela honestidade nos negócios, com a qual a todos atraem ao amor da verdade e do bem e, finalmente, a Cristo e à Igreja;

pela caridade fraterna que, fazendo-os participar das condições de vida, dos trabalhos, dos sofrimentos e aspirações de seus irmãos, prepara insensivelmente todos os corações para a acção da graça salutar; por aquela plena consciência da participação que devem ter na construção da sociedade, a qual os leva a esforçarem-se por desempenhar com magnanimidade cristã a actividade doméstica, social e profissional. Assim, o seu modo de agir penetra pouco a pouco no meio de vida e de trabalho” (Vaticano II, *Apostolicam actuositatem* 13; o sublinhado é meu).

3. FÁTIMA: “ESCOLA DE CARIDADE E DE SERVIÇO AOS IRMÃOS”

3.1. Contexto social e eclesial

É importante ter em conta o ambiente social e eclesial, muito conturbado, que se existia no momento das Aparições.

No plano internacional, vivia-se a Primeira Guerra Mundial, uma guerra fratricida entre potências católicas que até criticavam o Papa, Bento XV, porque não apoiava a sua facção: imagem tão lamentável a destes supostos discípulos de Cristo! Surgia a revolta comunista na Rússia, que se propunha espalhar a ditadura comunista e também o ateísmo por toda a parte.

Por outro lado, na Igreja cultivava-se uma “pastoral do medo”, as ameaças do inferno eram constantes, a catequese apresentava-nos um Deus justiceiro, que não perdoava as ofensas que lhe eram dirigidas e as castigava sem dó nem piedade. Assim, os cristãos foram interiorizando uma imagem de Deus castigador e vingativo, à nossa imagem e semelhança, tendo como centro o pecado, e não Cristo que é o verdadeiro centro de toda a história da salvação.

Era portanto um tempo de medo, de incerteza, de forte convicção de que os pecados ofendiam muito a Deus. Ofenderam-no tanto que Nossa Senhora teve de vir cá lembrá-lo e falar do castigo que esperava todos esses que ofendiam a Deus e o seu Coração.

Durante muitos anos, o que a maior parte dos cristãos percebia da mensagem de Fátima era a necessidade urgente de reparar as ofensas a Deus, era a tristeza de Deus pelos pecados do mundo, era a necessidade de conversão da Rússia. Mas será possível que nós, microscópicas criaturas, tenhamos capacidade para ofender um Deus que é Amor infinito, Bondade infinita, Compaixão infinita? Não será um pecado de orgulho atribuírmo-nos essa capacidade quase “divina”? O que “preocupa” Deus não são os nossos pecados, mas como tratamos os que sofrem. Jesus veio não para condenar, destruir ou amaldiçoar, mas curar, construir e abençoar.

Além disso, falava-se muito da conversão da Rússia, mas não da nossa própria conversão, porque até o significado de conversão estava pervertido: conversão não tinha nada a ver com a mudança do nosso estilo de vida segundo a proposta de Jesus: “Convertei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15). Mas o que sabiam os cristãos de Jesus? Quem podia ler os Evangelhos?

Também nas palavras do Anjo, essas ideias aparecem e nada melhor que a sua oração tão repetida – “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos...” – para uma pequena reflexão.

Começa por afirmar que os cristãos acreditam, adoram, esperam e amam a Deus. Será que era e é mesmo assim? E se acreditamos realmente, em que Deus? Um Deus milagreiro, um Deus relojoeiro, um Deus tapa-buracos ou em Deus Pai, que só o Filho conhece. O Deus que Jesus Cristo que nos mostrou nas figuras inolvidáveis do Pai do filho pródigo ou do Pastor que deixa as noventa e nove ovelhas no deserto para ir à procura de uma que se perdeu?

A segunda parte da oração é para pedir perdão, mas ... pelos outros. Não temos nós de pedir perdão pelas nossas falhas? São só os outros? Ou consideramo-nos melhores só porque acreditamos e “cumprimos o preceito”, cometendo o mesmo pecado que os Judeus que Jesus repreendeu: “Produzi, pois, frutos dignos de conversão e não vos iludais, dizendo: ‘Temos por pai Abraão!’. Pois, digo-vos: Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão” (Mt 3,8-9).

Perante este perigo espiritual, “Fátima recorda-nos que o Céu não pode esperar! Por isso peçamos, com filial confiança, a Nossa Senhora que nos ensine a dar o Céu à terra: Ó Virgem Maria, ensinaí-nos a crer, adorar, esperar e amar convosco! Indicai-nos o caminho para o reino de Jesus, o caminho da infância espiritual. Vós, Estrela da Esperança que trepidante nos espera na Luz sem ocaso da Pátria eterna, brilhai sobre nós e guiai-nos nas vicissitudes de cada dia, agora e na hora da nossa morte!” (Card. Bertoni, *Homilia em Fátima*; 12.Maio.2010)

3.2. Fátima, cátedra da arte de orar, crer e amar

Foi neste contexto, que as palavras de Nossa Senhora foram lidas, não pelos pastorinhos, mas pelos católicos e pela crescente multidão de peregrinos, durante quase meio século.

É, pois, tempo de fazer uma releitura da mensagem de Nossa Senhora. Para Bento XVI, “a missão profética”, a missão evangelizadora de Fátima, não está concluída. É necessário relê-la à nova luz da Igreja e do mundo: “Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: «Onde está Abel, teu irmão? ... A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim» (Gn 4, 9). O homem pôde despoletar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo... Na Sagrada Escritura, é frequente aparecer Deus à procura de justos para salvar a cidade humana e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?». Com a família humana pronta a sacrificar os seus laços mais sagrados no altar de mesquinhos egoísmos de nação, raça, ideologia, grupo, indivíduo, veio do Céu a nossa bendita Mãe oferecendo-Se para transplantar no coração de

quantos se Lhe entregam o Amor de Deus que arde no seu” (Bento XVI, *Homilia em Fátima*; 13.Maio.2010).

A mensagem de Nossa Senhora deve ser apresentada com “as cores da caridade. Estas cores brilham para nós no rosto de Cristo, nos sentimentos do seu coração terno, compassivo e misericordioso; e hão-de brilhar em nós, no nosso ser e no nosso agir, na medida em que nos revestirmos dos sentimentos de Cristo. Através das práticas tradicionais da oração, do jejum e da esmola, a Quaresma educa-nos a viver a beleza e a riqueza da caridade como relação fraterna, doação, partilha e serviço de amor concreto a quem necessita de ajuda” e será “Com Maria e os Pastorinhos, (que) aprendemos o serviço humilde da caridade” (D. António Marto, *Mensagem da Quaresma de 2011*).

Foi este o significado profundo que a Senhora de Fátima nos veio trazer e que os católicos e os peregrinos são chamados a proclamar, a viver, a testemunhar: a palavra-chave é a caridade. A Senhora de Fátima é a mesma que, mal soube que sua prima Isabel precisava dela, “se pôs a caminho e se dirigiu à pressa para a montanha” (Lc 1,39). A simplicidade desta citação esconde muita dedicação e amor, mas também muita dificuldade, perigo e sacrifício: uma viagem de mais de cem quilómetros, por maus caminhos e possivelmente sem protecção especial, pois saiu “à pressa”. Mas a caridade não mede os perigos, não hesita quando alguém precisa de nós. É a grande lição de Maria. É a grande mensagem de Nossa Senhora, que não é só a nossa Mãe, mas também a nossa Mestre, que fez de Fátima uma cátedra, uma universidade de amor: “Apraz-me pensar em Fátima como escola de fé com a Virgem Maria por Mestre; lá ergueu Ela a sua cátedra para ensinar aos pequenos Videntes e depois às multidões as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar. Na atitude humilde de alunos que necessitam de aprender a lição, confiem-se diariamente, a Mestre tão insigne e Mãe do Cristo total, todos e cada um de vós” (Bento XVI; 10.Nov.2007).

Por isso, o bispo de Leiria e Fátima recorda que a mensagem de Fátima convida os homens a não se resignarem à banalização do mal e desperta a esperança através de um amplo renascimento espiritual de fervor, oração e conversão profunda dos corações, perante o consumismo actual que conduz a um mundo em que a religião é colocada em segundo plano. Por isso, espera que o Santuário se possa afirmar, enquanto local “místico e mistagógico (de iniciação à fé cristã)”, que ajudem a contrariar “o eclipse de Deus na cultura e nas consciências” (D. António Marto; *Maio.2007*).

Esta cátedra de espiritualidade é uma inestimável ajuda para os tempos difíceis que vivemos. Por isso, “em Fátima, todos somos melhores e mais humanos. Em Fátima renasce a esperança e o vale de lágrimas que tantas vezes é a nossa vida conhece uma nova Primavera. Em Fátima renasce a alegria e a paz” (Card. Velasio de Paolis, *Aos peregrinos*; 24.Maio.2011).

3.3. Terço e a Bíblia

Um pedido insistente de Nossa Senhora era: “Rezem o Terço todos os dias”. Muitos intelectuais (cristãos) perguntam: por que falava da reza do Terço e não da leitura da Bíblia?

O contexto pode mais uma vez ajudar. Nesse tempo, a maior parte das pessoas não sabia ler nem escrever e a Bíblia não estava acessível mesmo aos que sabiam ler. Mas mesmo hoje que, a maior parte das pessoas sabe ler, pode perguntar-se quantos a lêem? E quantos a sabem ler? Por isso vale a pena resumir aqui os ensinamentos bíblicos que uma pessoa, que não sabe ler nem escrever, tira da recitação do Terço, percorrendo com o “Santo Rosário juntamente com Maria os mistérios da vida de Cristo” (Bento XVI, *Verbum Domini* 88):

- no *crucifixo*: o grande amor de Deus ao mundo que lhe deu o seu querido filho;
- na *primeira conta grande*, a existência de um só Deus, Pai de todos;

- nas *três contas pequeninas*, as três Pessoas da Santíssima Trindade;
- nos *cinco mistérios*: os mandamentos da Santa Madre Igreja;
- na *conta que separa os mistérios*, o Pai Nosso, a mais bela oração que Jesus ensinou;
- nas *dez contas de cada mistério*: os Dez Mandamentos;
- nas *Avé-marias*: Nossa Senhora como mulher, que casou, teve um filho, teve que emigrar;
- nos *mistérios gozosos*: as alegrias de Nossa Senhora;
- nos *mistérios dolorosos*: os sofrimentos de Jesus, os de Maria e os dos pobres;
- nos *mistérios gloriosos*: a ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito Santo;
- nos *mistérios luminosos*: Jesus que passou a vida fazendo o bem (*Adaptação de Frei Acílio Mendes*).

3.4. Nossa Senhora, modelo do crente

Ao longo da História, Nossa Senhora, mãe de Jesus, foi objecto das mais variadas “devoções” e foi venerada sobre centenas de invocações. O culto mariano acabou, muitas vezes, por substituir o culto divino no coração de muitos crentes. Fruto de uma época assimétrica, em que o homem do povo não podia dirigir-se ao seu senhor, precisando de um intercessor.

Se “são muito de recomendar os exercícios piedosos do povo cristão, desde que estejam em conformidade com as leis e as normas da Igreja”, é importante “ordenar essas práticas tendo em conta os tempos litúrgicos, de modo que se harmonizem com a sagrada Liturgia, de certo modo derivem dela, e a ela, que por sua natureza é muito superior, conduzam o povo” (Vaticano II, *Sacrosanctum concilium* 13).

Se é certo que “Cristo é o único caminho para o Pai, que Cristo é o modelo supremo, ao qual o discípulo deve conformar o próprio comportamento até chegar ao ponto de ter em si os seus mesmos sentimentos, viver da sua vida e possuir o seu Espírito”, também é verdade que “a Igreja, instruída pelo Espírito e amestrada por uma experiência multissecular, reconhece que também a piedade para com a bem-aventurada Virgem Maria, subordinadamente à piedade para com o divino Salvador e em conexão com ela, tem uma grande eficácia pastoral e constitui uma força renovadora dos costumes cristãos” (Paulo VI, *Marialis Cultus* 57).

Portanto, não se trata de recorrer a Maria para escutar mensagens “apocalípticas”, para fomentar uma piedade que alimente uma infantilizada dependência com uma mãe idealizada ou para “comprar milagres”. Não. Maria é, para nós, o modelo de acolhimento fiel de Deus, de serviço ao seu Filho e de preocupação solidária com todos os que sofrem. Por isso, “a devoção a Maria não é um elemento secundário para alimentar a religião das pessoas ‘simples’, inclinadas a práticas e ritos quase ‘folclóricos’. Aproximarmos de Maria é, na verdade, colocarmo-nos no melhor lugar para descobrir e acolher o mistério de Cristo” (J.A. Pagola).

Porque Maria aceitou ser (*fiat*) “a serva do Senhor” que “derruba os poderosos e exalta os humildes” (Lc 1,38.52); “conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração” (Lc 2,19.51); pedia a Jesus pelos angustiados (Jo 2,3); acompanhou-o até à Cruz onde ele lhe entregou os seus discípulos: “Mãe, eis aí o teu Filho” (Jo 19,26).

4. OS PASTORINHOS COMO “MODELO DE PARTILHA COM OS OUTROS COMO AMOR DE DEUS”

4.1. Crianças

Será importante começar por uma pequena incursão histórica sobre o estatuto das crianças. No contexto greco-romano, para lá de palavras amorosas em lápides funerárias, a prática era marcada pela

violência e a arbitrariedade do poder paternal que podia condená-las à morte.

Os judeus distinguiam-se dos seus contemporâneos ao rejeitar práticas educativas brutais, incluindo o aborto e o abandono dos recém-nascidos. Recorde-se a coragem das parteiras que se recusaram a ordem do faraó para matar os recém-nascidos (Ex 1,15-22), gesto tão notável que a Bíblia registou os seus nomes: Chifra e Pua. Mas as crianças não estando sujeitas a estas arbitrariedades, sofriam noutros contextos. Por exemplo, os filhos de Hilel serviram de vítimas no sacrifício de fundação do Templo na reconstrução de Jericó, conforme o costume cananeu (1Rs 16,34) ou o filho do rei Acab que, quando subiu ao trono, “imitando o comportamento de outros reis de Israel, sacrificou o seu filho na fogueira, conforme os costumes abomináveis das nações que o Senhor expulsara diante dos israelitas” (2Rs 16,2-3). Sobretudo com a monarquia, aumentaram muito os órfãos e as viúvas que eram maltratados. Muitas viviam abandonadas e só podiam contar com a caridade alheia, por exigência do Senhor Deus (Dt 15,4-8). Os Profetas defendiam a justiça para com o órfão e a viúva. Apesar de muitos filhos ser sinal de uma bênção especial de Deus, as crianças eram vistas como ignorantes, caprichosas e carentes de uma disciplina severa (2Rs 2,23; Is 3,4; Sab 12,24-25; Prov 22,15; ...).

4.2. A novidade radical de Jesus

Jesus introduz aqui uma novidade radical no modo como devemos olhar as crianças. Três aspectos reforçam esta afirmação.

Quando os discípulos quiseram impedir as crianças de se aproximarem, Jesus “indignou-se” e repreendeu-os: “Deixai vir a mim as crianças; não as impeçais” (Mc 10,14). Jesus raramente se indignava (talvez apenas aqui e em Mc 3,5). Se se indignou, é porque considerava inaceitável o modo como as crianças estavam a ser tratadas.

Jesus apresenta as crianças como modelo dos adultos, coisa impensável e ofensiva para os judeus. E fá-lo por três vezes: 1) “Aquela geração” que não o acolhe comporta-se como crianças que brincam despreocupadas na praça pública (Mt 11, 15-19); 2) Para responder às dúvidas dos discípulos sobre qual deles era maior, pegou numa criança e disse-lhes: “Quem quiser ser o primeiro seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9,35); 3) “Quem não receber o Reino dos Céus como uma criança não entrará nele” (Mc 10,15).

Jesus afirma claramente que “quem acolher um destes meninos em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não me recebe a mim, mas àquele que me enviou” (Mc 9, 37).

Portanto, Jesus altera radicalmente o modo como as crianças devem ser olhadas: “Jesus expõe o seu pensamento apresentando as crianças como modelos e exemplares do Reino de Deus. Não porque as crianças possam manifestar conscientemente qualquer atitude ou posição a favor do Reino, mas porque diante do Deus de Jesus Cristo só o estado de *menoridade* é que conta. O que Jesus entende afirmar é o aspecto da *gratuidade* e do *dom* do Reino de Deus, do não-merecimento, em antítese com o pensamento de fariseus, saduceus, sinédrio, essénios e zelotas. Neste sentido, as *crianças*, os *pequenos*, os *menores*, bem como os pobres, doentes e pecadores, funcionam todos dentro do mesmo campo semântico do pensamento de Jesus. Da família semântica dos pobres fazem parte as crianças, os doentes e os pecadores” (Carreira das Neves).

Finalmente, o nosso Deus incarnou como criança. E é mesmo uma criança: “Para entrar no reino, temos de nos fazer humildes, sempre mais humildes e pequeninos, pequeninos o mais possível: tal é o segredo da vida mística. Um início sério de vida espiritual começa quando uma pessoa faz um autêntico acto de humildade, deixando a difícil posição de quem se crê sempre o centro do universo para se abandonar nos braços do mistério de Deus com uma alma de criança. Nos braços do mistério de Deus! N’Ele, não

há só poder, ciência, majestade, mas também infância, inocência, ternura infinita, porque é Pai, infinitamente Pai. Não o sabíamos antes, nem podíamos sabê-lo; foi necessário que nos enviasse seu Filho para o descobriremos. Este fez-Se criança e, deste modo, pôde dizer-nos para nos tornarmos crianças a fim de entrar no seu Reino. Ele, que é Deus de grandeza infinita, fez-Se tão pequenino e humilde diante de nós que somente os olhos da fé e dos simples podem reconhecê-Lo. Pôs assim em discussão o instinto natural de protagonismo que reina em nós: «Ser como Deus». Pois bem! Deus apareceu na terra feito criança. Agora sabemos como é Deus: é uma criança. Era preciso ver para crer! Veio ao encontro da nossa prepotente necessidade de sobressair mas inverteu a sua direcção, propondo colocá-la ao serviço do amor; sobressair, sim, mas como o mais pacífico, indulgente, generoso e serviçal de todos: o servo e o último de todos ... Para pessoas minadas pelo orgulho como nós, não é fácil tornar-se como as crianças. Por isso Jesus nos adverte tão duramente: «Não entrareis...!»! Não nos dá alternativa.” (Card. Bertoni, *Fátima*; 12.Mai.2010)

4.3. Crianças-evangelizadoras

Os pastorinhos eram crianças simples, de coração aberto ao transcendente, capazes de acreditar sem necessidade dos sinais exigidos pelos escribas ou dos grandes raciocínios requeridos pelos intelectuais. Viviam na simplicidade de coração, num oásis de paz.

E é nesta paz idílica que vão ser “perturbados” pelo Anjo e por Nossa Senhora. Mas nada os assusta. Nada temem. Nem as perseguições e desconfianças a que foram sujeitos os fizeram mudar de opinião. A força da fé tudo vence.

a) Ouvem e transmitem a mensagem

Quando Jesus entrava no Templo, “perante as crianças que proclamavam ‘Hossana ao Filho de David’, os sumos sacerdotes

e doutores da Lei ficaram indignados”: mas Jesus respondeu-lhes: “Nunca lestes: Da boca dos pequeninos e das crianças de peito fizestes sair o louvor perfeito?” (Mt 21, 15-16). O sujeito de “fizestes” é certamente Deus que revela aquela verdade às crianças, tal como sucedera com Pedro, ao confessar “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”, e Jesus explicitara: “És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu” (Mt 16,16-17). Para poder ouvir a Palavra de Deus é preciso ter um coração de criança: “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos” (Lc 10,21).

Também a mensagem de Fátima foi revelada aos Pastorinhos e não inventada por eles. Foi a “Senhora «vinda do Céu», como Mestra que introduz os pequenos videntes no conhecimento íntimo do Amor Trinitário e os leva a saborear o próprio Deus como o mais belo da existência humana. Uma experiência de graça que os tornou enamorados de Deus em Jesus, a ponto da Jacinta exclamar: «Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo. Quando Lho digo muitas vezes, parece que tenho um lume no peito, mas não me queimo». E o Francisco dizia: «Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!» ... Mais ainda, aquela Luz no íntimo dos Pastorinhos, que provém do futuro de Deus, é a mesma que se manifestou na plenitude dos tempos e veio para todos: o Filho de Deus feito homem. Que Ele tem poder para incendiar os corações mais frios e tristes, vemo-lo nos discípulos de Emaús. Por isso a nossa esperança tem fundamento real, apoia-se num acontecimento que se coloca na história e ao mesmo tempo excede-a: é Jesus de Nazaré” (Bento XVI, *Homília*).

b) Vivem essa mensagem

Os pastorinhos não se adormeceram na contemplação do Mistério nem se deixaram levar pela dúvida ou os receios de terem sido enganados por algum sonho. Foram pôr em prática o que a Senhora luminosa lhe pedira. Não andaram a gabar-se de terem sido escolhidos pela Nossa Senhora: “Exemplo e estímulo são os Pastorinhos, que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus. Nossa Senhora ajudou-os a abrir o coração à universalidade do amor. De modo particular, a beata Jacinta mostrava-se incansável na partilha com os pobres e no sacrifício pela conversão dos pecadores. Só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz” (Bento XVI, *Homilia*).

c) Desafiam-nos a vivê-la

Hoje vivemos tempos difíceis. Hoje não temos tempo de abrir o coração à universalidade do amor. Hoje “quem tem tempo para escutar a sua palavra e deixar-se fascinar pelo seu amor? Quem vela, na noite da dúvida e da incerteza, com o coração acordado em oração? Quem espera a aurora do dia novo, tendo acesa a chama da fé? A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo” (Bento XVI, *Homilia*).

Mas hoje, que tantas ameaças caem sobre as crianças – aborto, fome, violências domésticas, exploração sexual e publicitária, falta de um quadro jurídico que as defenda dos poderes paternos, ... – os Pastorinhos vêm recordar que as crianças devem ser acolhidas e amadas com especial carinho e devem ter prioridade nas políticas familiares, sociais e laborais.

A própria Igreja tem-se ficado pelos “códigos domésticos” das Epístolas, que exortam as crianças a obedecerem a seus pais e os

pais a não provocarem a ira de seus filhos (por ex., Col 3.20-21; Ef 6.1-4), parecendo esquecer que Deus as ama especialmente, que Deus é criança e que nós as devemos acolher como acolhemos Deus: “Quem acolhe uma criança a Mim acolhe”. É urgente retomar nos nossos contextos particulares a radicalidade do ensino de Jesus sobre as crianças. Elas não são apenas subordinadas aos adultos, elas também compartilham com eles sua vida e fé; elas não devem ser apenas formadas, mas imitadas; elas não são apenas ignorantes, mas capazes de receber discernimento espiritual; elas não são “apenas” crianças, mas representantes de Cristo. O que torna o desafio tão difícil é que Jesus requer a mudança não apenas da forma como os adultos se relacionam com as crianças, mas do modo como concebemos o nosso mundo social. Ele não apenas ensinou como fazer um mundo adulto mais justo e agradável para as crianças; ele também ensinou o nascimento de um mundo social em parte definido e organizado em relação às crianças. Ele pôs em julgamento o mundo adulto porque não é o mundo das crianças (J. M. Gundry-Volf).

5. CONTRIBUTO DA IGREJA PARA UMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA

5.1. Papel fundamental das comunidades

Este contributo necessário e obrigatório pode dividir-se em duas vertentes: uma interna, que tem a ver com a formação da identidade cristã; outra externa, que implica o compromisso comunitário e sobretudo individual no exercício da caridade e na promoção da justiça: “Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma” (Paulo VI, *Evangelii nuntiandi* 14). Precisamos de nos converter a Deus, de colocar toda a Igreja em estado de conversão, isto é, viver para o Reino de Deus e procurar a sua justiça, pondo os pobres no centro das nossas preocupações, de modo a que todos sintam sedutoramente a bondade e a compaixão do nosso Deus.

Como a Igreja se concretiza nas várias comunidades, que a constituem em união com os seus Pastores em comunhão com o Papa, e incarna por diferentes locais geográficos e culturais, tem necessidade de se tornar compreensível em cada um deles. É neste contexto que as comunidades ganham toda a sua relevância. Mas qual é a “paixão” das nossas comunidades? Qual é a sua “mística”? Com que vigor se sentem “em missão” ao serviço de Jesus Cristo?

“Perante situações, assim tão diversificadas, torna-se-nos difícil tanto o pronunciar uma palavra única, como o propor uma solução que tenha um valor universal. Mas, isso não é ambição nossa, nem mesmo a nossa missão. É às comunidades cristãs que cabe analisar, com objectividade, a situação própria do seu país e procurar iluminá-la, com a luz das palavras inalteráveis do Evangelho; a elas cumpre, haurir princípios de reflexão, normas para julgar e directrizes para a acção, na doutrina social da Igreja... A essas comunidades cristãs incumbe discernir, com a ajuda do Espírito Santo em comunhão com os bispos responsáveis e em diálogo com os outros irmãos cristãos e com todos os homens de boa vontade – as opções e os compromissos que convém tomar, para realizar as transformações sociais, políticas e económicas que se apresentam como necessárias e urgentes, em não poucos casos” (Paulo VI, *Octagesima adveniens* 4).

5. 2. Construir a nossa identidade cristã

a) “E, vós, quem dizeis que Eu sou?”

Ninguém nasce cristão; faz-se cristão. Não é um exercício intelectual, mas uma experiência de amor com Jesus de Nazaré, que os Evangelhos nos apresentam: é uma experiência existencial, vivencial, isto é, que envolva toda a vida e durante toda a vida. Nunca se é cristão a cem por cento. Vamos sendo cristãos e tanto mais quanto melhor conhecermos Jesus. Será isto que se passa?

“Se hoje tivéssemos de escolher, Jesus de Nazaré, o Filho de Maria, o Filho do Pai, teria alguma possibilidade? Será que conhecemos verdadeiramente Jesus? Compreendemo-lo? Porventura não deveríamos esforçar-nos por conhecê-Lo de modo completamente novo, ontem como hoje?” (J. Ratzinger-Bento XVI, *Jesus de Nazaré* 1, Esfera dos Livros, Lisboa 2007², pp. 73-74).

E poderíamos ir mais longe: “A identidade cristã não se joga apenas na pergunta de se Jesus é o Filho de Deus, mas também na pergunta de que Deus é Jesus Filho; portanto, não apenas na identidade de Jesus mas também na identidade do Pai” (González Faus).

Será que as nossas comunidades ensinam a conhecer e a descobrir Jesus e através de Jesus, o Pai, que ama todos sem excepção e tem um carinho especial pelos mais débeis?

Mas a novidade de Jesus não está em ter amado os pobres. Muitos o fizeram e fazem. A novidade é que os amou, sem excepção, dando-lhes prioridade sobre a Lei (perdoa à mulher adúltera, fala com a samaritana em público, toca os leprosos), sobre o Templo (critica o sacerdote e o levita que ignoram o ferido), sobre o Culto (não aceita as oferendas dos que não estão em paz com os irmãos). Porque, para Jesus, o verdadeiramente importante é a pessoa e não a religião, os servidores do altar ou a doutrina sobre a dignidade da pessoa. A sua preocupação prioritária vai para os que sofrem, como se vê na resposta que deu aos enviados de João Baptista: “Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres” (Mt 11,3-5). Este programa já Jesus enunciara ao iniciar a sua vida pública (Lc 4,17-22).

É este Jesus, que luta contra as injustiças, mesmo sabendo que isso o levará à morte (“ou ele ou nós” concluía Caifás: Jo 11,49s), que temos de “seguir” se queremos ser seus discípulos.

b) *Conhecer para viver*

Mas não basta, pois, saber a doutrina, mesmo actualizada; não basta meditar, estudar, orar a Palavra de Deus; não basta aprofundá-la amorosamente cada vez mais. É preciso pô-la em prática: “Não se trata, no entanto, apenas de *saber* o que Deus quer de nós, nas várias situações da vida. É preciso *fazer* o que Deus quer”. Por isso, o objectivo fundamental da formação é “a descoberta cada vez mais clara da própria vocação e a disponibilidade cada vez maior para vivê-la no cumprimento da própria missão” (João Paulo II, *Christifideles laici* 58).

Sem esta espiritualidade que nasce e se alimenta de Jesus e que nos leva a tratar a Deus por Pai não passamos de um grupo de filantropos bem intencionados, como tantos outros.

A metodologia seguida por Jesus com os discípulos de Emaús é um bom modelo: “Os dois discípulos exprimem bem a situação do homem e da mulher do nosso tempo: desiludidos pelas falsas seguranças da modernidade, às vezes até mesmo pelo próprio rosto da Igreja, ferido por fraquezas e pecados; à procura de um sentido da vida, de ideais pelos quais lutar, crer, esperar. Jesus primeiro faz-se encontro, chegando-se a eles; faz-se companheiro de viagem, interessa-se pela sua vida e pelos seus problemas; provoca-os a manifestarem-se e a sair do pequeno mundo em que estão fechados. E caminha com eles.” (E. Bargellini)

c) *Centralidade da Eucaristia*

Há uma relação muito íntima entre Eucaristia e Igreja: “A Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia” (João Paulo II, *Ecclesia de eucharistia* 26). Nela alimentamos a nossa espiritualidade, reforçamos o nosso fundamento de vida em Jesus Ressuscitado, criamos comunidade: “Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e centro na celebração da santíssima eucaristia, a partir da qual, portanto, deve começar toda a formação

do espírito comunitário. Esta celebração, para ser sincera e plena, deve levar não só às várias obras e caridade e ao auxílio mútuo, mas também à acção missionária bem como às várias formas de testemunho cristão.” (Vaticano II, *Presbyterorum ordinis* 6)

Comparando as narrações da Última Ceia, verificamos o paralelismo que há entre a instituição da Eucaristia (Sinópticos) e o Lava-pés (Jo 13,1-20). Ambos ocupam o mesmo lugar narrativo, Ambos são episódios que devemos: o “fazei isto em minha memória” é equivalente ao “para que, assim como eu fiz, vós façais também”. Certamente não se trata de mera coincidência: ambos os gestos estão profundamente interligados. Ficar connosco na Eucaristia é o sinal máximo do amor de Jesus. “Lavar os pés” aos irmãos é o sinal visível de que estamos possuídos pelo amor de Cristo: não podemos amar a Cristo só por palavras (cf. João Paulo II, *Mane nobiscum Domine* 28). Portanto, não pode haver Eucaristia sem Lava-pés: a Eucaristia sem Lava-pés esvazia-se num pietismo inconsequente; o Lava-pés sem Eucaristia torna-se um gesto de filantropia, sempre bonito, mas que nada tem a ver com o nosso fundamento que é Jesus.

Por isso, onde faltam caridade e justiça sobram Eucaristias. Por isso, em vez do “Ide em paz”, o presidente da Assembleia eucarística deveria dizer-nos: “Ide e produzi frutos: frutos de alegria (“Vinde, encontrámos o Senhor”), de partilha (o mesmo e único pão é partido e distribuído por todos), de solidariedade (“Levai os fardos uns dos outros”), de justiça (“Procurai em primeiro lugar o Reino e a sua justiça”), de paz (“Deixo-vos a minha paz, dou-vos a minha paz”), de amor (“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”), de esperança (“Vinde, Senhor Jesus”). “A despedida no final de cada Missa constitui um mandato, que impele o cristão para o dever de propagação do Evangelho e de animação cristã da sociedade” (*Mane nobiscum Domine* 24).

5.3. Contributo específico concreto

a) Testemunhar e proclamar a sua mensagem

A Igreja deve proclamar a todos o que lhe é específico: “em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus” (Paulo VI, *Evangelii nuntiandi* 27). E é em nome de Jesus Cristo e “a esta luz, e somente nela, (que) se ocupa do resto: dos direitos humanos de cada um e, em particular, do «proletariado», da família e da educação, dos deveres do Estado, do ordenamento da sociedade nacional e internacional, da vida económica, da cultura, da guerra e da paz, do respeito pela vida desde o momento da concepção até à morte” (João Paulo II, *Centesimus annus* 54).

b) Fazer uma leitura cristã da realidade

A realidade está em contínua mudança. A velocidade é tal que as pessoas ficam aturdidadas e sem rumo, sufocadas por torrentes de informação, muita dela manipulada. É preciso que nesta confusão, surjam convicções, se apontem rumos, se alimente a esperança, se dêem resposta a angústias existenciais: “Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (Vaticano II, *Gaudium et spes* 4).

c) Viver a espiritualidade do Samaritano

No diálogo com o mundo: “A religião, que é o culto de Deus que quis ser homem, e a religião – porque o é – que é o culto do homem que quer ser Deus, encontraram-se. Que aconteceu? Combate, luta, anátema? Tudo isto poderia ter-se dado, mas de facto

não se deu. Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente o Concílio. A descoberta e a consideração renovada das necessidades humanas – que são tanto mais molestas quanto mais se levanta o filho desta terra – absorveram toda a atenção deste Concílio” (PAULO VI, *Discurso no Concílio*; 7.Dez.1965).

No cuidado com o outro, seguindo a metodologia do samaritano: *aproximou-se*, para saber o que se passa realmente (ver com olhos); *viu*, para tomar consciência do que acontece (ver com a inteligência); *comoveu-se*, porque sem compaixão (“sofrer com”) não podemos pôr-nos na pele do outro nem assumir como nossos os seus problemas (ver com o coração); *agiu*, transformando em gesto libertador toda esta cadeia de envolvimento amoroso.

d) Denunciar as injustiças e combater as suas causas

A denúncia é necessária, porque uma injustiça silenciada só existe para quem a sofre. Por isso, “a nossa acção deve ter como objectivo, em primeiro lugar, aqueles homens e nações que, devido a formas diversas de opressão e por força da índole própria da sociedade actual, são vítimas silenciosas da injustiça e, mais ainda, vítimas da injustiça sem voz” (Sínodo dos Bispos, *A justiça no mundo* 20).

Por outro lado, devem analisar-se as causas destas situações para combatê-las. “A concepção do desenvolvimento como vocação inclui *nele a centralidade da caridade*. Paulo VI observava que as causas do subdesenvolvimento não são primariamente de ordem material, convidando-nos a procurá-las noutras dimensões do homem. Em primeiro lugar, na vontade, que muitas vezes descuida os deveres da solidariedade. Em segundo, no pensamento, que nem sempre sabe orientar convenientemente o querer; por isso, para a prossecução do desenvolvimento, servem «pensadores capazes de reflexão profunda, em busca de um humanismo novo, que permita

ao homem moderno o encontro de si mesmo» (Paulo VI, *Populorum progressio* 20). E não é tudo; o subdesenvolvimento tem uma causa ainda mais importante do que a carência de pensamento: é «a falta de fraternidade entre os homens e entre os povos» (nº 66). Esta fraternidade poderá um dia ser obtida pelos homens simplesmente com as suas forças? A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade. Esta tem origem numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos por meio do Filho o que é a caridade fraterna. Ao apresentar os vários níveis do processo de desenvolvimento do homem, Paulo VI colocava no vértice, depois de ter mencionado a fé, «a unidade na caridade de Cristo que nos chama a todos a participar como filhos na vida do Deus vivo, Pai de todos os homens» (Bento XVI, *Caritas in veritate* 19).

«RECEBESTES DE GRAÇA, DAI DE GRAÇA»

Nuno Amador

1. RECEBEMOS «A GRAÇA»!

No primeiro parágrafo da Encíclica «O Evangelho da Vida», sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana, o Papa João Paulo II faz esta surpreendente afirmação: «Na aurora da salvação está o nascimento de uma criança»¹. A frase, simples, condensa e cruza em si duas verdades maiores da fé cristã: o desejo que Deus tem de que todos os homens se salvem e a sua realização, plena e definitiva, em Jesus Cristo.

A história da salvação é uma imensa história de amor, onde continuamente Deus se faz próximo, comunicando-se gratuitamente com um amor que cria e que salva. A graça de Deus, o dom do seu amor, é o segredo da redenção e do mundo criado² e o homem é o permanente destinatário do chamamento de Deus à comunhão com Ele e do dom gratuito dessa comunhão. Esta é a sua mais alta e sublime vocação³!

Mas esta contínua gratuidade amorosa de Deus encontra resistência na vida e no coração do homem. Com a constante gratuidade e fidelidade de Deus que permanentemente restaura a aliança, contrasta com a constante incapacidade do homem de, sozinho, responder fiel e totalmente ao dom de Deus, à sua vocação. No mau uso da sua liberdade, a humanidade faz a experiência do pecado, como radical incapacidade de acolher e responder ao dom. Insistentemente *Deus faz, o homem desfaz, Deus refaz!*

¹ JOÃO PAULO II, *Evangelium vitae*, 1.

² Cf. Rom 12, 6; Ef. 6,7.

³ Cf. Rom 5, 6-10.

A Encarnação do Verbo é o momento decisivo deste drama de amor. É o acto máximo da generosidade divina, a maior prova da sua gratuidade. Em Jesus Cristo, «Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu filho para que todo aquele que n'Ele crê não morra mas tenha a vida eterna»⁴. N'Ele, Jesus Cristo, não recebemos apenas *de graça*, gratuitamente, recebemos a própria *Graça*. A salvação, paixão que habita o coração de Deus, tem o seu centro na pessoa do Verbo encarnado, o Salvador, e é da sua vida, da sua plenitude, que todos recebemos graça sobre graça⁵.

Sendo a plena e definitiva manifestação do amor de Deus ela é, ao mesmo tempo, a revelação de que o homem é capaz de, com Deus, responder fielmente a esse amor. Na vida de Cristo, de forma decisiva na história da humanidade, o homem é plenamente fiel, perfeito, pleno. Só na Graça o homem atinge a sua plenitude, e a sua resposta ganha, definitivamente, a marca da eternidade.

Em Cristo, Deus deu-nos *tudo* e, em Cristo, Deus deu-se *todo*⁶. N'Ele podemos reconhecer que o que somos, a Vida que temos, é uma extraordinária graça da misericórdia divina.

2. A VIDA COMO DOM

Ninguém pediu para nascer! Quando nos descobrimos neste mundo confronta-nos o espanto da existência. Não somos fruto de um acaso cego nem sequer do nosso querer, da nossa vontade. Na origem de todas as coisas, de tudo, está uma iniciativa divina que cria e que salva⁷. A primeira atitude do crente é a de se abrir a este surpreendente dom de Deus⁸.

⁴ Jo 3, 16.

⁵ Cf. Jo 1, 16.

⁶ Cf. Rm 8,3.

⁷ Cf. Sl 104; Dt 9,6; 1Jo 4, 10.

⁸ Cf. Mc 10, 15.

Desta forma, descobrir-se vivo é, em primeiro lugar, maravilhar-se com a graça de um dom. Alguém nos amou primeiro, nos pensou, nos chamou à existência e nos deu vida. Descobrir-se vivo é reconhecer, maravilhado, que a vida é um dom do qual não somos senhores absolutos e arbitrários, mas administradores que se querem fiéis, um dom que não podemos desperdiçar. As palavras do poeta diante deste espanto da existência são de uma sublime beleza: «*Tu modelaste as entranhas do meus ser e formaste-me no seio de minha mãe. Dou-te graças por tão espantosas maravilhas, admiráveis são as tuas obras*»⁹.

Mas o dom da vida não se limita ao dom da existência terrena! A vida oferecida ao homem é a vida do próprio Deus, a Vida Eterna¹⁰. «A vida manifestou-se, nós vimo-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a Vida eterna que estava junto do Pai que se manifestou a nós»¹¹.

O homem é chamado a uma plenitude de vida que vai muito além da dimensão da sua existência terrena, pois consiste na participação da própria vida de Deus e «a altura desta vocação sobrenatural revela a grandeza e a preciosidade da vida humana na sua fase temporal»¹². Somos chamados a viver cada momento da nossa vida com a marca da eternidade, com a marca da vida de Cristo, onde a eternidade se manifesta.

É por isso, que, descobrir-se vivo é também descobrir-se amado por um amor eterno, fazer a experiência da eternidade no tempo. E quem faz a experiência radical do dom de Deus, quem experimenta a eternidade no tempo e descobre na vida de Cristo, na sua entrega, a marca da Vida com sentido, quem se experimenta

⁹ Sl 139, 13-14.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *Tractatus in Iob*, III, 8,9, CCL 36, 24,25; cf. tb. BENTO XVI, «Angelus», 2 de Janeiro de 2011.

¹¹ 1Jo 1, 2.

¹² JOÃO PAULO II, *Evangelium vitae*, 2.

amado por um amor eterno torna-se capaz de viver a vida como oferta de amor, para que também outros vivam.

3. A VIDA COMO ENTREGA DE SI

De cada vez que celebramos a Eucaristia celebramos a vida como dom, como entrega. Nas palavras de Jesus, «Isto é o meu corpo que vai ser entregue por vós (que é para vós!)»¹³, se condensa toda a intensidade desta doação. Na Eucaristia fazemos memorial do acontecimento central da nossa salvação, onde, na fidelidade ao amor que o une ao Pai, Jesus realiza o dom completo de si próprio: «dá a sua vida». Ninguém lhe tira a vida. É ele quem a dá¹⁴!

A Cruz de Cristo é o lugar concreto da sua entrega real pois «a absoluta liberdade de Jesus exprimiu-se no dom do seu corpo»¹⁵. A entrega de Cristo, não consiste apenas numa disposição mental interior. É a entrega total do ser. Viver a vida como entrega não é uma abstracção, ou um ideal de vida. É, para nós crentes, a atitude mais concreta da fé. Dar a vida em cada dia, na família, pelos pais, pelos filhos, no trabalho, na escola, na comunidade cristã, num mundo que pensa com um horizonte fechado e sem abertura à eternidade, no amor gratuito a quem sabemos que não pode retribuir, no serviço desinteressado, na beleza da amizade, na busca da verdade e na coragem de a anunciar, denunciando o pecado e a mentira com o risco da própria vida... São tantos os lugares concretos onde esta entrega se torna possível e urgente.

E são todos, também, a expressão múltipla de um só lugar: a humanidade que Deus quer salvar. Cada homem e cada mulher são o lugar concreto e quotidiano do nosso martírio, da nossa entrega de vida. Fazer do outro, do *próximo*, o lugar concreto da entrega,

¹³ Lc 22, 19.

¹⁴ A. VANHOYE, «Dono», *Dizionario di Teologia Biblica*, Genova-Milano 2005, 308.

¹⁵ T. RADCLIFFE, *Ser cristão para quê?*, Lisboa 2011, 133.

defender o homem e a sua vida, significa imitar Jesus na sua entrega, como discípulo, e com Ele aprender a dar a vida¹⁶.

É urgente o encontro com a Cruz que suscite no nosso íntimo a memória daquele que se quis fazer homem e sofrer connosco para descobrir na cruz a medida infinita do amor de Cristo, para viver na fé do Filho de Deus que nos amou e se entregou por nós¹⁷: «Cristo entregou-se por cada um de vós e ama-vos de modo único e pessoal. Respondei ao amor de Cristo oferecendo-lhe a vossa vida com amor¹⁸.

4. RECEBER A VIDA É DAR A VIDA

No tempo em que vivemos é preciso cultivar a vida!

Cultivar é uma palavra esquecida e, para muitos, desconhecida. Compramos hoje tudo feito, adequado às nossas pressas. Já não fazemos muitas vezes a experiência de semear, regar, cuidar, ver nascer e crescer, dar fruto. A pressa quotidiana deixa-nos muitas vezes impacientes, incapazes de esperar. E quem não espera é como quem não vive!

Penso que é paradigmática a imagem do semear, exemplo tantas vezes usado por Jesus. O semeador semeia a semente e espera pacientemente que cresça e dê fruto, sabendo que pode não ser ele a colher o que semeou. Nós queremos frutos rápidos, uma eficiência e uma eficácia imediatas.

Talvez por isso dêmos pouco valor àquelas vidas que segundo os nossos critérios parecem pouco úteis e estejamos pouco dispostos a entregar a vida quando isso não signifique um reconhecimento imediato da nossa entrega. Habita-nos mais o desejo de sermos

¹⁶ Lc 10, 25-37.

¹⁷ Cf. BENTO XVI, «Discurso à cúria Romana por ocasião dos votos de Feliz Natal», 22 de Dezembro de 2008; cf. tb. Gal 2, 20.

¹⁸ BENTO XVI, «Saudação à Delegação vinda de Madrid para receber a Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude 2011», 6 de Abril de 2009.

célebres e bem sucedidos do que a verdadeira e gratuita capacidade de entrega, e confundimos o sucesso com a verdadeira felicidade. Mais que servir os outros, queremos conquistá-los!

Mas o anúncio de Jesus é claro: «quem quiser ganhar a sua vida há-de perdê-la, e quem perder a vida por causa de mim há-de encontrá-la»¹⁹. É preciso semear a vida, ter a audácia de a perder! Se a semente permanecer na mão do semeador ou esquecida no saco, apodrece, perde a força, não germina. Para semear são necessárias, ousadia e coragem: a coragem de largar a semente, de a deixar ir, para que possa germinar. Isto significa também cuidar da vida. Somos responsáveis por nos cultivarmos, por fazer com que a semente do dom germine em nós. Só desta forma teremos algo para dar aos outros. *Só se dá quem se tem!* Estou convencido que o conceito actual da liberdade, marcado por uma *pseudo-autodeterminação* que não tem espaço para o *autodomínio* abre espaço a uma incapacidade de doação. Eu dou-me enquanto recebo, enquanto sou consolado, segundo os meus interesses!

É tão diferente em Jesus Cristo! A liberdade de Jesus é uma liberdade sacrificada, fonte para nós de uma liberdade redimida, de uma liberdade libertada. Recebendo este dom o homem torna-se capaz de uma generosidade genuína²⁰ e faz a experiência de uma felicidade autêntica²¹, pois «a graça de Deus não se limita a salvar-nos da morte com um gesto de absolvição: leva-nos a uma generosidade sem limites»²².

¹⁹ Mt 16, 25.

²⁰ A. VANHOYE, «Dono», *Dizionario di Teologia Biblica*, Marietti, Genova-Milano 2005, 306-309; cf. tb. BENTO XVI, «Homilia na Missa com Seminaristas na Catedral de Santa Maria a Real da Almudena de Madrid durante as Jornadas Mundiais da Juventude», 20 de Agosto de 2011.

²¹ «Há mais felicidade em dar que em receber»: Act 20, 35.

²² J. GUILLET, «Grazia», *Dizionario di Teologia Biblica*, Genova-Milano 2005, 518-524.

5. A DÁDIVA DA VIDA (MORTE) É FONTE DE VIDA (RESSURREIÇÃO)

José Saramago, Nobel português da Literatura, começa um dos seus romances com a desconcertante e aparentemente ilógica frase: «no dia seguinte ninguém morreu»²³!

A esta afirmação romanceada se contrapõe a constatação quotidiana de que, na vida humana, a morte surge como acontecimento concreto, que adensa a dimensão do mistério do homem e o enigma da sua condição. No reconhecimento da finitude, a morte é o imperativo que sustém todos os outros, pois, na sua profundidade, se revela como pergunta pelo sentido da vida. A doença e o envelhecimento aparecem na vida humana como sinais de que a vida do homem caminha para o fim, para um momento decisivo, para o termo da sua dimensão peregrinante.

A frase revela talvez um dos maiores tabus do nosso tempo: a morte. Queremos a afastá-la a todo o custo! A morte é hoje escondida nos seus sinais, nas suas manifestações. Temos medo da morte! E esta uma atitude que se traduz na busca doentia de uma eterna juventude, no culto obsessivo do corpo, na incapacidade de acolher e valorizar os que envelhecem, dificuldade em fazer sacrifícios.

Ao mesmo tempo que a morte surge na sua mais mediática espectacularidade, o momento final da vida surge como instante de solidão, como tentativa de afastar o *horror mortis*, esvaziando também a existência da sublime profundidade da morte (*profunditas mortis*)²⁴. A maior parte dos que morrem, *vivem uma morte* branca, medicalizada, solitária, privada da humanidade devida à pessoa num dos momentos decisivos da vida.

Mas talvez sem nunca ter o Escritor pensado nisso, as entrelinhas revelam um dos maiores anseios do coração humano: a Vida Eterna.

²³ JOSÉ SARAMAGO, *As intermitências da morte*, Lisboa 2005, 13.

²⁴ Cf. C. ZUCCARO, *Il morire umano*, Brescia 2002, 45.

A morte não pode ser a última palavra sobre a pessoa! Isso seria a destruição da realidade no seu centro mais profundo²⁵. A pergunta pela possibilidade da vida para além da morte é radical abertura à transcendência, ao absoluto, ao infinito, ao mistério.

Jesus Cristo não eliminou a morte do horizonte da vida humana. Morreu numa Cruz para nos salvar. Mas na entrega da vida, pelo amor venceu a morte. A morte permanece na perspectiva da existência humana como um facto indiscutível e diário, mas ela é a passagem definitiva para um horizonte definitivo de eternidade, de uma Vida que desde já podemos experimentar. Como afirma de forma bela o Papa Bento XVI: «Muitas vezes a cruz assusta-nos porque parece ser a negação da vida. Na realidade, é o contrário! Ela é o «sim» de Deus ao homem, a expressão máxima do seu amor e a nascente da qual brota a vida eterna. De facto, do coração de Jesus na cruz brotou esta vida divina, sempre disponível para quem aceitar erguer os olhos para o Crucificado. Portanto, não posso deixar de vos convidar a aceitar a Cruz de Jesus, sinal do amor de Deus, como fonte de vida nova. Fora de Cristo morto e ressuscitado não há salvação!»²⁶

Na Cruz de Cristo, na sua Morte e Ressurreição, está o lugar da maior dádiva que recebemos. A entrega de Jesus reveste-se de um carácter, simultaneamente, universal e pessoal. Cristo morreu por todos e, por isso, morreu por mim. O dom deste amor infinito e gratuito revela o sentido da vida humana e da minha existência pessoal concreta.

Quem experimenta um dom tão grande torna-se eternamente agradecido, não pode ficar indiferente, deseja encarnar na história concreta o mesmo desejo que habita o coração de Deus: a Vida

²⁵ Cf. G. MARCEL, *Homo Viator. Prolegomeni ad una metafisica della speranza*, Torino 1967, 176.

²⁶ BENTO XVI, «Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude», 6 de Agosto de 2010.

eterna, a comunhão, a salvação de toda a humanidade, seguindo a exigência de um apelo existencial que interiormente lhe repete: *Recebestes de graça, dai de graça!*²⁷

²⁷ Mt 10, 8.

III

PROPOSTAS PARA VIVÊNCIA DO TEMA

QUEREMOS OFERECER-NOS A DEUS CATEQUESE PARA CRIANÇAS

Maria Luísa Boléo

I – INTRODUÇÃO

REFLEXÃO PARA O CATEQUISTA

1. O sentido da vida

Todos nós procuramos, ainda que uns mais intensamente do que outros, descobrir que sentido tem viver, porque estamos neste mundo, que haverá para além dele. Alguns desistem de encontrar uma resposta, contentando-se com uma rotina ou atordoando-se com prazeres fáceis. Outros, porém, não cessam de se interrogar e, mesmo quando a fé responde às suas inquietações, têm consciência de que a vida é toda ela uma busca, um caminho que conduz progressivamente à descoberta total.

Para nós, cristãos, «a nossa esperança tem fundamento real, apoia-se num acontecimento que se coloca na história e ao mesmo tempo excede-a: é Jesus de Nazaré. E o entusiasmo que a sua sabedoria e poder salvífico suscitavam nas pessoas de então era tal que uma mulher do meio da multidão exclama: “Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito”. Contudo Jesus observou: “Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11, 27. 28). Mas quem tem tempo para escutar a sua palavra e deixar-se fascinar pelo seu amor? Quem vela, na noite da dúvida e da incerteza, com o coração acordado em oração? Quem espera a aurora do dia novo, tendo acesa a chama da fé?» (*Homilia do Papa Bento XVI, Santuário de Fátima, 13 de Maio de 2010*).

Em Jesus encontramos o verdadeiro sentido da vida e a orientação para o caminho, mesmo quando este dá muitas voltas até chegar à meta.

2. Quereis oferecer-vos a Deus?

Esse caminho que temos de percorrer se acreditamos em Jesus Cristo passa necessariamente pelo amor aos outros, pelo serviço dos outros. “Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. (...) Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos” (1 Jo 3, 14.16). A única forma que temos de manifestar o nosso amor a Deus é o amor que devemos ter aos nossos irmãos: «Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4, 19-20).

O Papa Bento XVI, na sua visita a Portugal em 2010, desenvolveu a ideia da forma como somos responsáveis uns pelos outros: «Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: “Onde está Abel, teu irmão? [...] A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim” (Gn 4, 9). O homem pôde despoletar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo... Na Sagrada Escritura, é frequente aparecer Deus à procura de justos para salvar a cidade humana e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: “Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”» (*Memórias da Irmã Lúcia*, I, 162 – *Homilia do Papa Bento XVI*, Santuário de Fátima, 13 de Maio de 2010).

O Santo Padre sublinhou, portanto, apoiando-se na Mensagem de Fátima, a necessidade de sermos responsáveis pelos nossos irmãos e o carácter profético contido nessa atitude. Amar os irmãos, preocupando-se com eles, entregando-se a eles totalmente, é a melhor forma de concretizar a oferta de nós mesmos ao Senhor, que a Virgem pediu aos pastorinhos

3. Faça-se em mim...

«Imitemos Maria, fazendo ressoar na nossa vida o seu “faça-se”!» (*Papa Bento XVI*, Santuário de Fátima, 12 de Maio de 2010).

Ao ouvir as palavras do anjo que lhe anunciava ter sido escolhida para dar à luz “o Filho do Altíssimo”, que seria concebido porque “o Espírito Santo viria sobre ela”, Maria respondeu: “Eis a serva do Senhor, **faça-se em mim** segundo a tua palavra” (cf. Lc 1, 32-38). Estas palavras tornaram-se para sempre a expressão da atitude de total entrega e aceitação da vontade do Senhor que elas manifestam. Quando a Virgem, em Fátima, interroga as três crianças sobre a sua disponibilidade para se abandonarem nas mãos do Senhor (“quereis oferecer-vos a Deus...?”) sabia até onde pode levar essa entrega. Depois do seu “faça-se” teve de passar pelo risco de ser acusada de conceber ilegitimamente um filho; deu à luz esse filho em viagem e na pobreza, longe do seu ambiente familiar; pouco depois tornou-se refugiada no Egipto; perplexa, deu pela falta do seu filho de doze anos e procurou-o angustiada durante três dias, até o encontrar no Templo, a assumir-se como Filho de Deus; viu o filho, já adulto, dar início a uma vida itinerante, percorrendo os caminhos da Palestina e afastando-se cada vez mais dela, entregue à sua missão; por fim, passou pela maior angústia que pode atingir uma mãe, quando o seu filho foi preso, torturado, condenado e morreu pregado numa cruz, mas manteve-se firmemente junto dele. Mesmo depois da alegria da ressurreição teve de readaptar a sua vida a uma nova realidade, na qual adoptou, na pessoa de João,

todos os filhos nascidos da salvação realizada por Jesus. Segundo uma tradição antiga terá “emigrado” de novo, no fim da sua vida, acompanhando João e indo viver em Éfeso.

Assim, quando Nossa Senhora perguntou aos pastorinhos se queriam oferecer-se a Deus “para suportar todos os sofrimentos que Ele quisesse enviar-lhes”, sabia que um acto de entrega tem de ser incondicional, sem que se possa imaginar até onde nos pode levar. No caso do Francisco e da Jacinta, as suas vidas foram muito curtas e com um fim bem doloroso. Já a Lúcia viveu uma longa vida de fidelidade na oferta de si mesma feita aos 10 anos.

Peçamos à Mãe de Jesus e nossa mãe, Nossa Senhora do Sim, que nos ajude a dizer sim e a ser fiéis a essa entrega.

Objectivos:

- Descobrir que Deus nos pede que nos entreguemos a Ele.
- Desejar corresponder aos apelos do Senhor.
- Concretizar a entrega ao Senhor na partilha com os outros.

Observações Pedagógicas:

• Este tema vai ao encontro da generosidade própria das crianças, mas deve haver o cuidado de procurar que o desejo de corresponder ao amor de Deus se traduza em atitudes concretas.

• Evitou-se na apresentação do diálogo que teve lugar na primeira aparição as referências aos “sofrimentos que Deus quisesse enviar-lhes”. É certo que a pergunta, naquele tempo, foi feita a crianças, mas o tema do sofrimento, já de si tão complexo, apresentado como vindo de Deus seria difícil de justificar.

• A tónica foi, portanto, posta na entrega de si mesmo, na doação que cada um pode fazer de si mesmo para corresponder ao amor de Deus, sem deixar, no entanto, de chamar a atenção para o sofrimento que pode vir ao nosso encontro, na sequência dessa entrega.

• Esta catequese foi pensada para crianças de 3º/4º catecismo, mas pode ser utilizada, mediante algumas adaptações, com crianças mais velhas, ou até adolescentes. Não se aconselha a sua utilização com crianças mais pequenas, dada a complexidade do tema.

Materiais:

- Fotografia dos três pastorinhos.
- Imagem de Nossa Senhora com os três pastorinhos.
- Frase 1: *Quereis oferecer-vos a Deus?*
- Frase 2: *Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. (Lc 1, 38).*
- Pequenos quadrados de papel, um para cada pessoa.
- Pequeno cesto colocado junto do crucifixo da sala.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Experiência Humana

Hoje vamos recordar três meninos que já conhecemos e um acontecimento que se deu no nosso país há muitos anos. Chamavam-se Lúcia, Francisco e Jacinta. Quem sabe quem eram esses meninos?... (*Breve diálogo*). Sim, foram os meninos a quem Nossa Senhora apareceu na Cova da Iria, junto de Fátima. O Francisco e a Jacinta eram irmãos e eram os mais novos de uma grande família. A Lúcia também era a mais nova dos irmãos e era prima dos outros meninos. (*Fotografia dos três pastorinhos*). Todos três tomavam conta juntos dos rebanhos de ovelhas dos respectivos pais. Viviam em Aljustrel, uma pequenina aldeia muito perto de Fátima. No dia 13 de Maio de 1917, guardavam os rebanhos num lugar próximo, chamado Cova da Iria. Foi então que Nossa Senhora lhes apareceu pela primeira vez. (*Imagem de N. S.ª com os três pastorinhos*). Depois de trocar algumas palavras com a Lúcia, Nossa Senhora perguntou: “Quereis oferecer-vos a Deus?” (*Afixar Frase 1 e dialogar*

sobre ela com as crianças. Verificar se compreendem). O que querará dizer “oferecer-se a Deus”?... Dar-se, entregar-se a Deus... Os três meninos responderam que sim. Aceitaram entregar-se totalmente a Deus sem saberem ainda o que ia ser a vida deles. Entregaram-se com toda a confiança.

Palavra de Deus

Quando Nossa Senhora fez aquela pergunta aos meninos, sabia bem o que estava a pedir-lhes. Também a ela Deus tinha um dia feito uma pergunta semelhante. Sabemos que Nossa Senhora vivia em Nazaré, na Palestina. Um dia, um anjo enviado por Deus veio dizer-lhe que tinha sido escolhida para ser a mãe do Filho de Deus. Lembra-se como foi? Como é que o anjo a cumprimentou?... “Ave, ó cheia de graça, o Senhor está contigo”... É o que nós também dizemos quando rezamos a Ave-Maria.

Leitura de Lc 1, 30-33. 38

Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.” (...) Maria disse então: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” E o anjo retirou-se de junto dela.

Silêncio

(Dialogar com as crianças sobre a leitura) ...O anjo disse a Maria que ela ia ter um filho. Quem era esse filho? ... Sim, era Jesus, o Filho de Deus. O anjo diz que ele vai receber o “trono de David”, que tinha sido um grande rei em Israel e que era antepassado de Jesus. Também diz que há-de reinar para sempre na “casa de Jacob” que tinha sido um dos homens mais importantes quando

o povo de Israel ainda estava a começar a existir. Tudo isto queria dizer que o menino que havia de nascer não era um menino qualquer. Era realmente o próprio Filho de Deus. E o que é que Maria respondeu ao anjo?... (Afixar Frase 2). Maria aceitou pôr-se inteiramente à disposição do Senhor, ofereceu-se totalmente a Deus para o que Ele quisesse fazer dela.

Nós conhecemos um bocadinho do que foi a vida de Maria, o suficiente para sabermos que passou muitas dificuldades. Quando estava à espera de Jesus, teve de viajar de Nazaré para Belém e Jesus nasceu numa gruta onde se guardavam os animais. Pouco depois, Maria e José tiveram de fugir com Jesus para o Egipto por causa da perseguição do rei Herodes. E quando Jesus foi preso, como terá sido para a sua mãe vê-lo maltratado e, finalmente, pregado numa cruz?...

Mas Maria tinha-se oferecido a Deus para cumprir a vontade dele, ser a mãe do seu Filho, com todas as alegrias e todo o sofrimento que isso pudesse trazer-lhe. Quando disse “faça-se” entregou-se mesmo toda a Deus, disposta a aceitar tudo.

E nós, também seremos capazes de nos oferecermos a Deus? Vamos pensar um bocadinho, cada um no nosso coração... (Silêncio) Temos amor a Deus suficiente para dizermos como Maria “faça-se”, ou como os pastorinhos quando responderam a Nossa Senhora que aceitavam oferecer-se a Deus?...

Expressão de Fé

(Distribuir pequenos quadrados de papel pelas crianças, ficando também o catequista com um). Agora vamos escrever neste bocadinho de papel o que pensámos, o que queremos dizer a Deus, do fundo do nosso coração. O que vamos escrever é só entre cada um de nós e Deus. (Todos escrevem o que entenderem no papel). Agora vamos dobrar os papéis e vamos oferecê-los ao Senhor, colocando-os naquele cestinho. E vamos cantar:

Cântico: Pai, eu te adoro (Cantemos todos, 11ª edição, nº 434)

*Pai, eu te adoro.
Te ofereço a minha vida.
Como eu te amo!*

*Jesus Cristo, eu te adoro.
Te ofereço a minha vida.
Como eu te amo!*

*Espírito Santo, eu te adoro.
Te ofereço a minha vida.
Como eu te amo!*

*Trindade Santa, eu te adoro.
Te ofereço a minha vida.
Como eu te amo!*

E agora, todos juntos, diante do nosso Deus que nos ama tanto e nos tem dado tantas coisas, vamos dizer-lhe:

Oração:

- Senhor, nós somos teus amigos. Ajuda-nos a dar-te o nosso coração.

• Queremos oferecer-nos a Ti, mas nem sempre temos forças para cumprir a tua vontade.

- Senhor, nós somos teus amigos. Ajuda-nos a dar-te o nosso coração.

• Queremos ficar à tua disposição para tudo quanto quiseres de nós.

- Senhor, nós somos teus amigos. Ajuda-nos a dar-te o nosso coração.

• Sabemos que Tu, Senhor, és forte e nos dás forças nas dificuldades.

- Senhor, nós somos teus amigos. Ajuda-nos a dar-te o nosso coração.

• Contigo, Senhor, nós vamos ter força para tudo quanto quiseres pedir-nos.

- Senhor, nós somos teus amigos. Ajuda-nos a dar-te o nosso coração.

Como é que os três meninos, depois de se oferecerem a Deus, foram capazes de levar a sério essa oferta que tinham feito ao Senhor? Eles foram descobrindo que, como Nossa Senhora, tinham de fazer sempre a vontade de Deus. E a melhor maneira de fazer a vontade de Deus é fazer tudo o que podemos pelos outros. E por isso eles procuraram ajudar todos, ter paciência para com todos, mesmo para com aqueles que os tratavam mal, porque não acreditavam que eles tinham visto Nossa Senhora. Muitas vezes até davam a merenda que as mães lhes preparavam a meninos pobres que não tinham merenda para comer. Também aceitaram com amor todo o sofrimento por que tiveram de passar. Tanto o Francisco como a Jacinta tiveram uma doença grave, que lhes causou grande sofrimento e morreram ainda antes de fazerem 11 anos. A Lúcia, quando cresceu, entrou para um convento e morreu já muito velhinha, depois de uma longa vida em que teve, com certeza, muitas alegrias e muitos momentos difíceis.

E nós? Que poderemos fazer para nos entregarmos de verdade ao Senhor? Vamos pensar um bocadinho como é que cada um de nós se há-de dar a Deus... De que maneira poderemos ajudar os outros?... Partilhar o que temos com os outros...

Com a ajuda de Deus havemos de descobrir a melhor maneira de nos darmos a Ele e havemos de ser capazes de o fazer.

Depois de uns momentos de reflexão, poderão desenhar como podem concretamente “entregar-se a Deus”. Terminar, retomando o cântico: *Pai, eu te adoro. Te ofereço a minha vida. Como eu te amo!*

“QUEREIS OFERECER-VOS A DEUS?”
DESPERTAR DA FÉ COM OS PASTORINHOS

Maria José Bruno

É o convite que é feito, a três crianças que guardavam um pequeno rebanho de ovelhas, na Cova da Iria. Deus oferecia àquelas crianças um encontro, tão maravilhoso como singular. A linda Senhora surpreende, assusta e encanta: “Não tenhais medo”, foram as palavras que os pastorinhos escutaram da Senhora mais brilhante que o sol. No diálogo com a Senhora, protagonizado pela Lúcia, as crianças dão o seu sim a Deus, e assim inicia o que, nos desígnios de Deus, é hoje Fátima para Portugal e para o mundo.

Contar a história do que aconteceu, naquele dia, a crianças pequeninas, num contexto favorável, pode despertar nelas a abertura à relação com o mistério de Deus.

1. CONTAR O QUE ACONTECEU NO DIA 13 MAIO DE 1917

Queres conhecer uma história bonita e verdadeira?

É a história de três meninos: Lúcia, Jacinta e Francisco. Eles viviam numa pequena povoação que se chamava Aljustrel. Nesse tempo as crianças começavam muito cedo a trabalhar.

- Sabem qual era o trabalho deles?

Guardavam as ovelhas dos seus pais. Levavam o rebanho para os campos, para os animais se alimentarem. A Jacinta tinha sete anos, o Francisco quase nove e a Lúcia tinha dez anos. Jacinta e Francisco eram irmãos e eram primos de Lúcia.

Na manhã do dia 13 de Maio de 1917, num Domingo, depois de irem à missa com os pais, lá saíram eles os três com as ovelhas. Iam devagar e as ovelhinhas iam pastando pelo caminho.

Chegaram a um lugar de pastagem, chamado Cova da Iria por volta do meio-dia e puseram-se os três a brincar, construindo uma parede, enquanto as ovelhas iam pastando.

De repente, viram um clarão, que parecia um relâmpago. Pensaram que viria trovoada e começaram a conduzir o rebanho pela encosta abaixo. Depois veio outro relâmpago.

Avançaram um pouco mais e vêem sobre uma árvore pequenina, uma carrasqueira, uma Senhora, vestida de branco, mais brilhante que o Sol.

Ficaram parados a olhar para aquela linda Senhora. A Lúcia diz que não tiveram nenhum medo daquela Senhora.

As primeiras palavras da Senhora foram: “Não tenham medo. Eu não vos faço mal.”

A Lúcia perguntou: - De onde é a Senhora?

E a Senhora respondeu: - Sou do Céu!

Então, a Lúcia perguntou: - O que é que a Senhora me quer?

A Senhora disse-lhe: - Vim aqui para vos pedir que venham aqui seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora. Depois digo quem sou e o que quero. Voltarei ainda uma sétima vez.

Depois a Lúcia perguntou: E eu também vou para o céu?

“Sim, vais”. Respondeu a Senhora.

E a Jacinta? Perguntou a Lúcia.

“Também”, respondeu a Senhora. E acrescentou depois: **Quereis oferecer-vos a Deus** para ajudar as pessoas (os meninos e as pessoas crescidas) que fazem o mal para que deixem de o fazer e passem a fazer o bem?

Sim queremos, disse Lúcia

“Isso custa, e é difícil, mas a graça de Deus estará sempre com vocês, para vos dar coragem e consolação” disse-lhe a Senhora.

Ao dizer estas palavras, a Senhora abriu as mãos. E das palmas das suas mãos saía uma luz que os envolvia. Os três Pastorinhos sentiram que aquela luz entrava nos corações deles e fazia com que sentissem uma alegria e uma paz muito grande.

Os pastorinhos sentiram uma vontade muito grande de ficarem de joelhos e rezaram em silêncio a oração: “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento”.

Passados uns momentos, a Senhora vinda do Céu acrescentou: “Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra”.

Em seguida, com muita luz à sua volta, começou a elevar-se serenamente para o Céu, até desaparecer.

Depois daquele dia os pastorinhos juntavam-se os três para rezar, isto é, falar com Deus e conversavam entre eles.

O Francisco dizia: O que gostei mais foi de ver Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Jesus está triste por causa de tantas maldades que muitas pessoas fazem. Nós não queremos fazer maldades.

2. CONVERSAR

- Atender às diferentes perguntas que as crianças fazem depois de lhes ser contada esta história e acentuar a pergunta de Nossa Senhora: **Quereis oferecer-vos a Deus?** Isto é, quereis dar o vosso coração a Deus, que vos quer tornar muito felizes?

- O que fizeram os pastorinhos depois do pedido da Senhora?

- O que é que os pastorinhos ofereciam a Deus?

- E tu o que farias?

- Ofereciam a amizade que tinham no seu coração, pensavam como Deus é bom e como Ele quer que todas as pessoas sejam amigas e façam o bem. O Francisco gostava de rezar sozinho, a Jacinta e a Lúcia gostavam mais de rezar juntas o terço.

- O que é o terço? Nós também podemos rezar a Ave-Maria e o Pai Nosso...

- Eles ofereciam orações: rezavam pelas pessoas, para que fossem boas e fossem também para o céu. Porque o que o Pai do Céu

quer é que todos sejam muito felizes. E é a fazer o bem que nós nos sentimos felizes.

- Eles até davam o lanche pensando que assim davam gosto a Jesus.

- Nós também podemos rezar como eles.

3. ORAÇÃO

Para educar as crianças para a oração é importante a atitude do adulto e o modo como lida com a dinâmica das crianças. Facilita criar um contexto, por mais simples que seja, ex: uma vela acesa quando se reza, um jogo de silêncio, uma imagem, um poster...

Dar a Deus um bocadinho do nosso tempo, pois estamos com quem gosta tanto de nós!

Os Pastorinhos rezavam, às vezes, sozinhos e, outras vezes, juntos. Era assim que davam a Deus o tempo deles e sentiam alegria em dá-lo, como se dá um presente.

Nós vamos dar também um bocadinho do nosso tempo a Deus. Ele é tão bom para nós! Por isso Ele merece a nossa atenção.

Acendemos a vela e olhamos para ela, sem falar, por uns instantes.

A luz é bonita para os nossos olhos e também para o nosso coração.

A vela acesa faz-nos lembrar aquela luz que a Senhora mostrou e de que o Francisco tanto gostou. A luz de Deus enche o nosso coração.

Podemos cantar: “Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar!”

Querem rezar como a Senhora pediu?

Sugestão: Hoje rezamos para que todos os pais e mães tenham muita luz. A luz de Deus para verem bem o seu caminho e nos poderem assim ajudar.

Rezamos pelos meninos para que descubram a luz de Deus.

Ajudar as crianças a usarem palavras delas para se exprimirem, por vezes são elas que facilitam o caminho da oração.

4. PARA FAZER COM AS CRIANÇAS

No mês de Maio ou Outubro, ou nos dias 13 de cada mês, fazer um pequeno altar em casa com a imagem de Nossa Senhora. Colocar uma vela e uma cesta junto do altar.

Combinar que aquela é a cesta onde vamos por as ofertas do nosso coração a Deus.

As coisas boas que se fazem no dia, podem simbolizar-se de diferentes modos:

O mais importante é que as crianças sintam que na sua família se leva a sério o que Nossa Senhora pediu.

Hoje, nós queremos oferecer a Deus o nosso coração, como a mais bela prenda que temos para Lhe dar, neste momento do dia.

A nossa oferta é simbolizada através de pequenas coisas em que a criança também se envolve, por exemplo:

- **Flores naturais** que se colocam numa taça ou numa jarra.

- **Rodas de papel** ou cartolina pintadas. Estas vão-se juntando e enfiam-se numa fita ou num fio de algodão, fazem-se nós para separar as rodas e formar um terço no fim do período combinado.

- **Bolinhas** feitas com prata dos chocolates. Com estas também se pode fazer um terço

- **Desenhos** de pessoas que demonstram fazer bem.

BIBLIOGRAFIA:

- *Jacinta*, Secretariado do Pastorinhos P – 2496 – Apartado 6 Fátima 20 de Fevereiro 1992
- *Bem – Aventurados*, Madalena Fontoura, Editora Rei dos Livros, Abril, 2000
- *Despertar da Fé* – Patriarcado de Lisboa, Editora Nova Terra ISBN 972-99735-1-2

A MINHA VIDA SENHOR É DOM DO TEU AMOR

Paulo Campino

1. OBJECTIVOS

- 1.1. Reconhecer que a vida é dom de Deus.
- 1.2. Descobrir respostas para oferecer hoje a vida a Deus.
- 1.3. Proporcionar encontro com o Deus da vida.

2. INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos tenta a todo o momento afastar-nos de Deus. O homem do século XXI julga-se auto-suficiente e, como tal, tenta erradicar Deus da sua vida.

Os projectos de vida de cada adolescente não valorizam a dimensão do transcendente e Deus aparece ou como alguém com quem não tenho nada a ver ou então como um pronto-socorro para as minhas horas difíceis.

Com grande desejo de liberdade, de autonomia e auto afirmação é importante que Deus lhes seja apresentado como o único que possibilita a liberdade plena num mundo marcado por tantas mudanças culturais. Onde os valores são cada vez mais relativizados, onde a ética se esbate, a política não resolve os problemas sociais e o desencanto e a falta de perspectivas profissionais estão muito presentes, só Deus pode ser verdadeiramente a solução. Como nos disse o Papa Bento XVI na sua última presença entre nós: *“Senhor, a nossa grande esperança, está connosco; no seu amor misericordioso, oferece um futuro ao seu povo: um futuro de comunhão consigo.”* Por isso a nossa esperança tem fundamento real, apoia-se num acontecimento que se coloca na história e ao mesmo tempo excede-a: é Jesus de Nazaré.

Então o caminho só pode ser feito com Jesus Cristo. A pergunta que nossa Senhora fez aos pastorinhos, tem de ser agora colocada aos adolescentes: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar

todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» (*Memórias da Irmã Lúcia*). Claro que a linguagem hoje é outra, a forma como os sofrimentos surgem também mudou muito, mas, no fundo, a problemática é sempre a mesma. Como é a minha relação com Deus? Como Lhe respondo às suas solicitações? Que caminhos seguir? Que modelos imitar? De quem falar aos homens de hoje? Tal como aos pastorinhos, a pergunta continua a estar centrada no serviço à Igreja. Os pastorinhos manifestam que estão dispostos a assumir a atitude fundamental dos discípulos de Cristo e membros da Igreja: assumem a sua condição de baptizados e, com Cristo, são novas criaturas.

Os Pastorinhos estavam totalmente possuídos do amor a Jesus e convencidos que poderiam ajudar a tornar o mundo melhor. Temos de ajudar os adolescentes a centrar a sua vida em Cristo e a crescer no amor a esse Senhor de vida. Como seria interessante que, tal como a Jacinta, cada um pudesse afirmar: *“Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lh’o digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito, mas não me queimo. Outra vez dizia:– Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo.”* (*Memórias da Irmã Lúcia*)

Quereis oferecer-vos a Cristo? Como colocar esta questão hoje? Escolhemos o evangelho do Jovem Rico, em **Mt 19, 16-21**, e gostaríamos que cada um trabalhasse o texto, meditando na resposta que daria a Jesus. Vem e Segue-Me.

Este é o grande objectivo desta catequese: que cada um seja capaz de encontrar a forma de, nos tempos de hoje, se oferecer a Deus. Não deve ser trabalhada com falsos moralismos, nem limitando a liberdade criativa da oferta. Os pastorinhos consideravam que o oferecimento passa pelo sofrimento, daí que tenham feito tantas mortificações, mas os tempos hoje são outros, as ofertas e as mortificações também, sem perder de vista o seguimento de Cristo,

que se revê no Pai e O revela, revelação que abarca o homem, na medida em que entender as suas angústias e o seu sofrimento. Seguir Jesus hoje é abrir o horizonte de uma esperança certa que não desilude, é reconhecer o fundamento sobre o qual apoia a vida, é não ter medo de arriscar a própria vida.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. Experiência Humana

A vida de cada pessoa é um “dom de ternura com Deus”. O homem, enquanto criado à imagem e semelhança de Deus, está em comunhão com todos e é, com todos, gerador de vida em abundância. Neste primeiro momento pretende-se que os adolescentes reflectam sobre a sua própria vida.

O animador entrega a cada elemento do grupo uma folha com as seguintes questões:

- a) Há alguma coisa que te preocupe?
- b) Há alguma coisa que te faça muito feliz?
- c) Quais os traços mais positivos da tua personalidade?
- d) Quais os traços mais negativos da tua personalidade?
- e) Qual o valor que mais aprecias numa pessoa?
- f) Como ocupas os teus tempos livres?

(o animador deve dar tempo para reflectir, ir passando por cada elemento do grupo e evitar respostas vulgares)

Depois de responderem às questões, na folha, o animador coloca uma grande folha de papel de cenário para que cada um, usando fotos, palavras, desenhos, etc..., possa responder de forma simbólica à seguinte questão: **“quem sou?”**

Quando todos terminarem a sua colagem, em silêncio, dedicar algum tempo para que o grupo analise o trabalho final.

• (o animador deve dar tempo suficiente; o silêncio é importante; uma música de fundo pode ajudar)

Concluído o mural, o grupo analisa-o e cada elemento apresenta os aspectos mais sugestivos e importantes que quer realçar.

• (o animador proporcionar a participação de todos sem protagonismos)

No final desta análise, o grupo atribui um Título ao mural.

• (o animador deve ajudar a fazer a síntese e realçar os aspectos mais importantes)

3.2. Palavra de Deus

Este momento da catequese deve ser trabalhado ao “jeito” de “Lecio Divina”.

O animador convida cada elemento a ler o texto em silêncio - Mt 19, 16-21:

Aproximou-se dele um jovem e disse-lhe: «Mestre, que hei-de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?» Jesus respondeu-lhe: «Porque me interrogas sobre o que é bom? Bom é um só. Mas, se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos.» «Quais?» – perguntou ele. Retorquiu Jesus: Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe; e ainda: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o jovem: «Tenho cumprido tudo isto; que me falta ainda?» Jesus respondeu: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.» Ao ouvir isto, o jovem retirou-se contristado, porque possuía muitos bens. Jesus disse, então, aos discípulos: «Em verdade vos digo que dificilmente um rico entrará no Reino do Céu. Repito-vos: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino do Céu.» Ao ouvir isto, os discípulos ficaram estupefactos e disseram: «Então, quem pode salvar-se?»

Fixando neles o olhar, Jesus disse-lhes: «Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível.»

Depois de lido em voz alta e individualmente deve iniciar-se a reflexão. O animador não deve perder de vista o objectivo central desta catequese, que consiste em reconhecer Deus como Senhor da Vida e em estar disponível para que cada um, agora a seu jeito, se ofereça a Deus.

Dando sempre espaço para o diálogo e partilha em oração, o animador deve reforçar as seguintes ideias centrais do texto:

a) A questão da formulação da pergunta. Trata-se de vida, que é sempre exuberante e bela; o que fazer para a ter sempre, ter plenamente, não a delimitar no tempo e no espaço, não reduzindo ao aqui e agora?

b) O aqui e agora deve garantir autenticidade e questionar o sentido da vida. A pergunta, hoje, poderia ser: que devo fazer para que minha vida tenha sentido? Ou seja: como devo viver, para colher plenamente os frutos da vida? Ou ainda: que devo fazer para que a minha vida não passe inutilmente? Estou satisfeito com a minha vida? Ou falta-me ainda qualquer coisa? Nesta pergunta podemos vislumbrar uma condição muito semelhante à de cada um de nós. Também nós somos ricos de qualidades, energias, sonhos, esperanças, recursos que possuímos em abundância!

(O animador deve dar tempo para que cada um possa responder interiormente)

c) Só Jesus pode ser a resposta. Mas Jesus quer entrar na vida daquele Jovem, e, como o conhece e sabe das suas angústias interiores, Ele próprio o questiona: por que me chamas

“bom”? Nesta pergunta encontra-se a chave da resposta. Aquele jovem percebeu que Jesus é bom e que é mestre. Um mestre que não engana. Reconhecer, no entanto, que Jesus é bom, não é suficiente, é necessário mais.

d) É necessário estar aberto à bondade e à beleza. Aí se conhece Deus. Ver Deus em todas as coisas e em todos os acontecimentos, mesmo lá onde a maioria só vê a ausência de Deus. Vendo a beleza das criaturas e constatando a bondade presente em todas elas. O bom de Jesus interpela a minha vida e espera de mim respostas concretas. Também eu sou chamado a ser bom ao jeito de Jesus.

e) Para o jovem, conhecer Deus era seguir e cumprir as suas regras e mandamentos, no entanto, isso não basta. Somos impelidos a fazer algo para nos realizarmos a nós mesmos. Realizar-se, através da acção, na verdade, é tornar-se real. Nós somos, em grande parte, a partir de nossa juventude, o que nós queremos ser. *“Somos, por assim dizer, obra de nós em Deus.”*

f) Jesus convida o jovem rico a ir mais além da satisfação das suas aspirações e dos seus projectos pessoais, dizendo-lhe: «Vem e segue-me!». A vocação cristã deriva de uma proposta de amor do Senhor e só pode realizar-se graças a uma resposta de amor: «Jesus convida os seus discípulos ao dom total da sua vida, sem cálculos nem vantagens humanas, com uma confiança sem reservas em Deus. É como se Jesus lhe tive dito: oferece-te a Deus.

g) Aquele jovem, que veio a correr ao encontro de Jesus, era muito rico. Entendemos esta riqueza não apenas no plano material. A própria juventude é uma riqueza singular. É preciso descobri-la e valorizá-la. Jesus deu-lhe tal valor que o convida a participar na sua missão de salvação. Tinha todas as condições para uma grande realização e uma grande obra.

h) A tristeza do jovem rico do Evangelho é aquela que nasce no coração de cada um quando não tem a coragem de seguir Cristo, de fazer a escolha justa. Mas nunca é tarde de mais para lhe responder! Tal como os pastorinhos de Fátima estavam disponíveis para oferecer a sua vida a Deus, também nós o devemos fazer. Só assim a nossa vida terá verdadeiramente sentido.

3.3 Expressão de Fé

Após a análise do texto bíblico, o animador convida o grupo a entrar em oração. Se possível, fazê-lo na própria Igreja. O ambiente deve ser acolhedor e os adolescentes podem colocar-se em volta do altar.

Cântico Deixa Deus entrar na tua própria casa
Deixa-te tocar pela Sua graça.
Dentro, em segredo, reza-lhe sem medo:
Senhor, Senhor! Que queres que eu faça?

(A oração seguinte pode ser rezada em dois coros)

C1 – A vida é uma oportunidade, agarra-a.
C2 – A vida é beleza, admira-a.
C1 – A vida é bem-aventurança, saboreia-a.
C2 – A vida é um sonho, faz dele realidade.
C1 – A vida é um desafio, enfrenta-o.
C2 – A vida é um dever, cumpre-o.
C1 – A vida é um jogo, joga-o.
C2 – A vida é preciosa, cuida dela.
C1 – A vida é uma riqueza, conserva-a.
C2 – A vida é amor, partilha-o.
C1 – A vida é um mistério, penetra-o.
C2 – A vida é promessa, cumpre-a.

- C1 – A vida é tristeza, vence-a.
- C2 – A vida é um hino, canta-o.
- C1 – A vida é um combate, aceita-o.
- C2 – A vida é uma aventura, ousa-a.
- C1 – A vida é felicidade, merece-a.
- C2 – A vida é vida, defende-a.

Madre Teresa de Calcutá

Pai Nosso

Depois da reflexão feita e em clima de oração, é necessário passar à acção. Neste momento, como resposta a Deus, o animador deve levar cada adolescente a um compromisso. Não esquecer que foi feito o convite para que cada um ofereça a sua vida a Deus. Assim, os compromissos devem implicar uma acção concreta, por exemplo, visitar uma instituição com crianças, idosos, assumir um compromisso com uma actividade da paróquia, etc.

(O animador deve distribuir uma folha onde cada adolescente escreva o seu compromisso concreto.)

Cântico Cantarei ao Senhor enquanto viver,
louvarei o meu Deus enquanto existir.
Nele encontro a minha alegria.
Nele encontro a minha alegria.

4. MATERIAL

Bíblia / papel / canetas / marcadores / revistas / jornais / cola

Fontes:

Memórias da Irmã Lúcia

Da Internet:

- *Mensagem do papa Bento XVI para a XXV Jornada Mundial da Juventude (28 Março 2010).*

- *Meditação de Bento XVI sobre o encontro de Jesus com o jovem rico.*

- *HOMILIA DO PAPA BENTO XVI Esplanada do Santuário de Fátima, Quinta-feira, 13 de Maio de 2010).*

MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

Manuel Santos José

MISTÉRIOS GOZOSOS

1.º MISTÉRIO: A ANUNCIAÇÃO DO ANJO A MARIA

Do Evangelho de S. Lucas

O Anjo Gabriel disse a Maria: *Conceberás e darás à luz um Filho... Ele será chamado Filho do Altíssimo... Maria disse então: Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.*

Conhecida a vontade de Deus, Maria entregou-se, disse um sim total e incondicional a Deus.

Em Fátima, na primeira aparição, Nossa Senhora perguntou aos pastorinhos: *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?* E eles responderam; *“Sim, queremos.”* (Memórias da Irmã Lúcia = “MIL I”, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 10ª edição, p. 173s)

Daí em diante, os pastorinhos não perderam ocasião alguma de dar uma resposta positiva ao pedido da Virgem.

Peçamos, por intercessão de Maria, a graça de os cristãos abrirem de par em par as portas a Cristo e de dizerem um sim pronto e generoso a Deus.

2.º MISTÉRIO: A VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA A SANTA ISABEL

Do Evangelho de S. Lucas (1,39-40)

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direcção a uma cidade de Judá. E entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.

Maria soube que sua prima Isabel ia ser mãe e decidiu ir ao seu encontro para ajudar. Não olhou a sacrifícios, nem à distância que as separava: 120 Km. Logo que pôde, pôs-se a caminho, em direcção à terra onde Isabel vivia, com Zacarias, seu marido.

A Jacinta “tomou tanto a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores que não deixava escapar ocasião alguma. Havia umas crianças, filhos de duas famílias da Moita, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia, quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta, ao vê-los, disse-nos: “Damos a nossa merenda àqueles pobrezinhos pela conversão dos pecadores?” E correu a levar-lha. (MIL I, pág. 46-47)

Por intercessão de Maria, peçamos o dom de os baptizados viverem o seu Baptismo e de socorrerem os irmãos em suas necessidades.

3.º MISTÉRIO: O NASCIMENTO DE JESUS EM BELÉM

Do Evangelho de S. Lucas (2,10)

O Anjo disse aos pastores: “Anuncio-vos uma grande alegria. Hoje, nasceu-vos em Belém um Salvador, que é o Messias Senhor.

Aquela Boa Nova era para todos, mas especialmente para o grupo dos pobres e marginalizados, ao qual pertenciam os pastores.

Conta a Lúcia: “Pouco tempo antes de ir para o hospital, [Jacinta] dizia-me: “Já me falta pouco para ir para o Céu. Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no Mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. [...] Diz a toda a gente que [...] o Coração de Jesus quer que, a Seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria [...]. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria! (MIL I, 130)

Peçamos, por intercessão do Imaculado Coração de Maria, por aqueles que nunca ouviram falar de Jesus e por aqueles que, julgando conhecê-lo buscam em cisternas rotas a água viva que lhes falta.

4.º MISTÉRIO: A APRESENTAÇÃO DO SENHOR NO TEMPLO

Do Evangelho de S. Lucas (2,22-23)

Quando se cumpriu o tempo da sua purificação, segundo a Lei de Moisés, [Maria e José] levaram [o Menino] a Jerusalém para O apresentarem ao Senhor.

Grande era a alegria de Maria e de José por levarem Jesus ao Templo para O apresentarem ao Senhor.

A primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de Maio em Fátima, foi motivo de grande alegria para os pastorinhos, especialmente para a Jacinta. De vez em quando exclamava: “Ai! que Senhora tão bonita!” Lúcia combinou com os primos não falarem da aparição a ninguém, mas, à noite, ao ver sua mãe, Jacinta correu para ela e, numa explosão de alegria, disse: “Ó mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria.” (P. João M. De Marchi, *Era uma Senhora mais brilhante que o Sol*, 11ª Edição, 1986, Edições Consolata, pág. 47).

Peçamos, por intercessão da Virgem Santa Maria, por todos os educadores cristãos, para que anunciem Jesus Cristo, com coragem e alegria.

5.º MISTÉRIO: O ENCONTRO DO SENHOR NO TEMPLO

Do Evangelho de S. Lucas (2,41-43.46.48-49)

[Depois de José e Maria andarem três dias aflitos à procura de Jesus,] encontraram-n’O no templo, e sua Mãe disse-Lhe: ‘Filho, por que procedeste assim connosco? Jesus respondeu: “Por que Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?”

Como Jesus se devia sentir bem no Templo, na Casa do Pai!... Para Jesus não podia haver alegria maior!

E com quanta alegria a Jacinta corria a levar a merenda às crianças da Moita!... Conta a Lúcia: “Combinámos, sempre que encontrássemos os pobrezinhos [da Moita], dar-lhes a nossa

merenda; e as pobres crianças, contentes com a nossa esmola, [...] esperavam-nos pelo caminho. Logo que os víamos, a Jacinta corria a levar-lhes todo o nosso sustento desse dia, com tanta satisfação, como se não lhe fizesse falta.” (MIL, I, pág. 47)

Peçamos para os cristãos de hoje o dom da generosidade, estando sempre prontos a ajudar os irmãos necessitados, testemunhando assim ao mundo o amor de Cristo.

MISTÉRIOS LUMINOSOS

1.º MISTÉRIO: BAPTISMO DE JESUS NO RIO JORDÃO

Do Evangelho de S. Mateus (Mt 3,16-17):

Logo que Jesus foi baptizado, fez-se ouvir uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado no qual pus as minhas complacências”.

Jesus entrou nas águas do Jordão para as santificar e para, depois, os seus discípulos, no Baptismo, receberem a vida nova dos filhos de Deus.

Um dia, no pino do Verão, os pastorinhos andavam a guardar o rebanho e não tinham consigo uma pinga de água para beber! Então, Lúcia foi pedir água, e uma velhinha emprestou-lhe uma infusa cheia. Ao chegar, ofereceu-a ao Francisco, que respondeu “Não quero beber; quero sofrer pela conversão dos pecadores.” Depois, disse à Jacinta: “Bebe tu, Jacinta.” Mas ela disse: “Também quero oferecer o sacrifício pelos pecadores.” Então Lúcia deitou a água na cova dum pedra para que as ovelhas a bebessem e foi levar a infusa à dona. (MIL I, pág. 47-48)

Peçamos a graça de vivermos o nosso Baptismo, deixando-nos envolver pelo amor terno e misericordioso do Pai, estando prontos a dar-nos e a sacrificar-nos por amor a Deus e aos irmãos.

2.º MISTÉRIO: AS BODAS DE CANÁ

Do Evangelho de S. João (Jo 2,3.5)

Maria disse a Jesus: ‘Não têm vinho’; e aos serventes: ‘Fazei tudo o que o meu Filho vos disser’.

Jesus mudou a água em vinho. E aquelas bodas, que estavam para terminar em desonra para os noivos e tristeza para os participantes, proporcionaram a todos, graças ao milagre de Jesus, uma nova e transbordante alegria e Jesus abriu à fé o coração dos primeiros discípulos.

Havia na freguesia de Fátima, uma velhinha, chamada Maria Carreira, a quem os filhos mandavam pastorear um rebanho de cabras e ovelhas, pouco domesticadas. Estas, às vezes, tresmalhavam-se-lhe e ela ficava muito aflita. O Francisco era o primeiro a correr em seu auxílio, juntando-lhe as que se tinham tresmalhado. A pobre velhinha chamava-lhe o seu Anjinho da guarda. (MIL I, pág. 158)

Peçamos, por intercessão de Virgem de Fátima, que os cristãos de hoje ponham seus pés, suas mãos e seu coração ao serviço dos irmãos, e assim surjam novos milagres.

NO 3.º MISTÉRIO: JESUS ANUNCIA O REINO DE DEUS

Do Evangelho de São Marcos (1,14-15)

Jesus proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.

Jesus vai por toda a parte a anunciar a Boa Nova do Reino. O seu olhar irradia luz, amor, Deus.

Havia no lugar de Aljustrel, uma mulher que, sempre que via os pastorinhos, insultava-os. Um dia, quando corriam à frente da porta da mulherzinha, a Jacinta parou de brincar e quis oferecer esse sacrifício pela conversão dos pecadores. Levantando as mãos ao Céu fez o oferecimento. A mulherzinha por um postigo da casa, viu

tudo. Ficou tão impressionada com aquela atitude da Jacinta que, depois, dizia à mãe de Lúcia que não necessitava doutra prova para crer na realidade dos factos. E daí para o futuro, refere Lúcia, não só nos não insultava, mas pedia-nos continuamente para pedirmos por ela a Nossa Senhora. [...]” (MIL, I, pág. 56.)

Peçamos através da Senhora mais brilhante que o Sol, que os cristãos vivam a sua fé, que nada os detenha no caminho do amor, para que sejam luz e irradiem Cristo em toda a sua vida.

4.º MISTÉRIO: TRANSMUTAÇÃO DE JESUS

Do Evangelho de S. Lucas (9,28.35)

Jesus. [...] subiu a um monte para orar. E fez-se ouvir uma voz que disse: “Este é o meu Filho predilecto, escutai-o.”

Só a oração transfigura a vida e faz do cristão uma presença viva do seu amor.

Entrou, um dia, no quarto de Francisco, uma mulher da Casa Velha, chamada Mariana, que, aflita por o marido ter expulsado um filho de casa, pedia a graça da reconciliação do filho com o pai.

O Francisco respondeu-lhe: “Fique descansada. Vou em breve para o Céu e, quando lá chegar, peço essa graça a Nossa Senhora.”

Conta a Lúcia: “Não me lembro bem os dias que [Francisco] tardou ainda a ir para o Céu; mas o que recordo é que, na tarde do dia em que [ele] morreu, o filho pediu perdão ao pai [que lho concedeu]; e restabeleceu-se a paz naquela casa.” (MIL I, 190)

Peçamos para que, pela acção maternal de Maria, nos configuremos mais e mais com Cristo, para que sejamos obreiros de concórdia junto dos outros.

5.º MISTÉRIO: INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

Do Evangelho de São Mateus (26,26-27)

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, [...] partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: “Tomai e comei: Isto é o meu corpo.” Tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: “Bebei dele todos.”

Jesus Eucaristia é o Pão para a vida do mundo, é a Vida da nossa vida.

Um dia, a Jacinta mostrou grande desejo de ir vestida de anjinho numa procissão, a deitar flores a Jesus. E, quando lhe disseram que era o Sr. Prior que O levava, ela não cabia em si de contente.

No dia da procissão, Jacinta não tirou os olhos do Sr. Prior, nem deitou uma só flor a Jesus.

Depois da procissão, perguntaram-lhe: “Por que não deitaste as flores a Jesus?” Ela respondeu: “Porque não O vi”. Lúcia respondeu: “Mas tu não sabes que o Menino Jesus da Hóstia, que não se vê, está escondido?!” (MIL I, pág. 41)

Que por intercessão de Maria, os cristãos de hoje se abram a um amor entranhado à Eucaristia, visitando a Jesus, no Santíssimo sacramento, adorando-O e deixando-se tocar pelo infinito amor do Coração.

MISTÉRIOS DOLOROSOS

1.º MISTÉRIO: A AGONIA DE JESUS NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

Do Evangelho de São Mateus (26,39)

Jesus [...] caiu com a face por terra, orando e dizendo: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de Mim este cálice. Não se faça como Eu quero, mas como Tu queres.”

Jesus estava mergulhado em tristeza mortal, sentia o abandono dos amigos e o horror diante da morte que se avizinhava, mas entregou-Se à vontade do Pai.

Conta a Lúcia: “Um dia, meu pai e meu tio foram intimados para nos apresentarem [na Administração em Vila Nova de Ourém]. Meu tio disse que não levava os seus filhos [...], meu pai [...] disse: “A minha levo-a; ela que se arranje lá com eles, que eu cá destas coisas não entendo nada” (MIL,I, pág. 51). O que mais fazia sofrer Lúcia era a indiferença que seus pais mostravam por ela. Rezava assim ao Senhor: “Paciência [...], assim, tenho a dita de sofrer mais por Teu Amor, ó meu Deus, e pela conversão dos pecadores.” (MIL I, pág. 89)

Que na escola de Maria, os cristãos aprendam a dizer sempre sim à vontade do Pai, mesmo quando experimentam o abandono dos amigos ou nos momentos mais dolorosos da vida.

2.º MISTÉRIO: A FLAGELAÇÃO DE JESUS

Do Evangelho de S. João (cf. Jo 18,28.38.19,1)

Levaram Jesus a Pilatos, que O interrogou, tendo declarado: “Não encontro n’Ele nenhum crime de morte. Vou castigá-lo e depois soltá-lo-ei”. Pilatos mandou açoitar Jesus.

Apesar de não encontrar crime algum, em Jesus, Pilatos mandou-O flagelar.

A Lúcia conta o que lhe sucedeu na Administração, em Ourém: “Fui interrogada pelo Administrador.” Ele queria, a todo o custo “que lhe revelasse o segredo e que lhe promettesse não voltar mais à Cova de Iria. Para conseguir isto, não se poupou a promessas e, por fim, a ameaças. Vendo que nada conseguia, despediu-me protestando que o havia de conseguir, ainda que para isso tivesse de tirar-me a vida” (MIL I, 89).

Peçamos, por intercessão da Virgem de Fátima, a força do Espírito Santo, para as nossas comunidades cristãs para que permaneçam fiéis ao amor de Deus e sejam no mundo um sinal luminoso de Cristo.

3.º MISTÉRIO, JESUS, COROADO DE ESPINHOS

Do Evangelho de S. João (cf. Jo 19,2-5)

Os soldados levaram Jesus para o pretório, entrelaçaram uma coroa de espinhos e cravaram-Lha na cabeça [...]. Davam-Lhe bofetadas e escarneciam-no (cf. Jo 19,2-5).

Os soldados infligiram a Jesus toda a sorte de vexames e afrontas.

À Jacinta, na cadeia de Ourém, o que mais lhe custava era o abandono dos pais; e dizia com as lágrimas a correrem pelas faces: “Nem os teus pais, nem os meus nos vieram ver.” [...] “Não chores – lhe disse o Francisco – oferecemos a Jesus, pelos pecadores.” E levantando os olhos e as mãozinhas ao céu, fez ele o oferecimento: “Ó meu Jesus, é por vosso amor e pela conversão dos pecadores.” E a Jacinta acrescentou: “É também pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.” (MIL I, 51-52)

Peçamos, por intercessão de Maria, a graça de que nossos corações se libertem de todo o ressentimento, a ninguém condenemos e aceitemos com sentido reparador os sacrifícios que a vida comporta.

4.º MISTÉRIO: JESUS A CAMINHO DO CALVÁRIO

Do Evangelho de São Lucas (Lc 23,23-26)

Os Judeus insistiam em altos brados, pedindo que Jesus fosse crucificado. Pilatos entregou-lhes Jesus. Quando O iam conduzindo, obrigaram Simão de Cirene a levar a cruz atrás de Jesus.

O Cireneu ajudou Jesus a levar a cruz, ao princípio, contrariado, mas em breve se deixava cativar por Jesus.

Os presos da cadeia de Ourém, ao verem a Jacinta, banhada em lágrimas, quiseram consolá-la a ela, ao irmão e à prima. E tudo fizeram para suavizar a sua dor e amargura: cantaram, dançaram e até rezaram com eles.

Um deles, querendo muito livrar os pastorinhos daquela situação dolorosa, deu-lhes esta sugestão: “Mas vocês, digam ao Sr. Administrador lá esse segredo. Que lhes importa que essa Senhora não queira?” E a Jacinta respondeu com vivacidade: “ Isso não! Antes quero morrer.” (MIL, I pág. 52)

Era a máxima força, na máxima fragilidade.

Supliquemos, através de Maria, a graça de os cristãos aprenderem a buscar no Senhor a força para a sua fraqueza.

5.º MISTÉRIO: A CRUCIFIXÃO E MORTE DE JESUS

Do Evangelho de São Lucas (cf. Lc 23,33a. 34,46)

Já pregado na Cruz, Jesus dizia: Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem.” E, gritando com voz forte, exclamou: ‘Pai, nas tuas mãos, entrego o meu espírito’. E expirou.”

Na sua oração, Jesus exprimiu a sua condição filial em relação ao Pai e a sua missão de misericórdia em favor dos homens.

Um dia, Lúcia e Jacinta jogavam às prendas em casa dos pais de Lúcia. Esta ganhou e mandou à Jacinta beijar e abraçar a Nosso Senhor. (Era um crucifixo que havia pendurado na parede). Jacinta correu a buscá-lo. Beijou-o e abraçou-o com tanta devoção que Lúcia nunca mais esqueceu aquela acção.”

Jacinta, depois, ao ouvir contar a história da paixão de Jesus, enterneceu-se e chorou. E dizia: “Eu não hei-de fazer nunca nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais.” (MIL I, pág. 40)

Peçamos, por intercessão de Maria, a graça de os cristãos terem um coração capaz de se enternecer diante do infinito amor de Jesus na Cruz e de chorar os próprios pecados e os da humanidade.

MISTÉRIOS GLORIOSOS

1.º MISTÉRIO: A RESSURREIÇÃO DO SENHOR.

Do Evangelho de Lucas (Lc 24, 4-6)

[Dois anjos disseram a Maria Madalena e às outras mulheres: Por que procurais entre os mortos Aquele que vive? Não está aqui: ressuscitou”.

Em Cristo, a morte foi vencida para sempre. Para aquele que crê em Jesus, a morte é passagem para a vida plena, definitiva. Espera-nos o Céu, como se pode ler na introdução à 4ª Memória: “Na verdade, não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Deus se quer servir e que dentro em pouco, como o pintor que arremessa ao lume o pincel inutilizado, para que se reduza a cinzas, assim o Divino Pintor fará reduzir às cinzas do túmulo o Seu inutilizado instrumento, até ao grande dia das aleluias eternas. E eu desejo ardentemente este dia, porque o túmulo não aniquila tudo, e a felicidade do amor eterno e infinito começa já.” (MIL I, pág. 134-135)

Peçamos para os cristãos de hoje uma fé viva na ressurreição de Cristo e na sua própria ressurreição, em Cristo e com Cristo.

2.º MISTÉRIO: A ASCENSÃO DE JESUS AO CÉU

Do Evangelho de S. Lucas (Lc 24,50-52)

Jesus levou os discípulos até junto de Betânia. Enquanto os abençoava, elevava-se ao Céu. E eles, depois, voltaram para Jerusalém com grande alegria.”

Os primeiros discípulos viviam na certeza de que Jesus estava com eles e era sempre seu companheiro de viagem.

Um domingo, a Jacinta foi com a Lúcia almoçar a casa de José Alves, da Moita. Depois do almoço, a Jacinta começou a cabecear com sono. O dono da casa mandou que a deitassem na sua cama. Passado um bom bocado foram ver: Dormia profundamente “com um sorriso nos lábios, um ar angelical, as mãos erguidas”...

O Francisco sorria sempre e era amável com toda a gente. As pessoas que o visitavam, sentavam-se junto da cama dele, às vezes, longo tempo, e diziam: “Não sei que tem o Francisco! A gente sente-se aqui bem”.

A simples vista da Jacinta e do Francisco elevava o pensamento das pessoas para a Mãe do Céu e para a eternidade.” (MIL I, 188-189)

Peçamos ao Senhor, por intercessão da Virgem Santa Maria, que a chama da fé nunca se apague na vida dos discípulos de Cristo e que ela se acenda, ilumine e aqueça os corações daqueles que ainda não conhecem o Salvador.

3.º MISTÉRIO: A DESCIDA DO ESPÍRITO SANTO

Do Livro dos Actos dos Apóstolos (Act 2,1.3)

Quando chegou o dia do Pentecostes, viram aparecer umas línguas, à maneira de fogo e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo.”

Então os Apóstolos vieram para a rua e anunciaram a Cristo vivo e ressuscitado.

Na véspera da sua primeira comunhão, Lúcia foi à igreja de Fátima fazer a sua primeira confissão. Ao chegar, disse à mãe que se queria confessar ao sacerdote de fora. Na confissão, esse sacerdote, que era o Pe. Cruz disse-lhe: “Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo. Guarde-a para sempre pura, para que Ele possa

continuar nela a Sua acção divina.” A Lúcia perguntou ao confessor como devia fazer. Ele respondeu: “De joelhos, aí, aos pés de Nossa Senhora, peça-Lhe, com muita confiança, que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã dignamente o Seu querido Filho e que o guarde para Ele só.” (MIL I, pág. 70-71)

Peçamos para os cristãos de hoje igual coragem, valentia semelhante à dos Apóstolos, para que sejam no mundo anunciadores do Evangelho de Cristo Salvador.

4.º MISTÉRIO: A ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA AO CÉU

Do Evangelho de S. Lucas (Lc 1,46-47.49)

A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador. O todo-poderoso fez em maravilhas. Grande é o seu nome.

A vida de Maria sobre a terra foi uma vida de total docilidade a Deus e à sua vontade. Viveu toda para Jesus e esteve unida a Ele, como ninguém, na sua Paixão e Morte na Cruz; por isso, foi associada à sua glorificação.

Um dia, a mãe [da Jacinta] levou-lhe uma xícara de leite e disse-lhe que o tomasse. “Não quero, minha Mãe – respondeu, afastando com a mãozinha a xícara.” Lúcia, logo que ficaram sós, perguntou-lhe: “Como desobedeces assim a tua Mãe e não ofereces este sacrifício a Nosso Senhor?” Ao ouvir isto, Jacinta deixou cair algumas lágrimas [...] e disse: “Agora não me lembrei!” E chama pela Mãe, pede-lhe perdão que toma tudo quanto ela quiser. A Mãe traz-lhe a xícara do leite; toma-o sem mostrar a mais leve repugnância.” (MIL I, pág. 58-59)

Peçamos, por intercessão da Senhora da Assunção, a graça de, na caminhada da vida, nunca esquecermos a meta que nos espera, o Céu, e de vivermos como verdadeiros discípulos, pondo em prática o mandamento do Amor que Cristo nos deixou.

5.º MISTÉRIO: A COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA NO CÉU

Do Evangelho de S. Lucas (1,32-33)

Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo. O Senhor lhe dará o trono de seu pai David. Reinará eternamente e o seu reinado não terá fim.”

Jesus Cristo foi exaltado à direita do Pai, como Rei e Senhor do Universo. Maria foi associada à glória de seu Filho e coroada Rainha do Céu e da Terra, Rainha dos Anjos e dos Homens.

Um dia, quando o Francisco e a Jacinta já estavam doentes, a Jacinta mandou chamar a Lúcia e disse-lhe: “Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-Lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus.” (MIL I, pág. 59-60)

Peçamos a graça de também nós nos deixarmos cativar pelo amor misericordioso e reparador, tal como a Jacinta, e de conservar sempre uma grande confiança na Virgem Maria, que é a nossa melhor intercessora.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

MODELO A

NA ESCOLA EUCARÍSTICA, SOMOS DONS À HUMANIDADE

Pedro Santos

1. RITOS INICIAIS

Texto introdutório

«Quereis oferecer-vos a Deus?» Foi esta a pergunta que Nossa Senhora dirigiu aos pastorinhos em Fátima, na primeira Aparição, a 13 de Maio de 1917. Quando Deus, por intermédio de Maria, irrompe na história destas crianças, questiona-as na sua liberdade de aceitar e assumir o projecto do amor de Deus; um projecto que não será fácil, mas, no entanto, será fonte de alegria.

Maria repete connosco aquilo que com ela mesma aconteceu. À saudação do anjo Gabriel, dizendo que ela era a eleita de Deus, Maria responde: «eis a serva do Senhor; faça-se segunda a vossa Palavra»; Maria entrega a totalidade da sua vida a um projecto que não conhecia, mas que desde o início começa a amar.

Hoje, Deus também se dirige a cada um de nós. Por intermédio de Seu Filho Jesus, presente no Pão Eucarístico, Ele também nos questiona na nossa liberdade de acolhimento do seu amor e do seu projecto: «quereis oferecer-vos a Deus?» Que diante de Jesus, que a todos nós se dá como alimento, entreguemos a totalidade do que somos ao Pai e digamos-Lhe: «eis o servo do Senhor; faça-se segunda a tua Palavra!»

- *Cântico: O Senhor alimentou-nos* ou *ó sagrado Banquete*
- *Acolhimento (Saudação do presidente e convite à oração)*
- *Invocação*

Presidente - Neste tempo de adoração, voltemos os nossos corações para o Senhor, para que Ele venha à nossa vida e à nossa história. Tomemos consciência de que Ele está conosco e peçamos-Lhe que ilumine a nossa vida com a luz da sua eternidade.

Leitor 1 - Senhor Jesus, Sabedoria de Deus, ilumina a nossa inteligência para que saibamos conhecer os teus sonhos de santidade, o chamamento que fazes a cada um de nós; que saibamos sempre discernir os teus caminhos com o teu amor de ternura e beleza:

Cântico: Senhor, Tu és a Luz que ilumina a terra inteira

Leitor 2 - Senhor Jesus, Amor de Deus, ilumina a nossa vontade para que aprendamos a amar e acolher a nossa vida com as suas esperanças e sofrimentos, alegrias e tristezas; que saibamos aceitar tudo das tuas mãos, como dom da tua bondade e misericórdia:

Cântico: Senhor, Tu és a Luz que ilumina a terra inteira

Leitor 3 - Senhor Jesus, Dom de Deus, ilumina a nossa liberdade, para que saibamos Seguir em cada dia a o caminho do Pai, entregando como dom a vida de cada um de nós, não aprisionando o nosso coração a nada que nos desumanize e destrua, mas sempre escolhendo a generosidade de quem se dá com alegria e entusiasmo:

Cântico: Senhor, Tu és a Luz que ilumina a terra inteira

2. LITURGIA DA PALAVRA

Leitura da Primeira Carta de S. João (1Jo 4,7-16)

Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a

conhecer a Deus, pois Deus é amor. E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros. A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito. Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

Palavra do Senhor

SALMO

Ditosos os que temem o Senhor

Ditosos os que seguem os seus caminhos

Feliz de ti, que temes o Senhor *
e andas nos seus caminhos.

Comerás do trabalho das tuas mãos, *
serás feliz e tudo te correrá bem.

Tua esposa será como videira fecunda, *
no íntimo do teu lar;
teus filhos como ramos de oliveira, *
ao redor da tua mesa.

Assim será abençoado o homem que teme o Senhor.

De Sião te abençoe o Senhor: *

vejas a prosperidade de Jerusalém, todos os dias da tua vida,
e possas ver os filhos dos teus filhos. Paz a Israel.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo S. João

(Jo 14, 1-12)

Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus; crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, como teria dito Eu que vos vou preparar um lugar? E quando Eu tiver ido e vos tiver preparado lugar, virei novamente e hei-de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também. E, para onde Eu vou, vós sabeis o caminho.» Disse-lhe Tomé: «Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho?» Jesus respondeu-lhe: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim. Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo.» Disse-lhe Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta!» Jesus disse-lhe: «Há tanto tempo que estou convosco, e não me ficaste a conhecer, Filipe? Quem me vê, vê o Pai.»

Palavra da Salvação**Partilha da Palavra de Deus**

Alguns tópicos para a reflexão:

- Jesus é o caminho que nos conduz ao Pai; para chegar ao coração do Pai, só seguindo o Caminho que Jesus é e trilhou;
- Este caminho manifesta-se no amor com que somos amados e que devemos manifestar uns aos outros;
- O Caminho do amor traduz-se de modo especial no mistério da Eucaristia (dom que o próprio Deus faz de Si Mesmo);
- O oferecimento que Deus faz em Jesus convida-nos a oferecermos também com alegria a nossa vida;
- Maria dirige-nos a interrogação: «quereis oferecer-vos a Deus?»; Ela ajuda-nos a contemplar também as consequências de um sim;

- As consequências dessa fidelidade concretizam-se no amor: caminho de sofrimento, porque amar é “morrer”, e caminho de alegria, porque se segue o caminho que nos faz entrar na intimidade de Deus.

3. EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO

Leitor/monitor - Jesus é o caminho que nos conduz ao Pai, no Qual podemos encontrar a vida e a vida em abundância que o nosso coração tanto deseja. Quando abrimos o nosso coração ao Senhor Jesus, abrimos a nossa vida a uma alegria maior que dá pleno sentido a tudo o que temos e somos.

Jesus, Pão Eucarístico, Caminho de amor profundo, que o dom da tua presença sacramental entre nós seja aquela *Eterna Fonte* de vida e plenitude a jorrar nos nossos corações.

- Cântico - *Pai-Nosso que estais no Céu, sempre louvado sejais* ou *Quando Te encontro descanso*
- Exposição do Santíssimo Sacramento
- Jaculatórias (*Meu Deus eu Creio, adoro, espero e amo-Vós ou Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia*)

4. TEMPO DE ADORAÇÃO

Tempo de silêncio alternado com textos e salmos à escolha (*Durante este tempo podem ler-se alguns textos, nomeadamente excertos de mensagens do Santo Padre para as diferentes ocasiões do ano litúrgico; alguns textos bíblicos oportunos, nomeadamente salmos. Podem ser alternados com cânticos e tempos de silêncio*).

5. BÊNÇÃO DO SANTÍSSIMO

PRECES

Presidente - Irmãos e irmãs, o Senhor Jesus é o modelo de uma vida que se faz tudo para todos. A Eucaristia é o sinal desse amor que se entrega até ao fim. Peçamos-lhe que nos ajude a encontrar n'Ele um auxílio para colocarmos também a totalidade do que somos ao serviço uns dos outros. Digamos:

*Senhor Jesus, Pão Partilhado,
faz-nos instrumentos do teu amor*

1. Pela Igreja, comunidade eucarística, para que viva sempre a coerência de vida entre aquilo que celebra e aquilo que pratica. Oremos.
2. Pelo Santo Padre (N.), pelos nossos bispos, presbíteros e diáconos, para que sejam sempre modelos de generosidade na entrega das suas vidas por amor aos irmãos. Oremos.
3. Pelos religiosos, missionários e leigos consagrados, para que levem a todos a alegria de viver e proporcionem o encontro com Jesus, o Caminho que conduz à vida eterna. Oremos.
4. Por todos os cristãos, para que vivam sempre uma vida Eucarística à imagem dos pastorinhos de Fátima, e procurem servir os seus irmãos com generosidade. Oremos.
5. Por todos aqueles que não experimentam a alegria do Amor do Pai, para que descubram que Deus é o único bem que pode verdadeiramente preencher os seus corações. Oremos.

6. Por todos aqueles que procuram edificar o Reino de Deus com a sua entrega, a sua generosidade e entusiasmo, para que nunca sejam vencidos pelas dificuldades e pelas adversidades. Oremos.

7. Pelos irmãos que mais sofrem, no corpo ou no seu coração, para que encontrem em Cristo o alívio das suas dores e sofrimentos, e nos cristãos o sinal dessa presença. Oremos.

8. Por todos aqueles que partiram deste mundo, alimentados pela certeza do amor de Deus pela humanidade, para que gozem da alegria dos santos na casa do Pai. Oremos.

Pai-Nosso

*Cântico: Eu creio em Ti, Senhor, mas aumenta a minha fé
ou Tantum ergo*

Oração

Senhor Jesus Cristo, que neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão, concedei-nos a graça de venerar de tal modo os mistérios do vosso Corpo e Sangue, que sintamos continuamente os frutos da vossa redenção. Vós que sois Deus, com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

- Bênção
- Reposição
- *Cântico: Louvai, louvai o Senhor, povos de toda a terra
ou Glória ao Pai que nos criou...*

RITOS FINAIS

- Despedida da assembleia
- *Cântico: O Amor de Deus repousa em mim
ou Povo teu somos ó Senhor*

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA
MODELO B
“QUEREIS OFERECER-VOS A DEUS?”

Helena Oliveira

Saudação inicial

A vida de cada um de nós é um dom gratuito de Deus. Tudo o que somos e temos foi-nos dado por Deus em Jesus pelo Espírito Santo.

Por isso hoje queremos encontrarmo-nos com Jesus “face-a-face” dando-lhe graças e ao mesmo tempo deixando que o nosso coração responda a tanto amor.

Aclamemos a Sua presença sacramental no meio de nós cantando:

Exposição do Santíssimo Sacramento

Cântico: Pai eu Te adoro... ou outro

(Momento de silêncio de adoração)

Presidente:

Jesus, estamos aqui diante de ti de coração aberto para nos deixarmos amar por Ti. Sabemos que estás aqui e que nos acolhes com ternura e vêes o que vai no nosso coração. Olha para aquilo que nele existe de generosidade (...) de entrega e serviço (...) de amor e bondade (...) mas desculpa também o meu egoísmo (...) a minha facilidade em julgar e criticar os outros (...) a mentira (...) e sobretudo a mediocridade da minha vida.

(Momento de silêncio de adoração)

Presidente:

Quando tomamos a nossa vida nas mãos damo-nos conta como o salmista que tudo nos vem d'Ele e n'Ele vivemos. Rezemos este salmo 139 saboreando o Amor de Deus por nós.

SENHOR, tu examinaste-me e conheces-me.
Conheces todos os meus movimentos;
à distância, sabes os meus pensamentos.
Vês-me quando trabalho e quando descanso;
conheces todas as minhas acções.

Mesmo antes de eu falar, já tu sabes o que vou dizer.
Tu estás à minha volta por todo o lado;
colocas sobre mim a tua mão protectora.
O teu conhecimento é para mim demasiado profundo;
está para além da minha compreensão.

Onde poderia eu ir, para escapar a ti?
Para onde poderia eu fugir da tua presença?
Se subisse ao céu, lá estarias;
se descesse ao mundo dos mortos, lá estarias também.

Se eu voasse para além do oriente
ou fosse habitar nos lugares mais distantes do ocidente,
também lá a tua mão desceria sobre mim,
lá estarias para me segurar!

Se eu pedisse à escuridão para me esconder
ou à luz para se transformar em noite à minha volta,
a escuridão não me ocultaria de ti
e a noite seria para ti tão brilhante como o dia.

Para ti a escuridão e a luz são a mesma coisa!
Foste tu que formaste todo o meu ser;
formaste-me no ventre de minha mãe.

Louvo-te, ó Altíssimo, e fico maravilhado
com os prodígios maravilhosos que são as tuas obras.
Conheces intimamente o meu ser.
Quando os meus ossos estavam a ser formados,
sem que ninguém o pudesse ver;
quando eu me desenvolvia em segredo,
nada disso te escapava.

Tu viste-me antes de eu estar formado.
Tudo isso estava escrito no teu livro;
tinhas assinalado todos os dias da minha vida,
antes de qualquer deles existir.

Mas para mim, que preciosos são os teus pensamentos, ó Deus!
Que misterioso é o seu conteúdo.
Se eu quisesse contar, seriam mais do que a areia;
e se pudesse chegar ao fim, ainda estaria contigo.

Examina-me, ó Deus, e conhece o meu coração;
põe-me à prova e conhece os meus pensamentos.
Vê se eu sigo pelo caminho do mal

Presidente:

Agora cada um vai repetir a frase que mais o tocou, aquela que mais lhe falou do Amor de Deus.

(momento de partilha, pode colocar-se uma música de fundo suave)

Cântico: Não adores nunca... ou outro a gosto

Presidente:

Nossa Senhora, nas aparições aos pastorinhos, perguntou-lhes: “Não quereis oferecer-vos a Deus nosso Senhor?” Esta é a hora de também nós darmos uma resposta a Jesus. Depois de experimentarmos como Ele nos ama, podemos ficar indiferentes? Como posso responder ao Amor que Deus tem por mim? Vamos escutar um texto que nos desafia a essa resposta.

Leitura da carta aos Romanos (Rom 14, 1-8)

“Irmãos, peço-vos pelo amor de Deus que se ofereçam a ele como ofertas vivas, santas e agradáveis. É este o verdadeiro culto que lhe devem prestar.

Não vivam de acordo com as normas deste mundo, mas transformem-se, adquirindo uma nova mentalidade. Assim compreenderão qual é a vontade de Deus, isto é, o que é bom, o que lhe é agradável e o que é perfeito.

Em virtude da missão que Deus me confiou a vosso respeito, recomendo-vos que ninguém se julgue mais do que é. Pelo contrário, sejam modestos e que cada um se julgue a si mesmo conforme o grau da fé que Deus lhe deu.

Num mesmo corpo há vários membros e cada um tem a sua função.

Assim também nós, que somos muitos, formamos um só corpo em união com Cristo e estamos unidos uns aos outros como membros do mesmo corpo.

Nós temos dons diferentes conforme Deus os quis dar gratuitamente a cada um.

Quem tiver o dom de anunciar a mensagem de Deus, deve usá-lo conforme a sua fé.

Quem tiver o dom de servir os outros, que sirva; quem tiver o dom de ensinar, que ensine; quem tiver o dom de encorajar os outros, que os encoraje.

O que reparte o que tem com os outros, reparta-o generosamente.
O que preside faça-o com dedicação.
O que ajuda os necessitados, ajude-os com alegria.”

Presidente:

A oferta da nossa vida é melhor culto que podemos prestar a Deus, como acabámos de escutar. Quereis oferecer-vos a Deus?

No silêncio do nosso coração vamos falar com Jesus e perguntar-lhe onde precisa mais de nós. E vamos abrir o nosso coração com generosidade para Lhe responder com alegria.

(Momento de silêncio e oração pessoal)

Se estiver presente um ministro ordenado que possa dar a bênção proceda-se de acordo com a normativa.

Senão, termine-se a adoração com um momento de preces espontâneas e o Pai-nosso.

Entretanto repõe-se o Santíssimo enquanto se canta:

Cântico: Eis-me aqui Senhor... ou outro de adoração

VIA-SACRA DOS PEREGRINOS O CAMINHO DA VIDA COMO DOM

Jorge Guarda

Esta via-sacra foi feita a pensar nos grupos de peregrinos. Dá a distinção de intervenientes: presidente ou animador (P), leitores (L1 e L2) e grupo ou assembleia (T). Ao presidente ou animador cabe anunciar cada estação. Os grupos incluirão os cânticos que entenderem oportuno. Ao ser feita pessoalmente, basta eliminar os diálogos.

Presidente (P): Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos (T): Ámen.

Leitor (L1): Do Evangelho segundo S. Lucas: “*Cheio do Espírito Santo, Zacarias disse: «Bendito o Senhor, Deus de Israel, que visitou e redimiu o seu povo e nos deu um Salvador poderoso,... para nos libertar, ... mostrar a sua misericórdia, ... iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz»*” (cf 1,68-79).

Leitor (L2): Jesus, pela sua paixão e morte, na entrega de si mesmo por amor, alcançou para os homens a salvação, que é perdão dos pecados e participação na vida divina. Através das suas aparições em Fátima, a Virgem Maria veio ao encontro dos homens nas suas aflições e fragilidades para derramar sobre eles a misericórdia divina. Meditemos na via-sacra de Jesus tendo como horizonte este acontecimento e o caminho de preparação espiritual para o centenário.

P: Jesus, poderoso salvador, ao meditarmos o caminho da cruz, dá-nos a graça de compreendermos quanto nos amas e de correspondermos como tu à vontade do Pai e, como Maria,

acolhermos na fé o teu evangelho para o vivermos no amor e no serviço aos irmãos.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

I ESTAÇÃO – JESUS NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“Jesus disse: «Pai justo, estes reconheceram que Tu me enviaste. Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-te a conhecer, a fim de que o amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também». Tendo dito estas coisas, Jesus saiu para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um horto, e ali entrou com os seus discípulos”* (cf 17,25-18,1).

L2: Jesus deu a conhecer aos homens o amor de Deus por obras e palavras; por fim, ofereceu por eles a própria vida cumprindo a vontade do Pai. E a Virgem Maria veio do Céu à terra para os convidar a acolherem os dons de Deus e empenharem-se na vida da fé. Com a colaboração de sua Mãe, Jesus caminha com os seus discípulos também hoje, guia-os na experiência da salvação e na missão de testemunharem a todos que só em Deus podem encontrar a vida plena.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, guiai os nossos passos para vós e concedei-nos o dom de colaborar generosamente na salvação dos nossos irmãos.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

II ESTAÇÃO – JESUS É ATRAIÇOADO POR JUDAS E PRESO

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“Judas, guiando o destacamento romano e os guardas ao serviço dos sumos sacerdotes e dos fariseus, munidos de lanternas, archotes e armas, entrou no horto onde Jesus se encontrava. (...) Então, prenderam Jesus e manietaram-no”* (cf 18, 3-12).

L2: Judas fechou o coração à palavra e à graça de Deus oferecidas por Jesus. Em Fátima, pelo contrário, os Pastorinhos aceitaram o convite da Virgem Maria para colaborarem, mediante a reparação e a súplica, na obra de salvação de todos os homens. Também nós, se acolhermos os dons de Deus, podemos resistir às tentações que nos desviam para o mal, contribuindo para a salvação da humanidade.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, concedei-nos a graça de nos arrependermos do mal que fazemos, amando a todos como irmãos.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

III ESTAÇÃO – JESUS É CONDENADO PELO SINÉDRIO

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“Pilatos replicou a Jesus: «A tua gente e os sumos sacerdotes é que te entregaram a mim! Que fizeste?» Jesus respondeu: «A minha realeza não é deste mundo; se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas”* (18, 35-36).

L2: Jesus é incompreendido e condenado por membros e autoridades do seu povo, que não aceitaram a sua pregação e testemunho sobre Deus. Para se manterem fiéis à verdade das aparições de Nossa Senhora, quanto sofreram os Pastorinhos por parte da família, dos vizinhos, dos sacerdotes...! Mas tudo ofereciam para consolar Jesus e pela conversão dos pecadores. Quantas vezes, em família ou na comunidade cristã, não compreendemos nem somos compreendidos!

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, mantêm-nos perseverantes quando, por causa da fé, não somos compreendidos e dai-nos a coragem para defendermos quem é injustamente condenado.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

IV ESTAÇÃO – JESUS É NEGADO POR PEDRO

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: “*Tendo entrado no palácio do Sumo sacerdote, Simão Pedro estava de pé a aquecer-se com os servos e os guardas. Disseram-lhe, então: «Não és tu também um dos seus discípulos?» Ele negou, dizendo: «Não sou»*” (18,25).

L2: Por medo, Pedro negou ser dos discípulos de Jesus. Depois arrependeu-se e entregou-se à missão até dar a vida por causa do seu Senhor. Muita gente hoje nega Deus e abandona a fé, por fraqueza, por auto-suficiência ou por orgulho. Não foi assim com os Pastorinhos. Eles foram fiéis à mensagem recebida do Céu e testemunharam-na corajosamente. Ajudados pelo olhar misericordioso de Jesus e pelo coração materno de Maria, seremos audazes na vivência e no testemunho da fé.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, concedei-nos a graça da fidelidade ao dom da fé e o talento para a comunicar.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

V ESTAÇÃO – JESUS É JULGADO POR PILATOS

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: “*Pilatos disse a Jesus: «Não sabes que tenho o poder de te libertar e o poder de te crucificar?» Respondeu-lhe Jesus: «Não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado do Alto». A partir daí, Pilatos procurava libertá-lo, mas os judeus clamavam: «Se libertas este homem, não és amigo de César!»*” (cf 19,10-16).

L2: Jesus foi vítima dos medos e ambições do governador romano. Muitos homens continuam hoje a ser vítimas pelos mesmos motivos. Somente Jesus nos pode libertar das pressões dos outros e dar lucidez e coragem para sermos justos nos nossos juízos e acções. Nossa Senhora preveniu os Pastorinhos de que teriam muito que sofrer, mas a graça de Deus seria o seu conforto. A mesma graça nos sustenta para defendermos quem é vítima da injustiça e da mentira.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, concedei-nos a graça de defender a verdade e praticar a justiça em relação ao nosso próximo.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

VI ESTAÇÃO – JESUS É FLAGELADO E COROADO DE ESPINHOS

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: “*Pilatos mandou levar Jesus e flagelá-lo. Depois, os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-lha na cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura; e, aproximando-se dele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei dos judeus!» E davam-lhe bofetadas*” (19, 1-3).

L2: Mantendo-se sereno, Jesus desconcertava a quem o maltratava. Como na paixão de Jesus, também hoje os homens se aproveitam do próprio poder para dominarem os outros. Recorrem à humilhação, ao sarcasmo, à ironia, ao insulto e à agressão. Descarregam assim as próprias frustrações, revoltas, vinganças, invejas... Após as aparições, os Pastorinhos tiveram, por vezes, que se esconder, porque eram alvo da curiosidade alheia que os incomodava com muitas perguntas. Nossa Senhora, porém, dissera-lhes que não lhes fazia mal. E cativou a sua adesão incondicional. O exemplo de Jesus e dos Pastorinhos e a garantia do amparo de Maria dão-nos força nas nossas tribulações.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, dai-nos fortaleza e coragem para suportar os sofrimentos e incómodos por causa da fé.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

VII ESTAÇÃO – JESUS CARREGA COM A CRUZ

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: “*Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota*” (19, 17).

L2: Jesus tornou-se solidário com os homens, suportando nos seus ombros os pesos que os oprimem e esmagam. Prometeu o alívio a quantos, cansados e oprimidos, a Ele recorressem. Os Pastorinhos aceitaram suportar todos os sofrimentos da vida para os oferecerem como sacrifício em favor da paz para os corações e para o mundo. Vividas na fé, as tribulações da vida adquirem sentido e não serão impedimento para lutarmos por um mundo justo e solidário.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, ajudai-nos a levar as nossas “cruzes”, suportando-as em união com Cristo e oferecendo-as em sacrifício em favor dos outros.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

VIII ESTAÇÃO – O CIRENEU AJUDA JESUS A LEVAR A CRUZ

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. Lucas: “*Quando iam conduzindo Jesus, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus*” (23, 26).

L2: Simão de Cirene foi requisitado para aliviar Jesus do peso da cruz. O seu acto foi seguramente recompensado pelo Céu. Os Pastorinhos foram também solicitados pela Virgem Maria para intercederem pelos pecadores, a fim de receberem a misericórdia divina e se converterem. Somos obrigados muitas vezes, pelas circunstâncias da vida, a carregar a cruz. Jesus será sempre a nossa ajuda para não virarmos as costas ao esforço, construindo uma sociedade justa e solidária.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, tornai-nos generosos e dai-nos coragem quando temos que carregar com a própria cruz ou aliviar a dos nossos irmãos.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

IX ESTAÇÃO – JESUS ENCONTRA AS MULHERES DE JERUSALÉM

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. Lucas: *“Seguia Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”* (23, 27-28).

L2: compadecido das mulheres que se lamentavam, Jesus exorta-as a olhar para si próprias, reconhecendo a sua aflição espiritual. Maria veio a Fátima para despertar na consciência dos homens o arrependimento de seus actos e se abrirem a Deus. Jesus veio para salvar os homens, mas estes precisam de assumir as próprias responsabilidades e culpas. Ele liberta-nos da falsa compaixão, ilumina a nossa consciência para descobrir a verdade e impele-nos ao amor para com o nosso próximo.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, libertai-nos das nossas cegueiras e do endurecimento de coração que nos impedem de acolher a graça da fé e do amor.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

X ESTAÇÃO – JESUS É CRUCIFICADO

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“No chamado Gólgota, crucificaram Jesus, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio. Pilatos redigiu um letreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus»”* (cf 19, 18-19).

L2: Jesus, que Pilatos reconheceu inocente, é tratado como criminoso e colocado entre dois malfetores. Em Fátima, a Virgem

Maria escolheu crianças inocentes para lutarem espiritualmente pela transformação dos corações humanos. Como os pastorinhos, também nós somos convidados a combater o mal que se encontra em nós e a trabalharmos pela transformação do mundo. Só o bem pode vencer o mal. Só o amor pode alcançar vitória sobre o ódio e o pecado.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, concedei-nos a coragem de defender os inocentes injustiçados e trabalhar pela justiça e a paz no mundo.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

XI ESTAÇÃO – JESUS PROMETE O SEU REINO AO BOM LADRÃO

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. Lucas: *“Um dos malfetores que tinham sido crucificados com Jesus insultava-o. Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o. E acrescentou: «Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.» Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso»”* (cf 23, 39-43).

L2: Jesus atende quem lhe pede misericórdia. Há sempre esperança para o pecador, se este se arrepender e suplicar a graça divina. Os Pastorinhos de Fátima contribuem para salvar os pecadores e aliviar quem se encontra em sofrimento. A graça do Céu recebida através da Virgem Maria foi o seu suporte. O cristão tem a missão de anunciar e testemunhar que há sempre esperança para quem se encontra no abismo, para quem se acha perdido.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, fortalecei a nossa esperança no meio das tribulações e tornai-nos capazes de soltar as amarras dos que estão presos no vício ou no pecado.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

XII ESTAÇÃO – JESUS CRUCIFICADO, A MÃE E O DISCÍPULO

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“Jesus crucificado, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua”* (cf 19, 26-27).

L2: Em mais um acto de amor, Jesus entrega a sua mãe ao discípulo amado; e a ela oferece-lhe o discípulo como novo filho. É esta mesma mãe que, compadecida pelos seus filhos, aparece em Fátima para lhes oferecer a ternura materna e os encaminhar para a salvação eterna. Em qualquer situação da vida, os homens podem sempre encontrar na Mãe do Céu consolo, esperança e amparo.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, dai-nos a graça de acolhermos a Virgem Maria como mãe e modelo de fé e de amor.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

XIII ESTAÇÃO – JESUS MORRE NA CRUZ

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“Jesus, sabendo que tudo se consumara, disse: «Tenho sede!» Então, ensopando no vinagre uma esponja, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito”* (cf 19, 28-30).

L2: Jesus vai até ao extremo no seu amor: morre para que em nós floresça a vida. Os Pastorinhos, sob a graça divina recebida pelas mãos de Maria, esforçavam-se para corresponderem à mensagem do Céu. Através deles, multidões de pessoas descobriram novos horizontes para a sua vida. “Não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se amam”. É este também o caminho para cada um de nós e para todos, seguindo Jesus e os Pastorinhos.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, concedei-nos a graça de nos entregarmos por vosso amor ao serviço do bem comum e na promoção da fraternidade universal.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

XIV ESTAÇÃO – JESUS É DEPOSITADO NO SEPULCRO

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“José de Arimateia e Nicodemos tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo. Foi ali que puseram Jesus”* (cf 19, 38-42).

L2: Jesus é sepultado pela mão de pessoas compassivas e coração bondoso. Quem se fecha à graça da fé e ao amor ao próximo necessita do contacto com pessoas que neles despertem a disponibilidade para acolherem a palavra e os dons de Deus. A Virgem Maria soube cativar os Pastorinhos com o seu rosto e coração de bondade e com a luz divina que expandia das suas mãos. Eles, por sua vez, souberam tocar muitos corações com a sua inocência e testemunho.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, abri o nosso coração à vossa graça e tornai-nos capazes de cativar os homens pela bondade e paz que lhes oferecemos.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

XV ESTAÇÃO – JESUS RESSUSCITA E APARECE A MARIA MADALENA

P: Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

T: Que pela vossa santa cruz remistes o mundo!

L1: Do Evangelho segundo S. João: *“Maria estava junto ao túmulo, da parte de fora, a chorar. Voltou-se para trás e viu Jesus, de pé. Jesus disse-lhe: «Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus.’» Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: «Vi o Senhor!» E contou o que Ele lhe tinha dito”* (cf 20, 11-18).

L2: No encontro de Maria Madalena e dos discípulos com Jesus ressuscitado teve início o caminho do Evangelho, que despertou multidões imensas para a graça da fé e da vida cristã. Em Fátima, pelas mãos da Virgem Maria, muita gente recebeu graças divinas e dom da santidade. É a experiência que continuam a fazer os que acolhem os dons do Céu, contagiando os outros com o testemunho “Vi o Senhor!”.

P: Deus salvador, pela meditação do caminho da cruz do vosso Filho, concedei-nos o dom de contemplar o vosso rosto e de dar testemunho do vosso amor no meio da sociedade.

T: Deus salvador, dai-nos a vida e a salvação!

P: Pai Santo, que, pela meditação da paixão do Vosso Filho, revelastes aos homens os segredos do Céu, fazei que também nós, pelo vosso conhecimento e amor, sejamos capazes de descobrir e viver os vossos próprios dons, cantando com Maria as vossas maravilhas.

P: O Senhor nos abençoe, nos livre de todo o mal e nos conduza à vida eterna.

T: Ámen.

IV

MISSAS DAS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS

MAIO
«Eis a serva do Senhor»

12 de Maio – Sábado

Missa do Domingo VI da Páscoa (Missal Romano, p.363)

1ª leitura: Act 10, 25-26.34-35.44-48 (Leccionário dominical B, p. 237).

2.ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): 1 Jo 4, 7-9 (Ib, p. 238).

Evangelho: Jo 15, 9-17 (Ib, p. 239). Jo 15, 12-14, em línguas.

13 de Maio – Domingo

Missa de Nossa Senhora de Fátima (Missal Romano, p. 848)

1ª leitura: Ap 21, 3-4. (Leccionário Santoral, p. 431).

2.ª leitura: (em língua estrangeira): Rom 12, 1-2 «Que vos ofereçais a vós mesmos». (Leccionário dominical A, p. 312).

Evangelho: Mt 12, 46-50 (Leccionário Santoral. p. 440). Mt 12, 48-50, em línguas.

JUNHO
«Que devo fazer para ter a vida eterna?»

12 de Junho – Terça-feira

Missa pela Igreja (Missal Romano, p.1181)

1ª leitura: Jer 20, 7-9 (Leccionário VIII, Missa pelas vocações sacerdotais e religiosas, p. 596).

2.ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): Rom 8, 11-13 «Se pelo Espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis» (Leccionário Dominical A, p. 283).

Evangelho: Jo 15, 1-8 «Se alguém permanece em Mim e Eu nele, dá muito fruto» (Leccionário VIII, Missa pelos leigos, p. 631). Jo 15, 4-5, em línguas.

13 de Junho – Quarta-feira

Missa da Virgem Maria, Mãe da santa esperança Missal da Virgem Santa Maria, p. 178

1ª leitura: Sir 24, 14-16.24-31 (Leccionário da Virgem santa Maria, p. 163).

2ª leitura: (em língua estrangeira): Hebr 11, 13-16 «Eles aspiravam a uma pátria melhor, que era a pátria celeste» (Leccionário VIII, Missa pelos refugiados ou exilados, p. 828).

Evangelho: Mc 10, 17-30 «Que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?» (Leccionário Dominical B, p. 368). Mc 10, 29-30, em línguas.

JULHO

«Eu sou o caminho»

12 de Julho – Quinta-feira

Missa do Sagrado Coração de Jesus (Missal Romano, p.1259)

1ª leitura: Is 55, 6-9 «Os meus caminhos estão acima dos vossos» (Leccionário VIII, Missa pelo perdão dos pecados p. 878).

2ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): 1 Jo 5, 5-6 «Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé» (Leccionário VIII, Missa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo p. 1026).

Evangelho: Mt 11, 25-30 «Sou manso e humilde de coração» (Leccionário VIII, p. 1051). Mt 11, 28-30, em línguas.

13 de Julho – Sexta-feira

Missa do Coração Imaculado de Maria, (Missal da Virgem Santa Maria, p. 141).

1ª leitura: Judite 13, 17-20; 15, 9 «(Leccionário da Virgem Santa Maria p. 128).

2ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): Actos 4, 8.11-12 «Em nenhum outro há salvação» (Leccionário VIII, Missa do Santíssimo Nome de Jesus p. 1009).

Evangelho: Jo 14, 1-6 «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Leccionário VIII, Missa dos defuntos p. 1129). Jo 14, 3-6 em línguas.

AGOSTO

«Feliz o homem que teme o Senhor»

12 de Agosto – Domingo

Missa do Domingo XIX do Tempo Comum (Missal Romano, p. 413)

1ª leitura: 1 Reis 19, 4-8 (Leccionário dominical B, p. 332).

2ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): Ef 4, 30-32 (Ib, p. 334).

Evangelho: Jo 6, 41-51 (Ib, p. 335). Jo 6, 48-51 em línguas.

13 de Agosto – Segunda-feira

Missa da Virgem Maria, causa da nossa alegria, (Missal da Virgem Santa Maria, p. 165).

1ª leitura: Zac 2, 14-17 «Exulta e alegra-te, filha de Sião» (Leccionário da Virgem Santa Maria p. 153).

2ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): Tg 1, 25 «Aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita...esse encontrará a felicidade no seu modo de viver» (Leccionário ferial, Vol. VI p. 162).

Evangelho: Lc 11, 27-28 «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre» (Leccionário da Virgem Santa Maria p. 159). Idem em línguas.

SETEMBRO

«Construtores de uma sociedade solidária»

12 de Setembro – Quarta-feira

Pelo progresso dos povos (Missal Romano, p.1215)

1ª leitura: Is 58, 6-11 «Reparte o teu pão com o faminto» (Leccionário VIII, Missa pelo progresso dos povos p. 711).

2ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): 1 Pedro 4, 7-10 «Cada um ponha ao serviço dos outros os dons que recebeu» (Leccionário VIII, Missa das Sagradas Ordens p. 201).

Evangelho: Lc 14, 12-14 «Quando ofereces um banquete, convida os pobres» (Leccionário VIII, Missa pelo progresso dos povos p. 737). Lc 14, 13-14 em línguas.

13 de Setembro – Quinta-feira

Missa da Virgem Santa Maria, mãe da divina providência

(Missal da Virgem Santa Maria, p. 190)

1ª leitura: Is 66, 10-14c (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 179).

2ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): 2 Cor 9, 7-9 «Deus ama aquele que dá com alegria» (Leccionário ferial, Vol. V p. 250).

Evangelho: Mt 25, 31-46 «O que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Leccionário VIII, Missa pelo progresso dos povos p. 733). Mt 25, 34-36 em línguas.

OUTUBRO

«Recebestes de graça dai de graça»

12 de Outubro – Sexta-feira

Missa da dedicação da Basílica (Missal Romano, p. 1143)

1ª leitura: 1 Reis 8, 22-23.27-30 (Leccionário Santoral, p. 391).

2ª leitura: (Forma abreviada em língua estrangeira): 1 Pedro 2, 4-5 «Para constituirdes um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais». (Leccionário VIII, Missa da Dedicção da Igreja p. 472).

Evangelho: Jo 2, 13-22 (Leccionário Santoral, p. 409). Jo 2, 19-22, em línguas.

13 de Outubro – Sábado

Missa da Virgem Maria, Fonte da luz e da vida (Missal da Virgem Santa Maria, p. 94)

1ª leitura: Actos 2, 14a.36-40a.41-42 (Leccionário da Virgem Santa Maria, p. 82).

2ª leitura: (Em língua estrangeira): 1 Jo 3, 14-16 «Passámos da morte para a vida». (Leccionário VIII, Missa dos defuntos, p. 1104).

Evangelho: Mt 9, 36-10.8 «Recebestes de graça, dai de graça». (Leccionário dominical A, p. 275). Mt 10, 5-8, em línguas.

V

PROPOSTAS PARA VIVÊNCIA DO TEMA

TEXTOS DE APOIO AOS TEMAS MENSAIS

TEMA 2012
«QUEREIS OFERECER-VOS A DEUS?»

MAIO
«Eis a serva do Senhor»

SAGRADA ESCRITURA

1. «Também nós queremos servir o Senhor, porque Ele é o nosso Deus» (Jos 24, 18); 2. «Não vos afasteis de Javé e servi-O de todo o coração» (1 Sam 12, 20); 3. «Servi a Deus com sinceridade» (Tb 14, 8); 4. «Se oferecer a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira» (Is 53, 10); 5. «Milhares de milhares o serviam e miríades de miríades o assistiam» (Dan 7, 10); 6. «Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (Mt 6, 24); 7. «Será como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir» (Mt 20, 28); 8. «Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel em coisas pequenas, confiar-te-ei as grandes» (Mt 25, 21); 9. «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38); 10. «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque pôs os olhos na humildade da sua serva» (Lc 1, 48); 11. «Não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações» (Lc 2, 37); 12. «Ofereci-vos a Deus como pessoas vivas» (Rom 6, 13); 13. «Peço-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, que vos ofereçais a vós mesmos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, como culto espiritual» (Rom 12, 1); 14. «Eles entregaram-se primeiramente ao Senhor, e pela vontade de Deus, também a nós» (2 Cor 8, 5); 15. «Caminhai na caridade, a exemplo de Cristo, que nos amou e Se entregou por nós.» (Ef 5, 2); 16. «Dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro» (1 Tes 1, 9); 17. «Ele manifestou-Se uma só vez, na plenitude dos tempos, para destruir o pecado pelo sacrifício de Si mesmo» (Hebr 9, 25);

MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica

144. Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.

148. A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (*Lc 1, 37*) e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1, 38*). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (*Lc 1, 45*). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão-de proclamar bem-aventurada.

488. «Deus enviou o seu Filho» (*Gl 4, 4*). Mas, para Lhe «formar um corpo», quis a livre cooperação duma criatura. Para isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe do seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré, na Galileia, «virgem que era noiva de um homem da casa de David, chamado José. O nome da virgem era Maria» (*Lc 1, 26-27*): «O Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele predestinara para Mãe, precedesse a Encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida» (*Lumen Gentium, 56*).

494. Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo, Maria respondeu pela «obediência da fé», certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1, 38*). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração,

sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d’Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção. «Como diz Santo Ireneu, “obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano”. Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé”; e, por comparação com Eva, chamam Maria a “Mãe dos vivos” e afirmam muitas vezes: “a morte veio por Eva, a vida veio por Maria”».

506. Maria é virgem, porque a virgindade é nela o sinal da sua fé, «sem a mais leve sombra de dúvida» e da sua entrega sem reservas à vontade de Deus. É graças à sua fé que ela vem a ser a Mãe do Salvador: «*Beator est Maria percipiendo fidem Christi quam concipiendo carnem Christi* – Maria é mais feliz por receber a fé de Cristo do que por conceber a carne de Cristo».

Paulo VI, *Signum Magnum*

5. Nas páginas do Evangelho admiramos os testemunhos de tão sublime harmonia. Maria, logo que obteve a certeza pela voz do Anjo Gabriel que Deus a elegia para Mãe do seu Filho Unigénito, sem qualquer hesitação, deu o seu consentimento para uma obra na qual teria de empregar todas as energias da sua frágil natureza, declarando: «Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1,38*). Desde esse momento, Ela consagrou-se inteiramente ao serviço, não apenas do Pai celeste e do Verbo Encarnado, tornado seu Filho, mas também de todo o género humano, pois compreendeu bem que Jesus, além de salvar o Seu povo da escravidão do pecado, seria o Rei de um Reino messiânico, universal e eterno (cfr. *Mc 1,21; Lc 1,33*).

6. Por este motivo, a vida da Imaculada Esposa de José, virgem «no parto e depois do parto» – como sempre acreditou e professou a Igreja Católica e como convinha Aquela que tinha sido elevada à dignidade incomparável da maternidade divina –, foi uma vida de perfeita comunhão com o Filho, partilhando com Ele alegrias, dores e triunfos. E mesmo depois de Jesus subir ao céu, ficou unida a Ele por um ardentíssimo amor, enquanto cumpria com fidelidade a nova missão de Mãe espiritual do discípulo predilecto e da Igreja nascente. Pode afirmar-se, assim, que toda a vida da humilde Serva do Senhor, desde o momento em que foi saudada pelo Anjo até à sua assunção em alma e corpo à glória celeste, foi uma vida de amoroso serviço.

Associando-nos, portanto, aos Evangelistas, aos Padres e aos Doutores da Igreja, recordados pelo Concílio Ecuménico na Constituição Dogmática «*Lumen Gentium*» (cap. VIII), cheios de admiração, contemplamos Maria, firme na fé, pronta na obediência, simples na humildade, exultante no louvor do Senhor, ardente na caridade, forte e constante no cumprimento da sua missão até ao holocausto de si própria, em plena comunhão de sentimentos com o seu Filho, que se imolava na Cruz para dar aos homens uma vida nova.

João Paulo II, *Redemptoris Mater*

13. Na Anunciação, de facto, Maria entregou-se a Deus completamente, manifestando “a obediência da fé” Àquele que lhe falava, mediante o seu mensageiro, prestando-lhe o “obséquio pleno da inteligência e da vontade”. Ela respondeu, pois, com todo o seu “eu” humano e feminino. Nesta resposta de fé estava contida uma cooperação perfeita com a “prévia e concomitante ajuda da graça divina” e uma disponibilidade perfeita à acção do Espírito Santo, o qual “aperfeiçoa continuamente a fé mediante os seus dons”.

A palavra de Deus vivo, anunciada pelo Anjo a Maria, referia-se a ela própria: “Eis que conceberás e darás à luz um filho”

(Lc 1, 31). Acolhendo este anúncio, Maria devia tornar-se a “Mãe do Senhor” e realizar-se nela o mistério divino da Encarnação: “O Pai das misericórdias quis que a aceitação por parte da que Ele predestinara para mãe, precedesse a Encarnação”. E Maria dá esse consento, depois de ter ouvido todas as palavras do mensageiro. Diz: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Este fiat de Maria – “faça-se em mim” – decidiu, da parte humana, do cumprimento do mistério divino. Existe uma consonância plena com as palavras do Filho que, segundo a Carta aos Hebreus, ao vir a este mundo, diz ao Pai: “Não quiseste sacrifícios nem oblações, mas formaste-me um corpo... Eis que venho... para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hebr 10, 5-7). O mistério da Encarnação realizou-se quando Maria pronunciou o seu “fiat”: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”, tornando possível, pelo que a ela competia no desígnio divino, a aceitação do oferecimento do seu Filho.

Maria pronunciou este “fiat” mediante a fé. Foi mediante a fé que ela “se entregou a Deus” sem reservas e “se consagrou totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra do seu Filho”. E este Filho – como ensinam os Padres da Igreja – concebeu-na mente antes de o conceber no seio: precisamente mediante a fé! Com justeza, portanto, Isabel louva Maria: “Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor”.

20. O Evangelho de São Lucas regista o momento em que “uma mulher ergueu a voz do meio da multidão e disse”, dirigindo-se a Jesus: “Ditoso o ventre que te trouxe e os seios a que foste amamentado!” (Lc 11, 27). Estas palavras constituíam um louvor para Maria, como mãe de Jesus segundo a carne... Mas, às palavras abençoadas proferidas por aquela mulher em relação à sua genetriz segundo a carne, Jesus responde de modo significativo: “Ditosos antes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11, 28).

Ele quer desviar a atenção da maternidade entendida só como um vínculo do sangue, para a orientar no sentido daqueles vínculos misteriosos do espírito, que se formam com o prestar ouvidos e com a observância da palavra de Deus... Maria é digna, sem dúvida alguma, de tais palavras de bênção, pelo facto de se ter tornado Mãe de Jesus segundo a carne (“Ditoso o ventre que te trouxe e os seios a que foste amamentado”); mas é digna delas também e sobretudo porque, logo desde o momento da Anunciação, acolheu a palavra de Deus e porque nela acreditou e sempre foi obediente a Deus; ela, com efeito, “guardava” a palavra, meditava-a “no seu coração” (cf. Lc 1, 38-45; 2, 19. 51) e cumpria-a com toda a sua vida. Podemos, portanto, afirmar que as palavras de bem-aventurança pronunciadas por Jesus não se contrapõem, apesar das aparências, àquelas outras que foram proferidas pela mulher desconhecida; mas antes, que com elas se coadunam na pessoa desta Mãe-Virgem, que a si mesma se designou simplesmente como “serva do Senhor” (Lc 1, 38). Se é verdade que “todas as gerações a chamarão bem-aventurada” (cf. Lc 1, 48), pode dizer-se que aquela mulher anónima foi a primeira a confirmar, sem disso ter consciência, aquele versículo profético do Magnificat de Maria e a dar início ao Magnificat dos séculos.

MENSAGEM DE FÁTIMA

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 82

As palavras que a Santíssima Virgem nos disse em este dia e que combinámos nunca revelar, foram: Depois de nos haver dito que íamos para o Céu, perguntou:– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? – Sim, queremos – foi a nossa resposta. – Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 135

Está bem. Não preciso de mais: obediência e abandono em Deus que é Quem opera em mim. Na verdade, não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Ele se quer servir e que dentro em pouco, como o pintor que arremessa ao lume o pincel inutilizado, para que se reduza a cinzas, assim o Divino Pintor fará reduzir às cinzas do túmulo o Seu inutilizado instrumento, até ao grande dia das aleluias eternas.

Como vejo a Mensagem, p.36

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

Nesta pergunta de Nossa Senhora vejo como Deus respeita o dom da liberdade que nos deu, e não força a que aceitemos uma missão especial, que Ele queira confiar-nos. Assim procedeu com Nossa Senhora, mandando-Lhe o Anjo a perguntar se aceitava ser Mãe do Messias. É a imensa delicadeza com que Deus trata as Suas humildes criaturas e respeita os dons com que as favoreceu. Não quer ser servido por força, mas por amor, porque Deus é amor e só o que se faz por amor a Ele e ao próximo por Ele é que Lhe agrada e por Ele é aceite e tem valor na Sua presença.

Os pastorinhos, sem se preocupar com os sofrimentos que Deus lhes iria enviar, entregam-se inteiramente à vontade de Deus, e sem o saber, que ainda não conheciam as Escrituras, responderam seguindo a Cristo quando disse: *«Eis-me aqui, ó Pai, para fazer a Tua vontade.»* Seja ela qual for e como Tu quiseres, dispõe de mim a Teu bel-prazer. E como Maria respondeu ao Anjo quando ele Lhe anunciou a Encarnação do Filho de Deus: *«Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra»* (Lc 1, 38), assim, os pastorinhos, dão também a sua resposta dizendo: *«Sim, queremos.»*

Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p. 193-195

Nossa Senhora santificou-se como virgem pura e imaculada, correspondendo às graças que Deus, nesse estado, lhe concedeu; santificou-se como esposa fiel e dedicada, no cumprimento de todos os seus deveres de estado; santificou-se como mãe amorosa que se desvela pelo Filho, que Deus lhe confiou, para O embalar em seus braços, criá-Lo e educá-Lo, para O auxiliar e seguir no desempenho da Sua missão. Com Ele percorreu o caminho estreito da vida, a estrada escabrosa do Calvário; com Ele agonizou, recebendo no seu coração as feridas dos cravos, o golpe da lança e os vitupérios da multidão amotinada; santificou-se, enfim, como mãe, mestra e guia dos Apóstolos, aceitando ficar na terra, pelo tempo que Deus quisesse, para realizar a missão que Ele lhe havia confiado de co-redentora com Cristo da humanidade... As pessoas consagradas elevam-se a um nível mais alto, devido à santidade do estado de vida que abraçaram. Com o desprendimento das coisas da terra, colocaram-se num grau de particular disponibilidade para corresponderem à acção da graça de Deus nelas. Ao entregarem-se a Deus por amor, ofereceram-Lhe de uma vez para sempre, o holocausto de tudo e de si mesmas. Ora, este acto, de por si, é capaz de elevar a uma vida de constante intimidade com Deus e de perfeito amor, se, da parte da pessoa consagrada, houve uma entrega plena, sem reservas nem restrições.

Numa semelhante entrega, o seu encontro com Deus torna-se permanente e familiar. Ela trata, então, com o Senhor como com um amigo ou com um pai, que sempre encontra à sua disposição; comunica-Lhe os seus desejos, as suas aspirações, os seus ideais e as suas dificuldades. É nesta intimidade que Deus Se dá à pessoa e a santifica; e esta dá-se conta da presença de Deus em si mesma, sentindo Deus como o seu templo e o lugar da sua morada: por isso, aí se refugia em todos os momentos e dias da sua vida.

JUNHO

«Que devo fazer para ter a vida eterna?»

Sagrada Escritura

1. «Vamos suplicar ao Senhor que nos conceda misericórdia e salvação» (Tb 8, 4); 2. «Andei pelo seu caminho e não me desviei» (Job 23, 11); 3. «Faz brilhar a tua face, e seremos salvos!» (Salmo 80, 4); 4. «Por vós suspira a minha alma durante a noite» (Is 26, 9); 5. «Espero em Deus, meu salvador» (Miq 7, 7); 6. «Que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?» Mc 10, 17); 7. «Para que todo aquele que acredita tenha n'Ele a vida eterna» (Jo 3, 15); 8. «A água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente que jorra para a vida eterna» (Jo 4, 14); 9. «Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna» (Jo 6, 27); 10. «Quem comer deste pão viverá eternamente» (Jo 6, 51); 11. «O espírito é que dá vida» (Jo 6, 63); 12. «É esta a vida eterna: que Te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste» (Jo 17, 3); 13. «Nos fez dignos de tomar parte na herança dos santos» (Col 1, 12); 14. «Revestidos com o capacete da esperança da salvação» (1 Tes 5, 8); 15. «Nos deu, pela sua graça, eterna consolação e feliz esperança» (2 Tes 2, 16); 16. «Será que não devemos submeter-nos muito mais ao Pai dos espíritos para termos a vida?» (Hebr 12, 9).

MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica

27. O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso: «A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua

vocação à comunhão com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado: nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador» (*Gaudium et Spes*, 19).

28. De muitos modos, na sua história e até hoje, os homens exprimiram a sua busca de Deus em crenças e comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações, etc.). Apesar das ambiguidades de que podem enfermar, estas formas de expressão são tão universais que bem podemos chamar ao homem *um ser religioso*: Deus «criou de um só homem todo o género humano, para habitar sobre a superfície da terra, e fixou períodos determinados e os limites da sua habitação, para que os homens procurassem a Deus e se esforçassem realmente por O atingir e encontrar. Na verdade, Ele não está longe de cada um de nós. É n'Ele que vivemos, nos movemos e existimos» (*Act 17*, 26-28).

29. Mas esta «relação íntima e vital que une o homem a Deus» pode ser esquecida, desconhecida e até explicitamente rejeitada pelo homem. Tais atitudes podem ter origens diversas: a revolta contra o mal existente no mundo, a ignorância ou a indiferença religiosas, as preocupações do mundo e das riquezas, o mau exemplo dos crentes, as correntes de pensamento hostis à religião e, finalmente, a atitude do homem pecador que, por medo, se esconde de Deus e foge quando Ele o chama.

30. «Exulte o coração dos que procuram o Senhor» (*Sl 105*, 3). Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a rectidão da sua vontade, «um coração recto», e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus.

És grande, Senhor, e altamente louvável; grande é o teu poder

e a tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da tua criação, pretende louvar-Te – precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da tua criação, quer louvar-Te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com que ele encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti (Santo Agostinho, *Confissões*)

31. Criado à imagem de Deus, chamado a conhecer e a amar a Deus, o homem que procura Deus descobre certos «caminhos» de acesso ao conhecimento de Deus. Também se lhes chama «provas da existência de Deus» – não no sentido das provas que as ciências naturais indagam mas no de «argumentos convergentes e convincentes» que permitem chegar a verdadeiras certezas.

Estes «caminhos» para atingir Deus têm como ponto de partida criação: o mundo material e a pessoa humana.

2052. «Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?» Ao jovem que Lhe faz esta pergunta, Jesus responde, primeiro, invocando a necessidade de reconhecer a Deus como «o único Bom», o Bem por excelência e a fonte de todo o bem. Depois, declara-lhe: «Se queres entrar na vida, observa os mandamentos». E cita ao seu interlocutor os mandamentos que dizem respeito ao amor do próximo: «Não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não levantarás falso testemunho; honra pai e mãe». Finalmente, resume estes mandamentos de modo positivo: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (*Mt 19*, 16-19).

2053. A esta primeira resposta vem juntar-se uma segunda: «Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Vem, depois, e segue-Me» (*Mt 19*, 21). Esta resposta não anula a primeira. Seguir Jesus implica cumprir os mandamentos. A Lei não é abolida: mas o homem é convidado a reencontrá-la na Pessoa do seu mestre, em Quem ela encontra o seu

perfeito cumprimento. Nos três evangelhos sinópticos, o apelo de Jesus ao jovem rico, para O seguir na obediência de discípulo e na observância dos preceitos, está associado ao apelo à pobreza e à castidade. Os conselhos evangélicos são inseparáveis dos mandamentos.

2566. *O homem anda à procura de Deus.* Pela criação, Deus chama todos os seres do nada à existência. Coroado de glória e esplendor, o homem, depois dos anjos, é capaz de reconhecer «que o nome do Senhor é grande em toda a terra». Mesmo depois de, pelo pecado, ter perdido a semelhança com Deus, o homem continua a ser à imagem do seu Criador. Conserva o desejo d’Aquele que o chama à existência. Todas as religiões testemunham esta busca essencial do homem.

João Paulo II, *Veritatis splendor*

8. Do fundo do coração surge a pergunta que o jovem rico dirige a Jesus de Nazaré, *uma pergunta essencial e irresistível na vida de cada homem*: refere-se, de facto, ao bem moral a praticar e à vida eterna. O interlocutor de Jesus intui que existe um nexo entre o bem moral e a plena realização do próprio destino. Trata-se de um piedoso israelita que cresceu, por assim dizer, à sombra da Lei do Senhor. Podemos imaginar que, se faz esta pergunta a Jesus, não é por ignorar a resposta contida na Lei. É mais provável que o fascínio da pessoa de Jesus tenha feito surgir nele novas interrogações acerca do bem moral. Sente a exigência de se confrontar com Aquele que tinha começado a sua pregação com este novo e decisivo anúncio: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está perto: convertei-vos e crede no Evangelho» (Mc 1, 15).

Impõe-se que o homem de hoje se volte novamente para Cristo, a fim de obter d’Ele a resposta sobre o que é bem e o que é mal. Ele é o Mestre, o Ressuscitado que possui em Si a vida e que sempre está presente na sua Igreja e no mundo. É Ele que desvenda aos fiéis o livro das Escrituras e, revelando plenamente a vontade

do Pai, ensina a verdade sobre o agir moral. Cristo, fonte e vértice da economia da salvação, Alfa e Ómega da história humana (cf. Ap 1, 8; 21, 6; 22, 13), revela a condição do homem e a sua vocação integral. Por isso, «o homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente – não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios e medidas do próprio ser – deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Deve, por assim dizer, entrar n’Ele com tudo o que é em si mesmo, deve “apropriar-se” e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. Se no homem se actuar este processo profundo, então ele produz frutos, não somente de adoração de Deus, mas também de profunda maravilha perante si próprio».

Se quisermos então penetrar no âmago da moral evangélica e identificar o seu conteúdo profundo e imutável, devemos procurar diligentemente o sentido da questão posta pelo jovem rico do Evangelho e, mais ainda, o sentido da resposta de Jesus, deixando-nos guiar por Ele. De facto, Jesus, com delicado tacto pedagógico, responde conduzindo o jovem quase pela mão, passo a passo, em direcção à verdade plena.

16. A resposta sobre os mandamentos não satisfaz o jovem, que pergunta a Jesus: «Tenho cumprido tudo isto; *que me falta ainda?*» (Mt 19, 20). Não é fácil dizer em sã consciência: «tenho cumprido tudo isto», quando se começa a compreender o alcance efectivo das exigências contidas na Lei de Deus. E contudo, mesmo sendo-lhe possível dar semelhante resposta, mesmo tendo seguido o ideal moral com seriedade e generosidade desde a sua infância, o jovem rico sabe que está ainda longe da meta: diante da pessoa de Jesus, percebe que ainda lhe falta alguma coisa. É à consciência desta insuficiência que se dirige Jesus, na Sua última resposta: aproveitando a *nostalgia de uma plenitude que supere a interpretação*

legalista dos mandamentos, o bom Mestre convida o jovem a tomar a estrada da perfeição: «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-Me» (Mt 19, 21).

Tal como já sucedeu na passagem precedente da resposta de Jesus, também esta deve ser lida e interpretada no contexto de toda a mensagem moral do Evangelho e, especialmente, no contexto do Discurso da Montanha, das bem-aventuranças (cf. Mt 5, 3-12), a primeira das quais é precisamente a bem-aventurança dos pobres, dos «pobres em espírito», como esclarece S. Mateus (Mt 5, 3), ou seja, dos humildes. Neste sentido, pode-se dizer que também as bem-aventuranças entram no espaço aberto pela resposta de Jesus à pergunta do jovem: «Que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?». De facto, cada bem-aventurança promete, desde uma particular perspectiva, precisamente aquele «bem» que abre o homem à vida eterna, mais, que é a própria vida eterna.

As *bem-aventuranças* não têm propriamente por objecto normas particulares de comportamento, mas falam de atitudes e disposições de fundo da existência e, portanto, *não coincidem exactamente com os mandamentos*. Por outro lado, *não há separação ou oposição* entre as bem-aventuranças e os mandamentos: ambos se referem ao bem, à vida eterna. O Discurso da Montanha começa pelo anúncio das bem-aventuranças, mas contém também a referência aos mandamentos (cf. Mt 5, 20-48). Ao mesmo tempo, esse Discurso mostra a abertura e a orientação dos mandamentos para a perspectiva da perfeição, própria das bem-aventuranças. Estas são, antes de tudo, *promessas*, das quais de modo indirecto derivam também *indicações normativas* para a vida moral. Na sua profundidade original, são uma espécie de *auto-retrato de Cristo* e, precisamente por isso, constituem *convites ao Seu seguimento e à comunhão de vida com Ele*.

João Paulo II, *Evangelium vitae*

37. A vida que o Filho de Deus veio dar aos homens, não se reduz meramente à existência no tempo. A vida, que desde sempre está «n'Ele» e constitui «a luz dos homens» (Jo 1, 4), *consiste em ser gerados por Deus e participar na plenitude do seu amor*: «A todos os que O receberam, aos que crêem n'Ele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; eles que não nasceram do sangue, nem de vontade carnal, nem de vontade do homem, mas sim de Deus» (Jo 1, 12-13).

Umás vezes, Jesus designa esta vida, que Ele veio dar, simplesmente como «a vida»; e apresenta o ser gerado por Deus como condição necessária para poder alcançar o fim para o qual o homem foi criado: «Quem não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus» (Jo 3, 3). O dom desta vida constitui o objecto próprio da missão de Jesus; Ele «é Aquele que desce do Céu e dá a vida ao mundo» (Jo 6, 33), de tal modo que pode afirmar com toda a verdade: «Quem Me segue (...) terá a luz da vida» (Jo 8, 12).

Outras vezes, Jesus fala de «vida eterna», sem querer com o adjectivo aludir apenas a uma perspectiva supratemporal. «Eterna» é a vida que Jesus promete e dá, porque é plenitude de participação na vida do «Eterno». Todo aquele que crê em Jesus e vive em comunhão com Ele tem a vida eterna (cf. Jo 3, 15; 6, 40), porque d'Ele escuta as únicas palavras que revelam e infundem plenitude de vida à sua existência; são as «palavras de vida eterna», que Pedro reconhece na sua confissão de fé: «Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna; e nós acreditamos e sabemos que és o Santo de Deus» (Jo 6, 68-69). O que seja essa vida eterna, declara-o Jesus quando se dirigiu ao Pai na grande oração sacerdotal: «A vida eterna consiste nisto: que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste» (Jo 17, 3). Conhecer a Deus e ao seu Filho é acolher o mistério da comunhão de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, na própria vida que se abre, *já desde agora*, à vida eterna pela *participação na vida divina*.

38. Por conseguinte, a vida eterna é a própria vida de Deus e simultaneamente a *vida dos filhos de Deus*. Um assombro incesante e uma gratidão sem limites não podem deixar de se apoderar do crente diante desta inesperada e inefável verdade que nos vem de Deus em Cristo. O crente faz suas as palavras do apóstolo João: «Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus. E somo-lo de facto! (...) Caríssimos, agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos, porém, que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como Ele é» (1 Jo 3, 1-2).

Assim, *chega ao seu auge a verdade cristã acerca da vida*. A dignidade desta não está ligada apenas às suas origens, à sua proveniência de Deus, mas também ao seu fim, ao seu destino de comunhão com Deus no conhecimento e no amor d'Ele. É à luz desta verdade que Santo Ireneu especifica e completa a sua exaltação do homem: «glória de Deus» é, sim, «o homem vivo», mas «a vida do homem consiste na visão de Deus».

Bento XVI, Mensagem para a XXV Jornada Mundial da Juventude

«Que devo fazer para alcançar a vida eterna?»: esta pergunta do jovem do Evangelho parece distante das preocupações de muitos jovens contemporâneos; porventura, como observava o meu Predecessor, «não somos nós a geração cujo horizonte da existência está completamente preenchido pelo mundo e pelo progresso temporal?» (*Carta aos jovens*, n. 5). Mas a questão acerca da «vida eterna» impõe-se em momentos particularmente dolorosos da existência, como quando sofremos a perda de uma pessoa querida ou experimentamos o insucesso.

Mas o que é a «vida eterna», de que fala o jovem rico? Jesus no-lo explica quando, dirigindo-se aos seus discípulos, afirma: «Hei-de ver-vos de novo; e o vosso coração alegrar-se-á e ninguém

vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16, 22). São palavras que indicam uma proposta sublime de felicidade sem fim: a alegria de sermos cumulados pelo amor divino para sempre.

O interrogar-se sobre o futuro definitivo que nos espera dá sentido pleno à existência, porque orienta o projecto de vida não para horizontes limitados e passageiros mas amplos e profundos, que levam a amar o mundo, tão amado pelo próprio Deus, a dedicar-se ao seu desenvolvimento, mas sempre com a liberdade e a alegria que nascem da fé e da esperança. São horizontes que nos ajudam a não absolutizar as realidades terrenas, sentindo que Deus nos prepara um bem maior, e a repetir com Santo Agostinho: «Desejemos juntos a pátria celeste, suspiremos pela pátria celeste, sintamo-nos peregrinos aqui na terra» (*Comentário ao Evangelho de São João*, Homilia 35, 9). Com o olhar fixo na vida eterna, o Beato Pier Giorgio Frassati – falecido em 1925, com a idade de 24 anos – dizia: «Quero viver; não ir vivendo!» e, numa fotografia a escalar uma montanha que enviou a um amigo, escrevera: «Rumo ao alto!», aludindo à perfeição cristã mas também à vida eterna.

Queridos jovens, exorto-vos a não esquecer esta perspectiva no vosso projecto de vida: somos chamados à eternidade. Deus criou-nos para estar com Ele, para sempre. Aquela ajudar-vos-á a dar um sentido pleno às vossas decisões e a dar qualidade à vossa existência.

Bento XVI, Audiência geral, 11 de Maio de 2011

Vivemos numa época em que são evidentes os sinais do secularismo. Deus parece ter desaparecido do horizonte de várias pessoas ou ter-se tornado uma realidade diante da qual o homem permanece indiferente. Mas, vemos ao mesmo tempo muitos sinais que nos indicam um despertar do sentido religioso, uma redescoberta da importância de Deus para a vida do homem, uma exigência de espiritualidade, de superar uma visão puramente horizontal, material da vida humana. Olhando para a história recente, malogrou

a previsão de quem, desde a época do Iluminismo, preanunciava o desaparecimento das religiões e exaltava uma razão absoluta, separada da fé, uma razão que teria esmagado as trevas dos dogmatismos religiosos e dissolvido o «mundo do sagrado», restituindo ao homem a sua liberdade, a sua dignidade e a sua autonomia de Deus. A experiência do século passado, com as duas trágicas guerras mundiais, pôs em crise aquele progresso que a razão autónoma, o homem sem Deus parecia poder garantir... O homem é religioso por sua natureza, é *homo religiosus* como é *homo sapiens* e *homo faber*: «O desejo de Deus – afirma ainda o *Catecismo* – está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus» (n. 27). A imagem do Criador está impressa no seu ser, e ele sente a necessidade de encontrar uma luz para dar uma resposta às interrogações que dizem respeito ao sentido profundo da realidade; resposta que ele não pode encontrar em si mesmo, no progresso, na ciência empírica. O *homo religiosus* não emerge só dos mundos antigos, mas atravessa toda a história da humanidade. A este propósito, o rico terreno da experiência humana viu surgir diversificadas formas de religiosidade, na tentativa de responder ao desejo de plenitude e de felicidade, à necessidade de salvação, à busca de sentido. O homem «digital», como o das cavernas, procura na experiência religiosa os caminhos para superar a sua finitude e para assegurar a sua precária aventura terrena. De resto, a vida sem um horizonte transcendente não teria um sentido completo, e a felicidade, para a qual todos nós tendemos, está projectada espontaneamente para o futuro, para um amanhã que ainda se deve realizar. O Concílio Vaticano II, na Declaração *Nostra aetate*, sublinhou-o sinteticamente: «Os homens esperam das diversas religiões uma resposta aos mais árduos problemas da condição humana que, hoje como outrora, continuam a perturbar profundamente os seus corações: o que é o homem [– quem sou eu? –], qual o sentido e o fim da nossa vida, o que é o bem e o que é o pecado, qual é a origem e a finalidade do

sofrimento, qual é o caminho para se obter a verdadeira felicidade, o que é a morte, o julgamento e a recompensa que se lhe hão-de seguir, e qual é, finalmente, aquele derradeiro e inefável mistério que envolve a nossa existência: donde partimos e para onde vamos?». O homem sabe que não pode responder sozinho à sua necessidade fundamental de compreender. Por mais que se tenha iludido e que ainda se iluda que é auto-suficiente, contudo ele faz a experiência de que não é suficiente a si mesmo. Tem necessidade de se abrir ao outro, a algo ou a alguém que possa doar-lhe quanto lhe falta, deve sair de si mesmo rumo Àquele que é capaz de satisfazer a amplitude e a profundidade do seu desejo. O homem tem em si uma sede de infinito, uma saudade de eternidade, uma busca de beleza, um desejo de amor, uma necessidade de luz e de verdade, que o impelem rumo ao Absoluto; o homem tem em si o desejo de Deus. E o homem sabe, de qualquer modo, que pode dirigir-se a Deus, sabe que lhe pode rezar. S. Tomás de Aquino, um dos maiores teólogos da história, define a oração «expressão do desejo que o homem tem de Deus».

MENSAGEM DE FÁTIMA

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 162-163

Um dia de madrugada, cedo, sua irmã Teresa vai chamar-me: – Vem cá depressa. O Francisco está muito mal e diz que te quer dizer uma coisa! Vesti-me à pressa e lá fui. Pediu à mãe e irmãos que saíssem do quarto, que era segredo o que me queria. Saíram e ele disse-me: – É que me vou a confessar para comungar e morrer depois. Queria que me disseses se me viste fazer algum pecado e que fosses perguntar à Jacinta se me viu ela fazer algum. – Desobedeceste algumas vezes a tua mãe, – lhe respondi – quando ela te dizia que te deixasses estar em casa e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder. – É verdade! tenho esse. Agora

vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum. Lá fui, e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me: – Olha: diz-lhe que, ainda antes de Nossa Senhora nos aparecer, roubou um tostão ao pai, para comprar o realejo ao José Marto, da Casa Velha; e que, quando os rapazes de Aljustrel atiraram pedras aos de Boileiros, ele também atirou algumas. Quando lhe dei este recado da Irmã, respondeu: – Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Se calhar, é por causa destes pecados que eu fiz que Nosso Senhor está tão triste! Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora estou arrependido. E pondo as mãos, rezou a oração: – Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levari as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem. Olha: pede tu também a Nosso Senhor que me perdoe os meus pecados. – Peço, sim; está descansado. Se Nosso Senhor tos não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora, ainda outro dia, à Jacinta, que te vinha buscar muito em breve para o Céu.

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 173

Então Nossa Senhora disse-nos: – Não tenhais medo. Eu não vos faço mal. – De onde é Vossemecê? – lhe perguntei. Sou do Céu. E que é que Vossemecê me quer? Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, o dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez. – E eu também vou para o Céu? – Sim, vais. – E a Jacinta? – Também. – E o Francisco? – Também, mas tem que rezar muitos terços.

Como vejo a Mensagem, p.26

A Mensagem é mais uma nova luz a brilhar no meio das trevas dos erros do ateísmo, para que este não consiga apagar a luz da fé que ainda brilha nos corações e nas almas dos eleitos, para que estes, seguindo essa luz, possam encontrar em Cristo Jesus, o caminho

da verdade, da justiça, da paz e do amor, únicos que conduzem à Vida, da qual o Pai é a Fonte que sacia e inebria para todo o sempre. Assim Deus enviou a Sua luz ao mundo, para que este tenha a vida e a tenha em abundância, bebendo nas fontes da salvação. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.” Esta vida é a de Deus, da qual todos participamos, e é desta Vida que recebemos a imortalidade, na participação da imortalidade de Deus. Deus sempre existiu, e sempre há-de existir com os Seus eleitos no Reino dos Céus.

Irmã Lúcia, Apelos da Mensagem de Fátima, p. 129

Todos nós ambicionamos conservar a vida temporal, que passa com os dias, os anos, os trabalhos, as alegrias, as penas e as dores. Mas quão pouco nos preocupamos com a vida eterna! E, no entanto, esta é a única verdadeiramente decisiva e que perdura para sempre.

Deus, ao criar os seres humanos, deu-lhes por destino a vida eterna na participação da Sua vida divina. Por isso, «*Deus criou o homem à Sua imagem; criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher*» (Gn 1, 27), explicando a seguir que «*o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo*» (Gn 2, 7). Vemos aqui que o corpo humano foi tirado do pó da terra, mas a vida recebeu-a o homem do próprio Ser de Deus, do sopro criador dos Seus lábios. Por isso, a nossa alma é um ser espiritual que participa da vida de Deus e é imortal. Quando o corpo fica reduzido à impossibilidade absoluta de cooperar com a acção da alma, esta abandona-o e voa para o seu centro de atracção que é Deus.

Mas a nossa participação da vida eterna deverá ser decidida entre duas realidades bem distintas: o Céu ou o inferno.

No apelo à devoção do Coração Imaculado de Maria, vimos como existem duas gerações distintas, entre as quais reina a inimizade, sendo, por isso, opostas entre si: a geração de Satanás, que

arrasta pelo caminho do pecado, e a geração do Coração Imaculado de Maria, que, como Mãe dos filhos de Deus, os leva pelo caminho da verdade, da justiça e do amor. Porque Deus é Amor, e todos os Seus filhos se distinguem pelo amor! E enquanto os filhos de Deus se elevam pelo caminho do amor à posse da eterna felicidade no Reino de Deus, seu Pai, a geração de Satanás, pela torpeza do pecado, desce ao abismo do eterno suplício.

Não falta, no mundo, a incredulidade dos que negam estas verdades, mas o certo é que elas não deixam de existir pelo facto de eles as negarem; nem a sua incredulidade os livra das penas do inferno, se a sua vida de pecado aí os conduzir.

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 155-156

Um dia, perguntei-lhe: – Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não (*vão*) fossem mais almas para o inferno? – Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste, quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que não O ofendessem mais. Quando ia à escola, por vezes, ao chegar a Fátima, dizia-me: – Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na igreja, junto de Jesus escondido. Não me vale a pena aprender a ler; daqui a pouco vou para o Céu. Quando voltares, vem por cá chamar-me. O Santíssimo estava, então, à entrada da Igreja, do lado esquerdo. Metia-se entre a pia baptismal e o altar e aí o encontrava, quando voltava. (O Santíssimo estava aí por andar a Igreja em obras). Depois que adoeceu, dizia-me, às vezes, quando, a caminho da escola, passava por sua casa: – Olha: vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido.

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 170

A terceira aparição parece-me que deveu ser em Outubro ou fins de Setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa. Como já disse no escrito sobre a Jacinta, passámos da Prégueira (é um pequeno olival pertencente a meus pais) para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha. Rezámos aí o terço e (*a*) oração que na primeira aparição nos tinha ensinado. Estando, pois, aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálix e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálix, algumas gotas de sangue. Deixando o cálix e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração: – Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores. Depois, levantando-se, tomou de novo na mão o cálix e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o cálix deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo, ao mesmo tempo: – Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horripelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolei o vosso Deus. De novo se prostrou em terra e repetiu connosco a mais três vezes a mesma oração: – Santíssima Trindade... etc. E desapareceu. Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, isto é, prostrandonos como Ele e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo. Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas

só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico, que nos prostrava, também era grande.

Memórias da Irmã Lúcia Vol. I, p. 174

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: – Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

JULHO

«Eu sou o caminho»

Sagrada Escritura

1. «A luz brilhará no teu caminho» (Job 22, 28); 2. «O Senhor vela pelo caminho dos justos» (Sl 1, 6); 3. «Felizes os que em Vós encontram a sua força, os que caminham para ver a Deus em Sião» (Sl 84,8); 4. «Tanto quanto o céu está acima da terra, assim os meus caminhos estão acima dos vossos» (Is 55, 9); 5. «São retos os caminhos do Senhor» (Os 14, 10); 6. «Minha filha, a tua fé te salvou» (Mc 5, 34); 7. «Dirigir os nossos passos no caminho da paz» (Lc 1, 79); 8. «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a cruz todos os dias e siga-Me» (Lc 9, 23); 9. «Quem acredita no Filho tem a vida eterna» (Jo 3, 36); 10. «Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim» (Jo 14, 1); 11. Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6); 12. «Destes-me a conhecer os caminhos da vida» (Actos 2, 28); 13. «Não existe debaixo do céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos»

(Actos 4, 12); 14. «Acredita no Senhor Jesus e serás salvo» (Actos 16, 31); 15. «Caminhamos à luz da fé e não da visão clara» (2 Cor 5, 7); 16. «Conheces as Sagradas Escrituras; elas podem dar-te a sabedoria que leva à salvação, pela fé em Cristo Jesus» (2 Tm 3, 15); 17. «Justos e verdadeiros são os vossos caminhos, Rei das nações» (Ap 15, 3);

MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica

150. Antes de mais, a fé é uma *adesão pessoal* do homem a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o *assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus*. Enquanto adesão pessoal a Deus e assentimento à verdade por Ele revelada, a fé cristã difere da fé numa pessoa humana. É justo e bom confiar totalmente em Deus e crer absolutamente no que Ele diz. Seria vão e falso ter semelhante fé numa criatura.

153. Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus declara-lhe que esta revelação não lhe veio «da carne nem do sangue, mas do seu Pai que está nos Céus» (Mt 16, 17). A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá “a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade”».

154. O acto de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um acto autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem

acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (como, por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam), para assim entrarem em mútua comunhão. Por isso, é ainda menos contrário à nossa dignidade «prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador» e entrar assim em comunhão íntima com Ele.

155. Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina: «*Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis, a Deo motae per gratiam*» – «Crer é o acto da inteligência que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça de Deus».

160. Para ser humana, «a resposta da fé, dada pelo homem a Deus, deve ser voluntária. Por conseguinte, ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra vontade. Efectivamente, o acto de fé é voluntário por sua própria natureza». «E certo que Deus chama o homem a servi-Lo em espírito e verdade; mas, se é verdade que este apelo obriga o homem em consciência, isso não quer dizer que o constranja [...]. Isto foi evidente, no mais alto grau, em Jesus Cristo». De facto, Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo nenhum constrangeu alguém. «Deu testemunho da verdade, mas não a impôs pela força aos seus contraditores. O seu Reino [...] dilata-se graças ao amor, pelo qual, levantado na cruz, Cristo atrai a Si todos os homens».

161. Para obter a salvação é necessário acreditar em Jesus Cristo e n'Aquele que O enviou para nos salvar. «Porque “sem a fé não é possível agradar a Deus” (*Heb 11, 6*) e chegar a partilhar a condição de filhos seus; ninguém jamais pode justificar-se sem ela e ninguém que não “persevere nela até ao fim” (*Mt 10, 22; 24, 13*) poderá alcançar a vida eterna».

162. A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável. Paulo adverte Timóteo a respeito dessa possibilidade: «Combate o bom combate, guardando a fé e a boa consciência; por se afastarem desse princípio é que

muitos naufragaram na fé» (1 *Tm 1, 18-19*). Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de a alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente; ela deve «agir pela caridade» (*Gl 5, 6*) (38), ser sustentada pela esperança e permanecer enraizada na fé da Igreja.

163. A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (1 *Cor 13, 12*), «tal como Ele é» (1 *Jo 3, 2*). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna: «Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia».

164. Por enquanto porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2 *Cor 5, 7*), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1 *Cor 13, 12*). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.

165. É então que nos devemos voltar para as *testemunhas da fé*: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (*Rm 4, 18*); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé», foi até à «noite da fé» (42), comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro (43); e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (*Heb 12, 1-2*).

João Paulo II, *Redemptor hominis*

O II Concílio do Vaticano, na sua penetrante análise do «mundo contemporâneo», chegava aquele ponto que é o mais importante do mundo visível, o homem, descendo – como Cristo – até ao profundo das consciências humanas, tocando mesmo o mistério interior do homem, que na linguagem bíblica (e também não bíblica) se exprime com a palavra «coração». Cristo, Redentor do mundo, é Aquele que penetrou, de uma maneira singular e que não se pode repetir, no mistério do homem e entrou no seu «coração». Justamente, portanto, o mesmo II Concílio do Vaticano ensina: «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, de facto, o primeiro homem, era figura do futuro (*Rom* 5, 14), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, *revela também plenamente o homem ao mesmo homem* e descobre-lhe a sua vocação sublime». E depois, ainda: «Imagem de Deus invisível (*Col* 1, 15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que n'Ele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus, *uniu-se de certo modo a cada homem*. Trabalhou com mãos de homem, pensou com uma mente de homem, agiu com uma vontade de homem e amou com um coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, Ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado». Ele, o Redentor do homem.

João Paulo II, *Dominus Jesus*

Antes de mais, deve *crer-se firmemente* que a «Igreja, peregrina na terra, é necessária para a salvação. Só Cristo é mediador e caminho de salvação; ora, Ele torna-se-nos presente no seu Corpo

que é a Igreja; e, ao inculcar por palavras explícitas a necessidade da fé e do Baptismo (cf. *Mc* 16,16; *Jo* 3,5), corroborou ao mesmo tempo a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pelo Baptismo tal como por uma porta». Esta doutrina não se contrapõe à vontade salvífica universal de Deus (cf. *1 Tim* 2,4); daí «a necessidade de manter unidas estas duas verdades: a real possibilidade de salvação em Cristo para todos os homens, e a necessidade da Igreja para essa salvação».

A Igreja é «sacramento universal de salvação», porque, sempre unida de modo misterioso e subordinada a Jesus Cristo Salvador, sua Cabeça, tem no plano de Deus uma relação imprescindível com a salvação de cada homem. Para aqueles que não são formal e visivelmente membros da Igreja, «a salvação de Cristo torna-se acessível em virtude de uma graça que, embora dotada de uma misteriosa relação com a Igreja, todavia não os introduz formalmente nela, mas ilumina convenientemente a sua situação interior e ambiental. Esta graça provém de Cristo, é fruto do seu sacrifício e é comunicada pelo Espírito Santo». Tem uma relação com a Igreja, que por sua vez «tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai».

21. Quanto ao *modo* como a graça salvífica de Deus, dada sempre através de Cristo no Espírito e em relação misteriosa com a Igreja, atinge os não cristãos, o Concílio Vaticano II limitou-se a afirmar que Deus a dá «por caminhos só por Ele conhecidos». A teologia esforça-se por aprofundar a questão. Há que encorajar esse esforço teológico, que sem dúvida serve para aumentar a compreensão dos desígnios salvíficos de Deus e dos caminhos que os realizam. Todavia, de quanto acima foi dito sobre a mediação de Jesus Cristo e sobre a «relação única e singular» que a Igreja tem com o Reino de Deus entre os homens – que é substancialmente o Reino de Cristo Salvador universal –, seria obviamente contrário à fé católica considerar a Igreja como *um caminho* de salvação ao lado

dos constituídos pelas outras religiões, como se estes fossem complementares à Igreja, ou até substancialmente equivalentes à mesma, embora convergindo com ela para o Reino escatológico de Deus.

22. Com a vinda de Jesus Cristo Salvador, Deus quis que a Igreja por Ele fundada fosse o instrumento de salvação para *toda* a humanidade (cf. *Act* 17,30-31). Esta verdade de fé nada tira ao facto de a Igreja nutrir pelas religiões do mundo um sincero respeito, mas, ao mesmo tempo, exclui de forma radical a mentalidade indiferentista «imbuída de um relativismo religioso que leva a pensar que “tanto vale uma religião como outra”». Se é verdade que os adeptos das outras religiões podem receber a graça divina, também é verdade que *objectivamente* se encontram numa situação gravemente deficitária, se comparada com a daqueles que na Igreja têm a plenitude dos meios de salvação. Há que lembrar, todavia, «a todos os filhos da Igreja que a grandeza da sua condição não é para atribuir aos próprios méritos, mas a uma graça especial de Cristo; se não corresponderem a essa graça, por pensamentos, palavras e obras, em vez de se salvarem, incorrerão num juízo mais severo». Compreende-se, portanto, que, em obediência ao mandato do Senhor (cf. *Mt* 28,19-20) e como exigência do amor para com todos os homens, a Igreja «anuncia e tem o dever de anunciar constantemente a Cristo, que é “o caminho, a verdade e a vida” (*Jó* 14,6), no qual os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou todas as coisas consigo».

Bento XVI, *Spe Salvi*

O reino de Deus é um dom, e por isso mesmo é grande e belo, constituindo a resposta à esperança. Nem podemos – para usar a terminologia clássica – «merecer» o céu com as nossas obras. Este é sempre mais do que aquilo que merecemos, tal como o ser amados nunca é algo «merecido», mas um dom. Porém, com toda a nossa consciência da «mais-valia» do céu, permanece igualmente verdade que o nosso agir não é indiferente diante de Deus e,

portanto, também não o é para o desenrolar da história. Podemos abrir-nos nós mesmos e o mundo ao ingresso de Deus: da verdade, do amor e do bem. É o que fizeram os santos que, como «colaboradores de Deus» contribuíram para a salvação do mundo (cf. *1 Cor* 3,9; *1 Tês* 3,2). Temos a possibilidade de livrar a nossa vida e o mundo dos venenos e contaminações que poderiam destruir o presente e o futuro.

MENSAGEM DE FÁTIMA

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, p.175

– Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu. – Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. – Fico cá sozinha? – perguntei, com pena. – Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, p.179-180

Ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe: – Pelo amor de Deus! peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho! Outro: – Que me cure o meu, que é cego! Outro: – O meu, que é surdo! – Que me traga meu marido... – ... meu filho, que anda na guerra! – Que me converta um pecador! – Que me dê saúde, que estou tuberculoso! Etc., etc. Ali

apareciam todas (*as*) misérias da pobre humanidade. E alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes, para onde subiam, com o fim de nos ver passar. Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão. Quando agora leio, no Novo Testamento, essas cenas tão encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, recordo estas que, tão criança ainda, Nosso Senhor me fez presenciar, nesses pobres caminhos e estradas de Aljustrel a Fátima e à Cova de Iria, e dou graças a Deus, oferecendo-Lhe a fé do nosso bom Povo português. E penso: se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças, só porque a elas é concebida misericordiosamente a graça de falar com (*a*) Mãe de Deus, que não fariam, se vissem diante de si o próprio Jesus Cristo?

Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p. 46...49

O primeiro apelo que Deus nos dirige aqui por meio do Seu enviado, é um apelo à Fé: *Meu Deus, eu creio!* A fé está na base de toda a vida espiritual. É pela fé que acreditamos na existência de Deus, no Seu poder, na Sua sabedoria, na Sua misericórdia, na Sua obra redentora, no Seu perdão e no Seu amor de Pai. É pela fé que acreditamos na Igreja de Deus, fundada por Jesus Cristo, e na doutrina que ela nos transmite e por meio da qual seremos salvos. É a luz da fé que guia os nossos passos, conduzindo-os pela via estreita que leva ao Céu. É pela fé que vemos Cristo nos nossos irmãos, que os amamos, servimos e ajudamos, quando precisam do nosso auxílio. É ainda pela fé que nos vem a certeza da presença de Deus em nós; de que estamos sempre sob o olhar de Deus. É este olhar de Luz, onipotente e imenso, que se estende por toda a parte, que tudo vê, tudo penetra, com nitidez única e própria só do Sol Divino, face ao qual o sol, que vemos e nos alumia, não é mais que um pálido reflexo, uma ténue centelha emanada da Luz do imenso Ser que é Deus...

Jesus Cristo veio ao mundo como Mestre para ensinar-nos, para guiar os nossos passos pelo caminho da verdade, da justiça, da caridade e da vida. Porque qualquer outro caminho que não seja o que Ele nos traçou é caminho que leva à morte eterna.

Como vejo a Mensagem, p.18

É pela fé que vemos a Deus e com Ele nos encontramos, como dizia o Profeta Elias: “*Vive o Senhor Deus, em cuja presença estou*”. Se vivemos compenetrados desta verdade, desta realidade, a nossa fé cresce, avigora-se e leva-nos a penetrar na imensidade do Ser supremo de Deus.

S. Paulo diz que nós somos o templo de Deus, sim, mas mais do que isso, Deus é o nosso templo onde nos encontramos submergidos no Ser Imenso de Deus que tudo vê, tudo penetra, a tudo dá o ser e a vida. Como um peixe não vive sem água, nós não vivemos sem Deus. Deus é o grande Oceano onde habitamos, nos movemos, respirando a aragem do sopro Divino com que Deus nos beneficia a cada instante. É nesse mar que eu vivo, aí me submergi e nunca mais daí saí. Ele me tomou em Seus braços de Pai e me conduziu por onde me quis levar. N’Ele acreditei, a Ele me entreguei até que queira transportar-me e levar-me a esse novo dia, onde hei-de servi-l’O, adorá-l’O e amá-l’O para sempre sem fim.

AGOSTO

«Feliz o homem que teme o Senhor»

Sagrada Escritura

1. «O Anjo do Senhor protege os que O temem» (Sl 33, 9);
2. «O temor do Senhor é como paraíso de bênçãos» (Sir 40 27);
3. «Alegremo-nos e rejubilemos, porque nos salvou» (Is 25, 9);
4. «Segui sempre o caminho que vou indicar-vos e sereis felizes» (Jer 7, 23);
5. «Colocarei no seu coração o meu temor» (Jer 32, 40);

6. «Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus...» (Mt 5, 3); 7. «Bem-aventurada aquela que acreditou» (Lc 1, 45); 8. «Todos se encheram de temor e davam glória a Deus» (Lc 7, 16); 9. «Feliz daquele que não encontrar em Mim ocasião de queda» (Lc 7, 23); 10. «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 28); 11. «Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20 29); 12. «Há mais felicidade em dar do que em receber» (Actos 20, 36); 13. «Aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita...esse encontrará a felicidade no seu modo de viver» (Tg 1, 25); 14. «Aquele que deseja ver dias felizes...afaste-se do mal e pratique o bem» (1 Pedro 3, 10); 15. «Felizes de vós, se sois ultrajados pelo nome de Cristo» (1 Pedro 4, 14).

MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica

30. «Exulte o coração dos que procuram o Senhor» (Sl 105, 3). Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a rectidão da sua vontade, «um coração recto», e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus.

1718. As bem-aventuranças respondem ao desejo natural de felicidade. Este desejo é de origem divina; Deus pô-lo no coração do homem para o atrair a Si, o único que o pode satisfazer: «Todos nós, sem dúvida, queremos viver felizes, e não há entre os homens quem não dê o seu assentimento a esta afirmação, mesmo antes de ela ser plenamente enunciada». «Como é então, Senhor, que eu Te procuro? De facto, quando Te procuro, ó meu Deus, é a vida feliz que eu procuro. Faz com que Te procure, para que a minha alma viva! Porque tal como o meu corpo vive da minha alma, assim a minha alma vive de Ti». «Só Deus sacia».

1917. Incumbe àqueles que exercem cargos de autoridade garantir os valores que atraem a confiança dos membros do grupo e os incitam a colocar-se ao serviço dos seus semelhantes. A participação começa pela educação e pela cultura. «Pode-se legitimamente pensar que o futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações de amanhã razões de viver e de esperar»

Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*

18. Enquanto, diante da morte, qualquer imaginação se revela impotente, a Igreja, ensinada pela revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, para além dos limites da miséria terrena. A fé cristã ensina que a própria morte corporal, de que o homem seria isento se não tivesse pecado - acabará por ser vencida, quando o homem for pelo omnipotente e misericordioso Salvador restituído à salvação que por sua culpa perdera. Com efeito, Deus chamou e chama o homem a unir-se a Ele com todo o seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina. Esta vitória, alcançou-a Cristo ressuscitado, libertando o homem da morte com a própria morte. Portanto, a fé, que se apresenta à reflexão do homem apoiada em sólidos argumentos, dá uma resposta à sua ansiedade acerca do seu destino futuro; e ao mesmo tempo oferece a possibilidade de comunicar em Cristo com os irmãos queridos que a morte já levou, fazendo esperar que eles alcançaram a verdadeira vida junto de Deus.

Paulo VI, *Signum Magnum*

11. Há, assim, uma mensagem de suma utilidade, que parece chegar hoje aos fiéis da parte d'Aquela que é a Imaculada, a toda santa, a cooperadora do Filho na obra da restauração da vida sobrenatural das almas (L.G. 61). Contemplando devotamente Maria, conseguem d'Ela incitamento à oração confiante, à prática da penitência, ao temor santo de Deus. E é igualmente nesta meditação

mariana que eles ouvem as mais das vezes ressoar aquelas palavras com que Jesus Cristo, anunciando estar perto o Reino dos Céus, dizia: «Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova» (*Mc* 1,15; cfr. *Mt* 3,2,4,17); e a sua severa advertência: «Se não vos arrependerdes, perecereis todos de maneira semelhante» (*Lc* 13,5). Movidos pelo amor e pelo propósito de aplacar Deus, tão ofendido na Sua santidade e na Sua justiça, e animados também pela confiança na Sua infinita misericórdia, devemos suportar os sofrimentos espirituais e corporais, a fim de expiarmos os nossos pecados e os do nosso próximo e evitarmos assim a dupla pena, de «dano» e de «sentidos», isto é, a perda de Deus, sumo Bem, e o fogo eterno (cfr. *Mt* 25,41; *L.G.* 48).

João Paulo II, *Audiência geral 2 de Novembro de 2005*

Iluminados pela fé, olhamos para o enigma humano da morte com serenidade e esperança. Segundo a Escritura, de facto, ela mais do que um fim, é um nascimento novo, é a passagem obrigatória através da qual podem alcançar a vida em plenitude aqueles que modelam a sua existência terrena segundo as indicações da Palavra de Deus. O salmo 111, composição de tipo sapiencial, apresenta-nos a figura destes justos, os quais temem o Senhor, reconhecem a sua transcendência e aderem com confiança e amor à sua vontade na expectativa de O encontrar depois da morte. A estes fiéis está reservada uma “bem-aventurança”: “Feliz o homem que teme o Senhor” (v. 1). O Salmista esclarece imediatamente em que consiste tal temor: ele manifesta-se na docilidade aos mandamentos de Deus. É proclamado bem-aventurado aquele que “sente grande alegria” em guardar os mandamentos, encontrando neles alegria e paz. A docilidade a Deus é, por conseguinte, raiz de esperança e de harmonia interior e exterior. A observância da lei moral é fonte de profunda paz da consciência. Aliás, segundo a visão bíblica da “retribuição”, sobre o justo estende-se o manto da bênção divina, que imprime estabilidade e sucesso às suas obras e às dos seus

descendentes: “A sua descendência será poderosa sobre a terra, e bendita, a geração dos justos” (vv. 2-3; cf. v. 9). Sem dúvida, a esta visão optimista opõem-se as observações amargas do justo Job, que experimenta o mistério do sofrimento, se sente injustamente punido e submetido a provas aparentemente insensatas. Job representa muitas pessoas justas que sofrem duramente no mundo. Por conseguinte, será necessário ler este Salmo no contexto global da Sagrada Escritura, até à cruz e à ressurreição do Senhor. A Revelação inclui a realidade da vida humana em todos os seus aspectos. Contudo, permanece válida a confiança que o Salmista deseja transmitir e fazer experimentar a quem escolheu seguir o caminho de um comportamento moralmente irrepreensível, contra qualquer alternativa de sucesso ilusório obtido através da injustiça e da imoralidade.

Bento XVI, *Deus caritas est*

7. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente – fascinação pela grande promessa de felicidade – depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará «existir para» o outro. Assim se insere nele o momento da *agape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblativo, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode – como nos diz o Senhor – tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. *Jo* 7, 37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. *Jo* 19, 34).

Bento XVI, *Spe Salvi*

28. Surge agora, porém, a questão: não será que, desta maneira, caímos de novo no individualismo da salvação? Na esperança só para mim, que aliás não é uma esperança verdadeira porque esquece e descuida os outros? Não. A relação com Deus estabelece-se através da comunhão com Jesus – sozinhos e apenas com as nossas possibilidades não o conseguimos. Mas, a relação com Jesus é uma relação com Aquele que Se entregou a Si próprio em resgate por todos nós (cf. *1 Tim 2,6*). O facto de estarmos em comunhão com Jesus Cristo envolve-nos no seu ser «para todos», fazendo disso o nosso modo de ser. Ele compromete-nos a ser para os outros, mas só na comunhão com Ele é que se torna possível sermos verdadeiramente para os outros, para a comunidade. Neste contexto, queria citar o grande doutor grego da Igreja, S. Máximo o Confessor († 662), o qual começa por exortar a não antepor nada ao conhecimento e ao amor de Deus, mas depois passa imediatamente a aplicações muito práticas: «Quem ama Deus não pode reservar o dinheiro para si próprio. Distribui-o de modo “divino” [...] do mesmo modo segundo a medida da justiça». Do amor para com Deus consegue a participação na justiça e na bondade de Deus para com os outros; amar a Deus requer a liberdade interior diante de cada bem possuído e de todas as coisas materiais: o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro. A mesma conexão entre amor de Deus e responsabilidade pelos homens podemos observá-la com comoção na vida de S. Agostinho. Depois da sua conversão à fé cristã, ele, juntamente com alguns amigos possuídos pelos mesmos ideais, queria levar uma vida dedicada totalmente à palavra de Deus e às realidades eternas. Pretendia realizar com valores cristãos o ideal da vida contemplativa expressa pela grande filosofia grega, escolhendo deste modo «a melhor parte» (cf. *Lc 10,42*). Mas as coisas foram de outro modo. Participava ele na Missa dominical, na cidade portuária de Hipona, quando foi chamado pelo Bispo

do meio da multidão e instado a deixar-se ordenar para exercer o ministério sacerdotal naquela cidade. Olhando retrospectivamente para aquela hora, escreve nas suas «*Confissões*»: «Aterrorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha resolvido e meditado em meu coração, o projecto de fugir para o ermo. Mas Vós mo impedistes e me fortalecesteis dizendo: “Cristo morreu por todos, para que os viventes não vivam para si, mas para Aquele que morreu por todos” (cf. *2 Cor 5,15*)». Cristo morreu por todos. Viver para Ele significa deixar-se envolver no seu «ser para».

Bento XVI, *Audiência de 6 de Fevereiro de 2008*

A conquista do sucesso, o desejo do prestígio e a busca da comodidade, quando absorvem totalmente a vida, a ponto de excluir Deus do próprio horizonte, levam verdadeiramente à felicidade? Pode haver uma felicidade autêntica, prescindindo de Deus? A experiência demonstra que não somos felizes porque satisfazemos as expectativas e as exigências materiais. Na realidade, a única alegria que cumula o coração humano é aquela que provém de Deus: com efeito, temos necessidade da alegria infinita. Nem as preocupações quotidianas, nem as dificuldades da vida conseguem apagar a alegria que nasce da amizade com Deus. O convite de Jesus a tomar a própria cruz e a segui-lo, num primeiro momento pode parecer árduo e contrário àquilo que nós queremos, mortificante para o nosso desejo de realização pessoal. No entanto, olhando mais de perto podemos descobrir que não é assim: o testemunho dos santos demonstra que na Cruz de Cristo, no amor que se entrega, renunciando à posse de si mesmo, encontra-se aquela profunda serenidade que é nascente de generosa dedicação aos irmãos, especialmente aos mais pobres e necessitados. E isto dá alegria também a nós mesmos.

MENSAGEM DE FÁTIMA

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, p.140

Passados os primeiros dias e recuperado o estado normal, perguntou o Francisco: – O Anjo, a ti, deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, que foi o que Ele nos deu? – Foi também a Sagrada Comunhão – respondeu a Jacinta, numa felicidade indizível. – Não vês que era o Sangue que caía da Hóstia? – Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era! E prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo, com a sua Irmã, repetindo a oração do Anjo: Santíssima Trindade..., etc. Pouco a pouco, foi passando aquela atmosfera e, no dia 13 de Maio, brincávamos já quase com o mesmo gosto e com a mesma liberdade de espírito. A aparição de Nossa Senhora veio de novo a concentrar-nos no sobrenatural, mas mais suavemente: em vez daquele aniquilamento na Divina Presença, que prostrava, mesmo fisicamente, deixou-nos uma paz e alegria expansiva que nos não impedia falar, em seguida, de quanto se tinha passado.

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, p.164

– Hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido. Eu vou para o Céu; mas lá vou pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que vos levem também para lá depressa. Este dia passei-o quase todo com a Jacinta, junto de sua cama. Como já não podia rezar, pediu-nos que rezássemos nós o terço por ele. Depois, disse-me: – Decerto, no Céu, vou ter muitas saudades tuas! Quem dera que Nossa Senhora te levasse também para lá breve! – Não tens, não. Imagine-se! Ao pé de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que são tão bons! – Pois é! Se calhar, nem me lembro.

Como vejo a Mensagem, p.38

E o Senhor não nos enganou, nem nos faltou com a Sua Graça, como prometeu Nossa Senhora: *a graça de Deus será o vosso conforto*. É esta graça de Deus que actua em nós, levando-nos onde Deus nos quiser conduzir, e vamos contentes, como crianças abandonadas nos braços do Pai, quer Ele nos leve por sendas planas, quer nos conduza por caminhos tortuosos, pisando espinhos, cardos e abrolhos, pondo os nossos pés nas pegadas que Cristo, indo à nossa frente deixou marcadas no solo da terra; é subir conTigo, a montanha íngreme, esbarradiça do monte calvário; é beber conTigo até à última gota do cálice que o Pai Te apresentou; é ser uma conTigo no partir do pão e no beber do cálice; é, pela nossa íntima união conTigo, ser o Filho muito amado em quem o Pai se compraz, vendo em nós, o rosto de Seu Filho, o Espírito Santo que ateia em nós o fogo do puro amor que nos transforma num ser de eterno louvor à Santíssima Trindade, a Quem adoro, confio, amo e para sempre quero louvar! De Ti espero esta graça que há-de ser o meu hino de eterno amor!

Apelos da Mensagem de Fátima, p. 67-68

Foi o amor que levou Deus a criar-nos, a redimir-nos, enviando o Seu Filho, que Se ofereceu como vítima de expiação, para pagar por nós, para reparar pelos nossos pecados. Se Deus não nos tivesse amado, não existiríamos; permanecíamos no nada. É, pois, um dever de gratidão, de reconhecimento, de justiça e de direito amar a Deus sobre todas as coisas, retribuir amor com amor, como costuma dizer o nosso povo: *Amor com amor se paga*. É pois, um acto de justiça, amar Quem tanto nos ama e de Quem recebemos todos os bens. Este nosso amor deve ser sincero, alegre e sacrificado. Como o amor de um bom filho, que ama seu pai e faz tudo o que sabe ser do seu agrado: ainda que para isso tenha de sacrificar-se, fá-lo com alegria porque o seu gosto é ver o pai contente; por outro

lado, esta satisfação do pai vem beneficiar o filho, porque o pai, satisfeito com ele, toma-o nos braços, cumula-o de bens e faz tudo por ele. O nosso amor a Deus há-de assemelhar-se ao dos esposos, quando é verdadeiro: a esposa sacrifica-se de bom grado para ver o seu marido feliz, e o marido sacrifica-se pela esposa para que esta seja contente. É o conhecido intercâmbio mútuo de amor, que exige imolação, dádiva e entrega; e desta correspondência é que vem, como fruto, a paz, a alegria e o bem-estar.

Apelos da Mensagem de Fátima, p. 200

Sabemos que, no espaço, há muitos planetas que ainda não vimos, muitas estrelas cuja luz ainda não chegou até nós. Ainda ninguém foi capaz de medir a extensão do firmamento. Ora, Deus que criou esta extensão indefinida, também pode ter criado um «lugar», um paradeiro, uma estadia a que deu o nome de Céu, destinado a ser a morada de Deus e a dos Seus eleitos, pelos séculos sem fim. Dizem que o Céu consiste na posse de Deus: não há dúvida de que Deus é o manancial de toda a felicidade e que possuindo a Deus seremos eternamente felizes.

SETEMBRO

«Construtores de uma sociedade solidária»

Sagrada Escritura

1. «Eu libertava o pobre que pedia socorro» (Job 29, 12); 2. «Quando eles estavam doentes eu vestia-me com pano de saco» (Sl 35, 13); 3. «Se deres do teu pão ao faminto e matares a fome ao indigente, a tua luz brilhará» (Is 58, 7); 4. «Dá a quem te pedir» (Mt 5, 42); 5. «Tive fome e destes-me de comer» (Mt 25, 35); 6. «Ofereceu tudo o que tinha» (Mc 12, 44); 7. «Viviam unidos e tinham tudo em comum» (Actos 2, 44); 8. «Vou dar aos pobres metade dos meus bens» (Lc 19, 8); 9. «Assim que devemos acudir aos mais

fracos» (Actos 22, 35); 10. «Acudi com a vossa parte às necessidades dos cristãos» (Rom 12, 13); 11. «Acolhei-vos, portanto, uns aos outros» (Rom 15, 7); 12. «E os membros tenham a mesma solicitude uns com os outros» (1 Cor 12, 25); 13. «Fiz-me tudo para todos» (1 Cor 9, 22); 14. «O esforço da vossa caridade» (1 Tes 1, 3); 15. «Não temos um sumo-sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas» (Hebr 4, 15); 16. «Se me consideras teu amigo, recebe-o como a mim próprio» (Flm 17); 17. «Cada um ponha ao serviço dos outros os dons que recebeu» (1 Pedro 4, 10); 18. «Quem ama o seu irmão permanece na luz» (1 Jo 2, 10);

MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica

1913. Participação é o empenhamento voluntário e generoso da pessoa nas permutas sociais. É necessário que todos tomem parte, cada qual segundo o lugar que ocupa e o papel que desempenha, na promoção do bem comum. Este é um dever inerente à dignidade da pessoa humana.

1914. A participação realiza-se, primeiro, ao encarregar-se alguém dos sectores de que assume *a responsabilidade pessoal*: pelo cuidado que põe na educação da família, pela consciência com que realiza o seu trabalho, o homem participa no bem dos outros e da sociedade.

1915. Os cidadãos devem, tanto quanto possível, tomar parte activa na *vida pública*. As modalidades desta participação podem variar de país para país ou de uma cultura para outra. «É de louvar o modo de agir das nações em que, em autêntica liberdade, o maior número possível de cidadãos participa nos assuntos públicos».

1916. A participação de todos na promoção do bem comum implica, como qualquer dever ético, uma *conversão* incessantemente renovada dos parceiros sociais. A fraude e outros subterfúgios,

pelos quais alguns se esquivam às obrigações da lei e às prescrições do dever social, devem ser firmemente condenados como incompatíveis com as exigências da justiça. Importa promover o progresso das instituições que melhorem as condições da vida humana.

1939. O princípio da solidariedade, também enunciado sob o nome de «amizade» ou de «caridade social», é uma exigência directa da fraternidade humana e cristã: Um erro, «hoje largamente espalhado, é o que esquece esta lei da solidariedade humana e da caridade, ditada e imposta tanto pela comunidade de origem e pela igualdade da natureza racional entre todos os homens, seja qual for o povo a que pertençam, como pelo sacrifício da redenção oferecido por Jesus Cristo no altar da cruz ao Pai celeste, em favor da humanidade pecadora».

1940. A solidariedade manifesta-se, em primeiro lugar, na repartição dos bens e na remuneração do trabalho. Implica também o esforço por uma ordem social mais justa, em que as tensões possam ser resolvidas melhor e os conflitos encontrem mais facilmente uma saída negociada.

1941. Os problemas sócio-económicos só podem ser resolvidos com a ajuda de todas as formas de solidariedade: solidariedade dos pobres entre si, dos ricos com os pobres, dos trabalhadores entre si, dos empresários e empregados na empresa; solidariedade entre as nações e entre os povos. A solidariedade internacional é uma exigência de ordem moral. Dela depende, em parte, a paz do mundo.

1942. A virtude da solidariedade vai além dos bens materiais. Ao difundir os bens espirituais da fé, a Igreja favoreceu, por acréscimo, o desenvolvimento dos bens temporais, a que, muitas vezes, abriu novos caminhos. Assim se verificou, ao longo dos séculos, a Palavra do Senhor: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (*Mt 6, 33*): «Desde há dois mil anos que vive e persevera na alma da Igreja este sentimento, que levou e ainda leva as almas até ao heroísmo

caridoso dos monges agricultores, dos libertadores de escravos, dos que cuidam dos doentes, dos mensageiros da fé, da civilização, da ciência a todas as gerações e a todos os povos, em vista a criar condições sociais capazes de a todos tornar possível uma vida digna do homem e do cristão».

Paulo VI, *Populorum progressio*

48. O dever de solidariedade é o mesmo, tanto para as pessoas como para os povos: “é dever muito grave dos povos desenvolvidos ajudar os que estão em via de desenvolvimento”. (53) É necessário pôr em prática este ensinamento do Concílio. Se é normal que uma população seja a primeira a beneficiar dos dons que a Providência lhe concedeu como fruto do seu trabalho, é também certo que nenhum povo tem o direito de reservar as suas riquezas para seu uso exclusivo. Cada povo deve produzir mais e melhor, para dar aos seus um nível de vida verdadeiramente humano e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento solidário da humanidade. Perante a indigência crescente dos países subdesenvolvidos, deve considerar-se normal que um país evoluído dedique uma parte da sua produção a socorrer as suas necessidades; é também normal que forme educadores, engenheiros, técnicos e sábios, que ponham a ciência e a competência ao seu serviço.

49. Repetimos, mais uma vez: o supérfluo dos países ricos deve pôr-se ao serviço dos países pobres. A regra que existia outrora em favor dos mais próximos, deve aplicar-se hoje à totalidade dos necessitados do mundo inteiro. Aliás, serão os ricos os primeiros a beneficiar-se com isto. De outro modo, a sua avareza continuada provocaria os juízos de Deus e a cólera dos pobres, com consequências imprevisíveis. Concentradas no seu egoísmo, as civilizações actualmente florescentes lesariam os seus mais altos valores, sacrificando a vontade de ser mais, ao desejo de ter mais. E aplicar-se-ia a parábola do homem rico, cujas propriedades tinham produzido

muito e que não sabia onde guardar a colheita: “Deus disse-lhe: néscio, nesta mesma noite virão reclamar a tua alma”.

João Paulo II, *Centesimus annus*

36. Não é mal desejar uma vida melhor, mas é errado o estilo de vida que se presume ser melhor, quando ela é orientada ao ter e não ao ser, e deseja ter mais não para ser mais, mas para consumir a existência no prazer, visto como fim em si próprio. É necessário, por isso, esforçar-se por construir estilos de vida, nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom, e a comunhão com os outros homens, em ordem ao crescimento comum, sejam os elementos que determinam as opções do consumo, da poupança e do investimento. A propósito disto, não posso limitar-me a recordar o dever da caridade, isto é, o dever de acorrer com o «supérfluo», e às vezes até com o «necessário» para garantir o indispensável à vida do pobre. Mas aludo também ao facto de que a opção de investir num lugar em vez de outro, neste sector produtivo e não naquele, é sempre *uma escolha moral e cultural*. Postas certas condições económicas e de estabilidade política absolutamente imprescindíveis, a decisão de investir, isto é, de oferecer a um povo a ocasião de valorizar o próprio trabalho, é determinada também por uma atitude de solidariedade e pela confiança na Providência divina, que revela a qualidade humana daquele que decide.

Pontifício Conselho «Justiça e Paz», *Compêndio da doutrina social da Igreja*

193 As novas relações de interdependência entre homens e povos, que são de facto formas de solidariedade, devem transformar-se em relações tendentes a uma verdadeira e própria solidariedade ético-social, que é a exigência moral ínsita a todas as relações humanas. A solidariedade, portanto, se apresenta sob dois aspectos complementares: o de *princípio social* e o de *virtude moral*.

A solidariedade deve ser tomada antes de mais nada, no seu valor de princípio social ordenador das instituições, em base ao qual devem ser superadas as «estruturas de pecado», que dominam as relações entre as pessoas e os povos, devem ser superadas e transformadas em estruturas de solidariedade, mediante a criação ou a oportuna modificação de leis, regras do mercado, ordenamentos. *A solidariedade é também uma verdadeira e própria virtude moral*, não «um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a *determinação firme e perseverante* de se empenhar pelo *bem comum*; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque *todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos*». A solidariedade eleva-se ao grau de *virtude social* fundamental, pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o *bem comum*, e na «aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para “perder-se” em benefício do próximo em vez de o explorar, e para “servi-lo” em vez de o oprimir para proveito próprio (cf. Mt 10, 40-42; 20, 25; Mc 10, 42-45; Lc 22, 25-27)».

Bento XVI, *Caritas in Veritate*

36. A doutrina social da Igreja considera possível viver relações autenticamente humanas de amizade e camaradagem, de solidariedade e reciprocidade, mesmo no âmbito da actividade económica e não apenas fora dela ou «depois» dela. A área económica não é eticamente neutra nem de natureza desumana e anti-social. Pertence à actividade do homem; e, precisamente porque humana, deve ser eticamente estruturada e institucionalizada. O grande desafio que temos diante de nós – resultante das problemáticas do desenvolvimento neste tempo de globalização, mas revestindo-se de maior exigência com a crise económico-financeira – é mostrar, a nível tanto de pensamento como de comportamentos, que não só

não podem ser transcurados ou atenuados os princípios tradicionais da ética social, como a transparência, a honestidade e a responsabilidade, mas também que, nas *relações comerciais*, o *princípio de gratuidade* e a lógica do dom como expressão da fraternidade podem e devem *encontrar lugar dentro da actividade económica normal*. Isto é uma exigência do homem no tempo actual, mas também da própria razão económica. Trata-se de uma exigência simultaneamente da caridade e da verdade.

Bento XVI, Fátima - Encontro com as organizações da pastoral social

Queridos irmãos e irmãs que operais no vasto mundo da caridade, «Cristo ensina-nos que “Deus é amor” (1 Jo 4, 8) e simultaneamente ensina-nos que a lei fundamental da perfeição humana e, conseqüentemente, também da transformação do mundo é o novo mandamento do amor. Portanto aqueles que crêem na caridade divina têm a certeza d’Ele que a estrada da caridade está aberta a todos os homens» (*Gaudium et spes*, 38). O cenário actual da história é de crise sócio-económica, cultural e espiritual, pondo em evidência a oportunidade de um discernimento orientado pela proposta criativa da mensagem social da Igreja. O estudo da sua doutrina social, que assume como principal força e princípio a caridade, permitirá marcar um processo de desenvolvimento humano integral que adquira profundidade de coração e alcance maior humanização da sociedade (cf. Bento XVI, *Enc. Caritas in veritate*, 20). Não se trata de puro conhecimento intelectual, mas de uma sabedoria que dê sabor e tempero, ofereça criatividade às vias cognoscitivas e operativas para enfrentar tão ampla e complexa crise. Que as instituições da Igreja, unidas a todas as organizações não eclesiais, melhorem as suas capacidades de conhecimento e orientações para uma nova e grandiosa dinâmica que conduza para «aquela civilização do amor, cuja semente Deus colocou em todo o povo e cultura» (Ibid., 33).

Bento XVI, Fátima 13 de Maio de 2010

A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo. «A linhagem do povo de Deus será conhecida [...] como linhagem que o Senhor abençoou» (*Is* 61, 9) com uma esperança inabalável e que frutifica num amor que se sacrifica pelos outros, mas não sacrifica os outros; antes – como ouvimos na segunda leitura – «tudo desculpa, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta» (*1 Cor* 13, 7). Exemplo e estímulo são os Pastorinhos, que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus. Nossa Senhora ajudou-os a abrir o coração à universalidade do amor. De modo particular, a beata Jacinta mostrava-se incansável na partilha com os pobres e no sacrifício pela conversão dos pecadores. Só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz.

D. António Marto, Testemunhas de Cristo no mundo

Verificamos pois que os cristãos estão presentes no mundo, em todos os âmbitos da sociedade; e devem estar aí segundo a sua identidade, isto é, como *cidadãos do mundo, fiéis ao Evangelho, guiados pela consciência cristã* (cf. GS n. 76). Este é o seu modo de estar no mundo ao serviço do Reino de Deus. A vocação dos cristãos é ser “alma do mundo”, estar dentro do mundo como “o fermento” no meio da massa. Esta dupla atenção constitui o “paradoxo da experiência cristã” de que fala um escrito do século II: os cristãos são homens como todos os outros, participantes da vida na cidade e na sociedade, dos sucessos e falhanços experimentados pelos homens; mas são também ouvintes da Palavra de Deus, chamados a transmitir a diferença evangélica na história, a dar uma alma ao mundo, para que a humanidade possa caminhar em direcção à plenitude do

Reino de Deus. “Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem pela sua terra, nem pela sua língua, nem pelos seus costumes. Porque não habitam cidades exclusivamente suas, nem falam uma língua estranha, nem levam um género de vida à parte dos outros (...), mas habitando cidades gregas ou bárbaras, segundo a sorte que a cada um coube, e adaptando-se no vestuário, na comida e demais género de vida aos usos e costumes de cada país, dão mostras de uma conduta peculiar, admirável e, por confissão de todos, surpreendente. Moram nas suas respectivas nações, mas são peregrinos; cidadãos, não diversos dos outros, participam nos deveres e encargos de todos, mas tudo olham e sofrem como estrangeiros... Parecem demorar-se na terra e, na realidade, são cidadãos do Céu... Conformam-se às leis estabelecidas, mas com o seu modo de viver ultrapassam as leis... Como todos geram filhos, mas não abandonam os que nascem; põem mesa em comum, mas não o leito... Os cristãos passam como peregrinos entre as realidades temporais, voltados para a incorruptibilidade nos céus. Deus destinou-os a tão sublima missão; não mais lhes é consentido desertá-la... Os cristãos são no mundo aquilo que a alma é no corpo” (Carta a Diogneto, 5-6). Em recente alocução, o Papa Bento XVI comenta assim este texto: “Não renegueis nunca o Evangelho em que acreditais, mas estai no meio dos demais homens com simpatia, comunicando com o vosso próprio estilo de vida um humanismo que lança as raízes no cristianismo, dispostos a construir com todos os homens de boa vontade uma sociedade mais humana, mais justa e mais solidária”.

MENSAGEM DE FÁTIMA

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, p. 46-47

Havia umas crianças, filhos de duas famílias da Moita, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia, quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta, ao vê-los, disse-nos: – Damos

a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores? E correu a levar-lha... Combinámos, sempre que encontrássemos os tais pobrezinhos, dar-lhes a nossa merenda; e as pobres crianças, contentes com a nossa esmola, procuravam encontrar-nos e esperavam-nos pelo caminho. Logo que os víamos, a Jacinta corria e levar-lhes todo o nosso sustento desse dia, com tanta satisfação, como se não lhe fizesse falta.

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I, p.158

Havia aí uma velhinha, a quem chamávamos Ti Mari’ Carreira, a quem os filhos, às vezes, mandavam pastorear um rebanho de cabras e ovelhas. Estas, pouco domesticadas, às vezes tresmalhavam-se-lhe umas para cada lado. Quando a encontrávamos assim aflita, o Francisco era o primeiro a correr em seu auxílio. Ajudava-a a conduzir o rebanho à pastagem, juntando-lhe as que se tinham tresmalhado. A pobre velhinha desfazia-se em mil agradecimentos e chamava-lhe o seu Anjinho da guarda.

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. II, p.96

Com certa frequência vinham perguntar se a Mãe tinha frangos que pudesse vender-lhes um, porque tinham alguma pessoa de família doente que não comia outra coisa. A Mãe dizia que sim. Com um pouco de milho, chamava as galinhas e, enquanto que elas comiam, agarrava um frango que entregava às pessoas. Elas perguntavam quanto custava. A Mãe, se eram pessoas que podiam pagar, respondia que era como estivessem na praça; se eram pobres, que pediam para esperar pelo dinheiro que naquela ocasião não tinham mas que vinham trazê-lo logo que o tivessem, a estas a Mãe respondia: - Não vos preocupeis com o ter de pagar. A mim, já Deus me pagará. Levai lá o frango e, se for preciso mais algum, vinde buscá-lo e Deus permita que o doente melhore e se ponha bom. Parecia que a Mãe conhecia o que nos diz S. Paulo: «Dê cada um segundo o

impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento, porque Deus ama aquele que dá com alegria. E Deus é poderoso para vos cumular de todas as graças, de modo que, tendo sempre e em tudo o necessário, vos fique ainda muito para toda a espécie de boas obras, como está escrito: “Reparte com largueza pelos pobres; a sua generosidade permanece para sempre”» (2 Cor 9, 7-9).

Apelos da Mensagem de Fátima, p. 262

Como podemos dizer que temos caridade, se não amamos a Deus e ao próximo, se não somos capazes de nos sacrificar o preciso para cumprir todos e cada um dos Mandamentos? Não temos caridade, se não somos capazes de nos sacrificar o preciso para sermos puros, castos, humildes, fiéis a Deus e ao próximo; se não somos capazes de nos sacrificar pelo bem dos nossos irmãos necessitados, que precisam do nosso auxílio, do nosso socorro, da nossa esmola e conforto; se não somos capazes de nos sacrificar o preciso para dar ao próximo necessitado aquilo que nos sobra, preferindo gastá-lo nós inútil e desnecessariamente. Oh, o que por aí se gasta em passatempos pecaminosos, na satisfação de vícios, em bebidas alcoólicas, nos cafés, nas casas de jogo e de devassidão, em luxos e vaidades exageradas, no fumo, etc! Se temos a coragem de reduzir a cinza e mandar ao ar em fumo o que podíamos e devíamos dar aos nossos irmãos, que se encontram em necessidade, que passam fome e frio, onde está então a nossa caridade, o nosso amor a Deus e ao próximo?

OUTUBRO

«Recebestes de graça dai de graça»

Sagrada Escritura

1. «Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8); 2. «Este é o meu Sangue, o Sangue da nova aliança, derramado pela multidão dos homens» (Mc 14, 24); 3. «Emprestai, sem nada esperar em

troca» (Lc 6, 35); 4. «Este teu irmão estava morto e voltou à vida» (Lc 15, 32); 5. «Os que tiverem praticado boas obras irão para a ressurreição dos vivos» (Jo 5, 29); 6. «Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10); 7. «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto» (Jo 12, 24); 8. «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos» (Jo 15, 13); 9. «Todos são justificados de maneira gratuita pela sua graça» (Rom 3, 24); 10. «O dom gratuito de Deus é a vida eterna» (Rom 6, 23); 11. «Que possuis que não tenhas recebido» (1 Cor 4, 7); 12. «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20); 13 «Se ofereceu a Deus como vítima sem mancha» (Hebr 9, 14); 14. «Desejaríamos partilhar convosco, não só o Evangelho de Deus, mas ainda a própria vida» (1 Tes 2, 8); 15. «Nós sabemos que passámos da morte para a vida» (1 Jo 3, 14); 16. «Eles voltaram a viver e reinaram com Cristo» (Ap 20, 4); 17. «Quem a deseja, receba de graça a água da vida» (Ap 22, 17);

MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica

52. Deus, que «habita numa luz inacessível» (1 Tm 6, 16), quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adoptivos. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.

609. Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (Jo 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (Jo 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens. Com efeito, Ele aceitou livremente a

sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (Jo 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte.

635. Cristo, portanto, desceu aos abismos da morte, para que «os mortos ouvissem a voz do Filho do Homem e os que a ouvissem, vivessem» (Jo 5, 25). Jesus, «o Príncipe da Vida», «pela sua morte, reduziu à impotência aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertou quantos, por meio da morte, se encontravam sujeitos à servidão durante a vida inteira» (Heb 2, 14-15). Desde agora, Cristo ressuscitado «detém as chaves da morte e do Hades» (Ap 1, 18) e «ao nome de Jesus todos se ajoelhem, no céu, na terra e nos abismos» (Fl 2, 10).

«Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio, porque o rei dorme. A terra estremeceu e ficou silenciosa, porque Deus adormeceu segundo a carne e despertou os que dormiam há séculos [...]. Vai à procura de Adão, nosso primeiro pai, a ovelha perdida. Quer visitar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte. Vai libertar Adão do cativeiro da morte. Ele que é ao mesmo tempo seu Deus e seu filho [...] “Eu sou o teu Deus, que por ti me fiz teu filho [...] Desperta tu que dormes, porque Eu não te criei para que permaneças cativo no reino dos mortos: levanta-te de entre os mortos; Eu sou a vida dos mortos”».

994. Jesus liga a fé na ressurreição à sua própria pessoa: «Eu sou a Ressurreição e a Vida» (Jo 11, 25). É o próprio Jesus que, no último dia, há-de ressuscitar os que n'Ele tiverem acreditado, comido o seu Corpo e bebido o seu Sangue Desde logo, Ele dá um sinal disto mesmo e uma garantia, restituindo a vida a alguns mortos e preanunciando assim a sua própria ressurreição que, no entanto, será de ordem diferente. Jesus fala deste acontecimento único como do «sinal de Jonas», do sinal do templo; Ele anuncia a sua ressurreição ao terceiro dia depois da morte.

1996. A nossa justificação vem da graça de Deus. A graça é o favor, o socorro gratuito que Deus nos dá, a fim de respondermos ao seu chamamento para nos tornarmos filhos de Deus, filhos adoptivos participantes da natureza divina e da vida eterna.

1997. A graça é uma *participação na vida de Deus*, introduz-nos na intimidade da vida trinitária: pelo Baptismo, o cristão participa na graça de Cristo, cabeça do seu corpo; como «filho adoptivo», pode doravante chamar «Pai» a Deus, em união como seu Filho Unigénito; e recebe a vida do Espírito, que lhe infunde a caridade e forma a Igreja.

1998. Esta vocação para a vida eterna é *sobrenatural*. Depende inteiramente da iniciativa gratuita de Deus, porque só Ele pode revelar-Se e dar-Se a Si mesmo. E ultrapassa as capacidades da inteligência e as forças da vontade humana, como de qualquer criatura.

João Paulo II, *Evangelium vitae*

25. O sangue de Cristo, ao mesmo tempo que revela a grandeza do amor do Pai, *manifesta também como o homem é precioso aos olhos de Deus e quão inestimável seja o valor da sua vida*. Isto mesmo nos recorda o apóstolo Pedro: «Sabei que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, recebida por tradição dos vossos pais, não a preço de coisas corruptíveis, prata ou ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro imaculado e sem defeito algum» (1 Ped 1, 18-19). Contemplando precisamente o sangue precioso de Cristo, sinal da sua doação de amor (cf. Jo 13, 1), o crente aprende a reconhecer e a apreciar a dignidade quase divina de cada homem, e pode exclaimar com incessante e agradecida admiração: «Que grande valor deve ter o homem aos olhos do Criador, se “mereceu tão grande Redentor” (Precónio Pascal), se “Deus deu o seu Filho”, para que ele, o homem, “não pereça, mas tenha a vida eterna” (cf. Jo 3, 16)»!

Além disso, o sangue de Cristo revela ao homem que a sua grandeza e, conseqüentemente, a sua vocação consiste no *dom sincero de si*. Precisamente porque é derramado como dom de vida, o sangue de Jesus já não é sinal de morte, de separação definitiva dos irmãos, mas instrumento de uma comunhão que é riqueza de vida para todos. Quem, no sacramento da Eucaristia, bebe este sangue e permanece em Jesus (cf. *Jo* 6, 56), vê-se associado ao mesmo dinamismo de amor e doação de vida d'Ele, para levar à plenitude a primordial vocação ao amor que é própria de cada homem (cf. *Gn* 1, 27; 2, 18-24).

É, enfim, do sangue de Cristo que todos os homens recebem *a força para se empenharem a favor da vida*. Precisamente esse sangue é o motivo mais forte de esperança, melhor *é o fundamento da certeza absoluta de que, segundo o desígnio de Deus, a vitória será da vida*. «Nunca mais haverá morte» – exclama a voz poderosa que sai do trono de Deus na Jerusalém celeste (*Ap* 21, 4). E S. Paulo assegura-nos que a vitória actual sobre o pecado é sinal e antecipação da vitória definitiva sobre a morte, quando «se cumprirá o que está escrito: “A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”» (*I Cor* 15, 54-55).

Pontificia obra para as vocações eclesíásticas, *Novas vocações para uma nova Europa*

a) ... à sua imagem

No «chamado criativo», o homem aparece logo com toda a sua carga de dignidade, como sujeito chamado à relação com Deus, a estar diante dele, com os outros, no mundo, com uma face que reflecte os mesmos traços divinos: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança» (*Gn* 1,26). Essa tríplice relação pertence ao projecto original, porque nele – em Cristo – o Pai nos escolheu antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados diante dele, na caridade» (*Ef* 1,4).

Reconhecer o Pai significa que nós existimos à sua maneira, tendo-nos criado à sua imagem (*Sab* 2,23). Nisso, portanto, está contida a vocação fundamental do homem: a vocação à vida e a uma vida imediatamente concebida à semelhança da vida divina. Se o Pai é o eterno manancial, a total gratuidade, a fonte perene da existência e do amor, na medida pequena e limitada do seu existir, o homem é chamado a ser como Ele; portanto, a «dar a vida», a assumir o peso da vida de um outro.

Então, o acto criador do Pai é que provoca a conscientização de que a vida é uma entrega à liberdade do homem, chamado a dar uma resposta personalíssima e original, responsável e repleta de gratidão.

b) *O amor, sentido pleno da vida*

Nessa perspectiva do chamado à vida, uma coisa deve ser excluída: que o homem possa considerar a existência como uma coisa óbvia, natural, casual.

Talvez não seja fácil, na cultura hodierna, alguém sentir-se extasiado diante do dom da vida. Enquanto é fácil perceber o sentido de uma vida doada, que redunde em benefício dos outros, é preciso ao invés, uma consciência mais amadurecida, alguma formação espiritual, para perceber que a vida de cada um, em todo caso e antes de qualquer escolha, é amor recebido, e que em tal amor já está escondido um conseqüente projecto vocacional.

O simples facto de estarmos no mundo deveria, antes de tudo, encher a todos de maravilha e de gratidão imensa para com Aquele que, de forma totalmente gratuita, pronunciando o nosso nome, nos tirou do nada.

E então, a percepção de que a vida é um dom, não deveria suscitar apenas uma atitude reconhecida, mas lentamente deveria sugerir a primeira grande resposta à pergunta fundamental de sentido: *a vida é a obra de arte do amor criativo de Deus e, em si mesma, é um chamado a amar*. Dom recebido que, por sua natureza, tende a se tornar bem doado.

Cardeal J. Ratzinger, Comentário teológico à terceira parte do “segredo” de Fátima

A conclusão do «segredo» lembra imagens, que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé. É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e de lágrimas. Anjos recolhem, sob os braços da cruz, o sangue dos mártires e com ele regam as almas que se aproximam de Deus. O sangue de Cristo e o sangue dos mártires são vistos aqui juntos: o sangue dos mártires escorre dos braços da cruz. O seu martírio realiza-se solidariamente com a paixão de Cristo, identificando-se com ela. Eles completam em favor do corpo de Cristo o que ainda falta aos seus sofrimentos (cf. *Col* 1, 24). A sua própria vida tornou-se eucaristia, inserindo-se no mistério do grão de trigo que morre e se torna fecundo. O sangue dos mártires é semente de cristãos, disse Tertuliano. Tal como nasceu a Igreja da morte de Cristo, do seu lado aberto, assim também a morte das testemunhas é fecunda para a vida futura da Igreja. Deste modo, a visão da terceira parte do «segredo», tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: nenhum sofrimento é vão, e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus. Não se trata apenas de ver os que sofrem acolhidos na mão amorosa de Deus como Lázaro, que encontrou a grande consolação e misteriosamente representa Cristo, que por nós Se quis fazer o pobre Lázaro; mas há algo mais: do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renascimento, porque é a actualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica.

A terceira parte do segredo é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da Mensagem, condicionada ao facto de aceitarmos ou não o que a Mensagem nos pede: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará os

seus erros pelo mundo, etc.”. Porque não temos atendido a este apelo da Mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc. E não digamos que é Deus que assim nos castiga; mas, sim, que são os homens que para si mesmos se preparam o castigo. Deus apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu; por isso os homens são responsáveis».

Bento XVI, Deus caritas est

12. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta Carta Encíclica: «Deus é amor» (*1 Jo* 4, 8). É lá que esta verdade pode ser contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.

13. Jesus deu a este acto de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia. Antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná (cf. *Jo* 6, 31-33). Se o mundo antigo tinha sonhado que, no fundo, o verdadeiro alimento do homem – aquilo de que este vive enquanto homem – era o *Logos*, a sabedoria eterna, agora este *Logos* tornou-Se verdadeiramente alimento para nós – como amor. A Eucaristia arrasta-nos no acto oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. A imagem do

matrimônio entre Deus e Israel torna-se realidade de um modo anteriormente inconcebível: o que era um estar na presença de Deus torna-se agora, através da participação na doação de Jesus, comunal no seu corpo e sangue, torna-se união. A «mística» do Sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é de um alcance muito diverso e conduz muito mais alto do que qualquer mística elevação do homem poderia realizar.

Pontifício conselho «justiça e paz», *Compêndio da Doutrina social da Igreja*

184 *O amor da Igreja pelos pobres inspira-se no Evangelho das bem-aventuranças, na pobreza de Jesus e na Sua atenção aos pobres. Tal amor refere-se à pobreza material e também às numerosas formas de pobreza cultural e religiosa.* A Igreja, «desde as suas origens, apesar das falhas de muitos de seus membros, não deixou nunca de trabalhar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los. Ela o faz por meio de inúmeras obras de beneficência, que continuam a ser, sempre e por toda parte, indispensáveis». Inspirada no preceito evangélico: «Recebestes de graça, de graça dai» (Mt 10,8), a Igreja ensina a socorrer o próximo nas suas várias necessidades e difunde na comunidade humana inúmeras *obras de misericórdia corporais e espirituais*. «Dentre estes gestos de misericórdia, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna. É também uma prática de justiça que agrada a Deus», ainda que a prática da caridade não se reduza à esmola, mas implique a atenção à dimensão social e política do problema da pobreza. Sobre esta relação entre caridade e justiça o ensinamento da Igreja retorna constantemente: «Quando damos aos pobres as coisas indispensáveis, não praticamos com eles grande generosidade pessoal, mas lhes devolvemos o que é deles. Cumprimos um dever de justiça e não um ato de caridade». Os Padres Conciliares recomendam fortemente que se cumpra tal dever «para que não ofereçamos como dom de caridade aquilo que já é

devido por justiça». O amor pelos pobres é certamente «incompatível com o amor imoderado pelas riquezas ou o uso egoístico delas» (Cf. Tg 5,1-6).

MENSAGEM DE FÁTIMA

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I p. 59-60

Um dia mandou-me chamar: que fosse junto dela depressa. Lá fui, correndo. – Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-Lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus. Perguntei se tu ias comigo. Disse que não. Isto é o que me custa mais. Disse que ia minha mãe levar-me e, depois, fico lá sozinha! Depois, ficou algum tempo pensativa. Depois, acrescentou: – Se tu fosses comigo! O que mais me custa é ir sem ti. Se calhar, o hospital é uma casa muito escura, onde não se vê nada; e eu estou ali a sofrer sozinha! Mas não importa, sofro por amor de Nosso Senhor, para reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre.

Irmã Lúcia, Apelos da Mensagem de Fátima, p. 68

O nosso amor tem de ser sacrificado. Primeiro, o necessário para não ofender gravemente a Deus nem ao próximo, isto é, não transgredir uma lei de Deus em matéria grave. Depois, é preciso sacrificar-se para nem sequer ofender a Deus ou ao próximo em matéria leve, isto é, com pecado venial. O amor, que a isto nos deve levar, tem de ter em si a força precisa para vencermos as nossas más inclinações que nos puxam para o mal, as tentações do orgulho, da inveja, da cobiça, da vingança, da vaidade e da sensualidade, etc. Só

com esta luta contra nós mesmos é que conseguiremos manter a linha recta do nosso amor a Deus e ao próximo, como é nosso dever. É o que nos diz Jesus Cristo, no Evangelho: «Desde os dias de João Baptista até agora, o Reino dos Céus tem sido objecto de violência e os violentos apoderaram-se dele à força» (Mt 11,12). Por outras palavras, conquistam o Reino dos Céus, aqueles que se sacrificam, fazem violência para se vencer a si mesmos, vencer as más inclinações próprias, as tentações do mundo, do Demónio e da carne, para seguir rectamente o caminho da justiça, da verdade e da caridade. É este o esforço que temos de nos impor a nós mesmos, e isto é que valoriza o nosso amor a Deus e ao próximo. Aquele que ama, sacrifica-se pela pessoa amada. Foi o que Jesus Cristo fez por nós: sacrificou-Se e entregou-Se à morte para nos dar a vida. Então que fazemos de mais, se por Ele sacrificarmos os nossos caprichos, as nossas más inclinações, as nossas vaidades exageradas, o nosso comodismo, o nosso orgulho, as nossas ambições? Mas que digo: sacrificarmo-nos por Ele?! A verdade é que se trata de um sacrifício que redundará em bem nosso, já que por ele conquistamos o Reino dos Céus, conseguimos a paz e a alegria na terra. Todos desejamos viver em paz e com alegria, ter uma vida feliz, mas não nos damos conta de que a buscamos onde ela não está. O Senhor diz-nos: «*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição, por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus*» (Mt 5,5.9-10). Os pacíficos, que sofrem com mansidão, são bem-aventurados já cá na terra, porque estão em paz com o próximo e gozam da sua amizade; estão em paz com a própria consciência, porque se sacrificam o necessário para não ofender a Deus nem ao próximo e praticar o bem. Nisto, está o verdadeiro amor. É aquele amor transbordante para com Deus que, do nosso coração, se derrama sobre o próximo numa medida de fé e generosidade tal, que vemos em cada pessoa humana – quer tenha a nossa fé quer a não

possua, quer pratique o bem quer ande enredada nas teias do pecado – em todas as pessoas vemos a face de Jesus Cristo e, em Cristo, amamo-los como irmãos nossos, filhos do mesmo Deus e Pai, que a todos criou e a todos chama a tomar parte na herança do Céu.

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. I p. 83

Do que já deixo descrito e do que ainda irei recordando dos poucos anos que tive a felicidade de viver a seu lado, iremos vendo como tudo aparece como que brotando de todo o seu agir, com tanta naturalidade, simples e humilde, como de uma fonte de água cristalina brotam os riachos que regam e fertilizam as terras. Já na Quinta Memória, deixo descrito como a nossa casa era como que a casa de todos: tinha uma porta onde todos batiam, e a todos se abria com a mesma boa vontade de acolhimento, serviço e caridade. A Mãe parecia que só sabia dizer que sim. A ninguém recusava os seus serviços quando os solicitavam e, muitas vezes, até se adiantava. Os episódios que já tenho descrito e os que ainda irei recordando da sua vida vão-nos mostrando qual era o seu grande espírito de sacrifício e caridade, sempre diligente e pronto para acudir e servir a quantos dela se aproximavam.

Memórias da Irmã Lúcia, Vol. II p.138

Apesar desta decadência, a Mãe dizia resignada:

- Por este andar, não sei aonde vamos parar! Mas confiamos em Deus que sempre nos há-de ajudar, e na protecção de Nossa Senhora que é a minha Madrinha do baptismo. Com tudo isto, a Mãe nunca deixou de socorrer os pobres. Dizia: “Temos pouco, mas esse pouco ainda há-de chegar para socorrer os que têm menos do que nós”. Cumpria assim o que nos diz Deus na Sagrada Escritura: “comerás o pão com o suor do teu rosto. E socorrerás o pobre nas suas necessidades”.

VI

PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

DA PÁSCOA A OUTUBRO

07:30	Missa, na Basílica
09:00	Missa, na Basílica Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade À quinta-feira, missa internacional, na Capelinha
10:00	Rosário, na Capelinha, aos sábados e domingos
11:00	Missa, transmitida pela comunicação social Aos domingos, no Recinto, seguida de Procissão do Adeus De segunda-feira a sábado, na Igreja da SS. Trindade
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sexta-feira
12:30	Missa, na Capelinha Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha
15:00	Missa, na Basílica Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade Em Agosto, de segunda a sexta-feira, na Igreja da SS. Trindade
16:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
16:30	Missa, na Basílica Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade
17:00	Saudação a Nossa Senhora, na Capelinha, aos sábados
17:30	Procissão Eucarística, no Recinto, aos domingos
18:30	Missa, na Basílica. À quinta-feira, na Capela do SS.mo Sacramento Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas (à 5.ª feira, Procissão Eucarística)

Nota: Nos dias santos e feriados nacionais de 25 de Abril, 10 de Junho e 5 de Outubro segue-se o programa de domingo.

11 A 13 DE MAIO A OUTUBRO – PEREGRINAÇÃO ANIVERSÁRIA

Dia 11

18:30 – Missa dos peregrinos a pé, na Basílica. Em Maio e Agosto, na Igreja da SS. Trindade.

Dia 12

07:30 – Via-sacra, aos Valinhos, partindo da Capelinha e terminando na Capela de Santo Estêvão, com a Eucaristia. Pede-se aos grupos que se abstenham de fazer via-sacra própria, entre as 07:30 e as 09:00, para não perturbar a via-sacra oficial.

Missas, em português, de manhã:

07:30 – Basílica

09:00 – Basílica

11:00 – Igreja da SS. Trindade

12:30 – Basílica

Concelebrações em línguas estrangeiras, na Capelinha:

07:30 – Alemão

08:30 – Inglês

09:30 – Francês

10:30 – Espanhol

11:30 – Neerlandês

12:30 – Italiano

13:30 – Polaco

14:00 – Encontro para guias de peregrinos a pé, na Casa de Nossa Senhora das Dores

16:30 – Missa, com a participação dos doentes

17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto

18:30 – Início oficial da peregrinação, na Capelinha

21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas

22:30 – Eucaristia, no Recinto

Notas:

Em Maio, por ser sábado:

- Há Rosário às 10:00, na Capelinha

- As concelebrações das 09:30 e 10:30 são na Capela da Morte de Jesus

- Há Missa às 15:00, na Basílica

Em Agosto, por ser domingo:

- De manhã, segue-se o programa de domingo (não há concelebrações em línguas estrangeiras)

- Há Missa às 15:00, na Igreja da SS. Trindade

- À tarde, segue-se o programa dos dias 12.

A Missa das 16:30 celebra-se:

- Na Basílica, em Junho, Julho e Setembro

- No Recinto, em Maio, Agosto e Outubro

Dia 13

Noite de Vigília:

00:00 às 02:00 – Adoração Eucarística, na Basílica; em Maio, na Igreja da SS. Trindade

02:00 às 03:15 – Via-sacra, no Recinto

03:15 às 03:30 – Café (atrás da Capelinha)

03:30 às 04:15 – Celebração Mariana, na Capelinha

04:30 às 05:30 – Missa, na Basílica

05:30 às 07:00 – Adoração com Laudes do SS.mo Sacramento, na Basílica

07:00 – Procissão Eucarística, no Recinto

Celebração final:

09:00 – Rosário, na Capelinha

10:00 – Procissão para o Altar, Missa, Bênção dos Doentes e Procissão do Adeus, no Recinto.

Nota:

A missa das 15:00 é celebrada pelas intenções dos benfeitores do Santuário.

DE NOVEMBRO À PÁSCOA

07:30	Missa, na Basílica
09:00	Missa, na Basílica Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade
10:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
11:00	Missa, na Basílica, transmitida pela comunicação social Aos sábados e domingos, na Igreja da SS. Trindade No dia 8 de Dezembro, no Recinto
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sábado
12:30	Missa, na Capelinha Aos domingos, na Basílica
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha, aos sábados e domingos (excepto domingos da Quaresma)
	Via-sacra, na Quaresma: aos domingos, no Recinto, às sextas-feiras, na Colunata
15:00	Missa, na Basílica Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade
16:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
16:30	Missa, na Basílica Aos domingos, na Igreja da SS. Trindade

17:30	Vésperas, na Basílica, aos domingos
18:30	Missa, na Basílica. À quinta-feira, na Capela do SS.mo Sacramento
	Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha. A Procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira: Procissão Eucarística) e, aos sábados, do Advento à Quaresma

Nota: Nos dias santos segue-se o programa de domingo.

12 E 13 DE NOVEMBRO A ABRIL – PEREGRINAÇÃO MENSAL

Dia 12

21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas

Nota:

- Em Março, porque é Quaresma, não há Procissão das Velas.

Dia 13

10:00 – Rosário, na Capelinha

10:45 – Procissão

11:00 – Missa, na Igreja da SS. Trindade

Notas:

- Não há Rosário às 12:00

- A missa das 12:30 é celebrada na Basílica

- A missa das 15:00 é celebrada pelos benfeitores do Santuário

PRIMEIROS SÁBADOS

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: confissão e comunhão com intenção reparadora, rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos.

Programa proposto pelo Santuário:

11:00 – Missa internacional, na Igreja da SS. Trindade

14:00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha

15:00 – Meditação e adoração eucarística, na Igreja da SS. Trindade. Conclusão às 16:30

Nota: Em Abril, por ser Sábado Santo, este programa não se realiza.

UM DIA COM AS CRIANÇAS

No terceiro sábado de cada mês

10:00 – Acolhimento e preparação para a celebração, na Capela da Ressurreição de Jesus - piso inferior da Igreja da SS. Trindade

11:00 – Missa, na Igreja da SS. Trindade

12:15 – Catequese sobre a Mensagem de Fátima

13:00 – Almoço (livre)

14:30 – Preparação da adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus

14:45 – Adoração Eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus

15:30 – Despedida, na Capelinha

- Programa aberto à participação de todas as crianças;

- Os grupos devem inscrever-se no Serviço de Peregrinos.

PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS

De Março a Outubro: datas inscritas no calendário do Santuário

1.º dia (3.ª feira)

10:00 – Acolhimento, na Casa de Nossa Senhora das Dores

12:30 – Almoço

15:00 – Filme

16:00 – Reflexão

17:00 – Sacramento da Reconciliação

18:30 – Missa, na Capela dos Santos Anjos

19:30 – Jantar

21:30 – Rosário e procissão das velas

2.º dia (4.ª feira)

07:30 – Levantar

08:00 – Oração da manhã

08:30 – Pequeno-almoço

10:00 – Visita à Igreja da SS. Trindade

11:00 – Adoração, na Capela da Morte de Jesus

12:00 – Rosário, na Capelinha

12:30 – Missa, na Capelinha

13:30 – Almoço e despedida

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

Mês de Agosto: de segunda a sexta-feira, excepto dia 15 de Agosto

15:00 – Missa, na Igreja da SS. Trindade

16:00 – Adoração eucarística, na Igreja da SS. Trindade

16:45 – Procissão para a Capela do SS.mo Sacramento

SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Capela da Reconciliação:

Sábados e domingos: 07:30 às 19:30

Segunda a sexta-feira: 07:30 às 13:00 e 14:00 às 19:30

De Maio a Outubro, dias 12: 07:30 às 19:30 e 20:30 às 22:30; dias 13: 07:00 às 19:30

BÊNÇÃO DE VEÍCULOS

No parque junto à livraria do Santuário:

Domingos, dias santos e feriados nacionais (excepto sexta-feira santa), às 12:45 e às 17:00.

BAPTISMOS

Celebração oficial: domingos, às 11:30, na Basílica

CASAMENTOS

Celebração oficial: sábados, às 12:00, na Basílica

BODAS MATRIMONIAIS

No Santuário celebram-se bodas matrimoniais nas missas oficiais de semana, de segunda a sábado.

Excepções:

- quinta-feira, 09:00 (da Páscoa a Outubro)

- sábados, 11:00 e vespertinas (15:00, 16:30 e 18:30)

- dias santos

Os casais que pretendam fazer a celebração no Santuário devem fazer a sua inscrição na sacristia, 15 minutos antes da celebração.

PEREGRINOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

PROGRAMA OFICIAL

Da Páscoa a Outubro:

08:00 – Missa, em italiano, na Capelinha, de segunda-feira a sábado; domingos e dias santos, na Capela da Morte de Jesus, quando houver grupos inscritos.

09:00 – Missa internacional, na Capelinha, à quinta-feira.

10:00 – Rosário internacional, na Capelinha, aos sábados, domingos e dias santos.

11:00 – Missa internacional, aos sábados, na Igreja da SS. Trindade; aos domingos e dias santos, no Recinto.

15:30 – Missa, em inglês, na Capelinha, de segunda a sexta-feira.

17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto, aos domingos e dias santos.

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha.

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha, e Procissão das Velas; à quinta-feira, Procissão Eucarística.

De Novembro à Páscoa:

10:00 – Rosário internacional, na Capelinha, aos domingos e dias santos.

11:00 – Missa internacional, na Igreja da SS. Trindade aos domingos e dias santos.

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha, aos sábados.

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha. A procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira, Procissão Eucarística) e do Advento à Quaresma, aos sábados e dias 12.

Confissões

O Santuário coloca confessores à disposição dos peregrinos sempre que possível, de vários idiomas, sobretudo desde a Páscoa até Outubro. Os horários de confissões são publicados na Capela da Reconciliação.

FILMES

Aparição

História das aparições segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas memórias. Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 90 minutos.

Fátima, experiência de fé

Documentário sobre as aparições e a mensagem de Fátima.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, coreano, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos.

Fátima no mundo – I e II

Documentário.

Disponível em português, espanhol, inglês, italiano, alemão e polaco. Duração: 51 minutos.

O dia em que o sol bailou

História das aparições em desenhos animados; especialmente dirigido a crianças. Disponível em português.

Duração: 35 minutos.

Os filmes são exibidos na sala de projecções situada na passagem sob a Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. A capacidade máxima é de 55 lugares sentados. Para grupos maiores, dependerá da disponibilidade de salas.

Horários oficiais, de 16 de Julho a 15 de Setembro:

Fátima, experiência de fé:

10:00 – Italiano (excepto sábado e domingo)

11:00 – Francês (excepto sábado e domingo)

12:00 – Inglês (excepto sábado e domingo)

14:00 – Alemão

15:00 – Português

16:00 – Polaco

17:00 – Espanhol

VISITAS GUIADAS

A secção de Informações orienta visitas guiadas a grupos, mediante marcação: info@fatima.pt).

LUGARES A VISITAR

Casas dos Pastorinhos

1 de Maio a 31 de Outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30,

1 de Novembro a 30 de Abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Casa-Museu de Aljustrel (encerra à segunda-feira)

1 de Maio a 31 de Outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30,

1 de Novembro a 30 de Abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Exposição Fátima Luz e Paz (encerra à segunda-feira) e dias 13 de manhã, de Maio a Outubro)

Terça a quinta-feira e sábado: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 17:30

Sexta-feira: 09:00 às 12:00 e 15:00 às 17:00

Domingos, dias santos e feriados: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 16:30.

Exposição temporária ‘No trilho da Luz – as Aparições de Fátima’

Vestíbulo do *Convivium* de Santo Agostinho
1 de Dezembro de 2011 a 31 de Outubro de 2012
Segunda-feira a domingo: 09:00 às 19:00.

VII

CALENDÁRIO DE ACTIVIDADES

CALENDÁRIO OFICIAL DO SANTUÁRIO

ANO PASTORAL DE 2011-2012

2.º ANO DA CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES
“QUEREIS OFERECER-VOS A DEUS?”

NOVEMBRO

01	Ter	<ul style="list-style-type: none">• Todos os Santos – SOLENIDADE• Programa dos domingos• Início do programa de Inverno
02	Qua	<ul style="list-style-type: none">• Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos• 11:00 – Missa, na Basílica, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano
03	Qui	<ul style="list-style-type: none">• Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário• Retiro de doentes de Leiria-Fátima (03-06); retiro dos membros da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (03-08)
04	Sex	<ul style="list-style-type: none">• Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário• Assembleia do Renovamento Carismático (04-06); encontro da Comissão de Formação da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (04-06)
05	Sáb	<ul style="list-style-type: none">• Primeiro Sábado (pág. 302)• Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128)
06	Dom	<ul style="list-style-type: none">• XXXII do Tempo Comum• Início da Semana dos Seminários• Reunião mensal dos Acólitos do Santuário

LEGENDA

- A vermelho aparecem mencionadas as peregrinações
- A verde aparecem mencionados os encontros e retiros

07	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 40.º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto • Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (07-10); retiro do Clero (07-11)
08	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
09	Qua	Dedicação da Basílica de S. João de Latrão - FESTA
10	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Reunião do Conselho de Redacção da "Voz da Fátima" • Retiro de doentes de Coimbra (10-13)
11	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Martinho de Tours – MO Is 61, 1-3a; Mt 25, 31-40 (Lec VII 490, 352) • Magusto dos funcionários do Santuário • Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (11-13)
12	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima • Formação para Ministros Extraordinários da Comunhão • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Conselho Geral da Cáritas Portuguesa (12-13)
13	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXIII do Tempo Comum • Peregrinação Mensal • Encerramento da Semana dos Seminários - ofertório • 16:00 – Basílica: 1.ª conferência sobre o tema do ano: "Alegra-te, Cheia de Graça, o Senhor está contigo": o anúncio a Maria - Luísa Maria Almendra
14	Seg	Congresso da Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages - ANDDP (Terra Santa) (14-25)
15	Ter	

16	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
17	Qui	
18	Sex	Retiro do Movimento Esperança e Vida (18-20); Capítulo da Ordem Franciscana Secular de Portugal (18-20); Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (18-20)
19	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • "Um Dia com as Crianças" (pág. 302) • Missas Votivas dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1. 3-10; Mt 18, 1-5 • Formação para os leitores
20	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Cristo Rei – SOLENIDADE • Encontro dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário
21	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de Nossa Senhora – MO Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440) • Assembleia Geral da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (21-23); Retiro do Clero (21-25)
22	Ter	
23	Qua	
24	Qui	
25	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Semana de Estudos de Espiritualidade Inaciana (25-27); Retiro do Movimento Famílias de Nazaré
26	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missas Votivas da Virgem Maria, Rainha do Universo Is 9, 1-6, Lc 1, 26-38 (Missal VSM 146 / Lec VSM 132)
27	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • I do Advento • Início do ano pastoral 2011-2012
28	Seg	
29	Ter	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
30	Qua	S. André, apóstolo – FESTA

DEZEMBRO

01	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Feriado nacional • Jornada de apresentação do tema do ano pastoral de 2011-2012; abertura da exposição “No trilho da Luz – As Aparições de Fátima” • Jornada Pastoral dos Diáconos Permanentes
02	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário • Encontro do Movimento Peregrinos de Maria (02-06)
03	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • 21:30 – Rosário e procissão das velas
04	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II do Advento • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
05	Seg	
06	Ter	
07	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria • 21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas para a Igreja da SS. Trindade, seguindo-se o canto do Hino Akathistos
08	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE • Padroeira principal de Portugal • Programa dos domingos • 11:00 – Missa, no Recinto
09	Sex	
10	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e procissão das velas • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF) • Encontro da Comunidade Canção Nova

11	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III do Advento • Bênção das imagens do Menino Jesus na Missa das 11:00 • 16:00 – Basílica: 2.ª conferência sobre o tema do ano: <i>Desejo de Deus – o chamamento do amor</i> – Vítor Franco Gomes • Cáritas Portuguesa
12	Seg	21:30 - Rosário e procissão das velas
13	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva da Virgem Maria na Anunciação do Senhor • Is 7, 10-14. 8-10c; Lc 1, 26-38 (Missa VSM 38 / Lec VSM 27) • Reunião do Conselho Nacional para o Santuário • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
14	Qua	
15	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
16	Sex	
17	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Início da Novena do Natal • 21:30 – Rosário e procissão das velas
18	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • IV do Advento • Festa de Natal dos colaboradores do Santuário
19	Seg	
20	Ter	
21	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
22	Qui	Reunião do Conselho de Capelães do Santuário

23	Sex	
24	Sáb	<p>Vigília Natalícia, na Igreja da SS. Trindade</p> <ul style="list-style-type: none"> • 22:00 – Ensaio • 22:15 – Ofício de Leitura • 23:00 – Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo • Neste dia não há Rosário às 21:30
25	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Natal do Senhor – SOLENIDADE • Programa dos domingos • Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus • Ofertório para os pobres
26	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 2.º dia da Oitava do Natal • S. Estêvão, primeiro mártir - FESTA
27	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • 3.º dia da Oitava do Natal • S. João, apóstolo e evangelista - FESTA • Retiro das Mensageiras do Imaculado Coração de Maria (27-30)
28	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • 4.º dia da Oitava do Natal • Santos Inocentes, mártires - FESTA
29	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 5.º dia da Oitava do Natal • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
30	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 6.º dia da Oitava do Natal • Sagrada Família de Jesus, Maria e José - FESTA

31	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • 7.º dia da Oitava do Natal • Acção de Graças pelo ano findo • 22:00 – Missa com <i>Te Deum</i> de Acção de Graças, na Igreja da SS. Trindade • A seguir, procissão para a Capelinha e recitação do Rosário • 00:00 – Toque do carrilhão, consagração ao Imaculado Coração de Maria e gesto da paz • 00:30 – Chá-convívio, no <i>Convivium</i> de Santo Agostinho • Neste dia não há Rosário às 21:30
----	-----	--

JANEIRO

01	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Santa Maria, Mãe de Deus – SOLENIDADE • XLV Dia Mundial da Paz • Programa dos domingos • Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus • Ofertório para os pobres • Após a missa das 15:00, Procissão Eucarística pela paz no mundo, para o Altar do Recinto, no 52.º aniversário do Lausperene. Nesta missa não haverá osculação. Far-se-á o ofertório no momento próprio • Neste dia não há Rosário, às 16:00, nem Vésperas
02	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Ss. Basílio Magno e Gregório de Nazianzo - MO • Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (02-05)
03	Ter	
04	Qua	
05	Qui	

06	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário
07	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe do Salvador Is 9, 1-3. 5-6; Sl 95; Lc 2, 1-14 (Missal VSM 50 / Lec VSM 40) • 21:30 – Rosário e procissão das velas
08	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Epifania do Senhor – SOLENIDADE • Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus • Ofertório para os pobres • Anúncio das Festas Móveis • 16:00 – Basílica: 3.^a conferência sobre o tema do ano: <i>Fé, o dom frágil</i> – José Frazão Correia, SJ • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário • Encontro da Comunidade Luz e Vida
09	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Batismo do Senhor - FESTA • Encontro da Associação de Reitores de Santuários de Portugal (09-10)
10	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • I Semana do Tempo Comum • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
11	Qua	
12	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das Velas • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
13	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva de Nossa Senhora de Caná Ex 19, 3-8a; Sl 118; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 63 / Lec VSM 55)

14	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva de Nossa Senhora de Nazaré Gal 4, 4-7; Sl 130; Lc 2, 22.39-40 (Missal VSM 59 / Lec VSM 49) • 21:30 – Rosário e procissão das velas • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • Encontro da Família Salesiana; Encontro das instituições que dão apoio a peregrinos a pé
15	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II do Tempo Comum • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário
16	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Congresso da Associação de Reitores de Santuários de França – ARS (Lisieux) (16-18) • Formação permanente do Clero de Leiria-Fátima (1.^o turno) (16-20)
17	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. Antão, abade – MO • Aniversário da restauração da diocese de Leiria-Fátima
18	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Missa Votiva pela unidade dos cristãos Cl 3, 9b-17; Jo 10, 11-16 (MR 1204 / Lec VIII 642, 647) • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
19	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
20	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF) • Encontro da Associação de Servitas (20-22)

21	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Santa Inês, virgem e mártir – MO 1 Cor 1, 26-31; Sl 22; Mt 13, 44-46 (Lec VII 588, 608) • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Curso de Acolhedores da Secção de Informações do Santuário (21-22) • Encontro de responsáveis dos retiros de doentes
22	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III do Tempo Comum • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Encontro de pais dos Acólitos do Santuário
23	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos • Formação permanente do Clero de Leiria-Fátima (2.º turno) (23-27) • Encontro do Secretariado de Peregrinações de Itália – SPI (23-25)
24	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. Francisco de Sales, bispo e doutor da Igreja – MO Ef 3, 8-12; Sl 36; Jo 15, 9-17 (Lec VII 535, 520) • Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
25	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Conversão de S. Paulo, apóstolo - FESTA • Encerramento do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
26	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Timóteo e S. Tito, bispos – MO 2 Tim 1, 1-8 ou Tit 1, 1-5; Lc 10, 1-9 (Lec VII 84, 86) • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
27	Sex	Encontro de Ex-Jacistas (27-29); Retiro do grupo de Reparação do Movimento da Mensagem de Fátima (27-29)

28	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Tomás de Aquino, presbítero e doutor da Igreja – MO • 21:30 – Rosário e procissão das velas • Encontro dos Ministros Extraordinários da Comunhão de Leiria-Fátima; Encontro do Movimento Famílias de Nazaré
29	Dom	IV do Tempo Comum
30	Seg	
31	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. João Bosco, presbítero – MO Fil 4, 4-9; Mt 18 1-5 (Lec VII 595, 610)

FEVEREIRO

01	Qua	
02	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Senhor – FESTA • Dia do Consagrado • Retiro de Mensageiras do Movimento da Mensagem de Fátima (02-05)
03	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário
04	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • S. João de Brito, presbítero e mártir – MO 2 Cor 4, 7-15; Mc 6, 7-17 (Lec VII 468, 95) • 21:30 – Rosário e procissão das velas
05	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • V do Tempo Comum • Ofertório para a Universidade Católica Portuguesa • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
06	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (06-10); Encontro Internacional do Movimento Vida Ascendente (06-12)

07	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Cinco Chagas do Senhor - FESTA • Conselho Presbiteral da diocese de Leiria-Fátima
08	Qua	
09	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Encontro de hoteleiros de Fátima e responsáveis de casas religiosas que acolhem peregrinos • 15:00 – Missa, na Capelinha
10	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com sacerdotes da diocese de Leiria-Fátima sobre as vigílias nocturnas • Encontro de candidatos à Associação de Servitas (10-12)
11	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa Senhora de Lourdes – MO Is 66, 10-14c; Jo 2, 1-11 (Lec VII 104, 448) • Dia Mundial do Doente • 12:00 – Rosário, na Capelinha • 14:30 – Palestra aos doentes, na Igreja da SS. Trindade • 15:15 – Preparação da unção dos doentes • 16:00 – Missa, na Igreja da SS. Trindade • 21:30 – Rosário e procissão das velas • 11.º aniversário da ordenação episcopal de D. António Marto • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • IV Jornadas de Espiritualidade Missionária (11-12)
12	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • VI do Tempo Comum • 21:30 – Rosário e Procissão das Velas • 16:00 – Basílica: 4.ª conferência sobre o tema do ano: "O cuidado do outro: responsabilidade e compaixão" - Maria Luísa Ribeiro Ferreira • Peregrinação nacional de ciclistas

13	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva de Santa Maria, a Nova Mulher Ap 21, 1-5a; Is 61; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 111 / Lec VSM 98) • 7.º aniversário da morte da Ir. Lúcia
14	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. Cirilo, monge, e Metódio, bispo, padroeiros da Europa - FESTA • Passeio dos capelães do Santuário
15	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário • Reunião do Conselho de Redacção da "Voz da Fátima"
16	Qui	Encontro de Guias-Intérpretes (16-17)
17	Sex	Apostolado de la Oración – Espanha (17-21)
18	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • "Um Dia com as Crianças" (pág. 302) • S. Teotónio, presbítero – MO • 21:30 – Rosário e procissão das velas • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF) • Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário • Família da Consolata • Encontro da equipa coordenadora dos Peregrinos a Pé; Semana de estudos da Vida Consagrada (18-21)
19	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • VII do Tempo Comum • 21:30 – Vigília da Festa dos Beatos Francisco e Jacinta Marto: Rosário, na Capelinha, procissão e oração, na Basílica • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário

20	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Beatos Francisco e Jacinta Marto – FESTA <ul style="list-style-type: none"> • 10:00 – Rosário, na Capelinha, e procissão para a Igreja da SS. Trindade com os ícones dos Beatos • 11:00 – Missa, na Igreja da SS. Trindade, e bênção das crianças (a procissão não regressa à Capelinha) • 14:30 – Conferência sobre os Pastorinhos, na Basílica • Apresentação do catálogo da exposição sobre os Pastorinhos • 15:00 – Missa, na Capelinha • 92.º aniversário da morte da Beata Jacinta Marto
21	Ter	Carnaval
22	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Cinzas – Início da Quaresma • Dia de jejum e abstinência • Programa próprio (Basílica) <ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa • 10:00 – 10:30 – Adoração individual • 10:30 – 11:00 – Adoração comunitária • 11:00 – Missa • 12:00 – 12:30 – Adoração individual • 12:30 – 13:00 – Adoração comunitária • 13:00 – 14:00 – Adoração individual • 14:00 – 15:00 – Adoração comunitária • 15:00 – Missa • 16:00 – 16:30 – Adoração individual • 16:30 – Missa • 17:30 – 18:00 – Adoração individual • 18:00 – 18:30 – Adoração comunitária • 18:30 – Missa
23	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário

24	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Retiro do Grupo de Reparação do Movimento da Mensagem de Fátima (24-26)
25	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva de Santa Maria, Discípula do Senhor Sir 51, 18-24. 27-30; Sl 18B; Lc 2, 41-52 (Missal VSM 70/ Lec VSM 61) • Encontro da Associação de Guias e Escuteiros da Europa (25-26); Encontro de Casais da Equipas de Nossa Senhora (25-26)
26	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • I da Quaresma <ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • 17:30 – Vésperas, na Basílica • 14:00 às 18:00 – Via-sacra, desde os Olivais (Paróquia de Santa Catarina da Serra) até ao Santuário • Retiro dos trabalhadores do Santuário (1º turno) (26-29) • Retiro de Padres Agostinhos (26-27)
27	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa; Retiro da Conferência Episcopal Portuguesa (27-02); Retiro de Sacerdotes do Patriarcado (27-02); Retiro dos Missionários de Cristo Sacerdote (27-02)
28	Ter	Encontro de sacerdotes colaboradores do Rosário das 18:30
29	Qua	

MARÇO

01	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Encontro de comerciantes de Fátima • 15:00 – Missa, na Capelinha
----	-----	---

02	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário • Retiro da Associação de Servitas (02-04); Retiro das Missionárias do Amor Misericordioso do Coração de Jesus (02-04)
03	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (MR 857 / Lec VII 162) • Família Carmelita (03-04) • Encontro de Guias de Peregrinos a Pé (03-04)
04	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II Domingo da Quaresma <ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, no Recinto
05	Seg	Retiro de Sacerdotes do Patriarcado (05-09)
06	Ter	
07	Qua	Encontro do Movimento Vida Ascendente (07-09)
08	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. João de Deus, religioso – MO • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
09	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Retiro do Movimento Famílias de Nazaré (09-11)
10	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião geral dos Voluntários do Santuário • Adoração com Crianças – Movimento da Mensagem de Fátima • Encontro da Federação Portuguesa dos Centros de Preparação para o Matrimónio (10-11); Retiro de doentes (10-13)

11	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • III da Quaresma • Ofertório para a Cáritas Portuguesa • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • 16:00 – Basílica: 5.ª conferência sobre o tema do ano: <i>O cristão face às novas exigências de uma solidariedade global</i> - Roberto Carneiro • 102.º aniversário do nascimento da Beata Jacinta Marto • Retiro dos trabalhadores do Santuário (2.º turno) (11-14) • “Caminhada pela Paz” – Grupo de Atletismo de Fátima
12	Seg	21:30 – Rosário
13	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva de Santa Maria, Discípula do Senhor Sir 51, 18-24. 27-30; Mt 12, 46-50 (Missal VSM 69 / Lec VSM 61) • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
14	Qua	
15	Qui	Reunião do Conselho de Capelães do Santuário; Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
16	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Encontro da Fraternidade de Agostinhos Leigos (16-18)
17	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF) • Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus • Encontro de Guias de Peregrinos a Pé (17-18)

18	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • IV da Quaresma • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
19	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. José, esposo da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE • Dia do Pai
20	Ter	Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (20-21)
21	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
22	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 105.º aniversário do nascimento da Ir. Lúcia • Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima • Retiro de doentes (22-25)
23	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (23-25)
24	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima • Pessoal das Telecomunicações (24-25); Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus • Encontro da Associação Amigos de Raoul Follerau (24-25); Encontro do Grupo da Imaculada
25	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • V da Quaresma • 11:00 – Missa, no Recinto • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • Diocese de Leiria-Fátima
26	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Anunciação do Senhor – SOLENIDADE (transferida) • 21:30 – Rosário e Procissão das Velas • Retiro de doentes (26-29)

27	Ter	
28	Qua	
29	Qui	
30	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • 14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário • Retiro do grupo de Diplomados Católicos (30-01)
31	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima • Encontro do Conselho Nacional da Fraternidade Nuno Álvares (31-01)

ABRIL

01	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Ramos na Paixão do Senhor • Dia Mundial da Juventude • Semana Santa <ul style="list-style-type: none"> • 10:25 – Bênção dos Ramos e procissão • 11:00 – Missa, no Recinto • 14:00 – Via-sacra, no Recinto • 17:30 – Vésperas, na Basílica
02	Seg	
03	Ter	
04	Qua	93.º aniversário da morte do Beato Francisco Marto
05	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Quinta-feira Santa <ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Laudes, na Basílica • 14:30 - Vídeo, na sala de projecções: “Via-sacra do peregrino” • 18:00 – Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Igreja da SS. Trindade • 23:00 – Oração comunitária, na Capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus • Ofertório para os pobres

06	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Sexta-feira da Paixão do Senhor • 00:00 às 03:00 – Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha • 09:00 – Laudes, na Basílica • 15:00 – Celebração da Paixão do Senhor, na Igreja da SS. Trindade • 21:00 – Via-sacra, no Recinto • Ofertório para os Lugares Santos
07	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Sábado Santo • 09:00 – Laudes, na Basílica • 10:30 – Vídeo, na sala de projecções: “Via-sacra papal” • 12:00 – Rosário, na Capelinha • 15:00 – Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha • 17:30 – Vésperas, na Basílica • 22:00 – Vigília Pascal, na Igreja da SS. Trindade, seguida de Procissão Eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento • Não se realiza o programa dos Primeiros Sábados
08	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Páscoa da Ressurreição do Senhor – SOLENIDADE • Início do programa de Verão • 10:00 – Rosário, na Capelinha • 11:00 – Missa, no Recinto • 15:00 – Concerto de Páscoa (entrada livre) • 17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto • 21:30 – Rosário e Procissão das Velas
09	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Início da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria; Reunião sobre a Hora de Reparação
10	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Retiro de doentes (10-13)

11	Qua	Oitava da Páscoa
12	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
13	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Oitava da Páscoa
14	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Oitava da Páscoa • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Sociedade de S. Vicente de Paulo (14-15)
15	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • II da Páscoa e da Divina Misericórdia • 16:00 – Basílica: 6.ª conferência sobre o tema do ano: “A dádiva no tempo do mercado”. Francisco Sarsfield Cabral • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
16	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 85.º aniversário natalício do Papa Bento XVI • Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (16-19); Retiro de doentes (16-19)
17	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Encontro Nacional da Pastoral da Saúde (17-20); • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
18	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
19	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 7.º aniversário da eleição do Papa Bento XVI • Missa do Aniversário da Eleição do Papa • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”

20	Sex	<ul style="list-style-type: none"> Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF) Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (20-22)
21	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Amigos do Verbo Divino (21-22)
22	Dom	<ul style="list-style-type: none"> III da Páscoa Início da Semana de Oração pelas Vocações Consagradas Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário
23	Seg	Retiro de doentes (23-26)
24	Ter	
25	Qua	<ul style="list-style-type: none"> S. Marcos, evangelista - FESTA Feriado nacional Programa dos domingos IV Encontro de Coros Infantis Família Andaluz
26	Qui	<ul style="list-style-type: none"> Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe do Bom Conselho Actos 1, 12-14; 2, 1-4; Sir 14; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 163 /Lec VSM 149) 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
27	Sex	<ul style="list-style-type: none"> Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário Encontro das Irmãs Doroteias

28	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> S. Luís Maria Grignon de Monfort, presbítero – MO 1 Cor 1, 18-25; Salmo 39; Mt 28, 16-20 (Lec VII 500, 513) Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Movimento Esperança e Vida (28-29); Movimento Fé e Luz (28-01) Encontro das Irmãs Reparadoras Missionárias da Santa Face (28-29)
29	Dom	<ul style="list-style-type: none"> IV da Páscoa Domingo do Bom Pastor Dia Mundial de Oração pelas Vocações
30	Seg	Retiro de doentes (30-03)

MAIO

01	Ter	<ul style="list-style-type: none"> S. José, operário – MO Col 3, 14-15. 17.23-24; Sl 89; Mt 13, 54-58 (Lec VII 134) Feriado Nacional Programa dos domingos Peregrinação Nacional dos Acólitos
02	Qua	Encontro do Movimento Vida Ascendente (02-03)
03	Qui	<ul style="list-style-type: none"> S. Filipe e S. Tiago, apóstolos – FESTA 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
04	Sex	
05	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> Primeiro Sábado (pág. 302) Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (MR 857; Lec VII 162) 65.º aniversário natalício de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima Conselho Pastoral da diocese de Leiria-Fátima Fátima Jovem (05-06); Gr. Oração das Mães

06	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • V da Páscoa • Dia da Mãe • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário • Encontro da Comunidade Luz e Vida
07	Seg	17.º aniversário da ordenação presbiteral do Reitor do Santuário
08	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Assembleia do clero da diocese de Leiria-Fátima • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
09	Qua	Retiro de doentes (09-14)
10	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Eucaristia Leituras da féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
11	Sex	18:30 – Missa, na Igreja da SS. Trindade – Peregrinos a Pé
12	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria na Ressurreição do Senhor Ap 21, 1-5a; Mt 28, 1-10 (Missal VSM 92 / Lec VSM 79) • Peregrinação Internacional Aniversária • Conferência de Imprensa
13	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • VI da Páscoa • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa Senhora de Fátima – SOLENIDADE (transferida) • Retiro organizado pelas Servas da Santa Igreja (14-18)
15	Ter	Retiro de doentes (15-18)
16	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário

17	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Rogações • Missa pela santificação do trabalho humano 1 Tes 4, 1b-2.9-12; Mt 25, 14-30 (Mt 1224 / Lec VIII 788, 791) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
18	Sex	Adoración Nocturna - Espanha (18-20)
19	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF) • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Família Salesiana (19-20)
20	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Ascensão do Senhor – SOLENIDADE • Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social - Ofertório • Início da Semana da Vida • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário • Família Blasiana
21	Seg	
22	Ter	Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (22-23)
23	Qua	
24	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Espírito Santo • Leituras da féria • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Retiro de doentes (24-27)
25	Sex	

26	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Filipe Néri, presbítero – MO • Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário • Movimento Encontro Matrimonial (26-27)
27	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Pentecostes – SOLENIDADE • Dia do Apostolado Organizado dos Leigos - Ofertório • Depois da Procissão Eucarística, às 17:30, apaga-se o Círio Pascal • Diocese de Portalegre e Castelo Branco
28	Seg	VII Semana do Tempo Comum
29	Ter	Retiro de doentes (29-01)
30	Qua	
31	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Visitação de Nossa Senhora – FESTA • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário

JUNHO

01	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Justino, mártir – MO • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário
02	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Adoração com Crianças – Movimento da Mensagem de Fátima; Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Família Redentorista (02-03)
03	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Santíssima Trindade – SOLENIDADE • Dia Nacional do Cigano • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário • Associação Amigos da Irmã Wilson; Família Dehoniana

04	Seg	Retiro de doentes (04-07)
05	Ter	Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima
06	Qua	
07	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo – SOLENIDADE • Dia Santo e feriado nacional. Programa de domingo • 16:30 – Missa, na Igreja da SS. Trindade • 17:30 – Procissão Eucarística, desde a Igreja da SS. Trindade até ao Altar do Recinto
08	Sex	
09	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva de Santa Maria, Templo do Senhor 1 Reis 8, 1.3-7. 9-11; Sl 83; Lc 1 26-38 (Missal VSM 122 / Lec VSM 109) • Reunião geral dos Voluntários do Santuário
10	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • X do Tempo Comum • Peregrinação Nacional das Crianças • Retiro de doentes (10-13)
11	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Barnabé, apóstolo – MO Actos 11, 21b-26; 13, 1-3; Mt 10, 7-13 (Lec VII 174, 176) • 104.º aniversário do nascimento do Beato Francisco Marto • 1.º aniversário da tomada de posse do Reitor
12	Ter	Peregrinação Internacional Aniversária
13	Qua	<p>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA À tarde:</p> <ul style="list-style-type: none"> • S. António de Lisboa, padroeiro secundário de Portugal – FESTA Sir 39, 8-14; Mt 5, 13-19 (Lec VII 177)
14	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” • Diocese das Forças Armadas e de Segurança (14-15)

15	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Sagrado Coração de Jesus - SOLENIDADE • Simpósio Teológico-pastoral "Quereis oferecer-vos a Deus?" – Horizontes contemporâneos da entrega de si (15-17)
16	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • "Um Dia com as Crianças" (pág. 302) • Imaculado Coração da Virgem Santa Maria – MO Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162, 164) • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Missionários da Boa Nova (16-17)
17	Dom	XI do Tempo Comum
18	Seg	Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa (18-21)
19	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (19-20) • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
20	Qua	Dia do Município de Ourém
21	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Luís Gonzaga, religioso – MO • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Capelães do Santuário • Retiro de doentes (21-24)
22	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Paulino de Nola, bispo – MO 2 Cor 8, 9-15; Lc 12, 32-34 (Lec VII 181, 632)
23	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Fonte da Luz e da Vida Actos 2, 14a. 36-40a. 41-42; Sl 33; Jo 12, 44-50 (Missal VSM 95 / Lec VSM 82)
24	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XII do Tempo Comum • Nascimento de S. João Baptista – SOLENIDADE • Ofertório para a Cadeira de S. Pedro – Santa Sé • Encontro de Grupos Bíblicos

25	Seg	Aniversário da tomada de posse de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima
26	Ter	Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (26-27)
27	Qua	
28	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Ireneu, bispo e mártir – MO • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
29	Sex	S. Pedro e S. Paulo, apóstolos – SOLENIDADE
30	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos Actos 1, 12-14; 2, 1-4; Sl 86; Jo 19, 25-27 (Missal VSM 103 / Lec VSM 89) • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Jubileu das Vocações da diocese de Leiria-Fátima • Assembleia Provincial das Filhas de Maria Auxiliadora (30-01)

JULHO

01	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XIII do Tempo Comum • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
02	Seg	Retiro de doentes (02-05)
03	Ter	S. Tomé, apóstolo – FESTA
04	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • S. Isabel de Portugal – MO 1 Jo 3, 14-18; Mt 25, 31-46 (Lec VII 600, 619)
05	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva de Santa Maria, a Nova Mulher Ap 21, 1-5a; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 111 / Lec VSM 98) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha

06	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário
07	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Família Espiritana (07-08)
08	Dom	XIV do Tempo Comum
09	Seg	
10	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima • Retiro de doentes (10-13); Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
11	Qua	S. Bento, abade, padroeiro da Europa – FESTA
12	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Internacional Aniversária • Veneração do Ícone Oriental da «Santíssima Virgem de Fátima» (12-13)
13	Sex	<p>PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA À tarde:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dedicação da igreja catedral de Leiria – FESTA
14	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Amparo da Fé Judite 13, 14. 17-20; Sl 26; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 170 / Lec VSM 157) • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • Movimento da Mensagem de Fátima (14-15)
15	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XV do Tempo Comum • Reunião com seminaristas maiores colaboradores no 1.º turno de voluntariado

16	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Nossa Senhora do Carmo – FESTA Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 427, 440) • Seminaristas maiores: 1.º turno de voluntariado (16 a 31 de Julho) • Retiro do Clero (16-20)
17	Ter	Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (17-18)
18	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
19	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Trindade • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” • Semana de Espiritualidade da Família Andaluz (19-22)
20	Sex	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF)
21	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1. 3-10; Mt 18, 1-5 • Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário
22	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XVI do Tempo Comum • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário
23	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Brígida, religiosa, padroeira da Europa – FESTA Gl 2, 19-20; Jo 15, 1-8 (Lec VII 592, 635) • 38.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica (23-27)
24	Ter	
25	Qua	S. Tiago, apóstolo – FESTA

26	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Joaquim e S. Ana, pais da Virgem Santa Maria – MO • “Dia dos Avós” Sir 44, 1. 10-15; Mt 13, 16-17 (Lec VII 222, 223) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
27	Sex	
28	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Auxílio dos Cristãos Ap 12, 1-3. 7-12ab.17; Judite 16; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 198 / Lec VSM 187) • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Família Comboniana
29	Dom	XVII do Tempo Comum
30	Seg	Retiro de doentes (30-02); Retiro dos Missionários de Cristo Sacerdote (30-03)
31	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. Inácio de Loyola, presbítero – MO 1 Cor 10, 31-11, 1; Sl 33; Lc 14, 25-33 (Lec VII 227, 634) • Reunião com seminaristas maiores colaboradores no 2.º turno de voluntariado

AGOSTO

01	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • S. Afonso Maria de Ligório, bispo e doutor da Igreja – MO Rom 8, 1-4; Mt 5, 13-19 (Lec VII 229, 538) • Início da hora de adoração eucarística comunitária (segunda a sexta-feira): 15:00 – Missa, na Igreja da SS. Trindade 16:00 – Adoração eucarística 16:45 – Procissão eucarística para a Capela do SS. Sacramento • Seminaristas maiores: 2.º turno de voluntariado (1 a 15 de Agosto) • Encontro de confessores
----	-----	--

02	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Causa da Nossa Alegria Zac 2, 14-17; SR: Lc 1; Lc 1, 39-47 (Missal VSM 165 / Lec VSM 153) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
03	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário
04	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • S. João Maria Vianney, presbítero – MO Ez 3, 16-21; Mt 9, 35-10, 1 (Lec VII 231, 232)
05	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • Domingo XVIII do Tempo Comum • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário • Peregrinação de acolhedores voluntários da Secção de Informações
06	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Transfiguração do Senhor - FESTA • Passeio de colaboradores voluntários do Santuário • Retiro de doentes (06-09)
07	Ter	
08	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • S. Domingos, presbítero – MO 1 Cor 2, 1-10a; Lc 9, 57-62 (Lec VII 533, 630)
09	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Teresa Benedita da Cruz, virgem e mártir, padroeira da Europa – FESTA Os 2, 16b. 21-22; Mt 25, 1-13 (Lec VII 548, 556) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Retiro de doentes (09-14)
10	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Lourenço, diácono e mártir – FESTA

11	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Clara, virgem – MO • 18:30 – Missa, na Igreja da SS. Trindade – Peregrinos a Pé
12	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XIX do Tempo Comum • Peregrinação Internacional Aniversária • Início da Semana Nacional da Mobilidade Humana • Conferência de Imprensa • Pastoral da Mobilidade Humana (12-13)
13	Seg	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria 21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas para o Altar do Recinto • 22:30 – Canto do Hino Akathistos e da Ladainha Lauretana • 23:30 – Cânticos a Nossa Senhora, na Capelinha, pelos diferentes grupos linguísticos (inscrições no SEPE) • Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (14-15)
15	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Assunção da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE • Reunião com seminaristas maiores colaboradores no 3.º turno de voluntariado
16	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Estêvão da Hungria – MO • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Seminaristas maiores: 3.º turno de voluntariado (16 a 31 de Agosto) • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” • Retiro de doentes (16-19)
17	Sex	

18	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1. 3-10; Mt 18, 1-5
19	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XX do Tempo Comum • Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana • 95.º aniversário da 4.ª aparição de Nossa Senhora 21:30 – Rosário e Procissão, aos Valinhos, com início na Capelinha • 22:00 – Rosário, na Capelinha (para quem não pode ir aos Valinhos)
20	Seg	Encontro do Gr. Renovación Carismática - Espanha (20-26)
21	Ter	Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (21-22)
22	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Virgem Santa Maria, Rainha – MO • Is 9, 1-6; Lc 1, 26-38 (Lec VII 258, 259) • Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
23	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe e Medianeira da Graça Est 8, 3-8. 16-17a; Sl 66; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 150 / Lec VSM 136) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Retiro de doentes (23-26); Retiro da União Missionária Franciscana (23-27)
24	Sex	S. Bartolomeu, apóstolo – FESTA
25	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe da Consolação 2Cor 1, 3-7; Jo 14, 15-21. 25-27 (Missal VSM 193 / Lec VSM 183, 185)
26	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXI do Tempo Comum • Actividade de Verão dos Acólitos do Santuário (26-01)

27	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Mónica - MO • Retiro de doentes (27-30); retiro do Clero (27-31)
28	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • S. Agostinho, bispo e doutor da Igreja – FESTA • Padroeiro da diocese de Leiria-Fátima 1 Jo 4, 7-16; Sl 118; Mt 23, 8-12 (Lec VII 268)
29	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Martírio de S. João Baptista – MO Jer 1, 17-19; Mc 6, 17-29 (Lec VII 271, 272)
30	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Trindade • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço
31	Sex	Encontro do Renovamento Carismático (31-02)

SETEMBRO

01	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • S. Beatriz da Silva, virgem – MO 1 Cor 7, 25-35; Mt 25, 1-13 (Lec VII 552, 556)
02	Dom	XXII do Tempo Comum
03	Seg	
04	Ter	
05	Qua	Encontro da Associação Portuguesa de Canonistas (05-08)
06	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Sede da Sabedoria Prov 8, 22-31; Sl 147; Mt 2, 1-12 (Missal VSM 125 / Lec VSM 113) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
07	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec VIII 1041, 1051) • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário

08	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Natividade da Virgem Santa Maria – FESTA • Convívios Fraternos (08-09)
09	Dom	XXIII do Tempo Comum
10	Seg	Retiro de doentes (10-13)
11	Ter	Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
12	Qua	<ul style="list-style-type: none"> • Santíssimo Nome de Maria - MO • Peregrinação Internacional Aniversária • Vigília com colaboração dos servidores do Santuário
13	Qui	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA <ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima”
14	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Exaltação da Santa Cruz - FESTA • Jornadas Missionárias (14-16)
15	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um dia com as crianças” (pág. 302) • Nossa Senhora das Dores – FESTA 1 Cor 10, 14-22; Jo 2, 25-27 (Lec VII 284, 287) • Reunião geral dos Voluntários do Santuário • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima
16	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXIV do Tempo Comum • Encontro da Comunidade Luz e Vida
17	Seg	Retiro do Clero (17-21)
18	Ter	Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (18-19)
19	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
20	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. André Kim Taegon, presbítero, Paulo Chang Hasang, e companheiros, mártires – MO • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Retiro de doentes (20-23)

21	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • S. Mateus, apóstolo e evangelista - FESTA • Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF)
22	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Fonte da Salvação Ez 47, 1-2. 8-9. 12; Is 12; Jo 19, 25-37 (Missal VSM 155 / Lec VSM 139)
23	Dom	XXV do Tempo Comum
24	Seg	
25	Ter	Retiro de doentes (25-28)
26	Qua	Encontro do Movimento Vida Ascendente (26-27)
27	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Vicente de Paulo, presbítero – MO 1Cor 1, 26-31; Mt 9, 35-38 (Lec VII 292, 510) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha
28	Sex	
29	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Ss. Miguel, Gabriel e Rafael, arcanjos – FESTA • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Peregrinação do Rosário e Família Dominicana (29-30)
30	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXVI do Tempo Comum • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário

OUTUBRO

01	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • S. Teresa do Menino Jesus, virgem e doutora da Igreja – MO Is 66, 10-14c; Mt 18, 1-5 (Lec VII 301, 302) • Retiro de doentes (01-04)
02	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Ss. Anjos da Guarda – MO Ex 23, 20-23a; Mt 18, 1-5.10
03	Qua	

04	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Francisco de Assis – MO • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Encontro das Comunidades Neocatecumenais (04-07)
05	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11, 1-9; Mt 11, 25-30 (MR 1259 / Lec. VIII 1041, 1051) • Feriado Nacional • Programa de domingo • Assembleia diocesana de acólitos de Leiria-Fátima • Encontro da Família Vicentina; encontro da Federação de Clarissas Portuguesas (05-08)
06	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128)
07	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXVII do Tempo Comum • Início da Semana Nacional da Educação Cristã • Dia anual da diocese de Leiria-Fátima - ofertório
08	Seg	
09	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (09-10) • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
10	Qua	Retiro de doentes (10-13)
11	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa pela evangelização dos povos Rom 10, 9-18; Mt 28, 16-20 (Missal 1208 / Lec VIII 667, 670) • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • 18:30 – Missa, na Basílica – Peregrinos a Pé

12	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Internacional Aniversária • Conferência de Imprensa
13	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA • Reunião mensal dos Leitores do Santuário
14	Dom	XXVIII do Tempo Comum
15	Seg	Retiro do Clero (15-19)
16	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação de Idosos – Movimento da Mensagem de Fátima (16-17) • Retiro da União Noelista (16-19)
17	Qua	Reunião do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário
18	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • S. Lucas, evangelista – FESTA • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário • Reunião do Conselho de Redacção da “Voz da Fátima” • Encontro das Comunidades Neocatecumenais (18-21); Retiro de doentes (18-21)
19	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário; • 42.º aniversário natalício do Reitor
20	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • “Um Dia com as Crianças” (pág. 302) • Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 • Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário
21	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXIX do Tempo Comum • Dia Mundial das Missões - ofertório • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário • Capítulo dos Irmãos de S. João de Deus – Internacional (21-10)

22	Seg	Beato João Paulo II - MO
23	Ter	Retiro de doentes (23-26)
24	Qua	S. António Maria Claret - MO
25	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Santíssima Trindade • 09:00 – Missa Internacional, na Capelinha • Reunião do Conselho de Capelães do Santuário
26	Sex	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF)
27	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Missa Votiva da Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja (II) Actos 1, 12-14; Sl 86; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 133 / Lec VSM 122) • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima; Legião de Maria (27-28) • Encontro do Grupo da Imaculada
28	Dom	XXX do Tempo Comum
29	Seg	Retiro de doentes (29-01)
30	Ter	
31	Qua	Encerramento da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria

NOVEMBRO

01	Qui	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os Santos – SOLENIDADE • Programa dos domingos • Início do programa de Inverno
02	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos • 11:00 – Missa, na Basílica, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano

03	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro Sábado (pág. 302) • Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Dia de Deserto – Movimento da Mensagem de Fátima
04	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXI do Tempo Comum • Reunião mensal dos Acólitos do Santuário
05	Seg	Retiro do Clero (05-09)
06	Ter	S. Nuno de Santa Maria, religioso – MO Sir 44, 1-3ab. 4. 6-7.10.13-14; Sl 17; Lc 14, 25-33 (Lec VII 344)
07	Qua	41.º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto
08	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário
09	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Dedicação da Basílica de S. João de Latrão - FESTA • Magusto dos funcionários do Santuário • Assembleia do Renovamento Carismático (09-11)
10	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • S. Leão Magno, Papa e doutor da Igreja – MO • Reunião mensal dos Leitores do Santuário • Retiro de doentes (10-13)
11	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXII do Tempo Comum • Início da Semana dos Seminários • Compromisso dos novos Acólitos do Santuário
12	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • 21:30 – Rosário e Procissão das Velas • Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (12-15)

13	Ter	<ul style="list-style-type: none"> • Peregrinação Mensal • Missa Votiva de Nossa Senhora, Rainha e Mãe de Misericórdia Est 4, 17 n. p-r. aa-bb.hh-kk; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 187 / Lec VSM 172) • Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
14	Qua	
15	Qui	Reunião do Conselho de Redacção da "Voz da Fátima"
16	Sex	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário • Assembleia do Renovamento Carismático (16-18)
17	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • "Um Dia com as Crianças" (pág. 302) • S. Isabel da Hungria, religiosa - MO • Reunião mensal dos Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário
18	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXIII do Tempo Comum • Encerramento da Semana dos Seminários - ofertório • Reunião mensal dos Acolhedores nas Celebrações do Santuário
19	Seg	<ul style="list-style-type: none"> • Congresso da Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages – ANDDP (Bourg en Bresse) (19-23) • Retiro do Clero (19-23)
20	Ter	
21	Qua	Apresentação de Nossa Senhora – MO Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440)
22	Qui	Reunião do Conselho de Directores de Serviço do Santuário

23	Sex	Reunião da Comissão Organizadora do Centenário das Aparições de Fátima (COCAF)
24	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • SS. André Dung-Lac, presbítero, e Companheiros, mártires – MO • Jornada de apresentação do tema do ano pastoral de 2012-2013; abertura da exposição sobre o tema do ano pastoral. • Adoração com Crianças – Movimento da Mensagem de Fátima • Encontro das Equipas de Nossa Senhora (24-25)
25	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • XXXIV do Tempo Comum • Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo - SOLENIDADE
26	Seg	
27	Ter	
28	Qua	
29	Qui	
30	Sex	S. André, apóstolo – FESTA

DEZEMBRO

01	Sáb	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro sábado (pág. 302) • Missas Votivas do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (Missal VSM 142 / Lec VSM 128) • Feriado nacional
02	Dom	<ul style="list-style-type: none"> • I do Advento • Início do ano pastoral 2012-2013

MEMÓRIA DESCRITIVA DO CARTAZ DO ANO

A ilustração do cartaz do 2.º ano da celebração do Centenário das Aparições de Fátima, que figura, também, como capa da presente publicação, é fruto da interpretação da frase escolhida para o tema do ano pastoral de 2011-2012 no Santuário de Fátima: “Quereis oferecer-vos a Deus?”.

Segundo Joana Quental, designer vencedora do concurso lançado pelo Santuário para criação do cartaz do ano, o desenho simples das mãos, associado a cores variadas, pretende sugerir a unidade na diferença, o respeito pela diversidade, tendo em comum a resposta positiva dos crentes face à questão colocada pela Virgem Maria aos Pastorinhos, em 1917, e, por extensão, a toda a humanidade em tempos presentes.

O modo de colocação das mãos reforça, precisamente, esta atitude de entrega e representa, simbolicamente, a intenção de chegar a Deus.

